COCAÍNA VERMELHA

VICIANDO A AMÉRICA E O OCIDENTE

JOSEPH D. DOUGLASS

A visão padrão, desinformada, do flagelo das drogas contemporâneas, que está devastando as mentes e os corpos da juventude ocidental e, assim, degradando grande número de pessoas, é que “acabou de acontecer”. As recompensas financeiras, de acordo com esse argumento, são tão enormes que sempre haverá forças do mal dispostas a distribuir narcóticos por dinheiro. Esta visão complacente é explodida pelo livro Cocaína Vermelha: Viciando a América e o Ocidente, que mostra de forma conclusiva que de forma contínua os leninistas russo e chinêses têm usado narcóticos há várias décadas como uma arma decisiva na guerra de baixo nível em curso que estão batendo contra a Civilização Ocidental. O uso das drogas como um instrumento ofensivo de “suavização” pressupõe a falta de qualquer descontinuidade da intenção e prática leninistas desde 1917 e (crucialmente) desde as “mudanças” orquestradas de 1989-1991, que foram concebidas para hipnotizar e enganar o mundo para acreditar que a Revolução Mundial desmoronou. A narco-guerra baseia-se em uma estratégia satânica prevista por Lênin e desenvolveu-se sob Stalin pelo seu odioso chefe de polícia, Lavrentii Beria. Depois que os chineses comunistas terem implantado narcóticos contra seu próprio povo antes de conquistar o poder em 1949, ampliaram suas operações de drogas internacionalmente, os soviéticos embarcaram seriamente, nas ordens de Krushchev, por sua própria ofensiva de drogas - reforçando uma campanha revolucionária para desmoralizar o Ocidente, sua moral e suas instituições, uma estratégia elaborada pelo fundador do Partido Comunista Italiano, Antonio Gramsci. O Dr. Joseph D. Douglass, principal especialista mundial em uso político de narcóticos, explica como um desertor checo, o falecido General Jan Sejna, alertou o Ocidente para essa ofensiva diabólica - e quão corruptos e irresistíveis funcionários ocidentais e bancos optaram por ignorar a realidade feia, por razões de conveniência e pelo “politicamente correto”.

COCAÍNA VERMELHA

VICIANDO A AMÉRICA E O OCIDENTE

Uma exposição de operações das inteligências russas e chinesas a longo prazo destinadas a alcançar a desmoralização e o controle final do Ocidente através da droga, como uma dimensão da Revolução Mundial Leninista contínua.

JOSEPH D. DOUGLASS, JR.
Introdução pelo Dr. Ray S. Cline
Ex-Diretor Adjunto de Inteligência,
Agência Central de Inteligência

Sobre o Autor: Joseph D. Douglass Jr. PhD

O Dr. Joseph Douglass é um analista e autor de segurança nacional com experiência em política de defesa, avaliação de ameaças, fraudes, inteligência e guerra política, estratégia nuclear, terrorismo, agentes e aplicações avançadas de guerra química e biológica e tráfico internacional de narcóticos. Desde meados da década de 1980, seu foco principal tem sido a pesquisa em várias dimensões da guerra cultural e, em particular, na praga da droga ilegal, com ênfase em suas origens, estruturas de apoio, marketing - e a questão: “O que pode ser feito?”

O Dr. Douglass recebeu seu PhD em engenharia elétrica pela Universidade Cornell em 1962 e ensinou na Cornell, na Escola de Pós-Graduação da Marinha de Monterey e na Escola de Relações Internacionais Avançadas Johns Hopkins em Washington, DC. Trabalhou em laboratórios nacionais (Sandia Corporation), o governo dos EUA, onde foi deputado e diretor interino, escritório de tecnologia tática, Agência de Projetos de Pesquisa Avançada - e com vários contratos de defesa, como o Instituto de Análises de Defesa e a Corporação de Planejamento de Sistemas. Ele é um ex-membro das Armas Grupo de Avaliação de Sistemas, *US Army Science Board* e ex-consultor da Agência de Controle de Armas e Desarmamento e do Comitê de Relações Exteriores do Senado. Ele atualmente dirige o Instituto Redwood, que foi formado para enfrentar os problemas internos dos Estados Unidos - como drogas ilegais, crime e educação empobrecida - e identificar a raiz dos problemas, avaliar a política nacional e elaborar uma opção de política alternativa.

O Autor tem sido um analista pioneiro e talvez seja mais conhecido por seus estudos inovadores sobre a política de armas nucleares, o impacto de munições guiadas por precisão, a natureza da ameaça nuclear soviética, os riscos decorrentes de agentes de guerra química e biológica e aspectos de inteligência do narcotráfico internacional.

Seus livros não classificados incluem: O teatro da Ofensiva Nuclear [1976, reimpresso dez vezes]; Estratégia soviética para a guerra na Europa [Pergamon Press, 1980, também traduzida e publicada em alemão]; Estratégia soviética para a guerra nuclear [Hoover Institute Press, 1979: numerosas impressões, traduzidas e publicadas em japonês]; CBW: A bomba atômica do pobre homem [Institute for Foreign Policy Analysis, 1984]; Por que a União Soviética viola os tratados de controle de armamentos [Pergamon-Brassey's, 1988]; Guerra convencional e Escalação [The National Strategy Information Center, 1981]; Os Superpoderes e a Terminação Guerra Estratégica [coeditor, Pergamon-Brassey's, 1989]; E o presente trabalho, originalmente intitulado: Cocaína Vermelha: Drogando a América e o Ocidente [1990]. Esta nova edição foi preparada com o objetivo de atender a demanda contínua para o trabalho, tanto nos Estados Unidos como em outros lugares, após o ajuste estratégico concluído em 1991, quando os estrategistas comunistas mudaram para perseguir seus objetivos maníacos do Revolucion Mundial através do comunismo encoberto e um “nova forma” de “capitalismo controlado pelo estado” reversível - trabalhando, como Lênin ensinou seus seguidores “iluminados”, “por outros meios”.

COCAÍNA VERMELHA

Dedicado a
TODOS os que perderam um amigo
ou um ente querido para
o flagelo maligno das drogas.

Já é tempo de lutar.

COCAÍNA VERMELHA

CONTEÚDO

Sobre o autor: Joseph Douglas Jr PhD; Sobre a Cocaína Vermelha: Dados de publicação; Agradecimentos; SOBRE EDWARD HARLE LIMITED; Introdução à Segunda Edição; Observações no final Jan Sejna pela Agência de Inteligencia de Defesa dos EUA (DIA); sobre a Segunda Edição; Nota sobre o uso do inglês britânico; Atenção.

Introdução pelo Dr. Ray S. Cline Agência Central de Inteligência 22
CAPÍTULO 1 A ofensiva da droga chinesa ……...26
CAPÍTULO 2 Os soviéticos decidem “competir” ……30
CAPÍTULO 3 Construindo a rede latino americana de medicamentos ...40
CAPÍTULO 4 Atendedores de Khrushchev os países satélites ….....51
CAPÍTULO 5 Organização para Druzhba Narodov 59
CAPÍTULO 6 Guerra política e drogas no Vietnã ……70
CAPÍTULO 7 Moscou intensifica a guerra da droga no final da década de 1960 …….. 76
CAPÍTULO 8 Cuba e a ascensão do narcotráfico ..90
CAPÍTULO 9 Não ouça o mal, não veja o mal, não fale o mal …...102
CAPÍTULO 10 Perguntas de Inteligência 126
CAPÍTULO 11 Reparação da Responsabilidade ……147
CAPÍTULO 12 Perspectiva desagradável para o século XXI ……..168

Sugestões de leitura adicionais …….. 186

Edward Harle Limited: declaração de objetivos de política 187

ANÚNCIO: Analista soviético …….. 188

COCAÍNA VERMELHA

AGRADECIMENTOS

Ao desenvolver este livro, recebi críticas e incentivos inestimáveis de numerosos colegas e amigos. Gostaria especialmente de agradecer a Ray Sleeper, Ray Raehn, John Lenczowski, Robert Wilson, Scott Miler, Marianne Hall, Dan Bagley e George Kowals pelo seu encorajamento e assistência. Acima de tudo, gostaria de reconhecer a paciência e os esforços especiais estendidos pelo falecido General Jan Sejna ao recriar suas experiências pessoais com operações de inteligência de drogas soviéticas e chinesas. Sem a sua generosa assistência, este livro certamente nunca poderia ter sido escrito. Desejo também expressar a minha gratidão a várias publicações que ajudaram a chamar a atenção do público algumas partes deste material. A essência da mensagem apareceu pela primeira vez no Journal of Defence and Diplomacy; Na América a fraude Estrangeira Vulnerável e Soviética, Lexington Books; Em assuntos globais; E em Washington Inquirer.

Finalmente, gostaria de agradecer a Ellen Levenseller e Terri Lukach por sua cuidadosa assistência na revisão e edição do manuscrito, e James Whelan e WW. 'Chip' Wood por suas muitas sugestões pensativas e ajuda no desenvolvimento do manuscrito final da edição original [1990]. A Segunda Edição [1999] foi reorganizada, editada e preparada por Christopher Story, de Edward Harle Limited. O capítulo 12 é inteiramente novo.

INTRODUÇÃO À SEGUNDA EDIÇÃO

O Manual Comunista de Instruções sobre Guerra Psicopolítica[1], cujo texto sobrevive no domínio público em parte porque foi usado em escolas subterrâneas, como a Escola de Trabalho de Eugene Debs, na 113 E. Wells Street, Milwaukee, Wisconsin, na década de 1930 e posteriormente, contém declarações explícitas sobre o uso pretendido de drogas contra populações específicas para fins revolucionários. Em um endereço para estudantes americanos que frequentavam a Universidade de Lênin antes de 1936, Lavrentii Beria, um dos homens mais malvados que já viveram, exortou os estudantes de "psicopolítica"*, que Beria chamou de "divisão de geopolítica", para estudar especial Técnicas revolucionárias projetadas "para produzir um máximo de caos na cultura do inimigo ... você deve trabalhar", ele pediu em suas observações, que permaneceram no domínio público, juntamente com o próprio texto comunista, "até que tenhamos domínio sobre as mentes e os corpos de cada pessoa importante na sua nação".

O capítulo 9 do Manual Comunista revela que a escola freudiana já havia sido sequestrada pelos revolucionários Leninistas. "Viena", afirma, "foi cuidadosamente mantida como o lar da psicopolítica, já que era o lar da psicanálise. ... nossas atividades há muito dispersaram qualquer um dos ganhos feitos pelos grupos freudianos e assumiram esses grupos. "Agora, considere os seguintes conselhos contidos no Capítulo 3 do Manual Comunista: Os ricos, os especialistas em finanças, bem informados no governo são alvos particulares e individuais para o psicopolítico ... Todo homem rico, todo homem de estado, cada pessoa bem Informado e capaz no governo, deve ter trazido ao seu lado como um confidente confiável, um operador psicopolitico".

O produto recente mais conhecido do "sucesso" diabólico de um psicopolítico, que se apresenta como um "curandeiro" - um falso "psiquiatra" mal recebido entre psiquiatras profissionais em Londres - é a falecida princesa Diana, cuja mente estava "virada" , desconstruída e depois preenchida com "valores lixo" nos últimos anos de sua vida trágica. Seu caso se encaixa precisamente com esta instrução do Manual:

"As famílias dessas pessoas (dos estratos superiores da sociedade, o Manual explicou) são muitas vezes perturbadas pela ociosidade ... e esse fato deve ser desempenhado. A saúde e a selvageria normais do filho de um homem rico devem ser torcidas e pervertidas em ... transformadas em criminalidade ou insanidade. Isso traz de uma vez alguém em "cura mental" em contato confidencial com a família... [Por isso] poderia haver colocado ao lado de todo homem rico ou influente, um operador psicopolitico".

*** "Psicopolítica", como explicado no Manual Comunista, é a arte e a ciência (satanás) de afirmar e manter o domínio sobre os pensamentos e lealdades de indivíduos, oficiais, agências e massas e a realização da conquista de nações inimigas através de "Cura mental" subversiva e instrumental.**

Enquanto Beria e seus sucessores buscaram principalmente atacar e derrubar pessoas influentes e decisores políticos no Ocidente, como um atalho para a política desestabilizadora “para encobrir ou enfraquecer as políticas econômicas do país [alvo], eles também tinham em mente o uso de drogas como meio de degradar a sociedade em geral. Assim, “as massas” em cujo nome os comunistas pretendiam agitar eram elas próprias vítimas diretas de uma ofensiva mundial de narcóticos.

A juventude da sociedade, em particular, deveria ser alvo - uma vez que, no devido tempo, assumiriam posições de influência, com seus valores e lealdades corroídos e “mudados” para o benefício irreversível da revolução.

A natureza auto-evidentemente satânica deste programa não deve ser uma surpresa: afinal, Marx se tornou um satanista quando adolescente[2]; Lênin é conhecido por participar de pelo menos um evento satânico (“massa negra”) na ilha de Capri; e Stalin (e, claro, o socialista “nacional”, Hitler) estavam preocupados quase que exclusivamente com a agenda dos habitantes do “poço sem fundo” - a morte. Assim, o Manual Comunista dirigiu estudantes da Universidade de Lênin da seguinte forma:

“Ao disponibilizar prontamente drogas disponíveis de vários tipos, dando ao adolescente álcool, louvando sua natureza selvagem, estimulando-o com literatura sexual e propaganda para ele ou suas práticas como ensinado no Sexpol[3], o operador psicopolitico pode criar a atitude necessária do caos , ociosidade e inutilidade ... ele pode, a partir de sua posição como autoridade na mente, aconselhar todas as formas de medidas destrutivas. [Como educador] ele pode ensinar a falta de controle dessa criança em casa. Ele pode instruir, em uma situação ótima, a nação inteira em como lidar com as crianças - e instruí-las para que as crianças, sem controle, sem uma casa real, possam correr despreocupadamente com a responsabilidade de sua nação ou de si mesmos. O desalinhamento da lealdade da juventude a uma nação [não comunista] estabelece o estágio adequado para um realinhamento de suas lealdades com o comunismo. Criando uma ganância por drogas, mau comportamento sexual e liberdade descontrolada e apresentando isso a eles como um benefício ... com facilidade trará nosso realinhamento [de lealdades]”.

The Sunday Telegraph, de Londres, publicou um relatório de 5 de fevereiro de 1995 intitulado: “A nova Suíça: viciados, prostitutas e assassinatos de rua”. A autora, Patricia Morgan, revelou que “desde que a prostituição foi legalizada em dezembro passado [1994], os bordéis se colocaram no centro das atenções, anunciando seus produtos em detalhes gráficos. O mesmo pode ser dito sobre o selo de Natal de 1994, uma travestira sem vergonha da época religiosa, que não exibia a Virgem e a Criança, mas um falo cercado de estrelas. Um lema foi marcado acima do projeto: *Stop AIDS”*.

Uma “colisão traumática” estava “em andamento entre a velha ordem e um novo niilismo ... depois do sexo, drogas. São as seringas descartadas, não a neve, que ele no chão em torno de Zurique Kornhaus Bridge. Praticamente qualquer coisa como a cena das drogas do distrito de Letten existe em qualquer lugar: o que parece uma prisão de alta segurança, patrulhada por guardas, é de fato a escola secundária local. O fio perimétrico mantém os viciados e as prostitutas”. Atravesse a ponte para Toronto do lado dos EUA da fronteira canadense e com o visitante que cumprimentou? A exibição mais opressiva e repugnante que a subcultura “entretenimento” tem para oferecer em qualquer lugar do mundo

No Reino Unido, cada fim de semana, estima-se que 1,5 milhão de jovens passem sexta-feira ou sábado à noite em “raves”, com uma droga sintética chamada “ecstasy” importada ilegalmente da Holanda, a meca da permissividade nas duas últimas décadas; Muitas mortes por causa dessa mistura letal foram relatadas e o dano a longo

prazo infligido não é qualificado. Nos ginásios e casas noturnas, um novo "designer-droga" conhecido como "ecstasy líquido" estava sendo amplamente comercializado no início de 1999, depois de "test-runs" em várias partes do país e entre as comunidades homossexuais nas grandes cidades. Se esta substância - gammahydroxybutyrate, ou GHB - é misturada com álcool, os efeitos letais podem seguir rapidamente. Após a morte de Ian Hignett, de 27 anos, que expirou de repente depois de ingerir essa substância em alguma casa noturna do Reino Unido sem saber o que estava levando, o inspetor-chefe da detetive Colin Matthews, da polícia de Merseyside, disse ao *The Daily Telegraph*[5] que "as pessoas que tomam esse líquido estão contando com a morte". Eles são de fato, uma vez que possui a característica deliciosa de ser propensos a deprimir o sistema nervoso central.

O digno inspetor-chefe detetive de Merseyside sabe que essa substância maligna é certamente um subproduto do programa contínuo de armas químicas e biológicas soviético / russo? Caso contrário, por que o MI5 / MI6 não o informou dessa forte probabilidade?

A inteligência contida na Cocaína Vermelha virá como "notícia" para aqueles, como o admirável Colin Matthews, que trabalham conscienciosamente no "fim afiado" do flagelo da droga e veem suas consequências devastadoras para os jovens britânicos de primeira mão, no curso sobre as suas funções?

Por que a civilização ocidental foi degradada desde a década de 1960 e quem está por trás desse fenômeno? A resposta, em resumo, é que o Ocidente tem sido a vítima desconhecida, durante as últimas décadas, de operações de inteligência estratégica soviético-chinesas de longo prazo usando drogas como meio de obter a desmoralização progressiva da sociedade ocidental e uma degradação concomitante das pessoas - com a juventude o principal alvo desta ofensiva satânica.

O comunismo, uma forma de mania coletivista diabólica que, de forma consistente com todas as formas de aberração mental, não conhece o resto - indo "girando e girando em círculos" (daí a "revolução") - não pode ter sucesso em seus próprios termos. Desde o início da Revolução Mundial comunista de Lênin, portanto, o *Comintern* procurou formas "especiais" (secretas) de minar a sociedade - usando uma metodologia ensinada por Lênin e elaborada posteriormente pelo fundador do Partido Comunista Italiano, Antonio Gramsci.

Gramsci argumentou que "o poder é melhor alcançado nos países desenvolvidos através de um processo gradual de radicalização das instituições culturais - um processo que, por sua vez, transformaria os valores e a moral da sociedade. Gramsci acreditava que, à medida que a moral da sociedade fosse suavizada, seu fundamento político e econômico seria mais facilmente destruído e reconstruído. [Por isso, era necessário] infiltrar instituições autônomas - escolas, meios de comunicação, igrejas, grupos de interesse público - para transformar a cultura, que determina o meio ambiente para políticas políticas e econômicas".

Cocaína Vermelha, que elimina definitivamente toda dúvida de que o flagelo mundial das drogas foi sequestrado, desenvolvido e cooptado por agentes de inteligência estrangeiros e tornou-se uma dimensão primária da Revolução Mundial Leninista contínua, é um trabalho clássico que o *Establishment* americano preferiu ignorar. Evidentemente, a sua mensagem é aplicável não apenas nos Estados Unidos, mas também no Ocidente como um todo, onde os governos estão lutando, em grande parte cegamente, com um fenômeno cujas origens não entendem.

A cocaína vermelha confirma que a determinação de Lavrentii Beria de que os narcóticos devem ser implantados no interesse da Revolução foi consumada desde a sua

liquidação nas mãos de seus mestres satânicos. Além disso, confirma que o uso de drogas para degradar sociedades ocidentais direcionadas é um componente integral do que pode ser chamado de "dimensão Gramsci" da Revolução Mundial contínua que envolveu o Ocidente. Curiosamente, os revolucionários contemporâneos omitem este fato com suas discussões abertas sobre "a dimensão Gramsci", sugerindo que eles podem ter medo da exposição desse elemento diabólico de suas atividades loucas. Por exemplo, em um resumo de 1996 do progresso alcançado na conquista da "guerra de posição de Gramsciana", que ele apoiou fervorosamente, Michael Walzer[7] listou como "ganhos positivos" da revolução contemporânea praticamente tudo exceto a epidemia de drogas debilitantes: a legalização do aborto ; A extensão do regulamento ambiental, de segurança e saúde pública; A destruição ("transformação") da vida familiar; A aceitação do pluralismo cultural; Política de direitos dos homossexuais; ação afirmativa; feminismo; secularização por atacado e infiltração das igrejas; e a escalada colossal do gasto público na provisão de assistência social (necessária para abordar, em parte, as consequências da ofensiva de narcóticos travada secretamente pelos revolucionários contra a sociedade). Quão curioso que a praga mundial de drogas liberada para envenenar nossos filhos foi omitida dessa lista perversa das contínuas "conquistas" ocultas da Revolução Mundial.

A aparição desta edição revisada e atualizada do clássico trabalho do Dr. Douglass coincidiu com a de um livro erudito sobre o mesmo assunto, no qual se afirma que "a corrupção tem sido desenfreada na Rússia e nos países da Europa Oriental desde o colapso da União Soviética, tornando-as marcas fáceis para as atividades de marketing e lavagem de dinheiro dos sindicatos de drogas[8]".

Esta afirmação, por sua vez, contém três temas diversionários. Primeiro, isso implica que os "sindicatos de drogas" são fenômenos "autônomos", dos quais facilmente seguiriam (como se pretende) que sua principal motivação seja a familiar da ganância. O Dr. Douglass mostra conclusivamente na Cocaína Vermelha que este é o oposto da verdade - a principal motivação sendo estratégica (desmoralização). Em segundo lugar, está implícito que as drogas são uma experiência nova para a "antiga" URSS. Mas no "antigo" bloco soviético, como hoje (sob o "comunismo encoberto"), todas as atividades eram e são "licenciadas": por exemplo, os "partidos políticos" falsos na Rússia são fragmentados do Partido Comunista e são supervisionados e controlado por isso até hoje[9]. A "máfia" existe e opera por licença dos serviços de inteligência, atendendo a sua agenda de "criminalismo" (a exploração do crime organizado no interesse da estratégia). Sob a SDS georgiana do General Eduard Shevardnadze do MVD, as drogas foram empregadas estrategicamente para fins de engenharia social e política[10].

Em terceiro lugar, a declaração limpa a realidade - o que é que a inteligência soviética/russa e chinesa são os principais criadores da droga ofensiva, uma vez que a agenda criminalista é a essência da Revolução Mundial em sua atual fase avançada. Na verdade, O FUTURO É CRIMINALIDADE GLOBAL, como o Dr. Douglass explica no Capítulo 12. Ou será, se os políticos ocidentais continuarem dormindo por mais uma década, enquanto as restantes instituições ocidentais estão irremediavelmente corrompidas - como uma proporção alarmantemente importante da comunidade bancária internacional já foi. Na verdade, este livro revela que, desde o início (na década de 1960), elementos da comunidade bancária ocidental colaboraram com os soviéticos e checos para providências secretas perfeitas para o lavagem dos produtos da ofensiva soviética de drogas contra o Ocidente.

Estudos do flagelo das drogas (por mais aprendidas e bem intencionadas) que evitam, ofuscam ou ignoram os fatos revelados na Cocaína Vermelha - cuja edição original, afinal, foi no domínio público há uma década - aumenta a confusão em torno

esse assunto. Eles também fazem o trabalho do aparelho de desinformação das organizações de inteligência ofensiva, que está preocupado em garantir que a atenção permaneça permanentemente desviada do verdadeiro “linha de fogo”.

Infelizmente, porque a resposta do Ocidente a esta guerra de baixo nível foi ineficaz até hoje, o sistema bancário internacional tem sido severamente comprometido, de modo que a corrupção dos bancos dificulta a obtenção de uma resposta adequada. Mesmo assim, a mensagem da Cocaína Vermelha continua tão relevante hoje como uma décadas atrás - de modo que tornou-se mais irresponsável e amoral do que nunca, deixar a cabeça enterrada na areia.

Em seu trabalho “O que há de ser feito?”, Lênin respondeu a sua própria pergunta prescrevendo a revolução global que engoliu o mundo - e que prossegue em direção ao objetivo do Controle Mundial enquanto, como o tenente Dimitri Manuilski previu, “a burguesia dorme”. O Dr. Douglass responde à pergunta de Lenin com a única resposta efetiva possível: a exposição. Pois esta é a única resposta que os agressores políticos da ofensiva mundial de drogas não podem suportar.

CHRISTOPHER STORY, Londres, janeiro de 1999 e julho 2001.

Referências:

1. Manual Comunista de Instruções sobre Guerra Psicopolítica, com um endereço de Lavrentii Beria, Chefe do Ministério do Interior de Stalin, para estudantes americanos da Universidade de Lênin, citado em “Brainwashing, A Synthesis of the Russian Textbook on Psychopolitics”, Kenneth Goff, um comunista que participou de palestras baseadas no Manual comunista entre 2 de maio de 1936 e 10 de outubro de 1939.
2. Ver Marx foi um satanista? Richard Wurmbrand, Diane Books Publishing Co., Glendale, CA, 1976-77.
3. A Sexpol, uma Escola Leninista de Política Sexual, da qual o feminismo contemporâneo e outras aberrações de Gramscian derivam. Que o feminismo (um meio de dividir os sexos), como a ofensiva da droga, é um instrumento da revolução, foi confirmado pela reformista radical Betty Friedan em seu livro The Second Sfage'ISummit Books, 1981], resumido por Ellen Willis em The Nação, EUA, 14 de novembro de 1981, páginas 494-495: “O feminismo não é apenas um problema ou grupo de questões; É a vanguarda de uma revolução nos valores culturais e morais... o resultado objetivo de todas as reformas feministas, do aborto legal... aos programas de assistência à infância, é minar os valores tradicionais da família e aumentar a liberdade pessoal e sexual das mulheres”.
4. Patricia Morgan, The Sunday Telegraph, 5 de fevereiro de 1995.
5. “O apelo da mãe como filho é morto por uma nova droga do partido”. Nigel Bunyan, The Daily Telegraph, Londres, 14 de janeiro de 1999, página 13.
6. Seleções de Antônio Gramsci nos cadernos da Prisão, ed. P. Hoare e G. Nowell Smith (Londres, 1971), citado pelo Dr. S. Stephen Powell, Covert Cadre, Green Hill Publishing, Ottawa, IL, 1987, páginas 160, 359-360.
7. O que está acontecendo? [Cf. Lenin's 'What's To Doer?'] Por Michael Walzer, Dissent, Winter 1996, New York, páginas 6-7.
8. Hard Target: a Guerra dos Estados Unidos contra o tráfico internacional de drogas, 1982-1997, Ron Chepesiuk, McFarland & Company, Inc., Jefferson, NC, 1999.
9. Consulte a nota de rodapé, página 180, para detalhes da base documental para esta afirmação.
10. Veja James A Inciardi, 'Drug Abuse in the Georgian S.S.R.', Journal of Psycho-Active Drugs, outubro-dezembro de 1987.

O QUE ELES DISSERAM SOBRE A COCAÍNA VERMELHA

“Um caso poderoso e bem documentado de uma decisão política deliberada, primeiro pelas autoridades em Pequim e depois em Moscou, para contribuir com a decadência da sociedade americana... a cocaína vermelha coloca os fatos registrados. Ignoramos a mensagem que revela em nosso próprio perigo”.

DR RAY S. CLINE, ex-diretor adjunto de inteligência, CIA

“A cocaína vermelha finalmente sopra a tampa do aspecto mais explosivo do tráfico de drogas, a conexão soviética. Aqui está a história chocante da droga da América pelo comunismo internacional”.

ROBIN MOORE, Autor da Conexão Francesa.

“Este livro de abertura de olho prova o insidioso envolvimento dos serviços de inteligência soviéticos na propagação deliberada da ameaça de drogas nos Estados Unidos”.

CHAPMAN PINCHER, Autor of Secret Offensive etc.

“A Cocaína Vermelha é um trabalho seminal que é leitura essencial para todos os estudantes sérios da Revolução Mundial Leninista hoje (1999). A condição *sine qua non* para entender por que a civilização ocidental está sob um ataque implacável e implacável é estar ciente da história da ofensiva a longo prazo contra o Ocidente pelo intelecto russo e chinês, como um elemento-chave do assalto em curso às estruturas e Instituições da sociedade para ‘mudar lealdades’ de forma irrevogável para fins revolucionários”. CHRISTOPHER STORY, editor e editor, analista soviético, 1999.

O QUE ELES DISSERAM SOBRE A COCAÍNA VERMELHA

“Vamos desarmar os capitalistas com as coisas que gostam de provar”. CHOU EN-LAI, 1958

“fraudes e drogas são os nossos dois primeiros escalões estratégicos na guerra...”. NIKITA KHRUSHCHEV, 1963.

“Fui ordenado a carregar os Estados Unidos com drogas”. MARIO ESTEVEZ GONZALEZ, agente de inteligência cubano, 1981.

“As drogas são usadas como armas políticas. O alvo era a juventude...”. ANTONIO FARACH, alto funcionário nicaraguense, 1984.

“As drogas são consideradas a melhor maneira de destruir os Estados Unidos. Ao minar a vontade da juventude americana, o inimigo é destruído sem disparar uma bala”. MAJOR JUAN RODRIGUEZ, oficial de inteligência cubano, citando e invocando

Antonio Gramsci, Lavrentii Beria e Sun-Tzu em uma única frase, 1988. [Sun-Tzu: o antigo estrategista de fraudes militar chinês].

"O ópio deve ser considerado uma arma poderosa. Foi empregado por imperialistas contra nós, e agora devemos usá-lo contra eles". [Fato: Mao Tse-Tung implantou drogas contra populações chinesas – Ed.].

OBSERVAÇÕES SOBRE O DESEMPENHO GENERAL JAN SEJNA PELA AGÊNCIA DE INTELIGÊNCIA DE DEFESA DOS EUA [DIA]

"... A fonte forneceu informações confiáveis ao governo dos EUA por mais de 20 anos". DIA [POW / MIA], 18 de abril de 1992.

"... A fonte forneceu informações confiáveis à comunidade de inteligência dos EUA por muitos anos .... A fonte enviou um exame de polígrafo durante o qual não foi detectada nenhuma fraude". LT. CLAPPER GERAL, Diretor da Agência de Inteligência da Defesa, 27 de abril de 1992.

"... fez um contributo significativo para os produtos de Inteligência da Defesa [DI] que abordam vários aspectos dos assuntos políticos / militares da antiga União Soviética e do Pacto de Varsóvia [e] proporcionaram apoio substantivo aos serviços de inteligência aliados .... Histórico comprovado como um especialista substantivo da Agência de Inteligência da Defesa ... registro de excelência em apoio substantivo à Inteligência da Defesa". DAVE SISSON, analista sênior da Agência de Inteligência da Defesa, 5 de novembro de 1992, carta do Inter-office para Alan Young.

SOBRE A SEGUNDA EDIÇÃO

Onde o contexto permite, nenhuma tentativa foi feita para alterar as datas, o prazo e, portanto, os tempos, utilizados no texto. No entanto, sempre que o editor achasse que os interesses de esclarecimento seriam atendidos, os tempos foram alterados. A Cocaína Vermelha apareceu pela primeira vez em 1990, e o texto reflete esse contexto. A situação agora é muito pior do que a descrita no livro, e nada na Cocaína Vermelha tornou-se irrelevante nos anos intermediários. O leitor achará útil ter em mente, no entanto, que não houve descontinuidade desde os acontecimentos de 1989-1991, quando o mundo imaginou que a "Guerra Fria" havia acabado. Em vez disso, os revolucionários leninistas têm trabalhado, para citar Lênin, "por outros meios".

NOTA SOBRE O USO DO INGLÊS BRITÂNICO

Em conformidade com a prática usual da editora, a ortografia e a estrutura das frases foram convertidas em inglês britânico, exceto, claro, onde o contexto determina o

contrário. A primeira edição da Cacaína Vermelha foi escrita, naturalmente, em inglês americano. É a política de Edward Harle Limited usar o inglês britânico, como regra geral. Na “tradução”, o significado e as intenções do autor foram seguidos ao longo de todo. As exceções ao uso ou os formulários de inglês britânico aqui incluem a retenção do formato americano para datas (por exemplo, janeiro de 1.2000) e, claro, o uso da ortografia americana em citações ou em qualquer outro lugar que o contexto assim exija. Há também certas dificuldades com palavras como “programa”, para as quais o uso americano foi mantido na maioria dos contextos.

NOTA SOBRE O USO DO PORTUGÊS

O presente trabalho foi traduzido do inglês para o português respeitando toda conotação do texto original. Na tradução foi dada a devida atenção para que cada detalhe feita pelo autor fosse mantido, tanto no estilo de escrita e quanto na informação dada de forma que todo contexto seja exatemente igual ao livro original.

O presente livro é extrema importancia para os EUA,. Contudo, o que acontece nos EUA é exatemente o que ocorre no Brasil, afinal fazemos parte do Ocidente. Daí a importância da presente obra traduzida para que a informação possa finalmente correr no país depois de décadas de omissão desta obra em solo brasileiro, ou mesmo pelo analfabetismo funcional corrente das autoridades, dos políticos, das Forças Armadas, das Policias, do Judiciário e principalmente da grande mídia corrupta.

Este trabalho é de grande valor para a formação da nova elite intelectual brasileira que por ora fora destruída pelo Marxismo Cultural hoje dominante, e que de forma surpreendente alguns furaram o bloqueio imposto pela Esquerda, depois de décadas e de prejuízos incalculáveis, haja vista que não existe limites morais para a causa comunista.

Agradeço primeiramente a Deus pela condição de poder realizar este trabalho, a minha família que me apoiou, aos amigos. Vamos parar de enxugar gelo! Espero que seja de grande valor, que esta obra caia em boas mão para que juntos possamos acabar com este mal das drogas pela raiz, com as mortes causadas pelo vício e pela violência direta e indireta do tráfico, e com dinheiro usado para a grande causa Luciferiana.

Abraços, boa leitura.

Jânio Carvalho
janio_carvalho@hotmail.com

ATENÇÃO

Este livro tem sido conhecido por gerar fortes respostas emocionais. A Cocaína Vermelha é um estudo de caso do mal: dos governos e pessoas responsáveis por inundar os Estados Unidos com drogas; De funcionários públicos americanos que suprimiram a inteligência e olharam para o contrário para favorecer “interesses especiais” e também para promover agendas políticas secretas.

A informação apresentada neste livro explica por que a chamada guerra contra as drogas nos Estados Unidos tem sido tão ineficaz. Ele desafia a crença errônea de que o problema da droga é “cultivado em casa”, o resultado da falta de drogas por parte dos Estados Unidos. Essa crença errônea, cuidadosamente nutrida por políticos e narcotraficantes, está entre os Estados Unidos e a guerra efetiva contra as drogas por uma razão muito simples: uma nação simplesmente não pode fazer a guerra em seu próprio povo. Esta crença de que os próprios americanos são a causa é usada por funcionários públicos para justificar seus resultados ruins - e não fazer nada sobre as atividades nefastas de governos, políticos, serviços de inteligência e os bancos.

A Cocaína Vermelha foi escrita para explodir essa crença, para expor as forças reais por trás do comércio de drogas ilegais e para revelar a proteção política que permite que o tráfico de drogas sobreviva e cresça. Nada surgiu desde que este livro foi publicado há quase uma década para contrariar qualquer informação aqui contida. Pelo contrário, a evidência é ainda mais irresistível que a análise não pode ser refutada. Na verdade, é altamente significativo que nenhuma refutação tenha sido tentada - pelo motivo óbvio de que nenhuma é possível.

Embora a Cocaína Vermelha aborda principalmente a ofensiva das drogas dirigida pela inteligência soviética e chinesa contra os Estados Unidos, todos os países ocidentais são alvo, como parte da luta implacável e maníaca da Revolução Mundial para remodelar o mundo de acordo com o que é claramente um modelo diabólico. Para que o flagelo da droga seja abordado de forma construtiva em qualquer país, a informação contida na Cocaína Vermelha deve ser absorvida primeiro.

Um propósito de republicar e atualizar a Cocaína Vermelha, portanto, é tornar o trabalho acessível ao leitor geral interessado e aos profissionais e formuladores de políticas não só nos Estados Unidos - onde a demanda pelo livro permaneceu intacta ao longo dos anos -, mas também em países-chave de todo o mundo. Além disso, o editor promete que este livro clássico permanecerá impresso - uma vez que a missão central de Edward Harle Limited é assegurar a disponibilidade contínua de obras que irão ajudar todos aqueles que têm que lutar contra a Revolução Mundial Leninista, contra a Nova Ordem Mundial que está sendo travada contra nós em sua novas manifestações mais insidiosas e “invisíveis”.

PREFÁCIO

Na madrugada de 14 de julho de 1989, o general cubano Arnaldo Ochoa Sanchez foi executado pelo esquadrão, juntamente com outros três oficiais cubanos. Ochoa era um dos oficiais de exército mais populares de Cuba. Reitor da medalha do Herói da República, sua carreira remonta a 31 anos da revolução, quando era membro da famosa brigada Camilo Cienfuegos. Mas recentemente, ele havia comandado as forças cubanas na Etiópia, o grupo consultivo cubano na Nicarágua e as 50 mil tropas cubanas em Angola.

O general Ochoa foi considerado culpado de ajudar o cartel de drogas da Colômbia em contrabando de cocaína nos Estados Unidos. Seu julgamento, que foi conduzido em segredo, começou no domingo, 26 de junho de 1989. O testemunho chave era o general Raúl Castro, o ministro da Defesa e o irmão de Fidel Castro, deputado e sucessor esperado. Raul Castro denunciou Ochoa e pediu um castigo exemplar. Todos os membros do tribunal militar também denunciaram o general Ochoa. O procurador militar, o general Juan Escalona, disse em sua conclusão de que o general Ochoa “traiu seu povo, sua pátria e Fidel ... e criticou o prestígio e a credibilidade da revolução”.

O julgamento e sentença foram conduzidos com despacho. Juntamente com Ochoa, treze outros oficiais foram acusados. Quatro, incluindo Ochoa, foram condenados à morte, o restante recebendo longas penas de prisão. Ninguém ofereceu nenhuma defesa. Todos os acusados se declararam culpados. Em um ponto, conforme relatado pelo Ministério das Notícias Cubanas, Ochoa respondeu “Não” quando perguntado se Raúl Castro sabia de sua atividade. Mas, nada menos do que uma dúzia de desertores da inteligência cubana e seu Ministério do Interior, responsável pela segurança interna, bem como da inteligência nicaraguense e do Ministério do Interior, diplomatas da Nicarágua e vários traficantes de drogas, declararam inequivocamente que ambos Fidel e Raul Castro conheciam o envolvimento de Cuba no tráfico de drogas, aprovaram e aproveitaram disso. Qual é a história verdadeira? Fidel estava envolvido ou não?

Luis Carlos Galan era um candidato presidencial colombiano. Ele era um senador proeminente que fazia campanha contra os senhores da droga. Ele “comprou” um caixão.

Em 18 de agosto de 1989, ele foi abatido por assassinos que acreditavam estar trabalhando para os cartéis da droga. Seu assassinato seguiu assassinatos semelhantes de outros quatro oficiais que agiam contra os interesses dos senhores das drogas - um, dois dias antes, e três apenas algumas horas antes do assassinato de Galan. Em resposta, o presidente Virgilio Barco ordenou a prisão de todos os suspeitos. À noite, 11 mil pessoas que se achavam conectadas com os cartéis da droga foram presas. Nenhum dos principais traficantes de drogas estava entre aqueles apreendidos, e a maioria dos presos foi liberada dentro de um dia ou dois.

Imediatamente após as prisões em massa anunciadas em Bogotá, o presidente

Bush anunciou um programa de assistência militar de US $ 65 milhões para a Colômbia. Mais deveria ser incluído no próximo programa de estratégia de drogas, não só para a Colômbia, mas para outras nações sitiadas, como Peru, Bolívia e México. No entanto, uma ex-membro do Conselho da Cidade de Bogotá, Clara Lopez Obregón, levantou um problema sério sobre a utilidade de tal assistência: “Você não pode aplicar a lei se dentro das agências de aplicação da lei você tiver pessoas do outro lado”.

Como uma indicação da escala do problema aqui, quando Cuba e a Tchecoslováquia estabeleceram operações de drogas pela primeira vez na Colômbia no início da década de 1960, todo o pessoal recrutado foi submetido a investigações intensas de segurança de fundo. Um foi realizado pelo Partido Comunista da Colômbia e o outro por um agente comunista que era um alto funcionário do Ministério do Interior da Colômbia. São aqueles nos Estados Unidos responsáveis pelo planejamento da assistência militar para a Colômbia consciente de tais complicações? Como eles avaliam a ameaça na Colômbia?

Após as prisões em massa na Colômbia, houve uma série de conflitos, já que o governo e os cartéis declararam guerra um ao outro. Na outra semana, mais de 500 pessoas foram presas por violar um toque de recolher que havia sido imposto em Medellín, sede do infame Cartel de drogas de Medellín. Entre os detidos estavam 27 cubanos que possuíam passaportes falsos da Costa Rica. O que eles estavam fazendo lá? Claramente, eles não podiam, por qualquer extensão da imaginação, terem sido turistas ou empresários.

Vários desertores relataram anteriormente laços fortes entre Cuba e os cartéis. O principal intermediário foi o embaixador cubano Fernando Ravelo Renedo, que trabalha para Manuel Pineiro Losada, chefe do Departamento das Américas dos Comunistas cubanos, que tem especial responsabilidade pela sabotagem e subversão em todo o hemisfério ocidental. Pineiro era anteriormente o chefe da inteligência cubana. Cuba também é o principal patrocinador dos revolucionários da guerrilha M-19 da Colômbia e do braço militar / terrorista do Partido Comunista da Colômbia, as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), que também estão fortemente envolvidos na produção e tráfico de narcóticos.

No final de 1985, uma forma quase desconhecida de cocaína, “crack”, foi introduzida no mercado dos EUA - apenas a tempo para as férias de Natal. Em meados de janeiro, foi relatado em oito Estados; Em junho de 1986, se espalhou por todo o país e se tornou reconhecido como um desafio severo.

Em 1989, o uso de crack tornou-se uma epidemia. Acredita-se que a principal causa do aumento do uso de drogas nos últimos anos, a principal causa da escalada do crime e da violência nas cidades americanas, e a principal causa do abuso infantil, sobrecarga da sala de emergência hospitalar e bebês nascidos com vícios e deficiência de aprendizagem.

A *US Drug Enforcement Administration* publicou um estudo sobre crack intitulado *Crack Cocaine Overview* 1989. Um relatório semelhante foi publicado em 1988. Ambos os relatórios concluíram: As redes de tráfico interestadual de grande escala controladas por jamaicanos, haitianos e gangues da Black Street dominam a fabricação e Distribuição de crack. Os alvos primários também são identificados: as minorias do interior da cidade, principalmente os negros e os hispânicos, embora o crack também esteja entrando nas áreas rurais e suburbanas. Os principais fornecedores mencionados no estudo são dois: cubanos e colombianos. Um estudo do Departamento de Justiça dos EUA revelou, também em 1989, que as mulheres são agora tão propensas a serem usuárias de drogas tanto como os homens. Outro estudo mostrou que os casos de AIDS

entre os toxicodependentes eram esperados ultrapassar aqueles entre homossexuais dentro de um ou dois anos. O foco da epidemia de AIDS está mudando para os bairros urbanos pobres e drogados. Mais de 40% dos casos relatados de Aids ocorreram entre negros e hispânicos, embora estes dois grupos constituam apenas cerca de 20% da população dos EUA. Mais uma vez, a droga responsável é crack.

A velocidade com que o crack se espalhou, sua distribuição focada e seu preço de venda e marketing, que é projetado para capturar os jovens e ignorantes com apenas alguns dólares para gastar, todos sugerem uma organização profissional treinada. William Bennett, diretor do Escritório de Política Nacional de Controle de Drogas, referiu-se a esse fenômeno como “uma inovação no varejo de cocaína”. De onde veio o crack? É o que vemos como resultado de uma operação planejada? Em caso afirmativo, quem é responsável?

Em 1988, a ABC-TV apresentou um relato móvel do flagelo da droga intitulado “Drogas: uma praga na terra”, narrado por Peter Jennings. Jennings concluiu a notícia especial com uma observação provocadora se isso é uma guerra contra as drogas - e todos, do presidente em declínio, dizem que não deveria ser travada como uma guerra?

Se pudéssemos provar que o problema da droga nos Estados Unidos era direcionado pelo poder comunista, o que você acha que aconteceria então? O governo não seria mobilizado? As melhores mentes do país não seriam alugadas para planejar a estratégia? Certamente não haveria limite para a quantidade de dinheiro disponível para combater a guerra. Todas as instituições do país estarão envolvidas. Ninguém diria: “Isso não me afeta”.

Claramente, Jennings não estava sugerindo que houvesse um poder comunista por trás do tráfico de drogas. Ele estava apenas usando o exemplo para levantar uma questão importante: por que os Estados Unidos não estavam lutando contra uma guerra séria contra as drogas? No entanto, ao usar este exemplo, Jennings levantou indiretamente o que poderia ser uma questão ainda mais séria: a saber, se houvesse um poder comunista por trás do tráfico de drogas - a União Soviética, por exemplo - quem acreditaria?

Minhas ansiedades sobre as origens do tráfico de drogas datam de 1984, quando eu li um artigo que descreve os vínculos entre o tráfico e os terroristas revolucionários na América Latina. O autor descreveu a forma como Cuba ajudou os contrabandistas a mexerem drogas nos Estados Unidos e, como parte da mesma operação, forneceu armas a terroristas e revolucionários. Evidências sobre esta atividade foram coletadas pelo escritório do procurador dos EUA em Miami e resultaram na acusação de quatro funcionários cubanos de alto nível por um grande júri federal em novembro de 1982.

Mas a história parecia incompleta para mim. O testemunho do tribunal vinculou a operação de tráfico ao serviço de inteligência de Cuba, a Direção Geral de Inteligência ou DGI e aos líderes cubanos Fidel e Raul Castro.

Mas, eu me perguntei, como poderia Cuba, e especialmente a DGI, estar envolvida, se a União Soviética não estivesse atrás da operação? A DGI esteve sob o controle direto da inteligência soviética desde o final da década de 1960. Assim, parecia extremamente improvável que uma operação da DGI desse significado tivesse sido conduzida sem aprovação e direção soviética.

Ao penetrar mais profundamente no assunto, tornou-se evidente que Cuba não era um exemplo isolado. Havia também dados extensos que ligavam a República Popular da China ao tráfico internacional de drogas. Além disso, havia evidências de que a Nicarágua, a Bulgária, a Hungria, [a antiga] Alemanha Oriental e a Coréia do Norte

também estavam envolvidas no tráfico como uma questão de política oficial do Estado. Mas, embora pareça inconcebível que esses países pudessem estar envolvidos sem a participação da União Soviética, ainda não dispunha de dados diretos sobre o envolvimento soviético.

Tudo isso mudou radicalmente um dia em 1985, quando eu estava almoçando com Jan Sejna, um antigo oficial militar-político checoslovaco de alto nível que havia desertado para os Estados Unidos em 1968. O general Sejna permanece, a meu ver, o mais bem posicionado funcionário do bloco soviético que sempre procurou asilo político no Ocidente e o único oficial desse tipo que era realmente um membro da hierarquia de tomada de decisão. Foi durante a conversa do almoço que perguntei ao general Sejna se ele tivesse algum conhecimento direto do envolvimento soviético no tráfico internacional de narcóticos. Durante a próxima hora ou duas, ele forneceu os mínimos detalhes sobre as operações soviéticas de tráfico de narcóticos, incluindo o uso dos países satélites, as datas das decisões-chave e, o mais importante, a estratégia soviética básica.

A informação era alarmante. Claramente, o conhecimento de Sejna era de extrema importância, ou então eu pensava. Eu também suspeitava que nenhuma das agências dos EUA envolvidas na luta contra o tráfico de drogas estavam cientes dessa informação, o que acabou por estar correto. Era claro para mim que o conhecimento de Sejna era tão extenso que um esclarecimento minucioso exigiria um esforço substancial e um tempo considerável. Fui trabalhar solicitando suporte para a tarefa. No processo, a minha excitação tornou-se um desânimo quando comecei a reconhecer que nenhuma das agências dos EUA com responsabilidades na guerra contra as drogas estava interessada em obter o conhecimento de Sejna.

Em retrospectiva, isso não deveria ser uma surpresa. Tive a oportunidade única de trabalhar com o general Sejna nos últimos dez anos. Esta não foi a primeira vez que encontrei um desinteresse no governo dos EUA sobre temas de importância estratégica, onde a Sejna possuía conhecimentos extensivos. Fraudes estratégica; O plano soviético de longo alcance; Estratégia política e militar soviética; Operações coordenadas de inteligência do bloco soviético; Tomada de decisão soviética; Treinamento do bloco soviético de terroristas internacionais; E a penetração da Inteligência do Bloco Soviético no crime organizado, são apenas alguns exemplos.

É bastante claro que as comunidades de segurança nacional e políticas não gostam do que Sejna tem a dizer e, portanto, não perseguem seu conhecimento. Por que é mais difícil de explicar. O problema não é credibilidade. O testemunho de Sejna foi confirmado mais de uma vez. É consistente com seus antecedentes e com outras informações sensíveis. Sejna é reconhecida como uma excelente fonte nos mais altos níveis da comunidade de inteligência. Não, o problema não é avaliar e, em seguida, rejeitar dados; É um dos que não quer saber em primeiro lugar.

Em um sentido muito real, o problema é semelhante ao desafio enfrentado pelos funcionários do governo quando informou que toda uma região da União Soviética estava sendo morta de fome; Ou, que um regime com o qual o governo e os líderes empresariais estavam consertando acabara de matar 60 milhões de seus próprios cidadãos; Ou que nosso parceiro em detente violava sistematicamente cada um dos novos tratados de controle de armas, enquanto desestabilizava inúmeros governos independentes em todo o mundo, também em violação direta de numerosos tratados, acordos internacionais e garantias pessoais, ninguém quer ouvir a notícia.

Mas a notícia é importante e precisa ser transmitida, porque as possíveis consequências são tão graves. Como é possível lutar contra uma guerra efetiva contra drogas se a imagem aceita dessa guerra é deficiente, ou se as forças primárias e os

jogadores não são reconhecidos? A resposta lógica é que não é possível.

Como é possível fazer uma mudança? Esta é uma questão que todos os que estão preocupados com a crise da droga devem considerar e levar a sério.

Ao examinar os problemas associados ao tráfico de drogas, minha preocupação pessoal é que a situação é muito mais séria do que qualquer um de nós percebemos precisamente por causa da guerra política que está sendo travada; O vasto envolvimento comunista; A minar deliberadamente planejada a saúde de nossa juventude e nosso sistema de valores; A corrupção prevalece nos círculos de poder e influência; A quebra da lei e da ordem (tanto no país como no exterior) e a desestabilização política deliberada associada; O poder de drogas experimentais que ainda não foram introduzidas no mercado; E as políticas equivocadas e auto-impostas e interesses privados que nos impedem de entender a verdadeira natureza do que está acontecendo. Esses “fatores faltantes” são o foco deste livro. A situação é especialmente séria por causa desses fatores, e porque eles não fazem parte da “imagem aceita”. Nem é provável que isso mude a menos que e até que as pessoas exijam uma mudança.

Embora tenha havido uma grande tentação para eu expandir este estudo e aprofundar muitas dimensões relacionadas e paralelas da estratégia de inteligência soviética dirigida contra os Estados Unidos, nossos amigos e aliados, decidi concentrar-me estritamente na dimensão do narcotráfico para manter a mensagem tão simples quanto possível. Somente material considerado suficiente para apresentar um caso credível focado na situação do tráfico de drogas entre os países da América Latina e os Estados Unidos está incluído. Não foi feita nenhuma tentativa de incluir detalhes complementares sobre as operações de inteligência e influência política relacionadas com o consumo de drogas chinesas ou soviéticas na África, Europa, Oriente Médio, Ásia do Sul, Austrália, Extremo Oriente ou Sudeste Asiático, exceto operações durante a Guerra do Vietnã, que é discutido no Capítulo 6. No entanto, o Capítulo 12 é totalmente novo, tendo sido concluído em dezembro de 1998.

Espera-se que o material apresentado aqui, o que suscita uma séria preocupação de que o desafio da droga não é tão simples como muitas autoridades nos fariam acreditar, pode estimular o interesse em dirigir as agências apropriadas para coletar e reunir todos os dados pertinentes. Do meu ponto de vista, este é o primeiro passo para travar uma guerra efetiva contra as drogas: desenvolva uma compreensão completa do que está acontecendo e de quem está envolvido.

Sem essa compreensão, como uma contra-estratégia efetiva pode ser desenvolvida e implementada? E sem isso, como a civilização ocidental pode ser preservada?

JOSEPH D. DOUGLASS,
JR Falls Church, Virginia

1. ABC News Special, Drugs: A Plague on the Land, 10th April 1988, New York: Transcript produced by Journal Graphics, Inc., 1988, page 13.

INTRODUÇÃO

Introdução pelo Dr. Ray S. Cline:

Este livro cairá como um raio para a maioria das pessoas. Por muitos anos, a sabedoria convencional tem sido considerada de que o problema das drogas são estritamente nosso. Sem a nossa demanda, não haveria oferta, os traficantes de drogas estão nele por lucro. Além disso, como um oficial do Departamento de Estado de alto nível assegurou ao Congresso em 1985, não há provas de uma conspiração comunista para enfraquecer o tecido social americano promovendo o uso de drogas.

A cocaína vermelha apresenta fatos desagradáveis que contradizem esses pontos de vista. O Dr. Joseph Douglass, o autor deste livro, não está vendendo uma teoria, mas, em vez disso, chama a atenção para a evidência. Ele organizou seus fatos cuidadosamente, apresenta-os de forma responsável e cautelosa, e oferece uma riqueza de dados documentados sobriamente. Esses dados descrevem detalhadamente os esforços da China, da União Soviética e de seus muitos substitutos, para usar drogas ao longo de muitas décadas, como armas destinadas a danificar e enfraquecer - se não destruir - a estabilidade dos países do Mundo Livre. O objetivo principal é e sempre foi, claro, os Estados Unidos.

Ninguém sugeriria que todo o problema das drogas sejam o resultado de uma trama comunista. Existe alguma verdade na sabedoria convencional sobre nossas próprias responsabilidades. O que você encontrará neste livro, no entanto, é um caso poderoso e bem documentado de uma decisão política deliberada, primeiro pelas autoridades em Pequim e depois em Moscou, para contribuir para a decadência da sociedade americana. Este caso clama por uma inspeção próxima e séria, por cidadãos comuns, bem como nos níveis mais altos do governo dos EUA. O que é história deve ser contado com a previsão do futuro. Os americanos merecem um exame completo e franco de quão profunda Moscou e Pequim estiveram envolvidos na criação e no planejamento da crise mundial da droga.

Este livro oferece evidências convincentes de que o papel comunista era grande, muito grande. Este livro mostra, com uma grande quantidade de documentação, que o comando e o controle dessa rede mundial de drogas emanavam dos níveis de liderança mais importantes das ditaduras comunistas. No mínimo, o governo dos EUA devem fornecer uma contabilidade completa da tese da Cocaína Vermelha de que grande parte do flagelo das drogas de hoje são o resultados direto do bloqueio soviético coordenado e cínico e operações de inteligência chinesas em todo o mundo, especialmente no hemisfério ocidental.

Se formos sérios em ganhar essa guerra contra as drogas, também devemos saber em que medida é verdade - como argumenta este livro - que os altos funcionários

de Washington tenham tido acesso a essa evidência por muitos anos, mas preferiram silenciá-la por preocupação com o que a divulgação pública faria às relações EUA-Sino-soviéticas.

Claramente, a guerra contra as drogas não pode ser conquistada, a menos que saibamos como e onde o problema começou, a menos que possamos saber quem e onde estão os nossos inimigos naquela guerra. Mesmo que tantos estados comunistas estejam desmoronando e experimentando mudanças extraordinárias, precisamos saber como esse gênio da droga saiu da garrafa e como podemos recuperá-lo sob controle.

O autor deste importante livro, o Dr. Joseph Douglass, possui a experiência, o conhecimento e a capacidade de apresentar esse caso. Funcionários do governo federal dos EUA, incluindo os de nossas agências de inteligência, se não coniventes em um encobrimento, parecem ter se emprestado ao que parece ser um descuido singular ao lidar com evidências disponíveis há muito tempo do envolvimento comunista sistemático no comércio de drogas.

Aqueles de nós que passamos a melhor parte de nossas vidas na profissão de inteligência estão, infelizmente, muito familiarizados com a forma como e por que isso pode acontecer. Isso ocorre porque o processo de análise de dados está subordinado a considerações geopolíticas ou estratégicas supostamente maiores, determinadas no nível da política. No processo, a informação transmitida aos líderes da nossa nação é muitas vezes descartada.

O homem que é a principal fonte de informação para a Cocaína Vermelha foi, em um sentido muito real, vítima de mal momento. O nome dele é Jan Sejna*, e ele escolheu se desfazer de sua Tchecoslováquia nativa, onde ele ocupou um cargo alto e crucial, em 1968. Ele não poderia ter escolhido um momento pior. Em 1968, Washington oficial, cansado da Guerra Fria e no fim perdedor de uma guerra de tiroteio no Vietnã, estava no limiar de uma nova área de distensão. Foi assim que este homem, Sejna, que trouxe com ele um conhecimento sem precedentes de muitos dos segredos mais profundos e mais sombrios do mundo comunista, estava prestes a tornar-se para seus anfitriões americanos, não um herói, para ser homenageado, mas um constrangimento, para ser escondido.

O que ele sabia, o que em uma era anterior se tornou amplamente conhecido e atuou, tornou-se, em vez disso, uma vítima do anseio de detente. Os dados que não suportam o objetivo politicamente desejado (ou na moda) de gerenciar desvios entre Moscou e Washington dificilmente são difíceis, ou são ouvidos. Escusado será dizer que, em toda a comunidade de inteligência, dezenas de oficiais conscientes lutam contra este processo pernicioso, muitas vezes na medida em que colocam seus empregos, reputações e muito carreiras na linha. Mas seus esforços são mais frequentemente que uma luta quijotesca; As grandes estratégias simplistas prevalecerão frequentemente onde os fatos não podem.

Especialistas cuja experiência é anterior ao presidente Nixon e ao presidente Carter que tocam o “cartão da China” - aquela iniciativa impressionante para julgar o regime de Pequim já em quarentena - já conheciam muito o narcotráfico chinês. Mais tarde, aprendemos, também, os laços soviéticos com guerrilhas internacionais e operações terroristas, e o comércio de armas para drogas e vice-versa. Muitos de nós suspeitavam que havia uma conexão - de algum tipo entre o aumento do tráfico de drogas e a União Soviética, especialmente tendo em conta os vários pedaços de inteligência sobre as atividades de tráfico de drogas de seus muitos estados-clientes de substituição.

* Nota do editor: O general Sejna morreu em circunstâncias inexplicáveis em agosto de 1997. Embora ele estivesse sob medicação supervisionada pela CIA por alguns anos, a maneira e o horário de sua morte - não muito depois de ter

participado de audiências no Congresso com o Dr. Douglass no MIA (' Missing in Action ') e sobre o uso de drogas em veteranos prisioneiros ocidentais desaparecidos - exige elucidação, o que não foi divulgado.
Nossa consciência e suspeitas tornaram-se chocantes quando observamos o tráfico de drogas e o terrorismo internacional se tornarem notícias da primeira página, enquanto a distensão ainda parecia importar mais do que fatos desagradáveis sobre drogas.

Foi nesse pântano político que Jan Sejna saltou. Compreender a relutância no nível da política para enfrentar informações desagradáveis ajuda a entender por que a recepção que recebeu da comunidade de inteligência de Washington - como detalhado no Capítulo 10 deste livro - foi consideravelmente menor do que quente. Compreender isso também coloca em perspectiva os rumores propagados sobre ele pela comunidade de inteligência e políticas, bem como por nosso principal adversário estratégico, a União Soviética. Só se pode supor que é uma homenagem à importância do que ele sabe que aqueles que pretendem desacreditá-lo persistem até hoje.

Fui postado na Alemanha como consultor de inteligência da embaixada dos EUA em Bona no momento em que o general Sejna desertou; Portanto, não tenho conhecimento de primeira mão ou conexão com as decisões tomadas na época. Tenho notado ao longo dos anos os vários rumores e assisti com interesse porque o seu testemunho - longe de ser desacreditado - foi confirmado ou provado de outra forma correto, uma e outra vez. Estou, por exemplo, consciente pessoalmente da autenticidade do que ele tem a dizer sobre os assuntos da conexão soviética com o terrorismo internacional; Seu treinamento de terroristas; E a importância sinal do Conselho de Defesa soviético na tomada de decisão soviética.

Foi, então, uma agradável surpresa para mim quando o Dr. Douglas chegou no meu escritório uma manhã e perguntou se eu estaria disposto a dar uma olhada crítica em seu manuscrito.

Então eu li Cocaína Vermelha com muito cuidado. Eu fiquei impressionado. Fiquei impressionado com o quão profissionalmente e objetivamente o Dr. Douglass reuniu e apresentou seus argumentos. Eu vim impressionado com a forma como ele fortaleceu o valor do texto através de notas completas e informativas, representando toda uma dimensão adicional de dados que suporta a tese básica. Ao mesmo tempo, como ele disse que faria no Prefácio, o Dr. Douglass se concentra em dar ao leitor geral e não profissional uma história coerente e informações suficientes para apresentar uma imagem clara sem sobrecarregá-lo indevidamente com detalhes técnicos.

Como corresponde a uma análise desta natureza, a melhor abordagem é deixar os fatos falarem por si mesmos - entendendo, se for caso disso, o argumento. O Dr. Douglass conseguiu admiravelmente. O material de origem está bem desenvolvido e, na minha opinião, deixa claro que a Sejna é uma excelente fonte, que por muitos anos permaneceu sub explorada. Como um profissional de inteligência de longa data, lamento que muito do funcionamento interno - ou não funcionamentos - da comunidade de inteligência precisasse ser examinado em público. Mas acredito que os fatos devem ser confrontados. Que os funcionários, até hoje, são ainda relutantes em enfrentar o que a União Soviética estava fazendo nos anos 60 e 70 é igualmente alarmante. O objetivo deste exercício é apresentar crítica construtiva.

Para aqueles que diriam isso, dado os tumultos cataclísmicos de 1989 no bloco soviético, esta é toda a história antiga, eu respondi: não tão rápido, não tenha tanta certeza. Seja qual for o resultado final desses distúrbios, o fato é que eles não reduziram a capacidade militar das forças armadas soviéticas, mas realmente melhoraram e modernizaram a vasta gama de armas estratégicas intercontinentais soviéticas. Eles ainda não diminuíram os níveis de assistência militar prestados por Moscou a países como Cuba, Coréia do Norte e Angola.

Nem diminuíram as atividades de inteligência do Bloco soviético em todo o mundo. Além disso, por mais gentil que possamos estar inclinados a sentir hoje sobre o "novo" estado soviético, o fato é que não podemos começar a criar um ataque verdadeiramente eficaz contra as drogas, muito menos ganhar a guerra, sem entender tudo sobre o que se sabe sobre as origens e o crescimento do vasto império de narcóticos. Só nesse sentido, o que Jan Sejna tem para nos dizer nas páginas deste livro revela-se de vital importância para todos nós.

O problema da droga tornou-se uma desgraça nacional e uma ameaça significativa para a nossa segurança nacional, bem como para o bem-estar da nossa sociedade livre. É também uma ameaça para a segurança de nossos amigos e aliados, para a saúde e o bem-estar das nações que lutam para se tornarem livres e auto-suficientes na família das nações modernas. É hora de abrir os olhos para todas as facetas do problema do narcotráfico.

A cocaína vermelha coloca os fatos em registro.

Ignoramos a mensagem que revela em nosso próprio perigo.

Dr. RAY S.CLINE
Presidente, Conselho de Estratégia Global
dos Estados Unidos e ex-Diretor Adjunto
de Inteligência, Agência Central de Inteligência.

CAPÍTULO UM

A OFENSIVA DAS DROGAS CHINESAS

Em 1928, Mao Tse-tung, o líder comunista chinês, instruiu um dos seus subordinados confiáveis, Tan Chen-lin, a começar a cultivar o ópio em grande escala[1]. Mao tinha dois objetivos: obter trocas por suprimentos necessários e "drogar a região branca[2]", onde "branco" era um termo ideológico e não racista que Mao costumava se referir a sua oposição não comunista. A estratégia de Mao era simples; Usar drogas para suavizar uma área alvo. Então, depois que uma região capturada tinha sido protegida, proibia o uso de todos os narcóticos e impunha controles rigorosos para garantir que as papoulas permanecessem exclusivamente um instrumento do estado para uso contra seus inimigos.

Mais tarde, Mao falaria em usar o ópio contra os imperialistas como apenas uma fase moderna nas guerras do ópio que começaram no século XIX. O ópio era uma arma poderosa que havia sido usada pelos imperialistas contra os chineses e deveria ser usada contra eles em uma segunda Guerra do Ópio. Foi, Mao explicou a Wang Chen em uma palestra sobre o plano de plantio do ópio, "guerra química por métodos indígenas[3]". No entanto, o fato de que o ópio já havia sido usado contra os chineses era apenas uma desculpa conveniente, não a verdadeira razão. Mao começou a usar o ópio como uma arma política contra o seu próprio povo, os chineses, durante sua tentativa de estabelecer o comunismo em toda a China. Seu uso de ópio expandiu-se simplesmente porque provou ser uma arma muito eficaz.

Assim que Mao tivesse garantido totalmente a China continental em 1949, a produção de ópio foi nacionalizada e o tráfico de narcóticos, direcionados a estados não comunistas, tornou-se uma atividade formal do novo Estado comunista, a República Popular da China.

A operação chinesa de tráfico se expandiu rapidamente. Alvos oficiais foram o Japão, as forças militares dos Estados Unidos no Extremo Oriente, os países vizinhos em todo o Extremo Oriente e o continente dos Estados Unidos. As principais organizações envolvidas no início da década de 1950 eram o Ministério das Relações Exteriores da China, o Ministério de Comércio e o Serviço de Inteligência. A Coréia do Norte também estava traficando narcóticos[4] em cooperação com a China neste momento e estava diretamente relacionada com o fluxo de drogas no Japão e nas bases militares dos EUA no Extremo Oriente[5].

O problema doméstico dos narcóticos no Japão tornou-se grave até 1949[6]. A Divisão de Investigação Criminal das Forças Armadas americanas no Japão, juntamente com as autoridades japonesas, começou a construir uma rede em todo o Japão para

determinar como as drogas estavam entrando no país[7]. Em 1951, os japoneses identificaram oficialmente os narcóticos que entram ilegalmente no seu país e as fontes do tráfico - o que eram os comunistas chinês e norte-coreano. Este tráfico não se limitou ao ópio e à heroína, mas incluiu haxixe, maconha, cocaína e estimulantes sintéticos perigosos, como drogas para hiropon e grupos de aminobuteno[8]. Esses sintéticos particulares foram especialmente perigosos e avaliaram ter sido responsáveis por sérios problemas de saúde que apareceram pela primeira vez no Japão no início da década de 1950.

A experiência dos Estados Unidos foi semelhante à do Japão. Um novo tráfico foi identificado pela primeira vez no final da década de 1940. Os agentes dos narcóticos e alfandegários dos EUA criaram redes para identificar as novas fontes e, em 1951, começaram a tomar grandes quantidades de heroína nos principais portos dos EUA, como New York, San Francisco e Seattle[9]. A heroína estava determinada a ter sido fabricada na China e ao tráfico administrado pelos chineses.

Em conjunto com o surgimento do tráfico internacional chinês de narcóticos em 1949-52, a produção chinesa de ópio aumentou de forma constante e atingiu um patamar de 2.000 a 3.000 toneladas por ano. Esta produção manteve-se estável até 1958-64, quando a produção aumentou para aproximadamente 8 mil toneladas como parte do "grande salto para a frente[10]". As datas desses aumentos são importantes. Como será discutido no Capítulo 11, ao examinar o uso de narcóticos nos Estados Unidos, há duas mudanças abruptas no padrão de crescimento que se destacam. O uso de narcóticos nos Estados Unidos diminuiu durante as décadas de 1930 e 1940. Então, começando em 1949-52, ocorreu um abrupto aumento ao mesmo tempo que o lançamento da operação chinesa de tráfico de narcóticos. Após 1952, o consumo de narcóticos se estabilizou. Então, no final da década de 1950 até o início da década de 1960, um segundo aumento importante começou. Esta segunda mudança abrupta no padrão de crescimento coincide quase que precisamente com uma segunda expansão na operação chinesa de narcóticos e com a entrada da União Soviética no tráfico de narcóticos, como será descrito mais adiante. Esta correlação é uma das indicações de que o crescimento do tráfico de drogas e do uso de drogas nos Estados Unidos e em outros lugares não é um simples processo evolutivo natural, ou um fenômeno dominado pela "demanda do usuário". Em vez disso, existem fortes forças sub-rosa no trabalho estimulando e estendendo o consumo.

No caso do tráfico chinês, não há dúvida de que era uma atividade estatal oficial. Os dados sobre as empresas de tráfico chinês e norte-coreano foram obtidos pela segurança interna japonesa, US Army Intelligence, o Departamento de Narcóticos dos EUA, operando com a assistência de agentes secretos do Tesouro e por ativos secretos da CIA na China[11]. Os dados identificaram claramente fontes de produção, instalações de fabricação e embalagens, redes de tráfico e até organizações de gestão[12]. Como será discutido mais tarde, a operação chinesa de narcóticos também foi penetrada e observada tanto pela inteligência soviética quanto pela inteligência checoslovaca, assim como determinadas operações chinesas de narcóticos realizadas em conjunto com os comunistas na Coréia, Vietnã e Japão.

As operações chinesas de narcóticos também foram descritas por vários funcionários chineses que mais tarde deixaram a China e receberam asilo político em outros países. Um oficial desse tipo que partiu no final da década de 1950 descreveu uma reunião secreta de funcionários do estado em 1952, quando a operação chinesa foi reorganizada e um plano de 20 anos executado[13]. Nesta reunião, foram tomadas decisões para padronizar notas de narcóticos, estabelecer regulamentos de promoção, estabelecer cronogramas de preços projetados para incentivar marketing agressivo, despachar

representantes de vendas, expandir pesquisa e produção e reorganizar as responsabilidades de gerenciamento[14]. Esta informação também é confirmada por dados coletados pelos agentes de inteligência soviéticos e checoslovacos, como será discutido em maior detalhe nos capítulos 4 e 6.

A organização por trás das operações chinesas de narcóticos foi extensa e envolveu muitos ministérios e agências dos níveis nacionais para o local. Essas organizações supervisionaram a recuperação de terras para produção (Ministério das Florestas e recuperação); Cultivo e pesquisa para produzir melhores variedades de papoulas (Ministério da Agricultura); Desenvolvimento de opiáceos (Comité para a Revisão da Austeridade); Gestão de armazenamento e preparação para exportação (Ministério do Comércio); Gestão de organizações de comércio externo (Ministério do Comércio Exterior); Controle estatístico e programação (Conselho de Produção do Governo Central); Finanças (Ministério das Finanças); Marketing através de representantes especiais e intriga política (Ministério dos Negócios Estrangeiros); E operações de segurança e secretas (Ministério da Segurança Pública)[15].

O comércio de tráfico incluiu o contrabando clássico; Transporte por companhias de transporte (tanto conscientes como inconscientemente); Uso de comunistas e chineses étnicos no exterior; Colaboração com sindicatos internacionais do crime organizado; Uso de postos estrangeiros de entidades-mãe do continente; Abuso de privilégio diplomático; Uso de mercadoria de marca normal como cobertura; Transporte por correio; E falsificação ou embalagem com marcas comerciais enganosas[16]. Como se verá mais adiante, a estratégia e as táticas de drogas soviéticas empregam técnicas, organização e gestão bastante semelhantes, alvos e motivações - embora no estilo leninista soviético e em uma escala muito ampliada.

Ao longo dos anos 1950 e 1960, provavelmente o oficial mais importante que exerceu o controle diário sobre as operações de narcóticos da China foi Chou En-lai. Como o principal ideólogo soviético, Mikhail A. Suslov, explicou durante um grande discurso sobre a China em uma reunião do Comitê Central Soviético em fevereiro de 1964, a estratégia de Chou En-lai era “desarmar os capitalistas com as coisas que gostariam de provar [o que significa Drogas]”[17].

O professor J. H. Turnbull foi chefe do Departamento de Química Aplicada no *Royal Military College of Science*, Shrivenham, Reino Unido, e um especialista em tráfico de narcóticos e suas implicações estratégicas. Em 1972, seguindo a publicidade focada no uso maciço de narcóticos contra soldados dos EUA no Sudeste Asiático (ver Capítulo 6), Turnbull preparou um resumo sucinto da estratégia chinesa de tráfico de narcóticos. O tráfico chinês, ele escreveu, foi “direcionado amplamente para os principais setores industriais do mundo livre”. Em termos puramente comerciais, estes oferecem metas óbvias, uma vez que proporcionam tanto mercados grandes como afluentes ...[18]. Esses setores industriais líderes foram particularmente vulneráveis devido à natureza aberta da sociedade subjacente.

A produção e distribuição de drogas, enfatizou Turnbull, foi “uma valiosa fonte de renda nacional e uma poderosa arma de subversão”[19]. Ele então identificou três objetivos básicos das atividades subversivas chinesas empregando drogas: financiar atividades subversivas no exterior; Para corromper e enfraquecer as pessoas do Mundo Livre; E para destruir a moral dos militares dos EUA lutando no Sudeste Asiático[20].

A conclusão de Turnbull foi quase idêntica à alcançada vinte anos antes pelo Comissário dos Narcóticos dos Estados Unidos, Harry Anslinger. É igualmente relevante hoje. A divulgação secreta de narcóticos de ópio, para fins comerciais e subversivos, representa uma das ameaças mais graves para os serviços armados e as sociedades do

mundo livre. A operação subversiva deve ser reconhecida como uma forma peculiar de guerra química clandestina, na qual a vítima se expõe voluntariamente a ataques químicos[21].

Referências ao Capítulo 1:

1. Chang Tse-min, Um Relatório de Acompanhamento dos Crimes Comunistas Chineses na Droga do Mundo (Taipei: Liga Mundial Anti-Comunista, 1979), página 1.
2. Ibid., Página 1; E AH Stanton Candlin, Guerra Psicoquímica: A ofensiva comunista chinesa de drogas contra o Ocidente (New Rochelle, Nova York: Arlington House, 1973), página 73.
3. “Um olhar sobre a estratégia de narcótico comunista chinês” inédito Papel do Major Gen. (Ret.), Sing-yu Chu, Sociedade de Estudos Estratégicos, Taipei. Citado na História do Inside of Red China Opium Sales (Taiwan: Hsueh Hai Press, maio de 1957).
4. Antes e durante a Guerra da Coréia, a Coréia do Norte estava intimamente ligada à China comunista. No entanto, após a guerra, as relações com a China e a Coreia do Norte tornaram-se mais alinhadas com a União Soviética. A Coreia do Norte forneceu inteligência soviética com dados consideráveis sobre o negócio chinês de drogas.
5. Veja o testemunho de um agente secreto do Departamento de Tesouro do Departamento do Tesouro no Congresso dos EUA, Senado, China Comunista e Tráfico de Narcóticos Ilícitos, Audiências perante o Subcomitê para Investigar a Administração da Lei de Segurança Interna e outras Leis de Segurança Interna do Comitê sobre Judiciário, 8, 18-19 e 13 de maio de 1955 (Washington, DC: US Government Printing Office, 1955), páginas 14-17.
6. JH Turnbull, narcóticos de ópio chineses: uma ameaça à sobrevivência do ocidente (Richmond, Surrey, Inglaterra: Foreign Affairs Publishing Company, 1972), página 12.
7. Veja Harry J. Anslinger e William F. Tompkins, The Traffic Em Narcóticos (New York: Funk & Wagnails Company, 1953), páginas 70-116, e Gerd Hamburger, The Peking Bomb (Washington: Robert B. Luce, Inc., 1975), página 54. Veja também Richard Deacon, The Chinese Serviço secreto (New York: Ballantine Books, 1974), páginas 449-450.
8. Congresso dos EUA, Senado, China Comunista e Tráfico de Narcóticos Ilícitos, Audiências perante o Subcomitê para Investigar a Administração da Lei de Segurança Interna e Outras Leis de Segurança Interna do Comitê Judiciário, 8, 18 de março de 1955, 13 de maio de 1955 E 19 de março de 1955 (Washington, DC: Government Printing Office, 1955), páginas 34-91.
9. Victor Lasky, 'Arma Secreta da China Vermelha', em Extensão das Observações do Hon. Norris Poulson, Congresso dos EUA, Casa, registro do Congresso - Apêndice (Washington, D.C .: US Government Printing Office, 23 de abril de 1953), página A2176.
10. Veja Candlin, Psycho-Chemical Warfare: The Chinese Communist Drug Offensive Against the West, op. Cit., Páginas 108-118; Hamburger, The Peking Bomb, op. Cit., Página 235; E China comunista e tráfico de narcóticos ilícitos, op. Cit, página 16.
11. Deacon, The Chinese Secret Service, op. Cit, página 447, relata o uso de até 37 relatórios separados de 26 indivíduos que Deacon acreditava ter entrevistado até 50 a 60 desertores, policiais, agentes secretos, oficiais de esquadra de drogas e oficiais de inteligência.
12. Para detalhes detalhados e mapas de áreas de produção e rotas de tráfico, veja Guerra Psicoquímica: A ofensiva comunista chinesa de drogas contra o ocidente, op. Cit, The Peking Bomb, op. Cit e vários relatórios às Nações Unidas apresentados pelo Comissário dos Estados Unidos sobre Narcóticos, Harry Anslinger.
13. Candlin, Psycho-Chemical Warfare: The Chinese Communist Drug Offensive Against the West, op. Cit, página 195; E Hamburger, The Peking Bomb, op. Cit., Página 59.
14. Tokyo Shinbun, 8 de janeiro de 1953, citado em Richard L. G. Deverall, Mao Tse-tung: pare este negócio sujo de ópio! (Tokyo: Toyoh Printing and Bookbinding Co., 1954), páginas 64-66. Veja também Candlin, Psycho-Chemical Warfare: The Chinese Communist Drug Offensive Against the West, op. Cit, páginas 195197 454-455.
15. Candlin, Psycho-Chemical Warfare: The Chinese Communist Drug Offensive Against the West, op. Cit, página 214.
16. Ibid., Páginas 215-216.
17. Entrevista com Jan Sejna, que esteve presente quando Suslov discutiu detalhadamente o tráfico de narcóticos da China. Estes dados foram derivados da inteligência soviética.
18. Turnbull, Chinese Opium Narcotics, op. Cit, página 15.
19. Ibid., Página 15.
20. Ibid.
21. Ibid., Página 16.

CAPÍTULO DOIS

OS SOVIÉTICOS DECIDEM COMPETIR

Quando a China começou a fazer guerra contra narcóticos e drogas no final da década de 1940, sua estratégia de drogas foi rapidamente identificada. As remessas de drogas foram apreendidas e a inteligência foi coletada, que identificou a fonte como a República Popular da China, juntamente com suas rotas de tráfico, técnicas e até mesmo as principais organizações por trás da produção e distribuição. No caso da União Soviética, a inteligência sobre a operação não estava imediatamente disponível, talvez atestando o cuidado exercido pelos soviéticos no desenvolvimento de técnicas seguras e secretas de marketing antes que a ofensiva de Moscou fosse lançada. Como se verá, a ofensiva soviética foi projetada para ser muito mais extensa do que a operação chinesa, e uma vez no local, foi intensificada quase que anualmente.

Embora a duvidosa distinção de iniciar uma guerra política em grande escala com as drogas vá para os chineses, são os soviéticos que fizeram do tráfico a guerra política efetiva e a arma de inteligência que se tornou - realizando isso quase sem qualquer reconhecimento no Ocidente do envolvimento soviético. Até 1968, uma fonte de superfície no Ocidente possuía conhecimentos detalhados sobre a ofensiva da droga soviética. Até 1986 não havia nenhuma atenção dirigida ao seu conhecimento. A história a seguir é a primeira revelação abrangente do conhecimento detalhado dessa fonte da guerra de narcóticos soviética.

A fonte em questão é Jan Sejna, que desertou da Checoslováquia para os Estados Unidos em fevereiro de 1968[1]. O general Major Sejna era membro do Comitê Central, da Assembléia Nacional e do Presidium e seu grupo do Partido. Ele também foi membro da Administração Política Principal, seu escritório político e um membro do Departamento de Órgãos Administrativos[2]. Ele foi o Primeiro Secretário do Partido no Ministério da Defesa, onde também foi Chefe de Estado-Maior e membro do Kolegium do Ministro. Sua posição mais importante era o Secretário do poderoso Conselho de Defesa, que era o principal órgão de decisão em matéria de defesa, inteligência, política externa e economia. Sejna era um oficial do partido de tomada de decisão e decisão. Ele reuniu regularmente os altos funcionários da União Soviética e outros países comunistas. Ele esteve presente durante o início, planejamento e implementação das operações soviéticas de narcotráfico

O conceito soviético de uso e tráfico de narcóticos como uma operação estratégica, explica Sejna, cirurgião durante Guerra da Coréia. Durante esse conflito, os chineses e norte-coreanos usaram drogas contra forças militares dos EUA para minimizar a eficácia dos direitos e homens alistados e aumentar como o lucro no processo[3]. Os

soviéticos também foram Ajudando a Coréia do Norte na guerra, embora de maneira tão óbvia quanto os chineses.

A guerra proporcionou aos soviéticos a oportunidade de estudar a eficácia das forças e equipamentos dos EUA. A inteligência checoslovaca ajudou os soviéticos. Como parte desta missão de inteligência, a Checoslováquia construiu um hospital na Coréia do Norte. Ostensivelmente construído para tratar as vítimas, o uso real do hospital era como uma instalação de pesquisa na qual os médicos checoslovacos, soviéticos e norte-coreanos no hospital experimentaram prisioneiros de guerra dos EUA e da Coréia do Sul. O oficial checoslovaco responsável pelas operações checoslovacas na Coréia do Norte foi o coronel Rudolf Bobka, de Zpravdajska sprava (Zs), a Administração de Inteligência Militar do Estado-Maior Checoslovaco. O coronel Professor Dr Dufek, um especialista em coração, estava no comando do hospital. Sejna aprendeu sobre o hospital e atividades relacionadas diretamente do coronel Bobka, de vários relatórios e de briefings subsequentes que resumiram os resultados das experiências e usaram os resultados em estudos sobre o potencial estratégico militar do tráfico de drogas[4].

As experiências foram justificadas como preparativos para a próxima guerra. Os prisioneiros de guerra americanos e sul-coreanos foram utilizados como cobaias em experimentos de guerra química e biológica, em testes de resistência fisiológica e psicológica e no teste da eficácia de vários medicamentos de controle mental, que foram usados para fazer com que os militares dos EUA renunciem à América e fale dos benefícios do sistema comunista[5].

Para saber mais sobre a composição biológica e química de soldados americanos e sul-coreanos, foram realizadas autópsias em corpos capturados e prisioneiros de guerra que não sobreviveram às várias experiências. Durante esta atividade, os médicos soviéticos determinaram que uma porcentagem invulgarmente alta de jovens soldados dos EUA sofreu danos cardiovasculares, que eles chamavam de “mini-ataques cardíacos”.

Ao mesmo tempo, a inteligência soviética, que estava estudando o tráfico de drogas na China[6], determinou que os jovens militares dos EUA também eram os usuários mais proeminentes das drogas mais pesadas[7]. Os médicos soviéticos notaram a correlação e hipotetizaram que um dos fatores que provavelmente contribuíram para o dano cardíaco era o abuso de drogas[8].

As notícias do efeito fisicamente debilitante das drogas capturaram a imaginação do líder soviético Nikita Khrushchev. O tráfico de drogas e narcóticos, ele argumentou, deve ser visto como uma operação estratégica que enfraqueceria diretamente o inimigo, em vez de ser apenas uma ferramenta financeira ou de inteligência. Consequentemente, ele ordenou um estudo conjunto civil-militar e sotaque checoslovaco para examinar os efeitos totais do tráfico de drogas e narcóticos na sociedade ocidental; Isso incluiu seus efeitos sobre a produtividade do trabalho, a educação, o militar (o objetivo final naquela época) e seu uso em apoio às operações de inteligência do Bloco soviético. Nem este estudo foi abordado como uma questão de tática ou como simplesmente uma oportunidade de exploração. O potencial de narcóticos foi examinado no contexto da estratégia de longo prazo. Custos e riscos, benefícios e retornos, integração e coordenação com outras operações foram examinados. Mesmo os efeitos das drogas em várias gerações[9], foram analisados por cientistas da Academia Soviética das Ciências.

As conclusões do estudo foram que o tráfico seria extremamente eficaz, que os alvos mais vulneráveis eram os Estados Unidos, o Canadá, a França e a Alemanha Ocidental, e que os soviéticos deveriam capitalizar a oportunidade. O estudo foi aprovado

pelo Conselho de Defesa soviético no final de 1955 ou início de 1956. A principal orientação do Conselho de Defesa em aprovar a ação foi direcionar os planejadores para acelerar o cronograma dos eventos, o que foi possível por causa de certa experiência operacional com narcóticos que já existia dentro dos serviços de inteligência do Bloco soviético, mas sobre o qual as pessoas que prepararam o plano básico não tinham conhecimento[10]. Este plano foi formalmente aprovado quando os soviéticos decidiram iniciar o narcotráfico contra a chamada burguesia, especialmente contra os "capitalistas americanos" - o "Inimigo Principal".

Além disso, o estudo se materializou no momento mais propício para os comunistas, porque, simultaneamente, os soviéticos sob a direção de Khrushchev estavam trabalhando duro para modernizar o movimento revolucionário mundial. Khrushchev acreditava que o movimento havia ficado estagnado sob Stalin, e queria que ele fosse rejuvenescido, para aproveitar as novas condições mundiais.

A estratégia soviética para a guerra revolucionária é uma estratégia global. A estratégia soviética de narcóticos é um subcomponente desta estratégia global e é melhor entendida neste contexto. Embora o alvo principal dessa atividade seja considerado o mundo subdesenvolvido, esse não é o caso. A estratégia e as táticas soviéticas foram desenvolvidas para o mundo inteiro, nos quais os setores mais importantes foram os países industrializados e o alvo mais importante, os Estados Unidos.

A estratégia revolucionária básica atualizada* tomou forma nos anos de 1954 a 1956. Conforme detalhado por Sejna, havia cinco principais esforços na estratégia modernizada. Primeiro foi o treinamento reforçado de líderes para os movimentos revolucionários - os quadros civis, militares e de inteligência. A fundação da Universidade Patrice Lumumba em Moscou é um exemplo de uma das primeiras medidas tomadas para modernizar o treinamento de liderança revolucionária soviética.

O segundo passo foi o treinamento real de terroristas. O treinamento para o terrorismo internacional realmente começou sob a cobertura da "luta pela libertação", no contexto da política de descolonização do Comintern **. O termo "libertação nacional" foi inventado para substituir o movimento de guerra revolucionário por um engano de dois sentidos: fornecer uma cobertura nacionalista para o que era basicamente uma operação de inteligência e fornecer um rótulo que estava semanticamente separado do movimento de guerra revolucionário comunista.

O terceiro passo foi o tráfico internacional de drogas e narcóticos. As drogas foram incorporadas na estratégia para travar a guerra revolucionária como uma arma política e de inteligência para o desdobramento contra as "sociedades burguesas" e como mecanismo para recrutar agentes de influência em todo o mundo.

O quarto passo foi infiltrar-se no crime organizado e, além disso, estabelecer sindicatos do crime organizado patrocinados pelo bloqueio soviético em todo o mundo. O quinto passo foi planejar e se preparar para sabotagem em todo o mundo. A rede para esta atividade deveria estar em vigor em 1972. Devido à estreita associação entre crime

* Nota do Editor: O resumo do general Sejna da estratégia revolucionária global básica desenvolvida após a morte de Stalin não é inconsistente com o relato da estratégia de fraude revolucionária de longo alcance explicada nos dois livros do desertor soviético, Anatoliy Golitsyn [*New Lies for Old and The Perestroika Deception*, op. Cit], que se concentrou principalmente na teoria do engano e sua aplicação no contexto dos preparativos para o desmantelamento do modelo stalinista, realizado sob Gorbachev, à frente da proliferação orquestrada da Revolução Mundial Leninista em uma escala verdadeiramente global, o estágio crítico atualmente sendo com experiência. Recorde a adesão consistente de Gorbachev e a invocação de Lenin em todas as oportunidades, sintetizadas pela seguinte afirmação [Sumário atual da imprensa soviética, 40, número 7, 1988, páginas 3-4]: "Não, não estamos recuando a um único passo do socialismo, do marxismo-leninismo". Além disso, as operações soviéticas de tráfico de drogas começaram com seriedade em 1960, precisamente quando os toques finais estavam sendo colocados na estratégia de engano de longo prazo, ratificada no Congresso do 81-Partido realizado em Moscou em dezembro de 1961 [ver as duas obras de Golitsyn, op. Cit].

** Editor / Votação: O *Comintern* estabeleceu que os impérios coloniais devem ser destruídos como um pré-requisito para a destruição do capitalismo e imediatamente se propuseram a subverter as estruturas de política externa das potências coloniais com esse objetivo em mente. Esta política foi promulgada nas teses do *Comintern* sobre as Perguntas Nacionais e Coloniais contidas nas Teses e Estatutos da Internacional Comunista, adotadas pelo Segundo Congresso Mundial, realizado entre 17 de julho e 7 de agosto de 1920, em Moscou. Foi atualizado no Programa da Internacional Comunista adotado no Sexto Congresso Mundial em 1º de setembro de 1928, que buscava "derrubar o domínio do imperialismo estrangeiro" e declarou que "as revoluções e movimentos coloniais para a libertação nacional desempenham um papel extremamente importante na luta contra o imperialismo". Em 1986, Eduard Shevardnadze, ex-chefe da polícia e do Partido na Geórgia soviética, que o presidente Gorbachev elevou ao cargo de ministro das Relações Exteriores soviético, felicitou o movimento comunista mundial por ter conseguido quase completar esta tarefa histórica.

organizado e narcóticos, a entrada soviética no crime organizado merece um exame mais minucioso. A decisão de Moscou sobre o crime organizado foi feita em 1955. Ele também deveria ser uma operação global direcionada a todos os países, não apenas aos Estados Unidos, embora o crime organizado nos Estados Unidos, juntamente com a França, Grã-Bretanha, Alemanha e Itália, eram alvos primários.

O principal motivo para a infiltração do crime organizado foi a crença soviética de que informações de alta qualidade - informações sobre corrupção política, dinheiro e negócios, relações internacionais, tráfico de drogas e contra-inteligência - se encontravam no crime organizado. Os soviéticos argumentaram que, se pudessem infiltrar-se com sucesso no crime organizado, eles adquiririam um alcance excepcionalmente promissor para o controle de muitos políticos e teriam acesso à melhor informação sobre drogas, dinheiro, armas e corrupção de vários tipos. Um motivo secundário era usar o crime organizado como um mecanismo secreto para a distribuição de drogas.

Como no caso do narcotráfico, os soviéticos reuniram grupos de estudo para analisar o crime organizado, identificar os principais grupos criminosos, desenvolver uma estratégia e táticas para infiltrar os grupos, identificar o que as pessoas poderiam usar para promover a infiltração e para examinar a possibilidade de organizar ou ajudar a organizar novas franquias criminais. Na Tchecoslováquia, os estudos prosseguiram por seis meses. Esses estudos não foram levados levemente; Pelo contrário, eram operações de alto nível envolvendo altos funcionários da inteligência militar, contra-inteligência, inteligência civil e o Departamento de Órgãos Administrativos do Comitê Central.

O primeiro plano foi implementado em 1956. A Checoslováquia recebeu instruções sobre as operações a serem realizadas no âmbito do plano de inteligência, que foi revisado e aprovado no outono desse ano. O plano instruiu a inteligência estratégica checoslovaca a se infiltrar em dezessete diferentes grupos do crime organizado, bem como a máfia na França, Itália, Áustria, América Latina e Alemanha. O Partido Comunista Italiano foi utilizado fortemente na operação de infiltração. Vinte por cento da polícia italiana eram membros do Partido Comunista da época. Esses membros ajudaram os agentes da inteligência do Bloco soviético a se infiltrarem na máfia. Criminosos de guerra, poe exemplo os Alemães, também foram coagidos em ajudar os agentes do Bloco soviético neste esforço, especialmente em toda a América Latina.

A operação checoslovaca foi muito bem sucedida e não custou muito dinheiro. A atividade criminosa organizada foi desenvolvida em torno da coleta de informações e da chantagem; Era uma operação de dois lados. Uma vez dentro, os agentes permaneceram em grande parte passivos; Eles apenas coletaram informações. Então, na oportunidade certa, a informação seria divulgada por razões políticas - por exemplo, desencadear mudanças revolucionárias ou criar uma situação que poderia ser explorada pelos social-democratas. É por isso que a operação foi organizada dentro da unidade responsável pela inteligência estratégica: foi usada para vantagem estratégica.

Os narcóticos, o terrorismo e o crime organizado foram coordenados e utilizados juntos de forma complementar. As drogas eram usadas para destruir a sociedade. O terrorismo foi usado para desestabilizar o país alvo e para preparar um ambiente revolucionário. O crime organizado foi usado para controlar a elite. As três vertentes eram operações estratégicas de longo alcance e os três foram incorporados no planejamento do Bloco soviético em 1956.

Marketing secreto de drogas e narcóticos, e treinamento de quadros de inteligência. Os soviéticos queriam esconder sua operação dos chineses e especialmente do ocidente, para evitar a aceitação perturbadora da coexistência pacífica com a estratégia soviética. Porque a estratégia de narcóticos era nova na maioria dos seus detalhes, as habilidades de inteligência necessárias tinham que ser desenvolvidas e passou para os agentes. Esta atividade de treinamento envolveu não só os soviéticos, mas os agentes de inteligência da Europa Oriental também.

Além disso, durante o final da década de 1950, um programa de pesquisa foi realizado para obter dados quantitativos sobre os efeitos reais de diferentes drogas em soldados, o que envolveu o uso de soldados soviéticos como cobaias. Como parte desta pesquisa, um programa de espionagem foi iniciado para penetrar nos centros médicos e científicos ocidentais, especialmente os de natureza militar, para determinar o quanto o Ocidente sabia sobre os efeitos das drogas sobre as pessoas - particularmente seus efeitos sobre a eficácia militar de combate e tomando uma decisão.

Em paralelo, os serviços de inteligência do Bloco soviético foram direcionados para saber o quanto os serviços de inteligência ocidentais conheciam sobre o negócio de drogas e quais os grupos de drogas que se infiltraram. Uma das questões importantes abordadas neste estudo foi a natureza e a eficácia da capacidade dos serviços de inteligência ocidentais de monitorar a produção e distribuição de drogas[12]. Vários anos depois, Sejna deveria aprender os resultados desse estudo diretamente do chefe do Estado-Maior soviético, marechal da União Soviética, Matvey V. Zakharov.

Zakharov disse que a inteligência soviética concluiu que a inteligência e a contra inteligência dos EUA eram cegas e que isso facilitava a operação da droga soviética. As operações de inteligência dos Estados Unidos foram concentradas, junto com as britânicas, no tráfico de narcóticos através da Tailândia e de Hong Kong, onde havia tanta atividade de drogas e corrupção associada que nenhuma informação útil sobre o tráfico de drogas soviético poderia ser coletada. O “ruído de fundo” era simplesmente ótimo demais.

Durante os estudos, o uso de narcóticos e drogas tornou-se reconhecido como uma dimensão especial da guerra química. Na Checoslováquia, a pesquisa de drogas e narcóticos foi formalmente adicionada ao planejamento militar, como uma dimensão da pesquisa de guerra química. Esta pesquisa incluiu testes sobre os efeitos das drogas sobre o desempenho militar - por exemplo, sobre o desempenho do piloto, que foi estudado na *Helth Administration of the Rear Service*s e nos Instutos de Saúde da Força Aérea.

Finalmente, o estudo básico sobre o impacto das drogas no Ocidente foi ampliado para melhorar a identificação de grupos e regiões a serem direcionados. Este estudo adicional foi da responsabilidade do Departamento Internacional (Estrangeiro) do Comitê Central do CFSU (Partido Comunista da União Soviética). Foi, de fato, um estudo de mercado político e técnicas de marketing.

Uma das últimas medidas a serem iniciadas antes do início da operação real de tráfico de massa foi o estabelecimento de centros de treinamento para traficantes de drogas. No caso da Tchecoslováquia, os centros de treinamento eram operações

conjuntas soviéticas e checoslovacas. Havia dois centros civis de treinamento gerenciados pela inteligência, que foram planejados conjuntamente por funcionários da KGB (Soviética) e funcionários checoslovacos da Segunda Administração do Ministério do Interior (a Segunda Administração era a contraparte checa da inteligência da KGB)[13]; E centros de treinamento geridos pela inteligência militar, que foram planejados conjuntamente pelo GRU (Inteligência Militar Soviética) e sua homóloga checoslovaca, Zs.

Estes planos foram desenvolvidos em 1959, como recorda o general Sejna, e a revisão dos planos e decisão do Conselho de Defesa para financiá-los, seguindo as instruções do Conselho de Defesa soviético, ocorreu em 1959 ou 1960. O centro de treinamento Zs (inteligência militar) foi Localizado em uma base Zs checoslovaca.

Em Petrzalka, um subúrbio de Bratislava, situado na fronteira austríaca. O centro de treinamento da Segunda Administração estava localizado ao lado de Liberec, na fronteira da Alemanha Ocidental. Cada curso consistiu em três meses de treinamento intensivo. Enquanto a doutrinação no marxismo-leninismo estava presente, a ênfase era estritamente no negócio de drogas. Os soviéticos forneceram aos checoslovacos uma cópia do calendário soviético e planos de aula, que os checoslovacos copiaram. O curso incluiu instruções em:

- A natureza do negócio de drogas, tipos e qualidade;
- Meios de produção;
- Organização de distribuição;
- Mercados e compradores de medicamentos;
- Segurança;
- Infiltração de redes de produção existentes;
- Como usar a experiência das redes de inteligência;
- Comunicações nas organizações de medicamentos;
- Como passar informações de inteligência; e,
- Como recrutar fontes de inteligência.

Nos centros Zs, dois grupos diferentes foram processados para treinamento, e estes alternaram. O primeiro grupo foi recrutado pelos serviços de inteligência militar e civil. Este grupo era estritamente para criminosos de drogas - os participantes não eram nem comunistas nem ideologicamente motivados. A palavra “criminosos” é mostrada aqui com aspas, porque é isso que o treinamento foi para produzir. No entanto, todos os recrutas foram cuidadosamente examinados por contra-inteligência militar ou civil para se certificar de que os recrutas estavam limpos; Isto é, que eles não tinham antecedentes criminais ou um segundo plano na corrupção que os tornava suscetíveis a chantagem por parte de outra parte. Muitas vezes, os recrutas eram filhos ou filhas de pessoas em cargos de poder. Essas pessoas, e os riscos potenciais que seriam associados ao recrutamento, frequentemente eram objeto de discussões específicas no Conselho de Defesa da Checoslováquia.

O segundo grupo eram pessoas recomendadas pelos Primeiros Secretários dos vários partidos comunistas estrangeiros. Estes eram comunistas que eram considerados leais à causa. Eles também foram cuidadosamente examinados por contra-inteligência militar ou civil antes de serem admitidos no curso. O treinamento deles foi ligeiramente diferente, porque seu tráfico também se destinava a servir um propósito político local e porque eles operavam e comunicavam através de diferentes canais especiais (Partida ou inteligência). O tráfico de drogas (e treinamento) foi fortemente orientado para apoiar o primeiro secretário dos partidos comunistas locais; Por exemplo, para comprometer os líderes da oposição.

Além dos instrutores checoslovacos, os soviéticos frequentemente ofereciam dois instrutores para cada curso que possuíam experiência prática. Na maioria das vezes, estes eram latino-americanos ou outros que olhavam a parte e falavam espanhol com fluência. Esses instrutores apresentariam seminários sobre problemas práticos e experiências da vida real.

Conforme indicado acima, os cursos funcionaram por três meses. Assim, um total de quatro grupos treinados a cada ano. O primeiro grupo a assumir o curso da Zs na Tchecoslováquia foi pequeno sete futuros criminosos de drogas, constituídos por quatro latino-americanos, dois alemães ocidentais e um italiano ou francês, como recorda Sejna. Em 1964, o tamanho do grupo se expandiu para catorze, e até o final da década de 1960, atingiu a capacidade total, vinte. Assim, um total de cerca de trinta estudantes foram treinados no primeiro ano no centro Zs da Tchecoslováquia e, em 1968, a produção anual dos graduados atingiu os oitenta.

O segundo centro de administração era de tamanho similar. Além disso, centros de treinamento de traficantes similares que Sejna conhecia foram estabelecidos na Bulgária, Alemanha Oriental e na União Soviética. E em 1962-63, a Checoslováquia foi dirigida pelos soviéticos para ajudar a Coréia do Norte, Vietnã do Norte e Cuba a estabelecerem centros de treinamento. Na suposição pouco confiável de que cada centro de treinamento era o tamanho mínimo, cada um operava em sua capacidade ou perto, e nenhum outro centro existia ou foi adicionado depois que Sejna partiu, o número de graduados hoje seria superior a 25.000.

Os alunos que participaram do curso nos centros checoslovacos foram principalmente da América Latina, Europa Ocidental, partes do Oriente Médio, Canadá e Estados Unidos. O foco da Bulgária foi no Oriente Médio e no sudoeste da Ásia - Turquia, Afeganistão, Paquistão, Líbano e Síria. A Alemanha Oriental tratava europeus ocidentais e escandinavos, e todos os países ajudaram com cidadãos do Extremo Oriente.

O curso foi gratuito, todas as despesas pagas. Os graduados retornaram aos seus respectivos países e aplicaram suas habilidades. Algumas construíram operações independentes, outras colaboraram com operações em andamento. Aqueles que se desviaram e tentaram “mudar de lado” foram mortos[14]. Todos retornaram diretamente uma porcentagem de seus ganhos para a União Soviética, o que reembolsaria os serviços de inteligência dos países satélites que realizaram o treinamento. No caso da Checoslováquia, seu corte foi de 30% das taxas recebidas pelos soviéticos[15].

O estabelecimento desses centros de treinamento completou os preparativos para a estratégia de drogas. Essas atividades - desenvolvimento estratégico, treinamento, pesquisa, espionagem e análise de mercado - foram as principais atividades da ofensiva soviética das drogas no final da década de 1950. Onde havia operações de inteligência envolvendo o tráfico real, estas eram mais na natureza de sondas limitadas, testes e continuação de práticas de inteligência anteriores. O tráfico real, da perspectiva de Sejna, não começou até 1960, altura em que a estratégia de marketing foi elaborada, agentes de inteligência estratégica foram treinados e as escolas de treinamento estavam transformando traficantes indígenas de drogas.

Referências ao Capítulo 2:

1. Jan Sejna, We Bury You (London: Sidgwick & Jackson, 1982).
2. O Departamento de Órgãos Administrativos é um dos dois ou três departamentos mais importantes do Comitê Central. Este departamento é responsável pelo Ministério da Defesa, pelo Ministério do Interior (KGB) e pelo Ministério da Justiça. é o departamento mais importante no que diz respeito à defesa, inteligência e fraude.
3. No testemunho do Congresso e nos relatórios oficiais da Divisão de Narcóticos do Departamento do Tesouro dos

EUA, a Guerra da Coréia é descrita como tendo sido “financiada unicamente pela venda de narcóticos ilícitos”. Lasky, Arma Secreta da Red China, op.cit, página A2176.
4. O briefing mais significativo, que aconteceu em 1956, incluiu o Dr. Dufek, o Coronel-Geral Miroslav Hemalla da Administração Militar de Saúde, que mais tarde se tornou um general e chefe da Administração de Saúde Militar, o Coronel Dr. Plzak, cuja especialidade era a central Sistema nervoso e que praticaram no hospital experimental da Coréia do Norte e vários outros especialistas médicos. Havia inteligência dispersa em certas experiências que haviam suscitado uma grande preocupação dentro da inteligência dos EUA e dentro do Exército dos EUA. Veja, por exemplo, John Ranelagh, The Agency: The Rise and Decline of the CIA (Nova York: Simon e Schuster, 1986), página 215, e Senado dos EUA, Comitê seleto para estudar operações governamentais em relação a atividades de inteligência, Estrangeiro e Inteligência militar: livro 1 (Washington, DC: US Government Printing Office, 26 de abril de 1976), páginas 392-393.
5. A preocupação da CIA sobre o uso de LSD soviético, chinês e norte-coreano em outras experiências em mente e dobrando se tornou real durante a Guerra da Coréia. A preocupação era aparentemente válida e justificada, mas faltava compreensão das dimensões e dos objetivos dos programas comunistas. Infelizmente, essa preocupação levou à experimentação tragicamente aberrante da inteligência dos EUA, que surgiu durante as audiências do Congresso de 1975-76. Veja, por exemplo, Senado dos EUA, Relatório Final do Comitê Seleto para Estudo de Operações Governamentais com respeito a Atividades de Inteligência, Inteligência Estrangeira, Livro 1 (Washington, D.C .: US Government Printing Office, 1976), páginas 392-420.
6. O interesse soviético pelo uso de drogas remonta a meados da década de 1930, quando os soviéticos eram experientes. Merecendo drogas como uma ferramenta revolucionária. Um exemplo particularmente interessante do uso de drogas a este respeito é relatado por A. H. Stanton Candlin. Ele afirma que, em 1934, o Comintern experimentou o uso de maconha na cidade de Nova York para estimular estudantes radicais contra a polícia de Nova York. O comportamento de jovens drogados e não utilizados foi comparado “Durante o combate que resultou, era óbvio para os observadores que o grupo drogado era muito mais efetivo do que o não utilizado. Os primeiros eram insensíveis à dor e também continuavam a lutar e a resistir vigorosamente depois de terem sido presos. Assim que eles estavam na delegacia de polícia, a ACLU [União Americana de Liberdades Civis] apareceu na cena e resgatou-os. Todos os rebeldes foram levados para a *Rand School of Social Science* (listados como uma organização comunista pelo governo federal), onde foram submetidos a exames médicos e psiquiátricos ... Dois dias depois, realizou-se uma conferência tendo como objeto o uso de A maconha como meio condicionante para tumultos e violência revolucionária. Conheceu-se na sede da Liga para a Democracia Industrial ... Principais personalidades do Partido Comunista ... participaram”. O principal orador, Rosito Carrillo (um apelido), explicou que o México tinha sido o campo de prova para uma nova técnica de condicionamento mental, usando maconha, que aumentava o espírito revolucionário. As emoções e os estados de medo, apreensão e indecisão podem ser inibidos e os sentidos parcialmente anestesiados contra a dor e até mesmo a irritação causada pelo gás lacrimogêneo.
A maconha, ou o haxixe, podem ser concentrados o suficiente, disse Carrillo, para provocar inconsciência e até mesmo dano cerebral permanente. Ele explicou que era uma arma valiosa no arsenal comunista para ajudar a minar e derrubar o sistema capitalista. Os oradores surgiram e propuseram uma campanha de longo alcance para ganhar aceitação legal da maconha e outras drogas similares, usando como argumento o direito à liberdade de escolha individual. AH Stanton Candlin, Psycho-Chemical Warfare: The Chinese Communist Drug Offensive Against the West (New Rochelle, New York: Arlington House, 1973), páginas 4547. Além disso, o uso de drogas para subjugar sociedades no mesmo sentido que as drogas eram Usado por Mao Tse-tung teria sido examinado pela primeira vez pelo Comintern em meados da década de 1930. Além disso, o uso de drogas como armas de inteligência pelos serviços de inteligência soviéticos para corromper e extorquir funcionários estrangeiros antecede a Guerra da Coréia.
Parece razoável sugerir que essa história de interesse soviético no uso de drogas como armas e ferramentas revolucionárias estimulou os soviéticos a assistir com considerável cuidado e estudar o impacto do tráfico chinês sobre a eficiência de combate das forças dos EUA e sul-coreanas, que então Levou à decisão de que as drogas eram realmente uma arma valiosa cujo uso deveria ser explorado. [O uso de drogas pelos comunistas norte-vietnamitas e chineses para intensificar o espírito de ataque também foi relatado nos últimos anos. Em um artigo que recaptura experiências pessoais no Vietnã, dois exemplos são apresentados: a forma como o gás lacrimogêneo não afetou a NVA leva-me a acreditar que foram empurrados para drogas. E: Muitas das NVA que matamos dentro do nosso fio foram vendadas - aquela noite. Era óbvio que eles haviam enviado seus feridos de volta para lutar a batalha. Isso me assustou - até o ponto de não acreditar que as pessoas que já haviam sido feridas e desordenadas ainda queriam lutar. Eu pensei que eles tinham muito mais drive do que eu tinha. Essas pessoas eram assustadoras, como se fossem quase sobre-humanas. Encontramos drogas - seringas e produtos químicos. Eric Hammel, 'Khe Sanh: Ataque no monte 861 A, Marine Corps Gazette, fevereiro de 1989, páginas 48,49.
Além disso, em 4 de junho de 1989, uma rede de notícias Cable divulgada nos combates em Pequim, em que os soldados chineses foram especialmente brutais em seu ataque contra estudantes que estavam se revoltando contra o regime comunista, relatou que a presença de drogas foi identificada no sangue e urina de soldados que foram hospitalizados. Os soldados disseram que receberam injeções ou “vacinas” antes de se envolverem os alunos porque a Tienanmen Square estava suja. Relatórios subseqüentes da Europa indicaram, além disso, que os soldados receberam condicionamento de ódio psicológico em conjunto com a administração de drogas antes do ataque deles. O primeiro uso de drogas sintéticas para estimular soldados atacantes pode ter sido realizado pelos alemães na Segunda Guerra Mundial. Considere: Quando os exércitos alemães travaram o “blitzkrieg” ou “Lightning War” através da França e das Lowlands em 1940, as forças aliadas não foram compatíveis com sua resistência e ferocidade. Os alemães lutaram como homens possuídos, e eles eram. Seus farmacêuticos sintetizaram a metedrina, uma droga energizante barata mas poderosa que permitia que seus soldados lutassem vigorosamente por semanas a cada vez sem dormir e comida

pequena. William Glasser, M.D., tome o controle efetivo de sua vida (New York: Harper &: Row, 1984, página 138). Outra descoberta relacionada é relatada por Michael Isikoff em “Usuários de Crack Cocaine Link Violence to Drug's Influence”, Washington Post, 24 de março de 1989, página A10. Isikoff relata sobre estudos que claramente ligaram o comportamento violento com crack cocaína. Quase metade dos chamadores de uma linha direta de cocaína informou que eles haviam perpetrado crimes violentos, a maioria sob a influência da droga. Não houve diferença perceptível entre usuários do sexo feminino e masculino.

7. O uso de drogas durante a Guerra da Coréia, embora grave, não foi tão generalizado quanto foi durante a Guerra do Vietnã. Na verdade, muitas pessoas que serviram na guerra não estavam cientes do problema, o que tendem a ser mais marcados em locais específicos do que em outros. Por exemplo, uma área identificada por um ex-especialista em contra-inteligência, onde o uso de drogas duras foi especialmente notável foi entre os batalhões estibados em Pusan.

8. O pessoal médico dos EUA também identificou danos cardiovasculares entre os jovens militares dos EUA. O atribuiu a causa da dieta. Os médicos soviéticos, também, reconheceram o possível contributo da dieta, e, além disso, observaram a contribuição igualmente possível do uso de drogas entre os militares dos EUA. Foi essa última possibilidade que capturou a imaginação de Khrushchev. Embora os relatórios sobre os efeitos adversos médicos das drogas tenham aparecido na década de 1970 na literatura médica ocidental, esses efeitos realmente não receberam atenção médica até a década de 1980. Pesquisas recentes amarraram cocaína, heroína, maconha e outras drogas para danos cardiovasculares e danos cerebrais. Veja, por exemplo, Louis L. Cregler, MD e Herbert Mark, MD, “Complicações médicas do abuso de cocaína”, New England Journal of Medicine, 4 de dezembro de 1986. Em muitos aspectos, a ciência soviética, no que se refere ao militar e à inteligência Operações, está muito à frente da ciência ocidental. Tome a questão crucial das consequências do uso de drogas ao longo de gerações sucessivas. Em 1990, o Wall Street Journal informa que “o uso de várias gerações é uma das grandes áreas inexploradas na guerra contra as drogas, em parte porque o fenômeno é tão recente”. David Shribman, a geração dos anos 60, uma vez alta em drogas, alerta suas crianças. Wall Street Journal, 26 de janeiro de 1990, página 1. Os cientistas soviéticos estudavam esse fenômeno em meados da década de 1950.

9. O quanto os soviéticos sabiam sobre os efeitos das drogas em meados da década de 1950 não é conhecido. Parece que, devido ao seu interesse, por exemplo, no controle mental e no uso de drogas para estimular a atividade revolucionária, eles poderiam ter sabido muito mais do que era conhecido no mundo livre. A identificação soviética dos efeitos nocivos das drogas no sistema cardiovascular parece ser antes de um reconhecimento semelhante no Ocidente por muitos anos. A questão dos efeitos das drogas sobre as gerações sucessivas só recentemente recebeu atenção nos Estados Unidos; Nota uma crescente preocupação com as incapacidades permanentes e as capacidades mentais reduzidas de crianças nascidas de mulheres que estão com drogas, mesmo com maconha. Veja, por exemplo, Michael Abramowitz, “Usuários de cocaína grávida reduzem o risco parando”, Washington Post, 24 de março de 1989, página A10.

10. Isso provavelmente se referirá à experiência soviética no uso de drogas para estimular e, de outra forma, promover a atividade revolucionária e a experiência de seus serviços de inteligência no uso de drogas para extorquir e subornar funcionários estrangeiros. Uma experiência considerável também foi obtida através da experimentação extensiva com drogas para fins de controle mental. Além disso, os soviéticos estavam experimentando e promovendo o uso de drogas como o LSD para criar incapacidades mentais. Este trabalho é descrito em um livro comunista, Manual Comunista de Instruções de Guerra Psicológica, usado nos Estados Unidos para “capturar as mentes de uma nação através de lavagem cerebral e falsa saúde mental”, como descrito por Kenneth Goff, um ex-comunista virou anti-Cruzado comunista [veja também a Introdução a este livro, a Segunda Edição do presente trabalho]. O livro de texto contém um discurso introdutório sobre psicopolitics por Lavren-tiy Beria, do Ministério dos Assuntos Internos soviético, no qual afirma que a psicopolítica é uma carga solene. Com isso, você pode apagar nossos inimigos como insetos. Você pode paralisar a eficiência dos líderes ao atrapalhar a insanidade para suas famílias através do uso de drogas. O texto em si afirma que “fazendo drogas prontamente disponíveis de vários tipos, dando ao adolescente álcool, ao louvar sua natureza selvagem, estimulando-o com literatura sexual e propaganda para ele ou suas práticas como ensinado na Sexpol, o operador psicopolitical pode criar A atitude necessária de caos, ociosidade e inutilidade em que pode então ser lançada a solução que dará ao adolescente uma liberdade total em todos os lugares - o comunismo”. BrainWashing: uma síntese do livro de texto comunista sobre *psicopolitics*, publicado por Goff, 1956.

11. Uma boa descrição da estratégia de coexistência pacífica de Khrushchev está contida em Sejna, We Will Bury You, op. Cit., Páginas 22-36. Veja também Raymond S. Sleeper, editor, Mesmerized by the Bear (New York: Dodd Mead & Company, 1987), páginas 216-219.

12. Desde 1973, por iniciativa da Alfândega dos EUA e do *Bureau of Narcotics and Dangerous Drugs*, os Estados Unidos têm compartilhado as técnicas de controle de tráfico de narcóticos dos EUA e inteligência sobre organizações de tráfico com várias agências de alfândega do Soviete Bloc (inteligência). Em 1988, o Departamento de Estado dos EUA e a *Drug Enforcement Administration* informaram que estavam negociando para compartilhar informações de tráfico de drogas com a União Soviética, incluindo amostras de drogas possivelmente englobadas em diferentes redes de produção e distribuição. Isso é discutido em detalhes no Capítulo 9.

13. Houve uma confusão considerável no Ocidente (e no Oriente, para esse assunto) sobre a estrutura dos serviços de inteligência do Bloco soviético. Isso foi natural, porque a inteligência é altamente classificada e a classificação inclui a estrutura e a organização dos próprios serviços de inteligência. Na Checoslováquia, provavelmente o componente mais conhecido do serviço de inteligência foi o StB ou a Segurança do Estado (Statni Bezpecnosti, que antes de 1967 era conhecido como *StB* ou *State Secret Security (Statni Tajna Bezpecnost*). Seu nome foi alterado em 1967 para remover o O “segredo”, em uma tentativa de melhorar a sua imagem. Apesar da publicidade anexada ao StB, há poucas pessoas, mesmo na Tchecoslováquia, e mesmo no serviço de inteligência checoslovaco, que entendiam o que era o StB e como ele se encaixava no Sistema de inteligência checoslovaco em geral. Muitas vezes, StB foi usado genericamente para

descrever qualquer atividade em todo o sistema de inteligência civil. Mas isso foi incorreto e foi onde a confusão começou. [O autor explicou ainda, na primeira edição do presente trabalho]: O serviço de inteligência civil é organizado no Ministério do Interior. O ministério está funcionalmente organizado em administrações separadas. A Primeira Administração é uma contra-inteligência civil. Este é o StB. Esta é a organização responsável por acompanhar os civis checoslovacos e por rootear traidores e outros inimigos do estado. A Segunda Administração é a inteligência civil (distinta da inteligência militar, que é organizada dentro da Administração de Inteligência Militar do Estado Maior). Esta é a organização responsável pelas operações de inteligência fora da Tchecoslováquia; Isto é, operações de inteligência estrangeiras, como espionagem, sabotagem política, fraude e desinformação e roubo de tecnologia. Um excelente exemplo da confusão que existe é um artigo sobre o "pavor policial secreto" publicado durante as revoltas na Europa Oriental [1989-90]. O StB foi considerado pelos diplomatas ocidentais como o mais cruel e eficiente de todos os serviços de segurança do leste europeu ... Internacionalmente, o KGB da União Soviética usou frequentemente o StB como um substituto por fazer seu trabalho sujo. A conexão do StB com organizações terroristas internacionais - através da fabricação do explosivo explosivo plástico Semtex [um explosivo plástico favorecido por terroristas porque ele emite alguns vapores reveladores e é muito difícil de detectar] - é outro mistério. Dan Morgan, *'Amateurs Probe Dread Secret Police'*, Washington Post, 14 de dezembro de 1989, página 41.Aqui, o autor está misturando, ou combinando, a primeira e Segunda Administrações. Ambos são implacáveis e eficientes. Os diplomatas ocidentais na Tchecoslováquia terão mais contato com o StB ou a Primeira Administração do que com a Segunda Administração, embora sem o conhecimento deles. A Primeira Administração entrará em contato com eles para aprender sobre espiões na Tchecoslováquia. A Segunda Administração tentará recrutá-los para espionar a Checoslováquia. Fora da Tchecoslováquia, quase todos os contatos serão feitos pela Segunda Administração. E, enquanto ambas as administrações são usadas como substituta pelo KGB, internacionalmente é a Segunda Administração, que é o substituto das operações de inteligência do KGB, e é na Segunda Administração e na inteligência militar onde as operações terroristas e o apoio as proporcionou, como a produção de Semtex - estão organizadas. Além disso, o tráfico de drogas é organizado dentro da Segunda Administração e dentro da inteligência militar, não no StB, embora o StB tenha uma tarefa de contra-espionagem, que é compartilhada com a Terceira Administração, contra-inteligência militar. Muitas vezes, há uma confusão quanto à importância e ao papel da inteligência militar. Isso provavelmente deve-se ao número preponderante de fontes (desertores) da inteligência civil e à relativa escassez de fontes de inteligência militar. A maioria dos funcionários de inteligência civil não conhece muito sobre operações de inteligência militar e, consequentemente, tendem a minimizar a importância da inteligência militar. Outra confusão é a noção de que o StB 'opera como um estado dentro de um estado, descontrolado por seus supostos superiores no Ministério do Interior do Comitê Central do Partido Comunista'. O controle é a essência do sistema comunista aberto. Tudo e todo mundo estão controlados. É o primeiro secretário que exerce o maior controle. Sob ele, existem inúmeros comitês e comissões que também exercem controle, muitas das quais, por sua vez, são controladas pelo Primeiro Secretário. Além disso, dentro dos países satélites, a União Soviética possui seus próprios mecanismos de controle. Pensar que as organizações, incluindo o StB, correm desenfreadas sem controle é ignorar uma das características mais importantes da estrutura interna do sistema comunista. Além da inteligência civil e da contra-inteligência, há uma variedade de outras subdivisões ou administrações importantes dentro do Ministério do Interior que são componentes importantes do sistema de inteligência e segurança. Estes são: contra-inteligência militar, segurança pública (polícia), controle de passaportes, investigações, cadeias, tropas interiores, tropas fronteiriças, serviço aduaneiro, censura, apoio a diplomatas estrangeiros e embaixadas e finanças. Ao comparar os serviços de inteligência checoslovacos e soviéticos, o Ministério do Interior checoslovaco é comparável ao KGB soviético (*Komitet Gosu-darstvennoy Bezopasnosti* ou Comitê de Segurança do Estado). A principal diferença é que a segurança pública (polícia) na União Soviética não é abrangida pela KGB. A Segunda Administração da Checoslováquia é comparável àquela parte da KGB que lida com a inteligência, distinta da contra-inteligência, investigações, costumes e assim por diante.

14. Quando o plano de inteligência foi revisado em 1965 ou 1966 pelo Conselho de Defesa da Checoslováquia, um dos membros perguntou sobre a eficácia do programa. Naquela época, explicava o chefe da inteligência militar, apenas sete diplomados não tinham tido sucesso. Desse número, duas pessoas haviam sido mortas pela inteligência checoslovaca quando tentaram alternar os lados.

15. O general Sejna esteve presente em uma discussão com o Primeiro Secretário do Partido Comunista de El Salvador, que foi informado diretamente de que, em troca de armas e material militar, a responsabilidade de seu Partido era ajudar os checoslovacos a pagar as armas por meio de drogas. O Primeiro Secretário respondeu que o mercado em El Salvador era limitado, mas, se fosse expandido para incluir os Estados Unidos e o Canadá, nenhum de nós teria um problema de dinheiro. O oficial checoslovaco que estava no comando então aconselhou-o que os Estados Unidos e o Canadá eram os principais alvos.

CAPÍTULO TRÊS

CONSTRUÇÃO DA REDE DE DROGA LATINO-AMERICANOS

O componente da Checoslováquia da ofensiva Soviética de droga começou em 1960 em duas frentes, Ásia (Indonésia, Índia e Burma) e da América Latina (Cuba). Devido a relevância especial de Cuba para o crescimento em drogas ilegais e narcóticos nos Estados Unidos, a operação de SovietCzechoslovak-cubano merece detalhadamente.

No final do verão de 1960, apenas um ano e meio depois de Fidel Castro tomou o poder, seu irmão Raul Castro visitou a Tchecoslováquia em busca de assistência e ajuda militar. Naquela época, Fidel e os soviéticos não confiavam uns aos outros, por isso é que os cubanos primeiro se aproximaram da Checoslováquia, ao invés da União Soviética. Sejna foi responsável por receber a delegação cubana e servindo como seu anfitrião durante a sua visita. Uma de suas primeiras ações foi providenciar Raul visitar a União Soviética e conhecer Khrushchev[1]. Na sequência dessa visita, os soviéticos dirigido a Checoslováquia para trabalhar com os cubanos e pavimentar o caminho para uma eventual ocupação soviética, de Cuba. Os soviéticos queriam Checoslováquia para assumir a liderança, escondendo o papel da União Soviética. Eles não queriam estar ciente da operação Soviética para infiltrar-se e assumir a Cuba de Fidel Castro e eles não queriam os Estados Unidos para ser alertado para o que estaria acontecendo.

Cuba e a Checoslováquia assinaram um acordo pelo qual os checoslovacos ajudariam os cubanos a obter equipamentos militares, treinar os cubanos no planejamento e operações militares e ajudar a organizar inteligência e contra-inteligência cubanas[2]. Em troca, Cuba concordou em se tornar um centro revolucionário[3] no Ocidente e permitir que a Tchecoslováquia estabelecesse uma estação de inteligência em Cuba. Dezesseis conselheiros checoslovacos foram a Cuba para fornecer treinamento e ajudar a estabelecer suas operações de inteligência e contra-inteligência. Cerca de cinquenta por cento dos consultores checoslovacos e agentes de inteligência que foram a Cuba foram, na verdade, soviéticos que operavam sob a cobertura checoslovaca. Dentro de três anos, todos os checoslovacos em posições-chave seriam substituídos pelos soviéticos. Assim, desde o início, a inteligência e as estruturas militares cubanas foram fortemente influenciadas pelos soviéticos. Em menos de dez anos, os soviéticos estavam em total controle. Depois que os primeiros cubanos foram treinados como agentes de inteligência, eles receberam suas primeiras direções de Moscou através da Checoslováquia: infiltrar os Estados Unidos e todos os países latino-americanos[4] e produzir e distribuir drogas e narcóticos para os Estados Unidos. As instruções do

Conselho de Defesa soviético foram para o Conselho de Defesa da Checoslováquia e daí para Cuba. Os conselheiros checoslovacos ajudaram os cubanos a iniciar a produção de drogas e narcóticos como uma questão de maior prioridade e também os ajudaram a estabelecer rotas de transporte através do Canadá e do México, onde os checoslovacos tinham boas redes de agentes nos Estados Unidos. Rudolph Barak, o ministro do Interior da Checoslováquia e, como tal, o chefe da inteligência civil, ajudou pessoalmente a estabelecer a operação cubana. Desde o início, Barak estava constantemente empurrando os soviéticos para ir mais rápido e mais longe. Ele queria acelerar a produção e fazer uso mais eficaz das redes de agentes checoslovacos na América Latina, Ásia, Áustria e Alemanha Ocidental[5].

Assim que a operação básica de fabricação e tráfico de drogas cubano começou, as instruções foram recebidas do Conselho de Defesa soviético para expandir a ofensiva. Em 1961, a Checoslováquia recebeu instruções do Conselho de Defesa soviético para a inteligência cubana para infiltrar as operações de drogas existentes na América Latina e nos Estados Unidos e para preparar a base para "recrutar" essas operações independentes. A ordem foi apresentada ao Conselho de Defesa da Checoslováquia pelos Ministros da Defesa e do Interior. Como Secretário do Conselho de Defesa da Checoslováquia, a Sejna foi responsável pela coordenação e agendamento de tais direções e subsequentes atribuições. O plano checoslovaco para implementar o pedido foi coordenado e aprovado pelo Departamento de Órgãos Administrativos Soviéticos do Comitê Central do PCUS.

O principal objetivo da infiltração foi obter informações sobre indivíduos que foram corrompidos pelo tráfico de drogas e narcóticos. Os principais grupos-alvos que foram identificados foram militares, policiais, governamentais, políticos, religiosos e de negócios. Alvos adicionais eram instituições científicas, indústria militar e universidades. Um objetivo secundário foi obter inteligência em todas as atividades de produção e distribuição de drogas e narcóticos, para permitir que os soviéticos exercessem controle estratégico e ajudem a evitar que as várias operações independentes interfiram. A inteligência derivada das penetrações do crime organizado também contribuiu para esse objetivo. O primeiro encontro para coordenar a infiltração e coleta de dados sobre corrupção de drogas e narcóticos que Sejna conheceu ocorreu em 1962 durante a Segunda Conferência de Havana, em uma reunião secreta de agentes de inteligência estratégica soviética de todas as organizações latino-americanas. O encontro secreto foi gerido pela inteligência cubana e checoslovaca. Funcionários checoslovacos da inteligência militar, Zs, organizaram a reunião. Outros funcionários da Checoslováquia que participaram da conferência eram do Ministério do Interior, da Segunda Administração (o homólogo de inteligência do KGB na Checoslováquia) e da contra-inteligência militar.

Na coleta de dados sobre indivíduos corrompidos pelo narcotráfico, tanto os que usam drogas quanto se beneficiam do tráfico, os soviéticos identificaram um grande número de pessoas que poderiam ser subornadas, que eram suscetíveis de influenciar e, o mais importante, como Sejna elaborou, que eram "Não preocupado com as consequências de suas ações". A informação resultante nos dossiês forneceu uma excelente base para recrutar "agentes de influência" ou espiões. Esta informação também foi usada para expor e prejudicar a reputação de indivíduos e organizações consideradas hostis aos interesses soviéticos.

O uso de dados de corrupção para chantagem e para recrutar agentes de influência é uma tática marxista-leninista de longa data que é usada em escala global. A inteligência checoslovaca dividiu seus dossiês sobre corrupção em duas categorias: pessoas já em posições de poder e pessoas em níveis inferiores que provavelmente

avançariam em posições de poder. Em 1967, a inteligência checoslovaca tinha cerca de 2.500 dossiês em pessoas na primeira categoria.

Seus arquivos não duplicaram os processos mantidos por outros que estavam ativos na América Latina - os cubanos, os alemães do leste, os húngaros, os búlgaros e os soviéticos - por causa da cooperação entre os serviços de inteligência. Assim, no final da década de 1960, os soviéticos já possuíam dados de corrupção em mais de 10 mil pessoas influentes em toda a América Latina.

Como indicação de que esses números não são razoáveis, em 1971 um francês com o nome de Batkoun foi pego trazendo heroína no Canadá. Ele foi deportado para a França e condenado por exportar heroína. Durante o julgamento, Batkoun foi identificado como membro do Partido Comunista Francês e um agente da subseção *"Groupement Cinq"* da KGB soviética. Durante seu julgamento, Valeurs Actuelles informou que, quando detido, tinha na sua posse uma lista de 2.000 viciados em heroína no Canadá, muitos dos quais eram predominantemente funcionários públicos, artistas, artistas de rádio e televisão e professores universitários[6].

A corrupção, é claro, não se limita à América Latina, mas inclui países da América do Norte e da Europa, como França, Suécia, Áustria, Suíça, Itália, Grã-Bretanha e Alemanha, dos quais os dois últimos foram identificados pelo chefe da Internacional do CPSU Departamento, Boris Ponomarev, como o mais corrupto. Reconhecendo que as instituições financeiras que ajudam a lavar o dinheiro ilícito fazem parte dessa rede de corrupção, o potencial de operações de chantagem e influência soviética torna-se adormecido. Na verdade, como será discutido mais adiante, parte da estratégia soviética era envolver pessoas em drogas que ocupavam posições de influência, especialmente pessoas em bancos, instituições financeiras, políticas, militares e de nível médio na indústria, precisamente por causa do potencial subsequente de operações de chantagem e influência[7].

O conhecimento sobre o funcionamento de várias operações de drogas "independentes", quais são suas redes de tráfico e quem são seus contatos, também é usado na busca do segundo objetivo mencionado na página 41, para exercer controle estratégico sobre as operações. Em geral, os soviéticos não querem ou precisam de controle tático, no dia-a-dia. Enquanto as drogas e os narcóticos estão fluindo na direção certa, nas sociedades burguesas, os objetivos soviéticos estão sendo realizados. O que é importante para os soviéticos é impedir que tais atividades interfiram com outras operações do bloco soviético e, certamente, impedir que tais operações provoquem o destaque da publicidade na direção "errada".

As informações coletadas através deste processo foram impressionantes. Em 1963, o general Sejna, o ministro da Defesa e o chefe da inteligência militar visitaram o centro de treinamento do narcotraficante de Zs em Bratislava. O anfitrião e a escolta eram o coronel Karel Borsky, o oficial político de inteligência militar que estava no comando dos centros de treinamento. Na época, Sejna ficou espantada com o alcance do detalhe sobre o narcotráfico em todo o mundo, especialmente em toda a América Latina, que havia sido montado no local de treinamento de Bratislava. Por exemplo, grandes informações foram adquiridas em várias empresas no México, cujo principal negócio era o tráfico de drogas - incluindo fotos dos caminhões e os nomes dos motoristas utilizados para transportar drogas para os Estados Unidos.

Armados com o conhecimento de como as operações de drogas funcionam, os soviéticos observam uma operação e exercem controle somente quando necessário. O potencial de controle estratégico é evidente a partir do testemunho dado por 1983 por Juan Crump, advogado colombiano e traficante de narcóticos. Em resposta às perguntas

do senador Dennis DeConcini (D-AZ) sobre a importância dos contatos com funcionários colombianos, Crump respondeu que o contato (suborno) era essencial para existir e sobreviver[8]. Através do conhecimento soviético desses funcionários e da inteligência sobre suas atividades ilegais, os soviéticos obtêm a alavancagem para exercer controle sobre as operações de drogas "independentes" quando necessário.

Outro mecanismo empregado para lidar com organizações ou indivíduos que fazem não cooperar para prepará-los para serem detidos pelas autoridades responsáveis pela fiscalização da droga. Isso foi rumores de ser o que as autoridades dos EUA levaram a julgamento, o senhor da droga colombiano, Carlos Lehder Rivas. Os possíveis motivos de sua traição são fáceis de imaginar. Por exemplo, os soviéticos ou os outros membros do Cartel de Medellín poderiam ter concluído que Lehder se tornou muito vocal, também político[9]. Lehder estava dando entrevistas de rádio e chamando a cocaína da "bomba atômica latino-americana"[10]. A cocaína era uma arma revolucionária para ser usada contra os imperialistas, explicou. O problema com o que ele dizia era uma atenção desnecessária nas operações de drogas, especificamente no Cartel de Medellín, do qual ele era membro, e estava perto o suficiente da verdade sobre a operação soviética, que qualquer das partes poderia ter concluído que a Lehder deveria ser silenciado. A beleza de simplesmente transformá-lo pelas autoridades norte-americanas de aplicação da lei foi que ele melhorou a imagem pública dessas autoridades, apesar de todas atuarem como agentes disciplinares para a organização do narcotráfico.

Outro exemplo desta prática foi fornecido por Ramon Milian Rodriguez, um CPA com sede em Miami, que gerenciou uma proporção significativa do dinheiro da droga obtido pelo Cartel de Medellin Colômbiano [ver página 111]. Enquanto no processo de retirar US $ 5,3 milhões em dinheiro dos Estados Unidos em maio de 1983, ele foi preso e, posteriormente, condenado por agressão[12]. Rodriguez foi empregado pelo cartel para criar casas seguras para coletar, contar e empacotar o dinheiro. Ele então ordenou o envio do dinheiro, um processo complexo de lavagem, para vários bancos. Todos os bancos no Panamá foram usados por Rodriguez no processo. Eventualmente, ele explicou, a maior parte do dinheiro voltou para ele, que ele então investiu em imóveis, ações, títulos e Certificados de Depósito para o cartel.

Quando Rodriguez estabeleceu pela primeira vez a operação, Manuel Antonio Noriega era um coronel do exército responsável pelo serviço de inteligência do Panamá. Rodriguez testemunhou antes de um subcomitê do Senado dos EUA em 1988 que ele acreditava que o general Noriega "usou as agências de aplicação da lei americanas para se extrair cirurgicamente da operação, deixando a operação intacta para ele e seus amigos para continuar trabalhando"[13]. A derrubada para a prisão de Rodriguez era um fio anônimo, presumivelmente enviado por Noriega, do Panamá para a Força-Tarefa do Sul da Flórida sobre interdição de drogas, alertando-os para os planos de Rodriguez[14].

Mas há outras possibilidades que vale a pena considerar. Rodriguez declara em todo o seu testemunho que ele era fortemente anticomunista. Em 1980 ou 1981, a inteligência cubana, a DGI, tentou recrutá-lo para a operação deles, mas ele os desistiu. Na mesma época, uma guerra começou entre o Cartel de Medellín e os revolucionários M-19 patrocinados pelos cubanos. Rodriguez afirma que ele aconselhou o Cartel sobre como lutar contra a guerra usando táticas terroristas e, em seguida, desaconselhado a cooperar com o M-19 depois que a disputa foi resolvida. Rodríguez explica ainda como ele advertiu o Cartel sobre as medidas que viu serem tomadas pela inteligência cubana para penetrar e obter o controle do Cartel. Finalmente, Rodriguez explicou como ele era especialmente cuidadoso em suas negociações com Noriega para garantir que "Noriega fosse poderoso o suficiente para nos servir, mas nunca o deixasse ser poderoso o

suficiente para nos controlar". Enquanto o telex de Miami que desencadeou a prisão de Rodriguez pode ter vindo de Noriega, nas circunstâncias, também seria lógico suspeitar que um agente de inteligência cubano ou soviético poderia estar atrasado.

Através do uso da informação obtida pela infiltração das várias organizações de drogas, os soviéticos não precisam de controle direto (tático) de todas as operações latino-americanas. Na verdade, é melhor que eles mantenham a distância e que mesmo os informantes devem permanecer inconscientes da alavanca (controle) que os soviéticos podem exercer quando necessário. Este princípio de funcionamento pode ser visto refletido em uma resolução secreta adotada na Conferência Tri-Continental realizada em Cuba em 1966, que declarou o sexto princípio de operação:

Para apoiar resolutamente a campanha dos toxicodependentes, defendendo-o em nome do respeito pelos direitos individuais. Para manter completamente separados os quadros do Partido Comunista dos canais de narcóticos e seu trânsito, para que essa fonte de renda não pudesse estar ligada à ação revolucionária do Partido Comunista, embora devêssemos combinar o medo da guerra atômica com o pacifismo e com a desmoralização da juventude por meio de agentes alucinantes[15] [ênfase adicionada].

Na sequência da decisão de os agentes de inteligência cubanos se infiltrarem em todas as operações latino-americanas, o Conselho de Defesa soviético deu novas instruções, novamente através do Conselho de Defesa da Checoslováquia, desta vez para Cuba estabelecer suas próprias operações de produção e tráfico em vários países da América Latina. Isso proporcionou um backup de primeiro nível para as operações indígenas. Cuba agora se moveu rapidamente para estabelecer atividades de narcóticos no México e na Colômbia. A rede de drogas cubana resultante criada na Colômbia foi ocupada por colombianos, mas dirigida por Cuba. A inteligência checoslovaca ajudou a estabelecer a operação e os soviéticos participaram em planejamento e aprovação. Assim que os novos arranjos estavam em curso no México e na Colômbia, os cubanos, com a assistência dos checoslovacos, expandiram-se para o Panamá e a Argentina e, com a assistência da Alemanha Oriental, no Uruguai e na Jamaica.

Cuba e a Tchecoslováquia também desenvolveram operações conjuntas no Chile. Danislav Lhotsky, um agente de inteligência checoslovaco, estava no Chile oficialmente sob uma cobertura econômica. Suas instruções foram desenvolver em conjunto com as redes de produção e distribuição dos cubanos no Chile primeiro, e depois expandir a rede para a Argentina e o Brasil. Quando Lhotsky retornou à Tchecoslováquia em 1967, recebeu a Ordem da Estrela Vermelha pelo seu trabalho bem sucedido na construção da rede de medicamentos no Chile.

Uma das primeiras contribuições de Cuba para a operação de drogas no Chile - identificada em um relatório de inteligência da *US Drug Enforcement Administration* (DEA) - foi o recrutamento do senador marxista Salvador Allende, que mais tarde se tornaria presidente. Allende também esteve presente na Conferência Tri-Continental. Ele propôs a criação da OLAS - Organização Latino-Americana de Solidariedade - como uma "frente unida defendendo a revolução armada" e foi eleito seu primeiro líder. Durante a Presidência de Allende, o narcotráfico floresceu. Em 1973, as autoridades dos EUA aproveitaram US $ 309 milhões de cocaína produzida em laboratórios chilenos[16].

Na Argentina, a operação da droga checoslovaca foi estabelecida por um dos agentes mais bem sucedidos da Checoslováquia, Oldrick Limbursky, que atuava na Argentina como representante de uma empresa de exportação checoslovaca. Ele construiu a rede de drogas na Argentina e depois expandiu-a para o Brasil.

Em suma, os cubanos foram altamente efetivos no estabelecimento de operações em toda a América Latina. Tanto Fidel quanto Raul Castro foram

entusiasmados e empurraram para que as atividades de drogas se expandissem mais rapidamente do que os soviéticos julgavam prudentes. A primeira visita de Fidel Castro à Tchecoslováquia foi particularmente notável a este respeito. Sua visita coincidiu com uma visita prolongada a Moscou após a crise dos mísseis cubanos. Ele estava irritado, pelo menos, e passou cerca de dez dias reclamando os principais líderes soviéticos sobre sua falta geral de consulta com ele. Então ele foi para a Tchecoslováquia.

As conversas com Fidel foram muito difíceis, explica Sejna. Fidel pensou que poderia destruir o capitalismo durante a noite. Ele queria explorar o crime para a revolução e usar o Conhecimento de pessoas já corrompidas por drogas, que estavam fluindo da operação de infiltração cubana, para ajudar a acelerar a venda de drogas. As drogas nos ajudarão, Sejna lembra Castro enfatizando, em nossa defesa, na obtenção de dinheiro e na liquidação do capitalismo.

Fidel foi absolutamente inflexível. Este episódio, de fato, foi um dos motivos para os soviéticos ou consideravam anarquista mais do que como comunista. Os funcionários da Checoslováquia argumentaram que era longo e difícil convencer Fidel de que eles precisavam a preparação para os próximos vinte anos, não só para o futuro. Não foi possível, sublinharam, mudar uma velha geração. Podemos corrompê-los e explorá-los através do crime para obter informações e influenciar as decisões. Mas o foco para mudanças significativas teve que ser a geração mais nova. Estas são as pessoas que precisam o trabalho para mudar como forças armadas, retardar o desenvolvimento científico e influenciar a liderança do governo. É por isso que os jovens americanos são selecionados como o principal alvo da droga ofensiva.

Para comunicar a estratégia de drogas soviética de forma mais decisiva e clara a Fidel, funcionários da Checoslováquia organizaram um briefing detalhado sobre a estratégia de “coexistência pacífica” de Khrushchev, que foi projetada, como Khrushchev explicou aos funcionários checoslovacos de alto nível em 1954, para não se tornar amiga dos americanos, Mas para levá-los ao túmulo mais rapidamente. Toda a operação foi estabelecida para que Fidel entendesse como o uso de drogas estava integrado na estratégia geral e, portanto, por que não era possível simplesmente isolar drogas e tratar o tráfico de drogas como uma operação independente, o tráfico de drogas havia sido projetado como parte integrante de uma estratégia coordenada, e era essencial que Fidel compreendesse a importância desta estratégia para a destruição sistemática e de longo alcance do capitalismo.

Além da produção e do tráfico, Cuba também esteve envolvida na pesquisa e desenvolvimento de novos medicamentos. No outono de 1963, o deputado de Raul Castro foi para a Tchecoslováquia para obter assistência na obtenção de equipamentos especiais para a produção de drogas na Colômbia e para a fabricação de drogas sintéticas como parte de um programa experimental em Cuba. O equipamento real foi retirado por Raul Castro em abril de 1964, quando ele parou em Praga depois de uma visita a Moscou. Posteriormente, o chefe checoslovaco da *Health Administration of the Rear Services*, o Coronel-Geral Miroslav Hemalla, acompanhado por dois subordinados e dois técnicos, voou para Cuba para assinar um acordo sobre cooperação médica (uma capa para pesquisa de drogas), para ensinar os cubanos como operar o equipamento e instruir Castro a iniciar a produção local de drogas na República Dominicana. Isso fazia parte da decisão soviética de produzir drogas localmente sempre que possível, em vez de enviá-las da União Soviética ou da Europa Oriental. Os cubanos deveriam ser usados como operadores, de modo a manter os soviéticos “limpos”.

Seguindo essas várias medidas para penetrar nas organizações de drogas existentes e, em seguida, para configurar as operações cubanas em toda a América

Latina, os soviéticos pediram a formação de mais um conjunto de redes de produção e distribuição de backup em toda a região - essa organizada diretamente por serviços de inteligência da Europa Oriental selecionados. O primeiro alvo da Tchecoslováquia foi a Colômbia. Para iniciar a nova operação, os soviéticos recomendaram que os checoslovacos recrutassem um dos principais indivíduos da rede de drogas de Cuba na Colômbia, um oficial militar colombiano aposentado que chamou Kovaks. O nome do código *Top Secret* para a operação checoslovaca na Colômbia, "*Pyramid",* foi selecionado para induzir as pessoas a associar a nova iniciativa ao Oriente Médio. O oficial checoslovaco encarregado desta operação foi o primeiro deputado do Ministério do Interior. Pouco depois, ele se tornou Ministro do Interior. Pode parecer surpreendente que alguns no Ocidente nem apreciem isso no sistema comunista aberto, o Ministro do Interior não é o responsável pelos recursos naturais ou parques, o que os ocidentais geralmente associam ao título. Em vez disso, o Ministro do Interior é responsável pela "segurança interior"; Isto é, inteligência civil e a polícia secreta.

Kovaks viajou para a Checoslováquia em abril de 1964 com um plano para que a nova operação fosse aprovada pela inteligência checoslovaca. Para cobrir sua viagem, ele primeiro foi para o México, onde recebeu um passaporte falso na Embaixada da Checoslováquia. Do México ele voou para Viena, onde recebeu um passaporte checoslovaco para usar na terceira etapa de sua jornada.

O plano final que ele trouxe com ele para as novas atividades na Colômbia foi levado pela primeira vez para a União Soviética para aprovação. Então, o plano, modificado para incorporar sugestões soviéticas de última hora, foi apresentado ao Conselho de Defesa da Checoslováquia. O plano estabeleceu diretrizes e estimativas de planejamento, as mais importantes foram:

1. Com ajuda na obtenção do equipamento necessário, a produção de cocaína começaria dentro de seis meses.
2. A rede de distribuição estará em operação em menos de seis meses.
3. A distribuição inicial seria nos Estados Unidos e no Canadá. Posteriormente, a distribuição seria alargada à Europa.
4. A distribuição seria mantida fora do mercado local.

Na apresentação do plano conjunto do Ministério da Defesa e do Ministério do Interior, o Ministro da Defesa explicou que doze pessoas já haviam sido recrutadas para a operação e que oito delas já foram liberadas de duas maneiras: primeiro, pelo Partido Comunista da Colômbia e, em segundo lugar, por um agente de inteligência checoslovaco de longa data que era então um alto funcionário do ministério da segurança interna da Colômbia. O plano foi aprovado por unanimidade pelo Conselho de Defesa da Checoslováquia.

Como a operação de drogas cubanas mais efetiva estava se desenvolvendo no México, os soviéticos agora dirigiam os checoslovacos a se infiltrarem e a controlar essa operação. O nome do código *Top Secret* Checoslovaco para esta operação, *"Rhine*", foi selecionado para induzir as pessoas a associá-lo à Europa. O agente checoslovaco que foi responsável por esta iniciativa, o Major Jidrich Strnad, estava operando no México sob a cobertura de uma empresa exportadora. Seu oficial de controle Zs era o coronel Borsky.

Os cubanos foram especialmente eficazes no recrutamento de mexicanos para estabelecer redes de produção e distribuição e na utilização da informação de corrupção associada para chantagem das autoridades mexicanas. Os soviéticos ficaram especialmente impressionados, e uma das principais razões para dirigir a inteligência checoslovaca para se infiltrar na operação cubana foi aprender os segredos de seu sucesso no México.

Reconhecendo a localização estratégica do México, os soviéticos orientaram ainda mais o estabelecimento de uma segunda operação checoslovaca no México, que foi desenvolvida para complementar a iniciativa “Reno”. O nome do código desta segunda operação foi “Lua cheia”.

Esta campanha de drogas teve dois propósitos. O primeiro foi desenvolver uma extensa rede de tráfico de drogas nos Estados Unidos. O segundo era treinar agentes de inteligência que seriam então inseridos nos Estados Unidos e no Canadá, com instruções para penetrar nas redes de distribuição de drogas. Através de seus contatos em redes de abastecimento no México, eles deveriam acessar a rede de suprimentos e gradualmente assumir o controle da droga.

Empresas nos Estados Unidos e no Canadá. Esta foi uma operação de drogas *“push-pull”*. O nome “Lua cheia” referia-se ao momento em que os agentes do bloco soviético controlariam a maioria dos grandes grupos nos Estados Unidos e no Canadá. O México, deve notar, também tem sido um país importante na ofensiva da droga chinesa.

Com os soviéticos (inicialmente através dos cubanos) e os chineses que visaram o México, não é surpresa que o México seja uma das principais rotas de tráfico de drogas nos Estados Unidos por heroína, cocaína e maconha. Por razões idênticas, o Canadá é outra rota primária de tráfico de drogas para os Estados Unidos.

A inteligência checoslovaca também esteve envolvida na operação cubana no Panamá, sob o nome de código “Pablo”. Uma operação cubana também foi criada em El Salvador. Em uma reunião sobre o financiamento do Partido Comunista de El Salvador, Sejna lembra que os soviéticos dirigiram os cubanos para que financiassem o Partido fora dos lucros da operação de drogas de El Salvador[17].

Uma operação soviética separada destinada ao “benefício” daqueles que procuram regularmente as areias e os mares quentes das ilhas caribenhas foi direcionada diretamente para aproveitar o comércio turista do Caribe em expansão. O Segundo Secretário do Partido Comunista Francês (um antigo agente da KGB), juntamente com o Primeiro Secretário do Partido Comunista de Guadalupe, concebeu a idéia de distribuir drogas para os turistas do Caribe. Seus objetivos eram arrecadar dinheiro do comércio turístico e obter informações de chantagem em americanos de férias e outros membros da burguesia.

Eles ajudaram a estabelecer a operação e forneceram recomendações sobre quem recrutar para executá-la. A operação foi então entregue a dois oficiais da inteligência checoslovaca, um da inteligência militar e um do Ministério do Interior. Ambas as autoridades nasceram na França e falavam francês com fluência. Guadalupe foi o centro da operação, que serviu Martinica e outras ilhas. O dinheiro obtido no final da década de 1960 a partir desta iniciativa mostrou-se adequado para financiar todas as operações de inteligência comunista em Guadalupe, Martinica, Suriname, Haiti e a maior parte da França.

No início da década de 1960, os soviéticos estavam construindo rapidamente organizações em toda a América do Norte, Central e do Sul e no Caribe. Outros países satélites soviéticos envolvidos diretamente como substitutos soviéticos, além de Checoslováquia e Cuba, eram a Hungria, Alemanha Oriental, Bulgária e Polônia. Compreensivelmente, a maior parte do conhecimento de Sejna era da dimensão checoslovaca da estratégia de drogas. Os outros países satélites da Europa do Leste identificados acima não são tratados em detalhes nesta análise, mas todos estavam profundamente envolvidos na ofensiva da droga soviética. Romênia e Albânia não faziam parte da ofensiva formal dirigida pelo Soviete porque os soviéticos não confiavam em sua segurança. A Albânia pediu para participar, enfatizando sua forte rede de inteligência nos

Balcãs e no Oriente Médio. Mas ao invés de trazer a Albânia para a operação, os soviéticos decidiram fornecer à Albânia dinheiro para comprar o equipamento necessário, para que a Albânia pudesse prosseguir como um promotor de drogas "independente".

Países onde Sejna tinha conhecimento direto de organizações que foram estabelecidas em meados da década de 1960, incluindo Canadá, México, Panamá, Argentina, Chile, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Uruguai, Paraguai, Peru, Guadalupe, El Salvador, República Dominicana, Jamaica e, naturalmente, os Estados Unidos. A esta lista deveriam ser adicionados países onde as operações de crime organizado que eram críticas para a rede de tráfico de drogas estavam sendo desenvolvidas. Um exemplo de tal país é a Venezuela, que os soviéticos decidiram em 1960-61 usar como centro de organização mafiosa, operações e lavagem de dinheiro no hemisfério ocidental.

As drogas inicialmente escolhidas para distribuição eram o ópio, a heroína, a morfina, a maconha e os sintéticos, como o LSD. Enquanto a cocaína não era prominente naquela época, em 1961, os soviéticos, ao analisar a cena da droga, concluíram que a cocaína era para emprestar uma das suas frases favoritas, a "onda do futuro"[8]. Essa revelação para Sejna ocorreu durante uma reunião em Moscou em 1964, que havia sido convocado para discutir e coordenar o planejamento de fraudes. Participaram da Checoslováquia o chefe da Seção Militar do Departamento de Órgãos Administrativos, o vice-chefe da Administração Política Principal, o vice-chefe da Zs (inteligência militar) e chefe de inteligência estratégica, e Jan Sejna. Os soviéticos presentes foram o vice-chefe da Administração Política Principal, o vice-chefe da GRU [inteligência militar soviética] e chefe de inteligência estratégica, e o general Boris Shevchenko, chefe do Departamento de Propaganda Especial, que dirigiu a reunião.

Foi nessa reunião que Shevchenko apresentou o termo "Epidemia Rosa". Ao discutir o futuro, ele enfatizou o potencial da cocaína. Era altamente preferível a heroína, explicou ele, porque era muito mais fácil de produzir e porque acreditavam que muitas pessoas poderiam ser alcançadas com cocaína do que com heroína. Os soviéticos ficaram tão impressionados com o potencial da cocaína, de fato, que falaram em termos de se tornar uma epidemia, uma "epidemia branca". Para "servir e estender" a epidemia, Shevchenko explicou que uma base separada de produção e distribuição deveria ser construída, começando imediatamente.

Esta nova operação de cocaína deveria ser referida pelo nome da capa acima mencionado, "Epidemia Rosa". No início, os países líderes no estabelecimento da base de produção e distribuição de cocaína eram a União Soviética, a Checoslováquia e Cuba. A Checoslováquia iniciou imediatamente um programa de tecnologia especial para desenvolver as técnicas de produção necessárias. Esta operação foi administrada pela inteligência militar e pela Administração da Saúde, sob o controle da contra-inteligência militar.

A experimentação de produção necessária foi conduzida em um centro de pesquisa científica de alto nível em Milovice. A operação foi facilitada pelos cubanos, que aprenderam as técnicas novas que foram usadas na América do Sul e depois passaram a informação para a inteligência checoslovaca. Os cientistas checoslovacos tomaram os procedimentos e desenvolveram mais técnicas profissionais de produção em massa.

Assim, entre 1960 e 1965, os serviços de inteligência do Bloco soviético, dirigidos de Moscou, estabeleceram operações de produção, distribuição e lavagem de dinheiro em todo o sul, centro e norte da América. Apenas funcionários locais que passaram rigorosas investigações de segurança foram utilizados para executar as operações, que foram discretamente gerenciadas pelo bloqueio soviético ou por agentes de inteligência cubanos que, como regra geral, foram especialmente treinados na União

Soviética. Futuros traficantes de drogas de todo o mundo receberam o narcotráfico nos centros de treinamento da Europa Oriental e da União Soviética. Mais tarde, centros de treinamento adicionais foram estabelecidos na Coréia do Norte, no Vietnã do Norte e em Cuba. Esses criminosos graduados se tornaram agentes de narcotráfico soviéticos controlados. O tráfico inicial foi em heroína, maconha e sintéticos. No entanto, a partir de 1964, uma rede especial foi construída especificamente para servir e prolongar a próxima epidemia de cocaína.

Referências ao Capítulo 3:

1. Para uma conta mais detalhada, veja We Will Bury You, op. Cit, páginas 45-50.
2. As biografias de Fidel Castro descrevem os problemas que ele obteve de equipamentos militares em 1959 da União Soviética, da Iugoslávia e dos Estados Unidos. Foram obtidos alguns braços e munições da Bélgica em meados de 1960. As primeiras armas checoslovacas chegaram no final de 1960. Tad Szulc, Fidel: Um retrato crítico (New York: William Morrow and Company, Inc., 1986), página 498. Peter G. Bourne, Fidel: uma biografia de Fidel Castro (Nova York : Dodd, Mead & Company, 1986), páginas 188-189.
3. O “centro revolucionário” é a designação formal de uma região selecionada e, em seguida, preparada para promover a situação revolucionária em toda a zona em que o centro está localizado e para apoiar operações militares soviéticas em caso de guerra. Os critérios básicos aplicados no estabelecimento de centros revolucionários são a necessidade de tais centros ter influência política em toda a zona, fornecer forças revolucionárias para implantação em outros países da zona, fornecer material de sabotagem para uso em toda a zona, ser um centro para a educação dos quadros e ser diretamente útil para operações militares soviéticas no caso de guerra global e para forças substitutivas ou forças vizinhas em guerras revolucionárias.
4. No verão de 1963, um relatório de inteligência checoslovaco afirmou que agentes de inteligência cubanos penetraram com sucesso em 69% dos países latino-americanos. Na maioria dos casos, a penetração ocorreu pelo México. Além disso, com a ajuda das comunidades espanholas, colocaram sete agentes nos Estados Unidos.
5. Em 1984, Clyde D. Taylor, Secretário Adjunto do Departamento de Assuntos Internacionais de Narcóticos, Departamento do Estado, disse ao Congresso que os relatórios sobre o envolvimento do governo cubano no narcotráfico atingiram o governo dos EUA em 1963. Congresso dos EUA, Senado, Drogas e Terrorismo, 1984, Audiência perante o Subcomitê de Alcoolismo e Abuso de Drogas do Comitê de Trabalho e Recursos Humanos, 2 de agosto de 1984 (Washington DC: US Government Printing Office, 1984), página 41. Rachel Ehrenfeld escreveu isso Um relatório secreto da Agência Antidrogas [DEA] divulgado no Miami Herald, 20 de novembro de 1983, identificou 1961 como o início do envolvimento de Cuba no narcotráfico: “Narco-Terrorismo e a Conexão Cubana”, revisão estratégica, verão de 1988, página 57. Arthur M. Schlesinger, Jr. em Robert Kennedy e His Times (Boston: Houghton Mifflin Company, 1978), página 504, informa que um documento do Federal Narcotics Bureau de julho de 1961 relatou rumores no exílio cubano da Flórida Comunidade que Santos Trafficante, Jr., um dos chefes de crime organizado com laços com Cuba que estava envolvida na operação de assassinato da CIA, foi a saída de Castro para drogas nos Estados Unidos. Outro relatório de notícias afirmou que o agente da DEA, Avelino Fernandez, abriu a conexão de drogas cubana com Noriega em 1978 e que Fidel Castro foi identificado especificamente como envolvido com o narcotráfico desde 1964. Michael Hedges, “Picture Shows Castro, Noriega, del Cid, em Secret Meeting”, Washington Post, 18 de janeiro de 1990.
6. Candlin, Psycho-Chemical Warfare: The Chinese Communist Drug Offensive Against the West, op. Cit., Páginas 182.
7. Infiltrar bancos e instituições financeiras, embora importante quando Khrushchev estava no poder, foi ainda mais importante quando Brezhnev se tornou Secretário Geral em 1964.
8. Envolvimento do Governo Cubano na Facilitação do Tráfico Internacional de Drogas, Audiência Conjunta perante o Subcomitê de Segurança e Terrorismo do Comitê do Poder Judiciário e do Subcomitê sobre Assuntos do Hemisfério Ocidental do Comitê de Relações Exteriores e do Caucus de Entorimento de Drogas do Senado, Senado dos Estados Unidos, Miami, Flórida, 30 de abril de 1983 (Washington, DC: US Government Printing Office, 1983) , Páginas 10,26-27.
9. Veja Rensselaer W. Lee III, “Por que os EUA não podem parar a cocaína sul-americana”, Orbis, Fall 1988, página 11.
10. “Entrevista com Carlos Lehder Rivas, traficante de drogas colombiano com receita”, em Uri Ra'anan et al., Hydra of Carnage (Lexington, Massachusetts: Lexington Books, 1986), páginas 433-435.
11. Como exemplo desse tipo de preocupação, o ex-cônsul geral do Panamá, José I. Blandon Castillo, declarou que “nós tínhamos informações sobre o fato de que o Cartel de Medellín estava ... muito preocupado com Noriega porque Noriega estava sendo também visível. Ele estava impedindo o que eles chamavam de negócio, e eles estavam tentando encontrar uma maneira de eliminá-lo”. Congresso dos EUA, Senado, Drogas, Aplicação da lei e política externa: Panamá, Audiências perante o Subcomitê de Terrorismo, Narcóticos e Operações Internacionais do Comitê de Relações Exteriores, 10 de fevereiro de 1988, Transcrição Estenográfica, páginas 52-53.
12. Congresso dos EUA, Senado, Drogas, Aplicação da lei e política externa: Panamá, Audiências perante o Subcomitê de Terrorismo, Narcóticos e Operações Internacionais do Comitê de Relações Exteriores, 11 de fevereiro de 1988, Transcrição Estenográfica 1.
13. Ibid., Página 86.
14. Não faz sentido para Noriega transformar em Rodriguez para ganhar controle, porque virar Rodriguez não conseguiria esse objetivo. Se Noriega virou Rodríguez, portanto, parece lógico procurar outro motivo. Uma possibilidade é que a Noriega estava simplesmente ajudando as operações de controle de drogas nos Estados Unidos na Operação

Peixes, que estava investigando a lavagem de dinheiro no Panamá, ou parece estar ajudando enquanto realmente faz um favor para outra pessoa. Como em muitas situações, uma combinação de várias considerações pode ter sido envolvida.

15. Candlin, Psycho-Chemical Warfare: *The Chinese Communist Drug Offensive Against the West,* op. Cit, páginas 48-49, citando as traduções fornecidas pelo professor Herminio Portell-Vila, ex-instrutor de história de Fidel Castro na Universidade de Havana.

16. Os dados sobre o Chile no início da década de 1960 estão contidos no estudo de Robert Workman sobre tráfico de narcóticos para a Universidade de Defesa Nacional. Ele escreve que um relatório de inteligência da DEA datado de 31 de dezembro de 1982 descreve uma reunião de 1961 de funcionários cubanos de alto escalão, incluindo líder revolucionário e presidente do Banco Nacional de Cuba, Che Guevara, o capitão Moisés Crespo da polícia secreta cubana e Dr. Salvador Allende, senador e futuro presidente marxista do Chile, para discutir o estabelecimento de uma rede de tráfico de cocaína. O relatório foi descrito em uma história do jornal Miami Herald, e Workman escreve que os agentes de inteligência declararam que o artigo era exato. Robert B. Workman, International Drug-traf-ficking: uma ameaça à segurança nacional (Washington, D.C.: Universidade da Defesa Nacional, Diretoria de Publicação da Pesquisa, junho de 1984), inédito.

Além disso, como James R. Whelan relatou: “Na Conferência Tri-Continental em Havana, o senador Salvador Allende propôs a criação da OLAS - Organização Latino-Americana de Solidariedade - como uma frente unida ... defendendo a revolução armada”. AHende foi eleito para liderar a OLAS. Uma vez na Presidência chilena, ele presidiu uma expansão dramática da atividade de drogas ilícitas naquele país. De acordo com uma fonte, durante o último ano da presidência de Allende (1973), as autoridades dos EUA pegaram US $ 309 milhões em cocaína de laboratórios chilenos. O comércio de drogas custaria US $ 30.000 por mês em recompensas aos partidos políticos da Unidade Popular na coalizão de Allende. Um dos primeiros atos do novo governo militar liderado pelo general Augusto Pinochet foi reprimir o tráfico de drogas, trabalhando em estreita colaboração com as agências dos EUA para fazê-lo. James R. Whelan, Out of the Ashes: Vida, Morte e Transfiguração da Democracia no Chile, 1833-1988 (Washington, D.C .: RegneryGateway, 1989), páginas 227-228,592.

17. Robert Workman citou uma entrevista com um cidadão dos EUA que foi sequestrado e resgatado por cerca de três meses pelas Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), um grupo de guerrilha marxista. A vítima informou o seguinte: As FARC, M-I9 e Ejercito Popular de Libertação (EPL) estão realmente consolidadas, são realmente uma família controlada por Cuba ... Fui no acampamento quando um cubano estava em um quadro-negro Instruindo alguns guerrilheiros. Um dos guerrilheiros perguntou: “O que acontece com todo este dinheiro? Você controla o tráfico de drogas, você está levando milhões de dólares e não vejo dinheiro em nosso acampamento. Eles apenas nos dão necessidades básicas. Você recebe comida, roupas e conchas para o seu rifle e você não consegue mais nada”. A resposta do conselheiro cubano foi que metade do dinheiro estava sendo enviado para El Salvador. “Que estamos liberando El Salvador. Quando El Salvador for libertado, eles se virarão e - usando as economias de El Salvador, Nicarágua e Cuba - funilizem fundos para a Colômbia e nos ajudem, para que possamos derrubar o governo aqui”. Robert B. Workman, o tráfico internacional de drogas é uma ameaça para a segurança nacional (Washington, D.C .: National Defense University, Research Publication Directionate, junho de 1984, inédito, op. Cit), páginas 13-14.

18. Muitas pessoas ficam surpresas com o fato de os soviéticos terem reconhecido o potencial da cocaína em 1961, especialmente porque os problemas colocados pela cocaína não se tornaram bem conhecidos nos Estados Unidos até o final da década de 1970 ou início da década de 1980. Isso pode ser ilustrado lembrando a atitude do assessor de drogas do presidente Carter, Peter Bourne, que considerava a cocaína tão prazerosa e benigna e não conseguia entender por que a DEA estava causando um barulho sobre o aumento do tráfico de cocaína. O psiquiatra da Universidade de Yale e historiador da droga David Musto nos lembrou, no entanto, com que facilidade esquecemos. No início deste século, ele explica, a cocaína era legal e seu uso começou a crescer. Os preços caíram, e “cheirar, engolir e injetar cocaína tornou-se generalizado”. Em 1910, a cocaína havia sido transformada de “uma droga milagrosa para a droga mais perigosa da América”. Em sua mensagem anual ao Congresso daquele ano, o presidente William Howard Taft disse: “A cocaína é mais terrível em seus efeitos do que qualquer outra droga formadora de hábitos usada nos Estados Unidos”. Constance Holden, “Past and Present Cocaine Epidemics”, Science, 15 de dezembro de 1989, página 1377, citando David F. Musto, The American Disease: Origins of Narcotic Control (New York: Oxford University Press, 1987).

CAPÍTULO QUATRO

KHRUSHCHEV ENCONTRA OS PAÍSES SATÉLITES

Em 1962, Khrushchev ampliou formalmente a operação soviética de narcóticos para os países satélites da Europa Oriental. Os líderes estratégicos (Primeiros Secretários, Ministros, Ministros da Defesa, Chefes de Estado Maiores e assistentes especiais) dos países satélites foram convocados para participar de uma reunião secreta em Moscou para discutir desenvolvimentos negativos nas economias socialistas. Romênia, Albânia e Iugoslávia não estavam presentes. Sejna era um dos funcionários presentes. As autoridades soviéticas de alto nível que participaram da reunião incluíram Nikita Khrushchev, Leonid Brezhnev, Mikhail Suslov e Andrei Kirilenko. Foi nessa reunião que Khrushchev apresentou formalmente a estratégia soviética. Mao Tse-tung e os chineses eram inteligentes, ele começou, referindo-se ao negócio de drogas. Eles também eram mais imaginativos e operacionais. Por que devemos permitir que os chineses tenham uma mão livre neste mercado mundial, ele perguntou, e então ele respondeu sua própria pergunta. Os chineses eram bons, mas os serviços de inteligência do Bloco soviético tinham uma organização muito superior e deveriam se mover o mais rápido possível para usar drogas e narcóticos tanto para paralisar a sociedade capitalista quanto para financiar atividades mais revolucionárias.

Khrushchev então discutiu os muitos benefícios a serem derivados desse negócio. Isso proporcionaria uma renda agradável e seria uma fonte de câmbio muito necessária para financiar operações de inteligência. Isso prejudicaria a saúde e a moral dos militares americanos. Como as pessoas com drogas não são responsáveis em crises ou emergências, o negócio de drogas “enfraqueceria o fator humano na situação de defesa”.

Khrushchev lidou com o impacto sobre a educação em profundidade. As escolas americanas eram alvos de alta prioridade, porque era aí que os futuros líderes da burguesia eram encontrados. Outro alvo de alta prioridade que Khrushchev identificou foi a ética, o orgulho e a lealdade do trabalho americano, tudo o que seria prejudicado por drogas. Finalmente, as drogas e os narcóticos levariam a uma diminuição da influência das religiões e, acrescentou, sob certas condições, poderia ser usado para criar o caos.

“Quando discutimos essa estratégia”, concluiu Khrushchev, “havia alguns que estavam preocupados que esta operação pudesse ser imoral. Mas devemos declarar categoricamente”, ressaltou ele, “que qualquer coisa que acelere a destruição do capitalismo seja moral” [= Lenin - Ed.]. Somente algumas perguntas foram levantadas por aqueles que participaram da reunião. Janos Kadar, o primeiro secretário da Hungria, manifestou a sua preocupação pelo fato de a operação de droga não interferir com os

progressos conseguidos no âmbito da coexistência pacífica. Ele estava se referindo à assistência econômica e técnica que havia começado a fluir do Ocidente. Consequentemente, ele sugeriu que os países do Terceiro Mundo que não fossem considerados com suspeita pelos Estados Unidos deveriam ser usados para executar as operações.

Este, de fato, tem sido uma das técnicas empregadas para manter uma distância segura entre os países do bloco soviético e o funcionamento real das operações de narcóticos. Em toda a América Latina, por exemplo, enquanto os agentes de inteligência do Bloco soviético exercem controle e direção geral, o pessoal do local de origem é fortemente empregado para executar as operações reais. Esta técnica também pode ser vista em relação às operações dentro do bloco soviético que foram projetadas para atender a Europa Ocidental. Por exemplo, a *US Drug Enforcement Agency*[1] elaborou um relatório de síntese sobre o papel da Bulgária no tráfico internacional de narcóticos em 1984 para audiências no Congresso. Uma variedade de fontes, todas consistentes, foram referenciadas no relatório, que abrangeu o período de 1970-1984.

Uma organização destacada no relatório da DEA foi a KINTEX, uma empresa de exportação de valores búlgaros criada em 1968. KINTEX foi administrado pela polícia secreta búlgara e agiu “em ordens secretas de Moscou”[2]. O KINTEX foi estabelecido, de acordo com fontes da DEA, principalmente para fornecer um mecanismo para usar estrangeiros dentro da Bulgária para fabricar e enviar narcóticos para a Europa Ocidental e munições para o Oriente Próximo. Os agentes estrangeiros eram cidadãos turcos, sírios e jordanianos. As reuniões de coordenação incluíram traficantes da Grécia, Itália, Iraque e Irã. Embora a Bulgária tenha sido identificada no início da década de 1970 em um estudo classificado da CIA como um “novo centro para dirigir narcóticos e tráfico de armas”[3], todos os dados do relatório da DEA sobre pessoas que lidam com drogas referem-se a estrangeiros que operam dentro da Bulgária. A resposta do governo búlgaro às queixas dos EUA era negar qualquer envolvimento: a presença de estrangeiros em seu solo não constituía crime e nenhum cidadão búlgaro, dentro ou fora do território búlgaro, havia sido implicado[4].

Outro líder que falou na reunião de Moscou foi Walter Ulbricht, o primeiro secretário da República Democrática Alemã. Ele usou a ocasião para pressionar para uma maior participação alemã. Naquela época, os alemães não tinham uma carta patente para conduzir inteligência estratégica e, por isso, sublinhou Ulbricht, a Alemanha exigiria assistência para explorar seus recursos na África, Oriente Médio e América Latina. A inteligência estratégica, que inclui sabotagem, terrorismo, fraude e espionagem, foi onde a ofensiva de narcóticos se originou e teve seu lar. Em 1964, a Alemanha Oriental tinha permissão para iniciar operações de inteligência estratégica.

Mais tarde, durante o dia, com as bebidas, Khrushchev cutucou Sejna brincando com o cotovelo e, com um brilho no olho, revelou o nome secreto da operação soviética de tráfico de drogas, “Druzhba Narodov” - que, traduzido grosseiramente, significa “Amizade de Nações”. O nome inteligente da capa com seu jogo enganador nas palavras era puro Khrushchev. Esta reunião em Moscou foi um evento único. A estratégia soviética de narcóticos foi considerada extremamente sensível e foi atribuída a maior classificação de segurança. Pessoas sem uma necessidade absoluta de saber não seriam informados sobre a operação. Na sequência da reunião, que foi o início oficial da operação, com poucas exceções, toda a coordenação e cooperação foram tratadas em bases bilaterais.

Os líderes dos países satélites retornaram aos seus respectivos países e procederam ao desenvolvimento de seus planos individuais em meio ao mais rígido

segredo. Sejna descreveu a maneira pela qual os planos checoslovacos foram desenvolvidos, informados ao Conselho de Defesa, aprovados e quando o plano de narcóticos foi concluído, foi considerado mais sensível mesmo do que os planos de inteligência anuais. Foram feitas nove cópias e colocadas em envelopes selados e levadas ao Conselho de Defesa, onde foram abertas para que os membros examinassem antes de votar aprovarem o plano. O Ministro da Defesa e o Ministro do Interior apresentaram em conjunto o plano ao Conselho de Defesa. O plano abordou a pesquisa, o desenvolvimento, a influência das drogas nos seres humanos, testes, produção, distribuição, manipulação de dinheiro, como os lucros seriam utilizados e os indivíduos que teriam responsabilidades pessoais específicas. Durante a apresentação, o ministro do Interior, Rudolph Barak, explicou que "não só essa ação servirá para destruir a sociedade ocidental, mas, além disso, o Ocidente pagará muito dinheiro por ela". Antonin Novotny, primeiro secretário e presidente do Conselho de Defesa, perguntou o quanto, e Barak respondeu: "Basta para financiar todo o serviço de inteligência checoslovaco".

Assim que a discussão foi concluída, nem mesmo esperando até o final da reunião, como era normalmente o caso, Sejna recolheu todas as cópias e voltou a fechá-las em seus envelopes. Todos, exceto três, foram destruídos. Estes três exemplares foram para inteligência militar (Zs), a Segunda Administração do Ministro do Interior e os arquivos do Conselho de Defesa, que estavam no secretariado de Sejna. Não foram emitidas instruções escritas para implementar o plano. O chefe de cada departamento ou agência que tinha uma tarefa específica veio a um dos três escritórios onde as cópias do plano foram realizadas para ler essa parte em uma base de "necessidade de saber". Por exemplo, para o desenvolvimento científico e a produção, os chefes dos *Health Administration of the Rear Services*, independentemente, vieram ao escritório de Sejna para ler a parte pertinente do plano. O trabalho de Sejna era garantir que cada oficial compreendesse sua responsabilidade. O oficial foi então obrigado a assinar uma declaração dizendo que ele entendeu a diretiva, após a qual o funcionário faleceu.

Este processo foi aplicado até ao Ministro da Defesa. Todas as ordens eram verbais. Os relatórios sobre o progresso foram devolvidos a Sejna em seis meses. O próprio Sejna reuniu e apresentou esses relatórios ao Conselho de Defesa. Um ano depois, em 1963, Khrushchev, desagradado com a rapidez com que a operação estava progredindo, dirigiu o general Maior Nikolai Savinkin, o vice-chefe do Departamento de Órgãos Administrativos do Comitê Central do PCUS (ele se tornaria chefe em 1964 após o general Morte de Mironov em um acidente de avião), para visitar cada país satélite e Cuba pessoalmente e preparar um plano detalhado para acelerar e coordenar a operação de narcóticos. O Departamento de Órgãos Administrativos é um dos dois ou três departamentos mais importantes do Comitê Central[5]. Controla o Ministério da Defesa, o Ministério do Interior (KGB) e o Ministério da Justiça. Este é o departamento que dirigiu a operação "Druzhba Narodov"[6]. Outras organizações que participaram são descritas no próximo capítulo.

O plano de Savinkin foi aprovado pelo Conselho de Defesa soviético e as diretivas foram enviadas aos diversos países satélites. Estas diretrizes, que vieram através de Sejna como Secretário do Conselho de Defesa da Checoslováquia e Chefe do Gabinete do Ministério da Defesa, abordaram uma ampla variedade de ações: pesquisa, produção, organização de transporte, organização da cooperação entre países satélites em diferentes regiões do mundo, a necessidade de cooperação para ajudar Cuba a se infiltrar em todas as operações latino-americanas e a forma que essa cooperação tomaria, nomes de pessoas específicas em diferentes países que ajudariam na distribuição e propaganda e desinformação associadas. Também foram recebidas instruções sobre

quais instituições financeiras específicas deveriam ser usadas em lavagem e transferência de dinheiro. No caso da Tchecoslováquia, identificaram-se pelo menos quinze bancos diferentes em nove países (incluindo Cingapura, Viena, Argentina e Holanda). O banco soviético em Londres tornou-se cada vez mais envolvido na transferência de lucros de drogas*[7]. As instruções de propaganda e desinformação foram especialmente interessantes. Propaganda, desinformação e fraude são dimensões excepcionalmente importantes de todas as operações soviéticas. Cada decisão tomada é cuidadosamente preparada, incluindo o acompanhamento ou supervisão, disposições de sigilo (isto é, quem deve ser informado do que) e o "plano político" para facilitar a implementação.

O plano político é um eufemismo para o engano que deve ser empregado. A desinformação e a propaganda são desenvolvidas para apoiar o plano básico de engano. Na operação de narcóticos e drogas, o impulso básico da propaganda e da desinformação foi fazer com que a culpa fosse colocada na "sociedade". Além disso, e em apoio deste impulso básico, dados de corrupção seriam liberados para desacreditar indivíduos e organizações consideradas hostis aos interesses soviéticos[8]. Havia duas campanhas de propaganda diferentes: uma travada contra jovens e outra contra a população em geral. Isso envolveu o Departamento de Propaganda Especial, o Departamento de Propaganda e o Departamento Internacional (Estrangeiro), com um centro de coordenação especial criado no Departamento de Órgãos Administrativos.

A estratégia básica de propaganda e fraude foi estabelecida pela primeira vez em 1961 ou 1962 pelo general soviético Kalashnik, deputado ao chefe da Administração Política Principal, o guarda ideológico do establishment militar soviético. Kalashnik era o principal ideólogo da Administração Política Principal. Sejna lembra suas instruções simples: "Nossa propaganda deve ser direcionada ao nosso inimigo, não aos nossos amigos". A palavra "amigos" significava drogas e narcóticos. A propaganda e o engano deveriam ser usados para desviar a atenção das drogas e dos narcóticos, especialmente no que diz respeito às classes média e alta, e fazer com que essas mesmas pessoas concentrem sua atenção nos problemas da guerra nuclear, da guerra do Vietnã e do antiamericanismo.

Essas instruções de propaganda foram prorrogadas em 1964 em uma carta assinada por Leonid Brezhnev, que foi discutido em uma reunião do Conselho de Defesa da Checoslováquia. A carta indicava que os dados sobre a operação chinesa de narcotráfico e narcóticos deveriam ser divulgados, anunciar o papel da China como fonte de tráfico ilícito e, assim, retirar a atenção da operação soviética. (Um dos primeiros artigos escritos para este propósito apareceu no Pravda (Jornal do partido da URSS) em 13 de setembro de 1964. Foi escrito por V. Ovchinnikov e intitulado "*The Drug Dealers"*: veja também a página 161 e a Nota 43, página 166).

Em setembro de 1963, as principais lideranças (Primeiros Secretários, Ministros de Ministros, Ministros da Defesa e do Interior e funcionários selecionados, um total de até 15 de cada país, com exceção da Romênia, Albânia e Jugoslávia, que não estavam presentes) reuniram-se em Moscou para o ano Conferência sobre o plano e táticas a serem seguidas no próximo ano. As iniciativas diplomáticas, de inteligência e de partido - o processo integrado - para o próximo ano, foram revistos pela liderança soviética.

* Nota do Editor: No final da década de 1960, os funcionários do Reino Unido no banco russo em Londres, Moscou Narodny Bank, observaram que os oficiais russos da instituição eram conspicuamente liberais com contas de entretenimento e despesas, muitas vezes convidando membros humildes da equipe a se juntarem a eles para beberem. Durante muitos anos, Viktor Geraschenko era um oficial superior ou o chefe do banco. Sob Gorbachev, Geraschenko foi transferido para dirigir a instituição bancária central e, consequentemente, foi visto nas sucessivas reuniões anuais do

Fundo Monetário Internacional e no Banco Mundial depois que a Rússia aderiu às instituições de Bretton Woods. Ele foi "conduzido" para o cargo de chefe do Banco Central da Rússia sob o presidente Yeltsin, em meio à turbulência que superou os mercados financeiros russos em agosto de 1998.

O principal orador foi Mikhail Suslov, ideólogo-chefe do Partido Comunista e um dos principais funcionários no desenvolvimento de planos estratégicos. Ao discutir as drogas, Suslov começou por apontar que a decisão que havia sido tomada anteriormente sobre o tráfico de drogas e narcóticos era o curso certo. À medida que os soviéticos avaliaram a América Latina na década de 1950, reconheceram que os países latino-americanos dependiam da burguesia, especialmente dos Estados Unidos. Os soviéticos decidiram que isso tinha que mudar: os países latino-americanos tinham que depender da União Soviética. Os principais instrumentos a serem utilizados eram drogas e outras formas de corrupção, que os soviéticos tinham concluído, eram generalizadas em toda a América. Os soviéticos referiram-se ao movimento revolucionário na América Latina como segunda Libertação. A Primeira Libertação foi a libertação de Espanha e Portugal. O Segundo seria a libertação pretendida dos Estados Unidos e da burguesia[9]. A Terceira Libertação seria a transição para o comunismo.

Suslov explicou que era necessário desarmar amigos anti-comunistas e norte-americanos antes que a Segunda Liberação pudesse ocorrer. Os soviéticos acreditavam que a burguesia corrompida já havia aceitado a idéia da revolução, que era de fato um engano deliberado e induzido pelo soviético. A abordagem adotada para incentivar a aceitação da noção de revolução foi argumentar que os países latino-americanos estavam destinados a prosseguir através de estágios revolucionários, nos quais as mudanças que seriam realizadas acabariam por ser benéficas. Nesses estágios iniciais, havia, pela direção soviética, não mencionar o socialismo nem mesmo o uso de frases socialistas - para evitar assustar as pessoas do conceito de revolução. Os soviéticos afirmaram que cinco fatores se tornariam mais fundamentais para acelerar o processo revolucionário em toda a América Latina:

1. O equilíbrio militar US-URSS. A União Soviética precisava ser forte o suficiente para impedir que os Estados Unidos interferissem antes que a revolução pudesse ser iniciada.

2. Falência do colonialismo. Através da propaganda da exploração e da impropriedade das políticas coloniais e, naturalmente, do protecionismo que acompanhava o colonialismo, os laços dos Estados Unidos com a América Latina ficariam enfraquecidos e, em última instância, cortados.

3. Organização da ideologia e fornecimento material das forças de libertação. Foi necessária uma melhor organização e uma ofensiva ideológica unida entre as forças de libertação. O movimento se tornou desarticulado em Stalin. A unidade ideológica era necessária e o fornecimento de assistência material - dinheiro, armas, treinamento, organização - precisava ser melhorado em toda a América Latina.

4. A derrota dos Estados Unidos no Vietnã. Isso foi importante para dividir os Estados Unidos em casa e tornar difícil para os Estados Unidos se envolver novamente em guerras estrangeiras. Além disso, era importante que as forças nacionalistas reconhecessem que os Estados Unidos não poderiam ser contados para ajudar seus aliados contra o processo revolucionário.

5. A desmoralização dos Estados Unidos e seus vizinhos em ambos os lados, norte e sul. As drogas eram um instrumento principal a ser usado para provocar essa desmoralização - com desmoralização por drogas a serem referidas, como observado, como a "Epidemia Rosa" [ver página 48]. Os soviéticos acreditavam que quando a "Epidemia Rosa" abrangeria os continentes norte e sul-americano, a situação seria

altamente satisfatória para a revolução. Suslov analisou a situação na América Latina, usando dados coletados pela inteligência soviética, partidos comunistas locais e agentes de inteligência do Pacto Cubano e de Varsóvia que penetraram nas operações de drogas latino-americanas. Fazendo referência especial ao Paraguai, Jamaica, El Salvador, Guatemala, Honduras e México, Suslov afirmou que setenta por cento dos burocratas latino-americanos estavam ligados às operações de drogas (por quem são corrompidas). No México, ele disse que oitenta por cento dos burocratas estavam ligados à droga ou envolvidos com outras formas de corrupção. Na América Latina, sessenta e cinco por cento dos padres católicos usaram drogas, disse ele. Os sacerdotes católicos têm sido alvo principal da estratégia soviética na América Latina.

Quatro anos depois, em uma reunião em 1967, Boris Ponomarev explicou às autoridades checoslovacas que, de acordo com estimativas soviéticas, oitenta por cento dos sacerdotes latino-americanos eram anti-americanos e um pouco mais de sessenta por cento estavam inclinados para a esquerda[12]. Esta estatística particular foi fortemente ponderada por jovens sacerdotes, a quem os soviéticos acreditavam que exercerão influência importante na América Latina nos vinte e poucos anos seguintes. Boris Ponomarev avançou três razões para trabalhar com esses sacerdotes mais jovens: ajudar a revolução a avançar, usar a igreja para ajudar a distribuir drogas e usar sacerdotes para obter informações adicionais sobre redes de tráfico de drogas.

Mas, voltando para 1963: depois de revisar as estatísticas de inteligência sobre o negócio de drogas, Suslov discutiu dois grupos especiais contra quem as drogas deveriam ser usadas. A primeira foi a liderança burguesa. Em segundo lugar, um grupo chamado de “lumpen proletariado” - os desempregados que freqüentemente se voltavam para o crime ou a prostituição para a sobrevivência; Um termo um tanto equivalente para descrever este grupo pode ser o “proletariado oprimido”[13]. Como Mikhail Suslov explicou, este grupo era particularmente vulnerável à isca de drogas. Isso era tudo para o bem, porque era vantajoso do movimento de guerra revolucionário destruir esse grupo, pois era inútil e um fardo. Seus membros não quiseram trabalhar. Eles eram os principais consumidores de drogas e deveriam ser destruídos. A tática revolucionária chave era preparar uma elite revolucionária e esse proletariado oprimido não era parte dessa elite. Para promover o negócio de drogas, Mikhail Suslov também enfatizou quatro pontos:

1. Use Cuba para ajudar a estabelecer operações de drogas.

2. Certifique-se de obter permissões de segurança em todo o pessoal antes, antes de envolvê-los em operações de tráfico de drogas e manipulação.

3. Nos partidos comunistas, informe apenas os primeiros secretários sobre atividades de drogas. Os partidos comunistas individuais deveriam ser mantidos em armas das operações de drogas, por duas razões principais. Primeiro, os partidos comunistas acreditavam ter sido infiltrados por agentes estrangeiros. Por conseguinte, o conhecimento das operações de drogas deveria ser mantido afastado das Partes e todo o pessoal deveria ser cuidadosamente removido antes do envolvimento no tráfico. Em segundo lugar, as operações de drogas renderam dinheiro e isso, por sua vez, significou uma possível independência fiscal. As operações de drogas devem, portanto, ser mantidas fora das mãos dos partidos comunistas, como forma de garantir a dependência constante de Moscou. O dinheiro de droga usado para financiar partidos comunistas estrangeiros seria canalizado para Moscou e depois para as várias Partes de acordo com suas necessidades.

4. Era importante induzir a inteligência indígena latino-americana, a contra-inteligência e as forças militares a se envolverem mais nas operações de drogas. Essas organizações representavam importantes fontes de sentimentos pró-americanos, e a

corrupção assistida por drogas deveria ser usada para minar tais atitudes pró-americanas.

O estilo de Khrushchev era sentar-se e interromper o falante para fazer pontos adicionais como ele achasse conveniente. Ele primeiro interrompeu Suslov para enfatizar a necessidade de cautela. “Camarada Suslov”, ele interveio, “é particularmente cuidadoso. Eu tentei forçá-lo a acelerar o processo de drogas - para fazer a burguesia pagar pela revolução - mas eu concordo com ele. Não podemos assumir um risco maior do que estamos tomando agora”. Em outro ponto, Khrushchev interrompeu e explicou: “Algumas pessoas combinam drogas e álcool, mas o álcool não é como drogas. Damos vodka aos soldados soviéticos e passamos do sucesso ao sucesso”.

Suslov também apontou que era necessário começar a criar reservas para as forças revolucionárias latino-americanas, de modo que suas necessidades ficassem satisfeitas quando estavam prontas para sair do subterrâneo. Assim, todos os países do Pacto de Varsóvia deveriam começar a contribuir para uma conta de reservas da América Latina.

O discurso de Suslov não deixou nada para a imaginação. A operação “Druzhba Narodov” deveria ter alcance global. A burguesia em todos os países era alvo. As drogas e os narcóticos deveriam ser armas primárias para uso na ofensiva revolucionária mundial. À medida que a estratégia soviética “Druzhba Narodov” tomou forma em 1962-1964, provavelmente a melhor e mais sucinta descrição da filosofia de alvos foi fornecida à liderança checoslovaca em 1964 durante uma visita à Bulgária. Todor Zhivkov, primeiro secretário do Partido Comunista da Bulgária, explicou à delegação checoslovaca visitante que os Estados Unidos eram o principal alvo da ofensiva da droga do Bloco soviético porque era o pior inimigo (“o Inimigo Principal”), porque era simples Para mexer drogas para os Estados Unidos, e porque havia um suprimento ilimitado de dinheiro duro lá.

Referências ao Capítulo 4:

1. Agência de Controle de Drogas dos EUA, O Envolvimento da República Popular da Bulgária no Tráfico Internacional de Narcóticos, no Congresso dos EUA, Senado, Drogas e Terrorismo, 1984, Audiência perante o Subcomitê de Alcoolismo e Abuso de Drogas do Comitê em Trabalho e Recursos Humanos, 2 de agosto de 1984 (*US Government Printing Office*: Washington, DC, 1984).
2. Ibid., Página 66.
3. Ibid., Página 58.
4. Ibid., Página 61.
5. A importância desse departamento também é enfatizada em John J. Dziak, Chekisty: A History of the KGB (Lexington, Massachusetts: Lexington Books, 1988), páginas 148,151-152.
6. O chefe do Departamento de Órgãos Administrativos, aliás, também foi o oficial soviético encarregado da operação de controle de armas soviética durante a década de 1960.
7. O Dr. Zdzislaw M. Rurarz foi membro da inteligência militar polonesa (Zll) por 25 anos, assessor econômico dos Ministérios do Comércio Exterior e dos Negócios Estrangeiros e do Primeiro Secretário e Embaixador no Japão antes de desertar os Estados Unidos em 1981 . Ele explicou ao autor que, antes de partir, acreditava que o número de bancos soviéticos, instituições financeiras e joint ventures em todo o mundo que estavam disponíveis para auxiliar no processo de processamento de dinheiro era de cerca de 300. Posteriormente, ele soube de uma fonte francesa que o número subiu para 400.
8. Embora não haja conexão conhecida, um exemplo de um evento que poderia ter sido desencadeado pelos soviéticos foi o escândalo da droga envolvendo o antigo Bureau of Narcotics em que os agentes federais dos EUA foram descobertos vendendo heroína ou protegendo traficantes de drogas. Este escândalo foi divulgado pelo procurador-geral Ramsey Clark em 1968. Isso resultou em quase todos os agentes no escritório de Nova York sendo demitidos, forçados a renunciar ou transferidos. Edward Jay Epstein, Agência de Medo: Opiáceos e Poder Político na América (Nova York: GP Putnam's Sons, 1977), página 105. Veja também Congresso dos EUA, Senado, Tráfico Internacional de Narcóticos, Audiência perante o Comitê de Relações Exteriores, 1 de julho Em 1971 (Washington, DC: US Government Printing Office, 1971), página 29.
9. Sejna primeiro ouviu essa visão sobre as fases de libertação em cerca de 1962 de Andrei Kirilenko, deputado de Khrushchev, em uma reunião da liderança do Pacto de Varsóvia. Kirilenko explicou que a estratégia soviética era manter os Estados Unidos fora do processo revolucionário mundial ao construir um incêndio sob a janela americana.
10. “Epidemia cor-de-rosa” foi o nome de código para a operação “servir e estender” a epidemia de cocaína que os soviéticos acreditavam ser a onda do futuro. Veja capítulo 3.
11. Miguel Bolanos Hunter foi um ex-agente de contra-inteligência na seção de contraespionagem do aparelho de

segurança do Estado da Nicarágua. Em uma entrevista para o Projeto de História Oral, Programa de Estudos de Segurança Internacional, Faculdade de Direito e Diplomacia Fletcher, Bolanos analisou as origens, a estrutura e as missões do aparelho de segurança do Estado. Com relação à igreja, ele disse: “Para os sandinistas, a Igreja [tradicional católica] é Inimigo Número Um. Não há dúvidas sobre isso”. [Testemunho de Miguel Bolanos Hunter, em Uri Ra'anan et al., Hydra of Carnage (Lexington, Massachusetts: Lexington Books, 1986), página 309]. Como Jan Sejna explicou, as religiões são vistas como uma força especialmente perigosa dentro dos países socialistas e em todos os países preparados para a revolução, dado o conflito entre a moral marxista e a moral religiosa. [O ataque à religião está no cerne da revolução: Gorbachev proclamou, em 15 de dezembro de 1987, afinal, que “não deve haver desacordo na guerra contra a religião porque, enquanto a religião existe, o comunismo não pode prevalecer. Devemos intensificar a obliteração de todas as religiões, onde quer que sejam praticadas ou ensinadas”- Ed.]. Nos países socialistas, o objetivo a longo prazo de 50 anos era eliminar a importância e a influência das religiões. Fora dos países socialistas, a propaganda, o engano, a diplomacia e os serviços de inteligência deveriam ser usados para destruir, influenciar ou usar as várias religiões. Nos países do Terceiro Mundo, as religiões eram vistas como “amigos temporários” porque apoiavam o espírito revolucionário. (5). Seitas reacionárias. Com referência às “seitas reacionárias”, a inteligência checoslovaca tinha três agentes clericais no Vaticano no final da década de 1960. Eles estavam localizados, afirmou Sejna, nas seções responsáveis pela política externa, finanças e ideologia. Os muçulmanos foram particularmente importantes devido ao seu papel no Oriente Médio e na África. Uma consequência da guerra árabe-israelense foi que permitiu que os serviços de inteligência do Bloco soviético infiltraram todos os principais centros muçulmanos. A comunidade judaica foi considerada um alvo especialmente importante para ajudar a União Soviética a obter influência econômica sobre o Ocidente e como uma fonte especialmente importante de informações de inteligência e como contrapeso liberal contra as forças de direita. A religião mais difícil para os Soviets manipular foi o budismo porque as características físicas divergentes tornaram a infidelidade da ordem religiosa. As seções reacionárias (conservadoras), que também eram anticomunistas, eram consideradas como tendo uma influência política considerável. Essas seitas também desejavam alcançar controle e poder, que o plano comunista explorava. Em 1967, os comunistas obtiveram informação interna ou influenciaram sobre, por sua estimativa, em mais de 40% das várias seitas e outras religiões. De acordo com o Manual Comunista de Instrução de Guerra Psicológica. “Como parece nas nações estrangeiras que a igreja é a influência mais enobrecida, cada ramo e atividade de cada igreja deve, de uma maneira ou de outra, ser desacreditada. A religião deve tornar-se fora de moda por demonstrando amplamente, através do adoutrinamento psicopolítico, que a alma é inexistente e que o homem é um animal”. Reimpressão na lavagem cerebral: uma síntese do livro de texto comunista sobre psicopolitica (Melbourne, Victoria, Austrália: New Times Ltd., 1956), página 35. (Ver também Introdução ao Segundo Edi-tiof, o presente trabalho, páginas IX a XI - Ed.]

12. Estes números são apoiados por pesquisas ocidentais. Por exemplo, no início da década de 1970, 78 por cento de todos os sacerdotes católicos no Chile se identificaram como sendo à esquerda politicamente. James R. Whelan, Out of the Ashes, Op. Cit., Página 712.

13. Sejna tinha ouvido pela primeira vez o termo “lumpen proletariado” no início dos anos 50. Naquele momento, era o rótulo da porção do proletariado que não estava se levantando para se opor à burguesia; Isto é, aqueles que não foram facilmente recrutados para o movimento comunista. Em 1963, o termo assumiu um novo significado. Agora era usado para descrever os desempregados e as pessoas que não queriam trabalhar ou contribuíram. Os soviéticos acreditavam que essas pessoas muitas vezes se voltam para o crime para se sustentar e, de fato, em sua opinião, seja desempregados era quase sinônimo de ser um criminoso. Estudos comunistas também concluíram que esse grupo de pessoas, além do crime, costumava recorrer a drogas - tanto a venda de drogas como seu uso. Como resultado desse vínculo com crimes, drogas e outras atividades imorais, os analistas soviéticos e do leste europeu concluíram que o proletariado lumpen poderia ser usado de forma lucrativa para acelerar a desestabilização dos Estados Unidos. Esta conclusão foi reforçada ainda mais porque as grandes cidades foram consideradas como os principais centros revolucionários nos Estados Unidos, e a vida nessas cidades estava cada vez mais dominada pelo proletariado lumpen. Além disso, acredita-se que os recrutadores do serviço militar fossem recrutados extensivamente pelo chamado proletariado Lumpen, que era, portanto, um alvo de alta prioridade para a corrupção devido ao seu potencial efeito adverso sobre os militares. Este não era um exercício de recrutamento. Os membros do proletariado lumpen ainda não eram considerados adequados para o movimento revolucionário. Mas eles eram um alvo-chave por causa do dano que poderiam fazer à sociedade capitalista através da desestabilização e desmoralização e, portanto, eram um ativo para ser usado para ajudar no processo revolucionário - antes de serem destruídos após a revolução. No âmbito do proletariado lumpen, as minorias foram identificadas como especialmente importantes porque constituíam mais de 70% delas, de acordo com os estudos soviéticos relevantes. Por conseguinte, a raça tornou-se uma dimensão integral da classe alvo, sendo os negros e os hispânicos as duas minorias mais importantes. Os soviéticos acreditavam que havia divisões crescentes entre os brancos e as minorias não-brancas e que o governo dos EUA não poderia resolver o problema. Quando Moscou analisou a situação, o capitalismo estava morrendo e, à medida que a situação econômica e social se deteriorava, mais e mais membros do proletariado lumpen seriam gerados. O efeito desta conclusão foi destacar ainda mais a importância do proletariado lumpen. Em 1967, o conceito de lumpen proletariado era dominado pela imagem dos pobres do centro da cidade, especialmente das minorias. A maior parte do Terceiro Mundo também foi considerada como o proletariado lumpen. Mesmo assim, enquanto, em 1963, este grupo era visto como o principal consumidor de drogas, ainda assim, o alvo principal para quem os medicamentos deveriam ser comercializados não era esse grupo, mas sim a elite. Em 1967, isso também mudou, no que diz respeito às discussões sobre a estratégia soviética de narcóticos dirigida contra os Estados Unidos, e o proletariado lumpen, que por esse tempo e neste contexto significava que os pobres e principalmente os negros e os hispânicos do interior da cidade tornaram-se um alvo-chave para o tráfico de drogas e o grupo principal a ser recrutado para fazer o marketing. Além disso, em 1967, a estratégia soviética incluiu a promoção da guerra racial no Ocidente, e essa estratégia se refletiu na propaganda soviética, na desinformação e até nas políticas de contratação industrial.

CAPÍTULO CINCO

ORGANIZANDO PARA DRUZHBA NARODOV

No Ocidente, quando as pessoas falam de operações de inteligência, o que eles normalmente têm em mente são operações secretas que ficam sem o serviço de inteligência de uma nação, como a CIA, KGB ou GRU. Este conceito faz um grande desserviço às operações de inteligência comunista, que envolvem muitas agências, não apenas a KGB ou GRU, e geralmente não são direcionadas pelos serviços de inteligência, mas sim pelo Conselho de Defesa, Departamento de Órgãos Administrativos ou outra organização apropriada do Partido. Ou seja, as operações de inteligência são operações do Partido Comunista destinadas a servir os interesses do Estado, que apenas o Partido pode estabelecer. O serviço de inteligência é estritamente um instrumento da estratégia do Partido, novamente em contraste com os Estados Unidos, que não tem estratégia de contrapartida. A operação conhecida como *"Druzhba Narodov"* - o plano inteligente de Khrushchev "Amizade das Nações" - é especialmente interessante por causa da visão que fornece na natureza das operações de inteligência soviética.

Mesmo no início, no meio e no final dos anos 1950, a operação de drogas e narcóticos envolveu mais do que agentes de inteligência. O pessoal das ciências médicas estava fortemente envolvido em análises, pesquisas e testes. A principal força motivadora foi Nikita Khrushchev, o primeiro (mais tarde, o secretário geral) do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). O planejamento inicial foi conduzido pela equipe conjunta civil / militar checoslovaca / soviética mencionada anteriormente. A incorporação da estratégia de tráfico de drogas no planejamento da segurança nacional foi tratada por um comitê especial sob a direção de Leonid Brezhnev. Este comitê, que se reuniu entre o outono de 1956 e a primavera de 1957, foi responsável por uma atualização abrangente da estratégia soviética para trazê-lo para a era nuclear. O deputado de Brejnev foi Mikhail Suslov, o principal ideólogo soviético. Os líderes do subcomitê foram o marechal V. D. Sokolovskiy (militar), Dimitry Ustinov (indústria militar), Boris Ponomarev (assuntos externos) e o general Nikolai Mironov (inteligência).

Duas revisões da estratégia soviética em relação a drogas e narcóticos surgiram durante o curso desta revisão. O primeiro envolveu um reconhecimento oficial de que as drogas poderiam ser armas importantes para o enfraquecimento das forças militares inimigas[2]. Em segundo lugar, percebeu-se que as drogas poderiam ser usadas para influenciar as lideranças burguesas no Terceiro Mundo e, em particular, entre os partidos social-democratas, embora nenhum fosse excluído.

A responsabilidade pela análise de mercado e segmentação foi atribuída ao Departamento Internacional do PCUS. O Departamento Internacional também esteve

envolvido na coleta de informações de corrupção sobre líderes estrangeiros e seu uso em operações de chantagem, intimidação ou exposição. Este departamento também esteve fortemente envolvido no planejamento de propaganda e provavelmente teria tomado a decisão crítica de divulgar informações sobre o tráfico de drogas chinês para a operação de propaganda.

A principal administração política do Exército e da Marinha, o departamento que mantém vigilância ideológica sobre os militares, também esteve envolvida na operação de tráfico de drogas desde o início. Já em 1956, a liderança checoslovaca foi aconselhada pelo general soviético Kalashnik, o ideólogo da Administração Política Principal, sobre uma nova visão sobre drogas e outros produtos químicos capazes de afetar a mente e o comportamento de milhões de pessoas. Esta foi uma das cinco novas armas que poderiam "destruir o inimigo antes que ele possa nos destruir". As outras armas incluíam a ofensiva ideológica, que significava propaganda e engano, boa política externa destinada a dividir o Ocidente, o isolamento dos Estados Unidos e o caos econômico e social. Era essencial, explicou o general Kalashnik, que os militares deveriam se apressar a entender que havia armas de grande eficácia, além de armas convencionais e nucleares.

Uma explicação semelhante foi fornecida por Khrushchev no início do verão de 1963 em Moscou. Durante uma discussão informal, Khrushchev acabara de criticar o Marechal Rodion Ya. Malinovsky por estar com muita pressa para empurrar seus tanques para o Ocidente. Então, Khrushchev explicou que os soviéticos operavam em dois níveis estratégicos simultaneamente, para envolver o Ocidente na guerra. O primeiro escalão foi o engano, a desinformação e a propaganda. O segundo escalão foi a destruição do capitalismo pelo seu próprio dinheiro através de drogas. Uma vez que esses dois níveis foram bem-sucedidos, Khrushchev enfatizou, "então você pode usar o terceiro escalão estratégico, camarada Malinovsky, nossos tanques".

À medida que a ofensiva da droga do Bloco soviético crescia e amadureceu, a organização tornou-se mais complexa - mas com o controle e sigilo ficando extremamente apertado. Esta é outra característica das operações soviéticas: apenas porque uma operação se expande, não se segue que o controle sobre a informação se solte. O próprio Conselho de Defesa é um exemplo. O Conselho de Defesa permanece pequeno precisamente para manter um controle rigoroso e uma boa segurança. No negócio da droga, enquanto muitas pessoas estavam envolvidas, poucos realmente conheciam o verdadeiro propósito da operação, ou mesmo o enorme envolvimento soviético.

As principais organizações checoslovacas que participaram do negócio de drogas estão identificadas na figura 1 na página 61. A estrutura organizacional aplicada na Checoslováquia era paralela à estrutura organizacional na União Soviética. Certos nomes organizacionais são diferentes: por exemplo, a contraparte checoslovaca do Departamento Internacional Soviético foi o Departamento de Relações Exteriores; O primeiro secretário era o secretário geral na União Soviética; E a Segunda Administração da Checoslováquia sob o Ministério do Interior era a contrapartida da KGB soviética. Existem diferentes centros de pesquisa na União Soviética, e as organizações soviéticas são maiores e mais variadas; Mas a essência das duas estruturas organizacionais é a mesma.

As principais diferenças são que as organizações soviéticas tomam decisões estratégicas de alcance global, e são maiores, e que existem organizações na União Soviética que são responsáveis pelos partidos comunistas estrangeiros e que não têm contraparte na Tchecoslováquia. Esta distinção particular pode ser considerada especialmente importante. Por exemplo, contribuições importantes para o

desenvolvimento da estratégia de tráfico de drogas na América Latina foram fornecidas pelos partidos comunistas locais, que se reuniriam todos os anos em Moscou e apresentam suas avaliações do progresso de suas operações de drogas, fazendo recomendações para novas técnicas, mercados e táticas. Como em todas as operações soviéticas importantes, o Secretário-Geral não foi apenas informado, mas desempenhou o papel principal. Em relação ao planejamento e direção, o poder real no sistema soviético residia nos departamentos do Comitê Central. Um dos dois ou três departamentos mais

Primeiro Secretário do Comitê Conjunto do Conselho de Defesa da Checoslováquia	
GOVERNO	PARTIDO (Comitês Centrais)
Ministério do Interior	Departamento de órgãos administrativos
Segunda administração Estratégia de inteligência estratégica de serviços de contra-inteligência	Administração política principal
Administração Financeira	Departamento de Estrangeiros
Ministro da defesa	Departamento de Saúde
Administração de Inteligência [Zs] Agente de Inteligência Estratégica Redes Propaganda Especial Financ	Departamento de Propaganda e Agitação Departamento de Finanças
Administração de serviços de serviços traseiros	
Departamento de Suporte Técnico para Países Estrangeiros	Departamento de Ciências
Administração Financeira Principal	
Seção Militar do Ministério das Finanças	
Academia de Ciências	
Ministério do Comércio Exterior Principal Administração Técnica	
Ministério das Relações Exteriores	
Comissão do Plano Estadual Administração Militar	

Figura 1: organizações checoslovacas envolvidas em operações internacionais de drogas ofensivas durante o comunismo aberto.

importantes foi o Departamento de Órgãos Administrativos, que era o centro de

planejamento e controle das operações de drogas na União Soviética e na Tchecoslováquia. Este também foi o caso nos outros países satélites.

O Departamento de Órgãos Administrativos exerceu controle e supervisão sobre os serviços de inteligência, a justiça militar e (socialista). Assim, era natural que o Departamento de Órgãos Administrativos fosse o principal departamento do Comitê Central em relação às operações de drogas. Não foi uma mera coincidência que, quando Khrushchev queria que a ofensiva das drogas se intensificasse em 1963, ele pediu ao general Major Nikolai Savinkin, o chefe adjunto do Departamento de órgãos administrativos, para visitar todos os países participantes e emitir instruções abrangentes.

Os analistas ocidentais podem ser aconselhados a prestar maior atenção ao papel do Partido e dos poderosos departamentos do Comitê Central, especialmente o Departamento de Órgãos Administrativos. A este respeito, é importante reconhecer que Savinkin tornou-se chefe do Departamento de Órgãos Administrativos em 1964, executando-o até sua aposentadoria em 1987, vinte e três anos depois. (Não foi até 1988 que a imprensa soviética anunciou que ele desistiu como chefe do departamento).

Dentro do Departamento de Órgãos Administrativos havia funcionários cujas responsabilidades eram, de fato, vigiar as organizações militares e de inteligência. Além disso, os oficiais políticos estavam localizados dentro das organizações militares e de inteligência que, além disso, eram membros das seções apropriadas do Departamento de Órgãos Administrativos e que mantiveram seus respectivos chefes de seção informados sobre o que estava acontecendo em suas áreas de responsabilidade dentro dos militares ou dos Serviços de inteligência. Por exemplo, Sejna foi o oficial político de mais alto escalão do Ministério da Defesa da Checoslováquia e, como tal, também foi membro da seção militar do Departamento de Órgãos Administrativos. Além disso, no caso de operações especialmente coordenadas (como o tráfico de drogas), departamentos importantes muitas vezes têm funções especiais de coordenação e controle, não apenas no que diz respeito às suas responsabilidades normais - por exemplo, sobre as organizações militares e de inteligência no caso do Departamento de Órgãos Administrativos - mas sobre outras organizações participantes também.

Outra organização de importância na manutenção do controle e segurança interna era a contra-inteligência. Na sede da inteligência militar (checoslovaca), havia uma seção de contra-inteligência militar, que era realmente uma seção do Ministério do Interior (KGB na União Soviética) e que também tinha um oficial de controle responsável na Departamento de órgãos administrativos.

Além disso, no âmbito da contra-inteligência civil e militar, havia departamentos especiais que supervisionavam as operações de contra-inteligência e relataram-nas ao chefe do Departamento de órgãos administrativos. Os soviéticos não confiam em ninguém, e sua estrutura organizacional sempre refletiu esse princípio. Todos são controlados de três maneiras. Esta é uma das razões pelas quais, quando vários funcionários de Cuba, Nicarágua, Bulgária ou de algum outro Estado comunista foram envolvidos no tráfico de drogas, era sempre altamente improvável que estes fossem “apenas alguns funcionários corruptos”. O Partido quase certamente estava bem ciente do que estavam fazendo e, de fato, não apenas aprovou a operação, mas provavelmente o dirigiu para que fosse realizado.

Indicativo da supervisão e disciplina do partido em operações de drogas foi o fato de que, em 1959, o Chefe das Checoslovacas Zs, General Racek, foi demitido após uma inspeção pelo oficial do Departamento de Órgãos Administrativos que estava no comando de Zs e contra-inteligência militar. Em seu relatório, ele criticou o General Racek por não colocar as melhores pessoas no negócio de drogas. Racek não conseguiu

reconhecer a importância do negócio de drogas para operações de inteligência.

A inteligência civil e militar tinha responsabilidades de narcóticos. No entanto, como a produção era controlada por e dentro dos militares e porque o exército era responsável por destruir a capacidade de uma população inimiga para suportar um esforço de guerra, a responsabilidade primária pelo tráfico de drogas residia dentro do estabelecimento militar. A inteligência civil (a Segunda Administração na Checoslováquia, o componente de inteligência[3] no KGB na União Soviética) ajudou sempre que seus recursos se adequassem melhor à tarefa e onde a inteligência militar, Zs na Tchecoslováquia, não tinha oportunidades para o tráfico de drogas.

A maioria das operações dos agentes de narcóticos foram tratadas nas seções de inteligência estratégica das organizações de inteligência civil e militar. O recrutamento, o treinamento e a administração dos agentes foram tratados pelo ramo das redes de agentes, mas a operação de narcóticos foi administrada pelo ramo da inteligência estratégica. Este ramo foi responsável pelo estabelecimento de cotas de produção em relação às drogas produzidas na Checoslováquia e pela coordenação e direção da produção de medicamentos no exterior (local); Para coordenar o transporte; Para operações de agente de gestão; E para o planejamento global de operações no exterior.

A contra-inteligência e a contra-inteligência militar, cujo negócio é a segurança, também foram envolvidas. Sua missão foi particularmente complicada nas operações no exterior e exigiu a assistência de partidos comunistas estrangeiros e agentes de inteligência estratégica que operam no país de interesse. Os registros financeiros, orçamentação e contabilidade foram tratados por seções especiais de finanças em cada serviço de inteligência.

No caso de Cuba, tanto a Zs como a Segunda Administração (e inteligência soviética GRU e KGB) ajudaram a configurar a operação de drogas relevante. Foi uma joint venture desde o início. Como explicado anteriormente, quando Raul Castro estava na Checoslováquia no verão de 1960, assinou acordos de assistência com o Ministro do Interior e o Ministro da Defesa. Quando os planos de expansão das operações de medicamentos ou os relatórios sobre o progresso passado foram apresentados ao Conselho de Defesa da Checoslováquia, as apresentações foram feitas conjuntamente pelos Ministérios da Defesa e do Interior.

Entre os Ministérios da Defesa e do Interior, havia um comitê conjunto que coordenava operações de inteligência. Este comitê decidiu quem dirigiria agentes recrutados, que dirigiriam uma operação particular (civil ou militar), que poderia funcionar melhor em diferentes regiões, e assim por diante. Na Checoslováquia, os co-presidentes da comissão foram o primeiro-ministro adjunto do Interior e o chefe do Estado-Maior. Outros membros eram o Chefe das Z e o Chefe da Segunda Administração no Ministério do Interior (chefe da inteligência na KGB na União Soviética) e seus deputados encarregados da inteligência estratégica. Ao planejar uma operação, este comitê na União Soviética decidiu pela primeira vez quais países satélites poderiam fazer o trabalho de forma mais eficaz e, em cada país satélite, qual serviço de inteligência, civil ou militar, teve a melhor oportunidade de fazê-lo.

No final da década de 1950, foram formadas várias organizações particularmente importantes que receberam responsabilidades críticas: os Departamentos de Propaganda Especial nas Administrações de Inteligência dos Funcionários Gerais. Esses departamentos informaram conjuntamente à Administração de Inteligência e à Administração Política Principal. Eles desempenharam papéis especialmente importantes na coleta de dados sobre indivíduos em países estrangeiros e no controle desses indivíduos em tempo de guerra. Estratégia de narcóticos, especialmente esse elementos

associado à coleta de informações sobre corrupção associada, foi acompanhado de perto da missão dos Departamentos de Propaganda Especial. Esses departamentos também tiveram papéis importantes no engano e planejamento de fraude, e muitas vezes eram as principais agências que emitiam tais instruções.

A Propaganda foi dirigida pelo Departamento de Propaganda do Comitê Central e pelos Departamentos de Propaganda Especial. Uma pessoa especial (uma seção especial na União Soviética) no Departamento de Órgãos Administrativos forneceu dados de inteligência derivados dos serviços de inteligência e do Departamento de Propaganda Especial, e emitiu instruções (ordens) para a ofensiva de propaganda. No caso de operações de engano, novamente, muitas organizações estavam envolvidas - o mais importante dos quais eram a Administração Política Principal, o Departamento de Propaganda Especial, o Departamento Estrangeiro (Internacional), as seções de inteligência estratégica da inteligência militar e civil e a Secretaria eleita[4], que foi responsável pela supervisão da maioria das operações fraudulentas.

Tanto os cientistas da Europa Oriental como os soviéticos participaram fortemente de pesquisa e desenvolvimento militar e de inteligência, incluindo o desenvolvimento, a produção e a análise das consequências do uso de drogas e narcóticos. Na Checoslováquia, as principais atividades de pesquisa em apoio ao narcotráfico foram tratadas pela Academia de Ciências e pelos centros de pesquisa militar. Na Academia, as principais atividades foram realizadas na Universidade Médica Charles e no Colégio Médico de Bratislava. Nas forças armadas, o Direito ou direção principal foi fornecido pela Administração de Saúde Militar, com o trabalho realizado no Hospital Militar Central - o Centro de Educação Médica Militar onde os médicos foram treinados - e o Centro Médico da Força Aérea.

As atividades da Academia de Ciências foram regidas por planos de um ano, cinco anos e longo prazo (quinze anos e além) consistiam em duas partes, uma parte regular e um elemento de alto segredo. Os participantes envolvidos na montagem da parte Ultra Secreto fora da Academia de Ciências foram o Departamento de Órgãos Administrativos do Comitê Central, o Departamento de Saúde do Comitê Central, a Administração Militar na Comissão do Plano Estadual, a Administração da Ciência no Ministério da Defesa, A seção de inteligência estratégica no Ministério do Interior, o Estado-Maior Geral (Zs) e a seção militar do Departamento de Finanças do Comitê Central.

Planos e objetivos para pesquisa e desenvolvimento de drogas melhoradas e narcóticos (ou seja, drogas que seriam mais rápidas, mais fáceis de fabricar e que ofereciam “efeitos mentais debilitantes” a longo prazo “melhorados”)[5] estavam contidos no topo Segmento secreto dos planos, juntamente com planos de desenvolvimento para agentes de guerra biológica e química, produtos químicos especiais para assassinatos e drogas de controle mental (modificação de comportamento). Conforme indicado anteriormente, as drogas e os narcóticos eram considerados armas químicas.

A análise dos efeitos do tráfico de drogas e narcóticos - isto é, análise de mercado - foi uma atividade de bloco soviético especialmente importante. Os centros de análise mais importantes foram a Academia Política Militar da Administração Política Principal, a Escola do Partido mais alto e a Academia de Ciências. Na Academia Política Militar, o foco estava na perspectiva militar, é claro. A *High Party School* concedeu PhDs em uma ampla variedade de assuntos, incluindo ciências físicas e sociais. Normalmente, sessenta por cento da escolaridade consistiam no marxismo-leninismo e quarenta por cento focados no campo de especialização do aluno; Por exemplo, biologia. Esses institutos eram locais convenientes para programas analíticos porque eram financiados

separadamente, tinham acesso fácil às bibliotecas e também tinham acesso a instalações de pesquisa. A principal pesquisa foi realizada pela faculdade.

Havia também equipes de pesquisa conjuntas, cujos membros eram provenientes de todos os países do bloco soviético. Estes eram geralmente dirigidos pelo participante soviético e, em muitos casos, toda a equipe estava localizada em uma das universidades ou hospitais de Moscou. Ao longo dos anos, a tendência foi a integração da pesquisa do bloco soviético com maior ênfase nas equipes de pesquisa alojadas em Moscou, provavelmente refletindo os interesses do então chefe da KGB, Yuriy Andropov, em manter um controle estrito sobre atividades especiais. Como posteriormente será descrito, a atividade de pesquisa sobre drogas durante a década de 1960 foi eficaz na produção de drogas que visavam limitar o desenvolvimento intelectual. Todos os países do Pacto de Varsóvia foram envolvidos nesta pesquisa. Cuba também esteve envolvida e indiretamente vinculada à pesquisa do Pacto de Varsóvia através da Checoslováquia com efeitos a partir de 1967.

Os serviços de inteligência do bloco soviético também tinham agentes especiais espalhados por todo o mundo, mas concentrados na Europa e no Hemisfério Ocidental, que não estavam envolvidos no narcotráfico por si só, mas que observaram seus efeitos. O general Sejna recorda uma sessão de treinamento especial para esses indivíduos que foi realizada no centro de treinamento de tráfico de drogas de Zs em Bratislava. O foco das atividades da sessão era analisar oportunidades de mercado, recomendar medidas que induzissem em erro as autoridades locais e nacionais sobre a distribuição de drogas e identificar vulnerabilidades em organizações policiais e, em particular, oportunidades para corromper ou comprometer a polícia. Os indivíduos que participaram desta sessão de treinamento especial trabalharam para militares ou para inteligência civil. Não eram todos comunistas. Mas eles eram, como o general Sejna observava, todos muito inteligentes. Um indivíduo era um professor universitário canadense.

Esses estudos especiais foram uma dimensão especialmente importante das operações soviéticas. As atividades de estudo não foram estudos pontuais e *ad hoc*, embora tais atividades possam ser realizadas de tempos em tempos. A principal ênfase foi dada à atividade contínua envolvendo cientistas, médicos, propagandistas e especialistas em inteligência de vários países do bloco soviético. Eles examinaram continuamente as tendências de desenvolvimento em todo o mundo, como diriam, e identificaram novas oportunidades e técnicas de marketing. Como parte das instruções soviéticas aos países satélites, foram estabelecidos pontos de contato específicos para assegurar que as operações de inteligência e propaganda de paises satélite fossem mantidas informadas sobre as conclusões decorrentes da análise de mercado. Isso foi necessário para assegurar que as melhores idéias possíveis sobre vulnerabilidades globais e técnicas de tráfico de drogas fossem empregadas em "*Druzhba Narodov*".

Sob a organização de coordenação econômica do COMECON do bloco soviético, havia uma Seção de Saúde e sob aquela, uma subseção de saúde militar. Os membros dessa subsecção eram todos os chefes militares das Administrações de Saúde nos países do Pacto de Varsóvia e, para os soviéticos, o chefe da Administração Principal de Saúde. Este grupo ajudou a coordenar pesquisas e produção de drogas e narcóticos em todo o Pacto de Varsóvia. COMECON, como outras organizações soviéticas, não era uma organização de cooperação econômica simples. Também serviu de capa para uma estrutura de comando militar total destinada a assumir o comando das forças do Pacto de Varsóvia se o Pacto de Varsóvia fosse "dissolvido". Este acordo foi concebido para permitir que os soviéticos recomendassem que tanto a OTAN como o Pacto de Varsóvia

fossem dissolvidos no interesse da paz, sem que tais ações tenham um impacto apreciável nas capacidades militares do bloco soviético. *Helth Administration of the Rear Service*s

O centro de planejamento de produção e distribuição de drogas e narcóticos foi a principal *Helth Administration of the Rear Service*s na União Soviética. Na Tchecoslováquia, o centro estava localizado dentro da Administração de Saúde sob os *Rear Service*s. A distribuição e o transporte foram geridos pela Administração Técnica Principal no Ministério do Comércio Exterior. Esta administração foi uma das organizações mais importantes tanto em narcóticos como em operações terroristas. Era responsável pelo transporte e armazenamento de armas, explosivos e narcóticos. A administração era fortemente atendida por oficiais da Zs. As organizações que controlou incluíam os organismos comerciais envolvidos no transporte - por exemplo, COBOL, CHEMEPOL e AEROFLOT Logicamente, o KINTEX, ou seu sucessor evidente na Bulgária, o GLOBUS, quase certamente veio sob essa administração.

A Administração Técnica Principal foi autorizada pelo Conselho de Defesa a contratar com organizações estrangeiras assistência em que fossem necessários acordos, como na formação de terroristas e outros envolvidos em atividades de sabotagem e guerras revolucionárias. Esta administração era, de fato, uma organização de corte para operações de inteligência estratégica. Fez os contratos e cobrava o dinheiro. A administração era composta principalmente por oficiais da Zs. A organização homóloga do Estado-Maior Geral foi o Departamento de Suporte Técnico para Países Estrangeiros, que coordenou o fornecimento de armas, explosivos, material terrorista, etc., para embarque com a Administração Técnica Principal.

Dentro dos países satélites havia também estações de inteligência soviética, muitas vezes localizadas nas fronteiras: na Checoslováquia, por exemplo, em Karlovy Vary, Liberec, Doupov, Cerchov e Bratislava. Essas estações agiram além do controle ou conhecimento do país hospedeiro. Quando convocado para ajudar, o anfitrião cooperaria. As estações participariam de operações de inteligência estratégica, como o tráfico de drogas, sem o conhecimento do país anfitrião.

O movimento ilegal de mercadorias através das fronteiras foi mantido em tempo de paz para que os agentes de sabotagem pudessem ser movidos de forma semelhante durante uma situação de crise, sem atrair atenção indevida. A este respeito, é útil lembrar que todas essas operações - tráfico de narcóticos, ajuda militar a terroristas e sabotagem - foram tratadas pela organização de inteligência estratégica dentro da inteligência militar e civil.

O bloco soviético negociou um sistema TIR *(Transports Internationals Routiers)* com os europeus ocidentais, para simplificar os costumes e facilitar o comércio. Sob este regime, no país de partida, o funcionário da alfândega junta o frete e assina os documentos aduaneiros. Em seguida, o caminhão pode ser conduzido em todas as fronteiras européias. Os inspetores alfandegários não podem examinar o conteúdo, a menos que existam indícios concretos de que os selos ou os documentos de frete foram adulterados. Este sistema começou a funcionar no final da década de 1940 e expandiu-se dramaticamente após 1949, com o maior aumento sendo a participação soviética e européia do leste. Na década de 1970, a participação do bloco soviético no transporte TIR aumentara para trinta por cento. Em meados da década de 1980, aumentava para mais de cinquenta por cento. Este sistema é usado para transportar narcóticos e materiais terroristas.

O sistema TIR também evita que as autoridades ocidentais observem os embarques quando são transferidos para outros meios de transporte - como os navios, a

alternativa preferida. A Checoslováquia e outros países satélites alugavam parte do porto de Hamburgo. Este segmento do porto foi tratado como se fosse território checoslovaco (ou os territórios dos outros estados em questão). As operações e instalações foram controladas pela Administração Técnica Principal do Ministério do Comércio Exterior. Os checoslovacos pagaram o aluguel aos alemães e os navios checoslovacos usaram as ligações de encaminhamento e transporte para o transporte marítimo, incluindo o envio de materiais para operações de inteligência estratégica, como drogas e armas para terrorismo e sabotagem, sem qualquer interferência ou controle alemão ou alfândega. Caminhões grandes foram carregados na Checoslováquia e selados. Eles foram conduzidos pela Alemanha para o porto. No decorrer da jornada, os caminhões deixaram mensagens e pacotes, e passaram por instalações militares. Apesar de serem geralmente seguidos pela inteligência alemã, as autoridades alemãs não podiam fazer nada porque esses acordos estavam previstos em um acordo alemão-checoslovaco. Os países satélites usaram plenamente a porta de Hamburgo, em vez de outras instalações disponíveis, como as da Polônia, porque o Ocidente viabilizava os portos poloneses e não alemães.

Em 1984, a evidência desse sistema em operação surgiu em um relatório do Comitê Seletivo de Casa dos Estados Unidos sobre Abuso e Controle de Narcóticos, que afirmou: Methaqualone ... foi contrabandeado principalmente da Colômbia, onde é formulado em comprimidos de pó de methaqualona originários da República Popular da China e a Hungria e expedicionalmente enviadas para a Colômbia a partir do *Free Port of Hamburg*[6] (Ênfase adicionada).

O uso do sistema TIR para o transporte de armas e drogas também foi iluminado pelo desertor e ex-chefe da inteligência romena, tenente general Ion Mihai Pacepa. Ele explicou que a maioria dos motoristas dos caminhões do TIR da Romênia eram agentes do serviço de inteligência estrangeiro da Romênia, o *Departamentul de Informatii Externe* ou DIE, e que sua operação se baseava no modelo criado pela Bulgária, que também usava cobertura TIR para o transporte de Drogas e armas para o ocidente. O DIE, que era dirigido por Pacepa, fazia uso total dos caminhões TIR:

"... por ter trazido secretamente materiais de alta tecnologia e equipamentos militares para a Romênia, bem como para o contrabando de armas e drogas não marcadas para o Ocidente. A maioria desses movimentos é realizada sob a proteção de acordos internacionais TIR e selos aduaneiros estrangeiros. Ao longo dos anos, todo o tipo de folha de selo e folha usada pelas autoridades aduaneiras ocidentais foi duplicada pelo DIE e manteve-se em mãos para usar para substituir quaisquer selos aduaneiros originais destruídos ao longo do caminho por razões operacionais[7]".

Uma descrição do processo também foi fornecida pelo Lt. General Gerard C. Berkhof, do *Royal Netherlands Army.* Ele foi o Chefe do Estado-Maior das Forças Aliadas da NATO, Europa Central (AFCENT), até outubro de 1986. O Lt. Gen. Berkhof afirmou que havia muita evidência do envolvimento da Búlgara e do Leste Alemão no narcotráfico e algumas evidências do envolvimento da Checoslováquia. Ele confirmou que o sistema TIR foi fortemente explorado pelos serviços de inteligência da KGB e do Bloco Oriental e que os especialistas holandeses acreditavam que mais de cinco por cento do tráfego TIR estava relacionado a atividades de inteligência. Ele também disse que descobertas semelhantes surgiram na Itália e em outros países da Europa Ocidental.

Assim, parece que os governos da Europa Ocidental provavelmente sabiam o que estava acontecendo e, ainda assim, "oficialmente" sancionaram o transporte de drogas ilícitas, narcóticos e material terrorista em seus territórios. Este sistema TIR e seu uso para o transporte de bens ilícitos e uma consciência geral sobre o que estava

acontecendo foram explicados ao Congresso dos EUA pelo General Lewis Walt em 1972, durante as audiências sobre o tráfico mundial de drogas[8]. Em 1984, a *US Drug Enforcement Administration [DEA]*, reconheceu nas audiências do Congresso que eles sabiam sobre o uso de caminhões TIR iranianos, turcos e búlgaros por drogas contrabando e outros contrabando desde 1972. Eles apontaram que 50 mil caminhões por ano transitaram a Bulgária e a Iugoslávia, tanto para o Oriente Médio como para a Europa. Desses veículos, a DEA adicionou, aproximadamente metade dos caminhões TIR. O relatório da DEA também afirmou que os funcionários alfandegários búlgaros haviam sido implicados na assistência aos narcotraficantes[9].

O tráfico de drogas e narcóticos foi, como é o caso de todas as operações de inteligência, incorporado em todo o processo de planejamento. Um plano de longo prazo estabeleceu prioridades e cooperação para o desenvolvimento de projetos científicos em paralelo com a produção de nacrotics e drogas. Os países alvo e sua ordem de prioridade foram identificados. O plano de longo prazo descreveu como as redes de distribuição em diferentes países seriam desenvolvidas e quando e como explorar suas vulnerabilidades. O plano de curto prazo foi mais específico e tático. Especificou quais grupos cooperar; Quem eram os agentes; E quais os horários de produção e remessa.

O dinheiro foi controlado através de seis organizações altamente classificadas. O Ministério do Interior e a Administração de Inteligência do Estado-Maior tinham suas próprias Administrações Financeiras. Além disso, havia uma Administração de Finanças Principal especial no Ministério da Defesa. Dentro desta administração havia um ramo especial que tratava o elemento secreto do orçamento, que incluiu o orçamento de narcóticos e outras operações de inteligência estratégica. Esta parte do orçamento foi mantida em segredo de todos os outros membros da Administração Principal de Finanças e até mesmo do Politburo e do Comitê Central.

Somente o Conselho de Defesa e as seções militares especiais da Comissão do Plano Estadual e do Departamento de Finanças tiveram acesso à parte secreta do orçamento. No Ministério das Finanças e na Comissão do Plano do Estado, havia seções militares especiais, nas quais eram subdivisões de inteligência que tratavam os componentes de inteligência do orçamento, que eram então coordenados diretamente e apenas com o Conselho de Defesa. Para completar o círculo, dentro da Administração de Finanças de inteligência militar e civil foram seções especiais que trataram a parte secreta do orçamento. Essas organizações especiais foram os únicos lugares onde figuras completas sobre o orçamento de inteligência poderiam ser encontradas.

Ao analisar a forma como a operação de drogas soviética foi organizada, destacam-se várias conclusões importantes. Claramente, a ofensiva de narcóticos é uma operação de inteligência de maior importância. É evidente que a operação é dirigida pelo Estado, especificamente pelo Departamento de Órgãos Administrativos, e que muitas agências estão envolvidas - no caso da Tchecoslováquia, não menos de vinte agências ou organizações, como mostrado na figura 1 na página 61. É especialmente importante ressaltar que, apesar da natureza distribuída da operação, a segurança foi muito bem mantida e o acesso à informação foi bem controlado. Novamente, no caso da Checoslováquia, menos de trinta pessoas realmente entenderam a natureza total da operação. Para ilustrar a eficácia das medidas de segurança comunista, enquanto a dimensão da droga do Bloco soviético foi lançada em 1955 e, em 1965, pelo menos cinco países satélites e inúmeras organizações substitutivas estavam participando, aparentemente não havia conhecimento da operação ou mesmo de uma sugestão de sua existência dentro de EUA ou outros serviços de inteligência ocidentais até 1986.

Referências ao Capítulo 5:

1. Um exemplo é uma definição de desinformação estratégica (fraude) tirada de um manual de treinamento do KGB: “A desinformação estratégica auxilia na execução de tarefas do Estado e é direcionada a enganar o inimigo sobre as questões básicas do Estado Política ... citada no Congresso dos EUA, House, Soviet Covert Action (A Ofensiva Falsificada), audiências perante o Subcomitê de Supervisão sobre o Comitê Seletivo Permanente de Inteligência (Washington, DC: US Government Printing Office, 1980), página 63.
2. O principal objetivo inicial da estratégia soviética dos narcóticos era enfraquecer as forças militares dos capitalistas atacando a população da qual os militares recrutavam suas forças. Uma elaboração interessante deste objetivo foi proporcionada pelo Major Juan Rodriguez Menier, Chefe de Segurança da Embaixada de Cuba em Budapeste, Hungria, que desertou em janeiro de 1987. Em uma entrevista publicada no *El New Herald* de Miami, de 5 a 6 de junho de 1988, que foi traduzido para o inglês e reimpresso pela Fundação Nacional Cubano Americana, Rodriguez explicou os objetivos de tráfico de drogas de Cuba da seguinte forma: “As drogas são a melhor forma de destruir os Estados Unidos. O governo [cubano] está convencido de que ao minar a vontade da juventude americana de resistir podem destruir o inimigo sem disparar uma bala. A base de qualquer exército é a juventude e aquele que é capaz de destruir moralmente a juventude, destrói o exército”. Esta doutrina é idêntica ao ensino leninista soviético em geral, e ao programa de desmoralização militar e social descrito em detalhe satânico por Lavrentiy Beria, conforme citado no Manual Comunista de Instruções de Guerra Psicológica, ver Brain-Washing: *A Synthesis of the Communist* Livro de texto sobre psicopolítica, publicado pela Goff, 1956: ver Introdução à segunda edição do presente trabalho, páginas IX-XI; Nota 10, página 23; E Nota 11, página 44.
3. O “componente de inteligência” ou “inteligência KGB” é usado para se referir a esse elemento do KGB que lida com a inteligência, em contraste com a contra inteligência e outras funções que não sejam de inteligência.
4. Para a descrição de um insider das organizações comunistas, veja Jan Sejna e Joseph D. Douglass, Jr., Tomando decisões nos países comunistas. Uma visão interna (Cambridge, Massachusetts: Pergamon-Brassey's, 1985).
5. Crack é uma forma de cocaína que de repente apareceu nos Estados Unidos e se espalhou rapidamente pelo país. É barato, fácil de usar, muito viciante e tem graves efeitos colaterais. É um exemplo das novas drogas que os programas de pesquisa do bloco soviético foram projetados para se desenvolver. O “*ice*”, uma metanfetamina cristalina, é um exemplo ainda mais desagradável - como ainda é mais barato, muito mais fáceis de fabricar, tem altos níveis mais duradouros e efeitos colaterais ainda mais sérios.
6. Congresso dos EUA, Casa, Comitê seleto sobre abuso e controle de estupefacientes, Relatório de resumo das Missões Internacionais de Estudo 1984 (Washington, DC: US Government Printing Office, 1984), página 2. 7. Ion Mihai Pacepa, Red Horizons (Washington, DC: Regnery Gateway, 1987), páginas 87-88.
8. Congresso dos EUA, Senado, tráfico mundial de drogas e seu impacto na segurança dos EUA, audiências perante o Subcomitê para investigar a Administração da Lei de Segurança Interna e outras Leis de Segurança Interna do Comitê de Judiciário (Washington, DC: Government Printing Office , 1972), Parte 4, página 134.
9. Drogas e Terrorismo, 1984, op. Tit, páginas 62-63,69-70.

CAPÍTULO SEIS

GUERRA POLÍTICA E DROGAS NO VIETNÃ

China e a União Soviética competiram o negócio de drogas para militares dos EUA durante a Guerra do Vietnã[1]. A dimensão chinesa desse tráfico representou uma extensão do que aprenderam no início da década de 1950, não só na Guerra da Coréia, mas também na Guerra da Indochina francesa.

Durante a Guerra da Indochina, que culminou com a derrota dos franceses em *Dien Bien Phu*, os chineses trabalharam com os comunistas vietnamitas para promover o uso de drogas pelas tropas francesas. A tática foi ainda mais bem sucedida na Indochina do que na Coréia. Em janeiro de 1954, o general francês Cogny explicou a Molloy Vaughan, uma oficial de operações do Exército Americano, que as drogas da China estavam tendo um efeito sério sobre a moral das unidades de combate francesas e que o uso crescente de drogas entre soldados franceses também estava corroendo apoio à guerra em casa na França. Um dos principais centros de distribuição foi a cidade chinesa de jogos de azar de Cholon, um subúrbio de Saigon, onde as tropas foram para descansar e recrear. As prostitutas foram especialmente eficazes em empurrar drogas para os militares franceses.

Esta foi a primeira vez que os franceses encontraram esse uso de drogas, o tenente coronel Cogny explicou a Vaughan, e os efeitos do tráfico revelaram ser extremamente graves. Não só as drogas derrubaram a moral e a eficiência da luta, mas, além disso, muitos soldados estavam com muita vergonha de retornar à França e, em vez disso, elegeram para ser liberados na Indochina - onde permaneceram, o que teve um efeito debilitante adicional na moral[2].

De acordo com a inteligência soviética, em 1957, na terceira reunião do Comitê Central do Partido Comunista Chinês, os chineses decidiram expandir sua ofensiva de narcóticos. Esta expansão foi projetada como parte do "*Great Leap Forward"*. O assunto principal discutido na reunião foi a economia. A decisão de expandir a produção de drogas foi adotada como uma solução para os problemas econômicos da China[3]. No documento de decisão, um parágrafo analisou a experiência chinesa na Indochina e explicou que o narcotráfico era benéfico porque tinha minado o moral das tropas francesas, havia introduzido fraquezas de combate e havia fornecido aos chineses um lucro significativo.

A decisão foi agora tomada para expandir as fazendas de papoula em 100 por cento e, da mesma forma, duplicar as atividades de pesquisa e produção. Para aliviar ainda mais os problemas econômicos, foram enviadas instruções para que os emigrantes invistam nos negócios na China e apoiem a política e os interesses da China - incluindo a comercialização de drogas e narcóticos. As metas primárias deveriam ser o México, os

Estados Unidos e o Canadá.

Além dos objetivos econômicos declarados, houve uma outra motivação de particular importância a partir de uma perspectiva dos EUA: preparação para a crescente presença militar dos EUA no Vietnã. Como Chou En-lai explicou em 1958, durante uma palestra, ele falou em uma reunião em Wuhan para discutir a produção crescente de ópio:

O Centro decidiu promover o cultivo da papoula em larga escala ... Cada um de vocês deve acordar ao fato de que a guerra no Vietnã provavelmente aumentará e o imperialismo dos EUA determinou-se a lutar contra o nosso campo revolucionário, aumentando sua força militar no Vietnã ... Do ponto de vista revolucionário, a papoula é uma grande força para ajudar o curso da nossa revolução e deve ser usada; Do ponto de vista da aula, a papoula também pode se tornar uma arma poderosa para conquistar a revolução proletária ... Ao exportar grandes quantidades de morfina e heroína, somos capazes de enfraquecer a força de combate dos EUA e vencê-la sem sequer lutar nada ...[4]

As observações de Chou sobre o que provavelmente aconteceria no Vietnã não estavam sem justificação. Após o armistício coreano, as remessas dos EUA de equipamentos militares para a Coréia foram reencaminhadas para o Vietnã para apoiar a operação francesa. Simultaneamente, a presença militar dos EUA no Vietnã do Sul começou a se expandir. Em 1957, o aumento constante no pessoal militar dos EUA no Vietnã do Sul foi claro para as pessoas na sede do Comando do Pacífico dos EUA que eram responsáveis por planos de guerra. Na verdade, 1957 foi o ano em que os primeiros planos de guerra para as forças dos EUA no Vietnã foram desenvolvidos. Dado o uso bem sucedido de drogas contra as tropas francesas no Vietnã e o sucesso dos chineses em promover o uso de drogas pelas forças dos EUA na Coréia, as observações de Chou não devem ser surpreendentes[5].

As observações de Chou na reunião de 1958 foram notavelmente consistentes com os relatórios sobre suas discussões com o presidente Gamal Abdel Nasser durante uma visita ao Egito sete anos depois, em 1965. Em um banquete dado em sua homenagem, Chou teria dito:

“Nós pensamos que o envolvimento dos EUA na Guerra do Vietnã proporciona uma boa chance para nós lutarmos contra o imperialismo dos EUA. Assim, quanto mais tropas envia para o Vietnã, mais satisfeitos ficamos ... Atualmente, os militares dos EUA estão experimentando com o consumo de ópio e estamos ajudando-os a esse respeito. Nós já cultivamos o ópio de melhor qualidade para eles ... Usaremos o ópio para destruir a moral das tropas dos EUA no Vietnã e os efeitos sobre os Estados Unidos estarão além da previsão”[6].

Os soviéticos e os tchecos estavam bem informados sobre o tráfico chinês, tanto através de agentes de inteligência soviéticos na China como na Coréia do Norte, e através de operações de coleta de inteligência no Vietnã, Laos, Birmânia e Afeganistão, onde os agentes checoslovacos foram assistidos pelo norte vietnamita, latianos, Birmaneses, cambojanos e afegãos. O desenvolvimento das capacidades de inteligência soviética na China, especificamente orientado para o comércio de drogas, foi o produto de uma operação de recrutamento de longo prazo. Mesmo antes de Mao Tse-tung chegar ao poder em 1949, os soviéticos ficaram preocupados com as lealdades de Mao e iniciaram medidas para recrutar espiões entre os comunistas chineses. Durante a Guerra da Coréia, esses esforços foram expandidos, especificamente para coletar dados sobre as operações chinesas de tráfico de drogas.

Conforme discutido anteriormente, os soviéticos ficaram extremamente interessados na estratégia de drogas chinesa e sua eficácia durante a Guerra da Coréia.

Com efeito a partir de 1951 até 1962, um foco significativo da atividade de espionagem soviética era recrutar espiões para informar sobre o negócio chinês de drogas - pesquisa, produção, técnicas de fabricação, distribuição e finanças. Sejna primeiro soube dessa operação de espionagem soviética durante uma reunião do Conselho de Defesa, enquanto planejava uma próxima visita de uma delegação do Partido Comunista do Japão.

Em preparação para as discussões com a delegação visitante, um relatório conjunto do Ministério da Defesa e do Interior sobre as relações políticas entre os partidos comunistas do Japão, China e União Soviética foi preparado para o Conselho de Defesa da Checoslováquia. O negócio de medicamentos era um dos itens abordados neste relatório.

O relatório descreveu as medidas soviéticas (nas quais a inteligência checoslovaca participou) para recrutar espiões chineses. Os objetivos desta operação de recrutamento eram cientistas chineses, estudantes, engenheiros e técnicos que os soviéticos acreditavam que poderiam entrar em algum aspecto do negócio de drogas. O recrutamento ocorreu na China e na União Soviética e na Europa de Leste, onde muitos chineses estavam temporariamente estacionados. O quadro de agentes de inteligência assim recrutados proporcionou aos soviéticos dados extensivos sobre as operações de drogas da China, não obstante as práticas de segurança chinesas associadas ao negócio de drogas.

Enquanto a China tentava esconder suas atividades dos soviéticos, no final da década de 1950 a inteligência soviética identificou quase 100 fábricas chinesas que fabricavam heroína e drogas para uso contra a burguesia. Eles também conheciam novos laboratórios em Xangai, Katong e Tibet, onde as drogas sintéticas foram preparadas e testadas. Os chineses também controlaram fábricas em diferentes países que participaram da estratégia de drogas chinesa. O programa de recrutamento soviético produziu uma fonte particularmente valiosa em uma dessas empresas localizadas em Saigon. Através desta fonte, foram obtidas informações sobre o narcotráfico chinês no Vietnã. A empresa também forneceu narcóticos a vários países do Oriente Médio e Africano. Esta foi, na verdade, a fonte de grande parte da inteligência soviética original sobre a corrupção relacionada à droga na África e no Oriente Médio.

Através de seus agentes, os soviéticos também foram alertados para a decisão chinesa em 1957 para expandir sua ofensiva de drogas. Em 1958, os soviéticos ficaram preocupados com a expansão do tráfico chinês devido aos possíveis efeitos negativos sobre os planos soviéticos. Por conseguinte, no final de 1958 ou início de 1959, o ministro da Defesa da China, o marechal P'eng Te-huai, que também era membro do Politburo, foi convidado a visitar a União Soviética e a Europa Oriental. Durante sua visita, as deficiências na indústria chinesa e nas fazendas coletivas foram apontadas para ele para fazê-lo apreciar o valor potencial da assistência soviética e, claro, da “boa fé” dos soviéticos e do interesse.

Então, a meio da sua visita, o assunto de drogas e narcóticos foi criado. Os soviéticos sugeriram que os dois países e as partes deveriam coordenar suas políticas estrangeiras. Em particular, os soviéticos sugeriram dividir o mercado de drogas, com os chineses recebendo Ásia e África, e os soviéticos levando as Américas e a Europa. Quando o ministro da Defesa retornou à China, enviou uma carta pessoal a Mao, criticando algumas das políticas de Mao e recomendando certas melhorias, com base em sua visita à União Soviética e à Europa Oriental. A carta foi classificada como Ultra Secreta porque discutiu cooperação em política externa, política militar e drogas. Não só a sugestão deixada de segui-la, mas Mao Tse-tung liquidou o ministro da Defesa, não por

criticá-lo, mas sim por reconhecer aos soviéticos que a China estava no negócio de drogas[7].

Enquanto os chineses foram os primeiros a reconhecer o potencial para o uso de drogas no Vietnã, os soviéticos não estavam muito atrás. Em 1963, os soviéticos tinham organizado para a Inteligência Checoslováquia para ajudar os vietnamitas do norte na criação de um centro de treinamento para traficantes de drogas. Então, em 1964, quando a escola estava em operação, os soviéticos prevaleceram sobre os checoslovacos para negociar um acordo com o Vietnã do Norte para produzir narcóticos e drogas nesse país e enviar o material através do Viet Cong e através da Tailândia para as forças dos EUA em todo o Sudeste Asiático. Os vietnamitas do norte estavam satisfeitos com os arranjos finalizados em 1965 porque, entre outras considerações, recorda Sejna, coloca-os em competição com os chineses. O acordo no qual o acordo de narcóticos foi escondido lidou com a produção de borracha natural. Foi assinado pelo primeiro-ministro Pham Van Dong e pelo primeiro-ministro Josef Lenart. Os detalhes foram elaborados pelos chefes da inteligência militar do Vietnã do Norte e da Checoslováquia.

Através de suas fontes de inteligência na China, que estavam relatando de volta através de um agente Zs checoslovaco estacionado em sua embaixada em Pequim, os checoslovacos aprenderam que os chineses também expandiram sua operação de tráfico de narcóticos em 1964. Especificamente, um acordo havia sido assinado entre o Partido Comunista do Japão e da China, nos quais os japoneses ajudariam a China a fornecer drogas aos soldados dos EUA no Japão e Okinawa. Nos termos do acordo, a contra-inteligência da China realizaria verificações de segurança de fundo em todos os japoneses que deveriam ser recrutados para esta operação. Em troca de sua assistência, o Partido Comunista do Japão deveria receber vinte e cinco por cento dos lucros.

Em 1965, os soviéticos expandiram suas operações de tráfico de narcóticos no Vietnã para garantir que as drogas estavam disponíveis em locais próximos que os militares e oficiais dos EUA visitariam durante as férias para “descansar e recuperar”. Uma etapa dessa operação de tráfico em que o serviço de inteligência checoslovaco atendia estava localizado na Austrália.

Os tchecoslovacos foram chamados a prestar assistência porque podiam operar na Austrália de forma mais flexível do que os soviéticos e não eram vistos tão próximos quanto os soviéticos. Os checoslovacos também estabeleceram melhores relações com os australianos, particularmente com o Partido Trabalhista, e tiveram várias operações comerciais na Austrália, o que ajudou a cobrir. Finalmente, os checoslovacos tinham recursos adicionais, a saber, soldados australianos que os serviços de inteligência checoslovacos recrutaram. O fornecimento de drogas para esta operação veio do Vietnã do Norte - que foi outro motivo para a assistência checoslovaca, na medida em que eles já estavam envolvidos na operação de produção de drogas do Vietnã do Norte.

Em 1965, também foi o ano em que o Checoslovaco Chefe do Estado-Maior e Chefe da Administração Política Principal soube que a operação checoslovaca fora criticada em um relatório soviético do Conselho de Defesa. A queixa soviética foi dirigida contra o serviço de inteligência checoslovaco e acusou-a de colocar mais atenção nos lucros do que no objetivo real do negócio da droga, que era a liquidação do capitalismo. As duas autoridades checoslovacas estiveram em Moscou, participando de uma reunião quando foram informadas sobre essa preocupação pelo Conselho de Defesa soviético e foram ditas para mudar suas prioridades. A primeira prioridade era promover o uso de drogas, não para ganhar dinheiro. O assunto específico abordado foi o uso de drogas contra os militares dos EUA no Sudeste Asiático.

Os principais alvos dentro do exército dos EUA no Vietnã, enfatizaram as

autoridades soviéticas, oficiais de comando militares dos EUA, pessoal associado às comunicações, pessoal responsável pela produção de análises de situação e oficiais de inteligência. O general Vaclav Prchlik informou subsequentemente a Sejna que o general soviético Yepishev, que liderou a principal administração política, lhe havia dito que, se os militares dos EUA se inclinassem a tomar drogas, deveriam, se necessário, ser administrados gratuitamente. O dinheiro era muito menos importante do que influenciar os militares com drogas.

Oficiais de inteligência ocidentais, bem como analistas políticos, identificaram 1966 como o ano em que o tráfico de narcóticos no Vietnã sofreu um aumento acentuado[8]. Este também seria o ano em que a operação soviético-checoslovaca-norte-vietnamita se tornou plenamente operacional. Em 1967, os narcóticos tornaram-se um problema sério entre os militares dos EUA no Vietnã. Um estudo de inteligência soviético da KGB informou que 90 por cento dos militares dos EUA estavam usando alguma forma de drogas, mais comumente maconha. No entanto, as autoridades militares dos EUA se recusaram a reconhecer a gravidade do problema até se tornar tão aberta e descarada que não podia mais ser negada.

O desafio da droga foi tirada do armário em 1970, imediatamente após o bombardeio secreto dos santuários do Viet Cong no Camboja em abril-maio desse ano. A China respondeu com uma advertência severa que Henry Kissinger analisou pessoalmente. Ele então aconselhou o Presidente da seguinte forma: “Os chineses emitiram uma declaração, com efeito dizendo que não fariam nada” [9].

Mas, com efeitos a partir de junho de 1970, a heroína de qualidade quase pura de repente apareceu à venda abaixo dos preços por atacado fora dos portões de todas as instalações dos EUA no Sudeste Asiático. Como o general Lewis Walt explicou:

“Em junho de 1970, imediatamente após nossa incursão cambojana, o Vietnã do Sul foi inundado com heroína de notável pureza - 94 a 97 por cento - o que foi vendia a preço ridiculamente baixo, primeiro US $ 1 e depois de US $ 2 por frasco. Se os criminosos com motivação de lucro estivessem encarregados da operação, o preço não fazia nenhum sentido - porque qualquer soldado que desejasse obter alta puerza em heroína teria nem piscado em pagar US $ 5 ou até US $ 10. A mesma quantidade de heroína em Nova York custaria US $ 250”.

“A única explicação que faz sentido é que a epidemia era uma inspiração política e não econômica - que quem quer que estivesse atrás da epidemia quis agilizar o máximo de militares possível, o mais rápido possível e o mais alta patente possível”[10].

O general Walt também deixou claro que a operação de tráfico parecia ser altamente coordenada e centralizada e que algum grupo deve ter estabelecido contato praticamente simultâneo com dezenas de empresários étnicos chineses e outros elementos criminosos em todo o Vietnã do Sul. Ele também examinou os relatórios de interrogatórios de desertores do Viet Cong que alegaram ter conhecimento da produção de ópio em grande escala no Vietnã do Norte e, em um caso, do envolvimento do Viet Cong na epidemia de heroína. Outro desertor descreveu a distribuição norte-vietnamita de drogas como um meio direto de minar a moral e a eficiência das forças dos EUA. Os oficiais vietnamitas com quem Walt discutiu o problema estavam todos convencidos de que a epidemia de heroína era uma origem política e não criminal.

O resultado foi um aumento gigantesco do abuso de drogas militares dos EUA. Enquanto anteriormente havia duas mortes por mês devido a uma overdose de drogas, de repente a estatística aumentou para sessenta por mês. Em 1970-1971, a Força Aérea dos EUA perdeu mais pessoas contra drogas do que em combate. O impacto sobre a moral, a prontidão e o apoio à guerra em casa foi devastador[12]. Durante as investigações sobre a

nova epidemia, o tráfico chinês, a produção norte-vietnamita e o tráfico Viet-Cong foram identificados pela inteligência norte-americana[13]. E, com base na simples economia de mercado livre, é levado a duas conclusões: primeiro, que o aumento foi o resultado de operações combinadas, embora não necessariamente coordenadas; Em segundo lugar, que o tráfico era, sem dúvida, um sinal de guerra política e não ganância ou motivado pelo lucro. O aumento do consumo militar dos EUA foi impulsionado pela oferta e não pela demanda.

Mas, apesar da evidência esmagadora sobre o papel da China, a Casa Branca, como será explicado no Capítulo 9, emitiu instruções em 1972 para funcionários do governo dos Estados Unidos, dizendo que os rumores sobre o narcotráfico chinês não tinham substância e deveriam ser desconsiderados.

Referências ao Capítulo 6:

1. O tráfico chinês durante a Guerra do Vietnã é relatado em Hamburger, *The Peking Bomb*, op. Cit, páginas 117-148 e Candlin, Psycho-Chemical Warfare: *The Chinese Communist Drug Offensive Against the West*, op. Cit., Páginas 240-266. O papel da China também foi confirmado pelas missões de inteligência e de inspeção dos EUA. Sejna corroborou esses relatórios. Seu conhecimento baseava-se em relatórios de inteligência soviéticos e checoslovacos detalhados.
2. Entrevista com Molloy Vaughan, maio de 1989. O general Sejna relata ainda que o uso bem sucedido de narcóticos pelos comunistas chineses e vietnamitas na Guerra da Indochina também foi estudado pelo Partido Comunista francês, com base em relatórios de comunistas no exército francês no Vietnã. Este estudo francês foi revisado na Tchecoslováquia durante um estudo checoslovaco realizado para intensificar o tráfico de drogas em meados da década de 1960. O estudo francês também culpou o uso de drogas em "oficiais burgueses", alguns dos quais estavam envolvidos no tráfico.
3. Relatado por Mikhail Suslov em fevereiro de 1964, reunião de Moscou de lideranças de alto nível do leste europeu que Sejna assistiu. Os efeitos da decisão também se refletiram em Candlin, Psycho-Chemical Warfare: *The Chinese Communist Drug Offensive Against the West*, op. Cit., Página 114.
4. T'ang Ming-chieh, Especialista, Gabinete de Investigação, Ministério da Justiça, República da China, Produção Maoísta de Narcóticos e sua intriga para Poison the World, Issues and Studies, junho de 1973, página 35.
5. Além disso, em 1959, uma delegação das forças armadas do Vietnã do Norte, liderada pelo Chefe do Estado-Maior, visitou a URSS e outros países do Pacto de Varsóvia. Sejna foi o anfitrião da delegação visitante na Checoslováquia. O objetivo principal da visita foi obter equipamentos militares para o exército vietnamita do norte. Na época, os vietnamitas do norte esperavam que os EUA aumentassem seu compromisso com o Vietnã do Sul e desejassem se preparar para a próxima guerra. Como parte de sua preparação, eles planejavam reorganizar todo o país para guerra geral.
6. A produção maoísta de narcóticos e sua intriga para vencer o mundo, op. Cit., Página 36, citando um artigo na revista francesa Histoire Pour Tous, em janeiro de 1973. O episódio também é descrito no livro de referência mais amplamente lido de Mohammed Hassanein Heikal, Nasser: The Cairo Documents (New York: Doubleday, 1971) , Páginas 278-279. Veja também Hamburger, The Peking Bomb, op. Cit, páginas 143-148 e Candlin, *Psycho-Chemical Warfare: The Chinese Communist Drug Offensive Against the West*, op. Cit, páginas 21-24.
7. Sejna foi responsável pelo cronograma do ministro chinês na Tchecoslováquia e por ajudar na tentativa soviética de recrutar o Ministro. Em preparação para a sua visita, Novotny foi instruído por funcionários do Departamento Internacional Soviético. Outros oficiais checoslovacos foram instruídos pelo seu conselheiro soviético. Em fevereiro de 1964, Suslov apresentou um importante discurso sobre a China em uma reunião do Comitê Central Soviético. Este foi o momento formal em que os soviéticos declararam que concluíram que a China não estava "a ponto de marchar no andar" e que a fenda entre a China e os soviéticos era irreversível. Suslov discutiu muitos aspectos da política externa chinesa, incluindo a operação de drogas da China. Foi durante essa discussão que Suslov explicou os motivos da liquidação do ministro chinês da Defesa. A informação foi obtida pela inteligência soviética. O elemento secreto deste discurso continha detalhes sobre operações soviéticas contra a China. Em 1965, a China foi adicionada à lista soviética dos "principais inimigos". Nota do Editor: a análise de Anatoliy Golitsyn revela que, apesar desses fatos, a divisão sino-soviética foi de fato uma estratagema dialética, baseada na teoria da fraude estratégica leninista clássica.
8. Veja, por exemplo, Stefan T Possony, "Maoísta China e Heroína", Emissões e Estudos, em novembro de 1971. O aumento é, sem dúvida, o produto do tráfico combinado das operações soviéticas da China e do Vietnã do Norte.
9. Henry Kissinger, White House Years (Boston: Little Brown and Company, 1979), página 509.
10. Congresso dos EUA, Senado, tráfico mundial de drogas e seu impacto nos EUA. Segurança, Audiências perante o Subcomitê para Investigar a Administração da Lei de Segurança Interna e outras Leis de Segurança Interna do Comitê Judiciário, 14 de agosto de 1972, Parte 1, Sudeste Asiático e 14 de setembro de 1972, Parte 4, Contexto Global; Relatório do General Walt (Washington, D.C .: Government Printing Office, 1972), Parte 4, páginas 157-158.
11. Ibid., Páginas 54-58.
12. Em 1971, o Representante Robert Steel (R-CT) informou que a alta taxa de dependência de heroína levou a administração de Nixon a aumentar sua taxa de retiradas de tropas. Drogas Relatadas Ligadas ao Vietnã Pullouf, *New York Times*, 7 de junho de 1971, página A6.
13. Tráfico mundial de drogas, op. Cit, Parte 1, páginas 54-58 e Parte 4, página 160.

CAPÍTULO SETE

MOSCOU INTENSIFICA GUERRA DE DROGAS NA DÉCADA DE 1960

A Guerra do Vietnã proporcionou uma oportunidade ideal para a extensão da operação "*Druzhba Narodov*". A alienação da juventude que estava proliferando nos Estados Unidos e a preocupação do governo e dos cidadãos dos EUA com a Guerra do Vietnã apresentaram a distração e a cobertura que permitiram que a ofensiva soviética se expandisse sem atrair atenção indevida. A primeira etapa da expansão começou em janeiro de 1967. Foi quando um novo estudo soviético sobre o impacto da nova "elite técnica" nos países industrializados foi concluído. Uma cópia foi dada ao Conselho de Defesa da Checoslováquia, juntamente com instruções para aplicar as descobertas à operação de drogas. O estudo apontou a crescente importância da elite técnica - os gerentes técnicos de nível médio sobre os quais o crescimento das indústrias de alta tecnologia dependia de forma crítica. Esses gerentes tornaram-se um dos grupos mais importantes da "sociedade burguesa"; Na visão soviética, eles estavam no auge das finanças e dos grandes negócios. Consequentemente, o grupo se tornou um alvo muito importante para se infiltrar e sabotar.

O estudo soviético apontou que esta nova elite trabalhou sob grande pressão, e que, à medida que a pressão aumentava, surgiriam novas oportunidades para usar drogas e narcóticos. As drogas foram consideradas especialmente importantes como um meio de destruir ou sabotar esse grupo e, ao mesmo tempo, como um mecanismo de chantagem ou suborno para usar contra essas pessoas em conexão com o movimento do Bloco soviético para obter (roubar) tecnologia avançada.

O uso de drogas e narcóticos em conexão com a espionagem e o roubo de tecnologia tinha sido uma prática de longa data, que remonta a antes da nomeação de Sejna para o alto cargo. O uso de drogas em tais operações foi primeiro aumentado significativamente após uma reunião em Moscou convocada por Khrushchev no outono de 1959. A liderança principal dos países satélites da Europa Oriental (com exceção da Romênia) estava presente. O assunto da reunião foi a tecnologia do Pacto; a questão-chave era como usar o desenvolvimento do relacionamento Oriente-ocidente para melhorar a tecnologia do Pacto de Varsóvia[1] o mais rápido possível.

Sejna esteve presente na reunião. O primeiro assunto abordado foi roubo de tecnologia. Khrushchev declarou que a maneira mais barata e rápida de melhorar a tecnologia do Pacto de Varsóvia era tomar (ou seja, roubar) a maior tecnologia possível dos "imperialistas". Seu valor foi duplicado se você simplesmente aceitou, ele disse, e

acrescentou: por que pagar o lucro capitalista se nós podemos apenas levá-lo e usá-lo? Como parte desta discussão, o uso de drogas e narcóticos como mecanismo de dinheiro e chantagem em roubo de tecnologia foi revisado. Esta foi a principal maneira de usar drogas e narcóticos no passado. Os objetivos eram executivos de negócios, gerentes técnicos e pessoal de vendas.

O crime organizado também foi usado para facilitar o roubo de tecnologia. Em 1963 ou 1964, os Ministros da Defesa e Interior da Tchecoslováquia apresentaram um relatório ao Conselho de Defesa sobre o uso do crime organizado na transferência de tecnologia. O foco foi nas tentativas de roubar tecnologia laser e informática. O relatório era de quarenta páginas e incluiu gráficos que incluíam empresas alvo em diferentes países, diferentes grupos de crime organizado e o potencial de ação em várias regiões. A tarefa do Conselho de Defesa era decidir, em cada caso, se a inteligência civil ou militar deveria assumir a liderança e identificar situações em que a coordenação com outros serviços de inteligência era apropriada.

Por essa altura, todos os serviços de inteligência do Bloco soviético eram ativos no crime organizado em diferentes regiões do mundo. Os checoslovacos e os alemães do leste foram particularmente eficazes na Suíça, no México e na Índia; os alemães do leste na África do Sul; os checoslovacos na Áustria e no Egito; os búlgaros no Oriente Médio, Grécia, Turquia, Itália e Chipre; os húngaros na Espanha, em Portugal, na Bélgica e nos Estados Unidos; União Soviética na Grã-Bretanha e na França; os soviéticos, os checoslovacos e os alemães do leste na Alemanha Ocidental. A Checoslováquia tinha cerca de três grupos de crime organizado na Suíça, sete na Áustria, dois no México, onze ou doze na Índia, e um na Argentina e na Suécia. No caso da Áustria, o chefe de um dos grupos checoslovacos era o chefe da polícia em uma das seções de Viena. Ao todo, a Tchecoslováquia correu ou se infiltrou em cerca de cinquenta grupos de crime organizado em todo o mundo. Sejna acreditava que essa conquista era comparável à da Bulgária, Hungria e Polônia, mais do que a da Alemanha Oriental, mas era menos do que a conquista da União Soviética. A máfia italiana foi penetrada por todos os serviços de inteligência do Bloco soviético, embora os búlgaros e os soviéticos fossem, de longe, os mais bem-sucedidos.

A existência de uma estratégia soviética para infiltrar-se no crime organizado, que foi lançado em 1955, é especialmente preocupante quando a extensão em que os presidentes dos EUA, os oficiais de inteligência e outros líderes políticos de alto escalão sabem ter solicitado favores de membros do crime organizado, é lembrado. Considere, por exemplo, as tentativas da CIA de assassinar Fidel Castro no início da década de 1960. Em um exercício, participaram indivíduos de pelo menos quatro grupos criminosos organizados, centrados em Las Vegas, Chicago, Miami e Havana. Um dos diretores foi libertado da prisão pelo próprio Castro e, em seguida, permitiu deixar Cuba e se instalar em Miami. Um relatório do *Bureau of Narcotics* descreveu este indivíduo como uma possível conexão para o narcotráfico cubano nos Estados Unidos. Mesmo que ignoremos a penetração secreta da inteligência do Bloco soviético nos grupos de crime organizado, não requer muita imaginação para reconhecer o “porquê”, como o historiador Arthur M. Schlesinger, Jr. descreveu a situação: “Castro sobreviveu tão confortavelmente as atividades da CIA”[2].

A tendência de recorrer ao crime organizado para tarefas especiais não é uma atividade exclusiva da liderança estratégica dos EUA. É uma atividade comum em muitos países. Parece improvável que qualquer dos funcionários públicos em questão tenha estado ou esteja ciente dos riscos ocultos na busca de tais atividades que possam surgir devido à presença secreta de agentes de inteligência do Bloco soviético. O enorme valor

potencial desta operação soviética, bastante simples, é uma clara indicação do conhecimento de Moscou de outras culturas e do gênio dos soviéticos no desenvolvimento de operações estratégicas efetivas.

Um estudo de inteligência analisado por Sejna descreveu a maneira pela qual o crime organizado foi categorizado no planejamento soviético. Havia três categorias principais, cujos nomes de código eram azul, roxo e amarelo. Na primeira categoria, grupos relativamente pequenos envolvidos em crimes locais - por exemplo, pequena distribuição de narcóticos, bancos e finanças. Na segunda categoria, houve grupos criminosos relacionados a drogas e transferências de tecnologia. A terceira categoria continha as operações criminais mais tradicionais, como a mafia, que foram penetradas por informações de inteligência de natureza militar, política ou econômica.

Cada categoria principal foi dividida em três subgrupos referidos como alfa, beta e gama. O primeiro grupo consistiu em redes de crime organizado que foram criadas e foram totalmente controladas pelos serviços de inteligência do Pacto de Varsóvia. As organizações do segundo grupo foram criadas por outra pessoa, mas foram penetradas pelos agentes de inteligência do Pacto de Varsóvia e poderiam ser exploradas. No terceiro grupo havia organizações conhecidas que os serviços de inteligência do Pacto de Varsóvia não tinham conseguido penetrar.

Em uma reunião do Conselho de Defesa da Checoslováquia, o deputado de Khrushchev, Andrei Kirilenko, falou com os principais funcionários checoslovacos sobre a preocupação de Khrushchev com o programa. Ele explicou que Khrushchev havia perguntado por que as categorias “não podemos controlar completamente” eram as maiores. “Por que não alteramos as estatísticas”? ele perguntou. Kirilenko perguntou se os serviços de inteligência do Pacto de Varsóvia tinham medo de criminosos profissionais. “Quando você lida com os criminosos”, ele afirmou firmemente: “você deve ser mais difícil do que eles”. As medidas tomadas em 1967 para direcionar a elite técnica recentemente identificada para sabotagem, espionagem e roubo de tecnologia foi a segunda intensificação importante de operações de roubo de tecnologia em todo o lado usando drogas e narcóticos a que Sejna foi uma testemunha direta e participante.

Todos os anos, o Conselho de Defesa analisou a tecnologia roubada durante o ano anterior. Em seguida, encontrou-se e aprovou um plano descrevendo o que seria roubado durante o ano subsequente. Ao rever a tecnologia roubada no final de 1967, Antonin Novotny, primeiro secretário do Partido Comunista da Checoslováquia, observou ao secretário geral soviético, Leonid Brezhnev, que as drogas foram de grande ajuda para roubar a tecnologia. O General Oldrich Burda, o chefe dos Zs, acrescentou que vinte a vinte e cinco por cento da tecnologia roubada em 1967, cujo valor total foi estimado pelos Zs em US $ 300 milhões, foi adquirido através do uso de drogas.

Na primavera de 1967, a liderança estratégica checoslovaca recebeu orientação adicional da União Soviética. Em abril, Sejna, Jiri Hendrich e o Lt. General Vaclav Prchlik viajaram para Moscou, onde encontraram o general soviético Aleksey A. Yepishev, chefe da administração política principal, e o General Shevchenko, chefe do Departamento de Propaganda Especial. Nesta reunião, Shevchenko discutiu a importância contínua de infiltrar bancos e instituições financeiras. A coleta de dados para fins militares era um dos objetivos. Ele também enfatizou a importância do uso de drogas para pessoas corruptas nessas instituições e indicou que essa infiltração também facilitaria o uso dos bancos como manipuladores de dinheiro para operações no exterior, incluindo o lavagem de dinheiro.

As instituições financeiras eram tão importantes, afirmou Shevchenko, que o aparelho de propaganda de países satélites exercia uma atenção cuidadosa para manter

essas instituições fora de foco[3]. Os indivíduos dessas instituições que atendiam as operações do bloco soviético representavam um investimento de longo prazo que servia os interesses soviéticos por muitos anos e, portanto, a corrupção nessas instituições não deveria ser divulgada. Os soviéticos não queriam que nenhuma luz fosse lançada nas operações dos bancos.

Anteriormente, em 1963, durante uma reunião do Conselho de Defesa da Checoslováquia, quando a lavagem de dinheiro estava sendo discutida, o Chefe do Estado-Maior declarou que os soviéticos decidiram que os funcionários do departamento financeiro soviético não devem ser informados sobre as fontes precisas dos fundos que estavam lidando porque havia um risco demais de compromisso. Em risco, o conselheiro soviético havia explicado, eram pessoas em setenta e cinco por cento dos bancos na América Latina e em quarenta e cinco por cento dos bancos nos Estados Unidos e no Canadá. Quando a quantidade de dinheiro envolvida foi considerada, cerca de US $ 300 bilhões por ano nos Estados Unidos no final da década de 1980, US $ 500 bilhões ou mais por ano em todo o mundo, essas porcentagens certamente não parecem altas.

Além disso, na primavera de 1967, o general Savinkin, chefe do Departamento de Órgãos Administrativos Soviéticos, convocou uma reunião em Moscou da liderança dos países do tráfico de drogas do Pacto de Varsóvia, além de Cuba. Savinkin presidiu as reuniões, que continuaram por vários dias. Numerosos militares soviéticos e generais de inteligência estavam presentes em momentos diferentes. Além de Sejna, Josef Kudrna, o Ministro do Interior da República Checa, e o General Bohimir Lomsky, Ministro da Defesa, estiveram presentes. Quatro cubanos participaram da reunião: Raul Castro, o ministro do Interior de Cuba, o vice-chefe de inteligência militar encarregado de narcóticos e um outro. Os outros países representados eram a Alemanha Oriental, Hungria, Bulgária e Polônia.

Um dos tópicos mais importantes abordados nesta reunião em particular foi a importância de atacar forças armadas da OTAN e dos EUA de forma mais agressiva com drogas. Estudos detalhados de todas as forças da OTAN foram apresentados, e suas vulnerabilidades discutidas. Em suas observações, o general Savinkin identificou três objetivos principais: a agentes corruptos, recrutar agentes e prejudicar o funcionamento das tropas.

A ofensiva contra as tropas dos EUA no exterior, recebeu especial ênfase. Savinkin explicou que as áreas em que as tropas dos EUA estavam baseadas - Alemanha, Turquia, Grécia, Panamá e assim por diante - eram, para usar um termo militar, para se tornar zonas de destruição estratégica. Esta tarefa era tão importante que o general major soviético Vasil Fedorenko foi encarregado de coordenar o ataque. Cada país tinha um coordenador semelhante designado, que atuou como principal ligação com Fedorenko. E, como será descrito em breve, a necessidade de corromper as forças dos EUA na OTAN deu ênfase adicional no outono de 1967. (Em 1970, o padrão de comando das forças norte-americanas na OTAN já havia caído em níveis perigosamente baixos e logo seria desencadeado medidas disciplinares de longo alcance).

Nesta operação, o Panamá recebeu especial ênfase por causa do Canal do Panamá e por causa da presença no Panamá de várias bases militares dos EUA. O coronel Frantisek Penc, da inteligência militar checoslovaca, era responsável pela operação checoslovaca no Panamá. Ele também foi a ligação de Fedorenko para tráfico de drogas contra bases dos EUA em outras regiões do mundo. Em uma das sessões especiais focadas na América Latina, o general Shevchenko, chefe do Departamento de Propaganda Especial [ver página 48], explicou que os soviéticos acreditavam que mais de setenta por cento dos militares panamenhos de alto nível (tenente coronel e acima) eram

anti-americanos. Uma lista desses oficiais havia sido elaborada com a ajuda do Partido Comunista do Panamá. Todos operaram com o Partido Comunista e alguns contribuíram com o dinheiro para o Partido. Os oficiais não eram alvos para serem destruídos, o general Shevchenko enfatizou, mas para ser protegido porque alguns deles eram nossa "reserva de ouro". Muitos, se não a maioria, estavam envolvidos com drogas. Um dos oficiais militares panamenses na lista foi Omar Torrijos Herrera, que deveria tomar o controle do Panamá em 1969. Raúl Castro disse que Cuba acreditava que os sentimentos antiamericanos eram ainda mais fortes entre os oficiais de nível inferior e que os cubanos gostariam de dar mais atenção ao recrutamento de oficiais de nível inferior. Os soviéticos concordaram com esta proposta.

Em 1972, o Panamá havia desenvolvido um problema de drogas tão grave que medidas especiais foram discutidas no Escritório de Narcóticos e Drogas Perigosas dos EUA (BNDD, subsequentemente absorvido na DEA). Em um ataque à Manuel Antonio *Noriega* Moreno em 1986, o *New York Times* publicou uma descrição detalhada dessas ansiedades. John E. Ingersoll, que era então chefe do *Bureau of National Dangerous Drugs*, confirmou que o BNDD tinha uma grande inteligência de que Noriega estava traficando drogas - acrescentando que o BNDD estava frustrado com suas tentativas de persuadir o General Torrijos a agir contra a Noriega. De acordo com um relatório do Comitê de Inteligência do Senado de 1978, cinco medidas foram discutidas para lidar com o "funcionário nacional da Guardia", que era a descrição do Comitê de Noriega: Link Noriega para uma trama fictícia contra Torrijos, informações de vazamento sobre o tráfico de drogas da Noriega para o Imprensa, liga as negociações sobre o Canal do Panamá para a remoção da Noriega, encoraja secretamente grupos poderosos no Panamá a levantar a questão e "imobilização total e completa", que foi, naturalmente, um eufemismo para o assassinato[4].

A Colômbia era outro país que a reunião de Moscou realizada na primavera de 1967 discutiu em detalhes. Com respeito à Colômbia, Raul recomendou que Cuba desenvolva mais de um grupo para controlar o narcotráfico. (Naquela época, havia duas operações controladas pela União Soviética: a operação cubana e a operação checoslovaca). Savinkin apontou que o número de grupos deve ser reduzido ao mínimo. Quanto mais grupos houvesse, mais pessoas sabiam, e maior era o risco de exposição. Ele estava se referindo à exposição da operação soviética*. Castro concordou, mas disse que o risco também foi alto com apenas um grupo devido à política interna envolvida. Savinkin aprovou a recomendação de Castro e enfatizou que era responsabilidade dos cubanos e ele confiava em seu julgamento nesta matéria - mas que Havana deveria ter cuidado para não ir longe demais.

Raúl também levantou a questão de saber o quanto o Partido Comunista da Colômbia deveria ser contado e apresentou uma longa lista de pessoas corrompidas pelo tráfico de drogas na Colômbia, reunidas por agentes de inteligência cubanos que se infiltraram nas redes indígenas de tráfico de drogas colombianas. Os soviéticos estavam preocupados com alguns dos nomes da lista que eles acreditavam estar entre os vários "agentes duplos" que as organizações indígenas de tráfico de drogas tinham corrompido e estavam usando contra a operação de drogas cubano-soviética. Savinkin disse que essas pessoas eram criminosas. Eles não confiam em ninguém além de si mesmos, explicou.

** Nota do Editor: Esta reveladora admissão do óbvio - essa exposição deve ser evitada a todo custo - aponta o caminho para observadores ocidentais sérios e para todos os que estão determinados, mesmo nesta fase tardia, a enfrentar a ofensiva da droga contra a civilização. O único risco que os perpetradores temem é, precisamente, a exposição. Daí o presente trabalho, pretendido pelo autor para expor este ato de guerra a longo prazo contra a humanidade. Note-se também que Savinkin estava preocupado com o fato de o programa de drogas soviético estar exposto, e não tanto os ultrapassados nos países satélites, que existiam, em parte, para fornecer Moscou com um folheado de negação.*

Estamos na mesma posição e também não podemos confiar em nenhum deles.

Em sua revisão do México, Savinkin disse que não havia correções a respeito da corrupção de funcionários políticos mexicanos. Para todos os efeitos práticos, todos foram corrompidos. A próxima prioridade foi trabalhar na elite empresarial mexicana. Também houve discussões sobre as redes na Europa Ocidental. As principais lojas de distribuição no mercado europeu foram a Suíça, a Áustria (Viena) e a Suécia (Estocolmo). Todos os serviços de inteligência do bloco soviético operaram nessas regiões, que serviram como centros de distribuição de drogas e para a transferência secreta de tecnologia roubada para o bloco soviético. (Panamá também se tornou um centro para essas duas atividades). As ligações de inteligência em outros países favoreceram determinados serviços de inteligência nacionais; Por exemplo, os alemães foram particularmente ativos na comercialização de drogas através dos Países Baixos.

Suécia (Estocolmo). Todos os serviços de inteligência do bloco soviético operaram nessas regiões, que serviram como centros de distribuição de drogas e para a transferência secreta de tecnologia roubada para o bloco soviético. (Panamá também se tornou um centro para essas duas atividades). As ligações de inteligência em outros países favoreceram determinados serviços de inteligência nacionais; Por exemplo, os alemães foram particularmente ativos na comercialização de drogas através dos Países Baixos.

Outro tópico discutido foi o uso crescente de drogas para corromper as classes de elite em países do Terceiro Mundo. Funcionários búlgaros disseram que a Turquia e o Irã não apresentaram problema. Eles se destruíram. Savinkin criticou esta observação e disse aos búlgaros que ouvissem com mais atenção - ele estava se referindo à classe de elite. Eles devem melhorar a qualidade das drogas e empurrar seu uso para as classes superiores. Em 1967, o chefe da Administração da Saúde informou o Conselho de Defesa da Checoslováquia sobre sete ou oito novas drogas que foram desenvolvidas no decorrer de seu programa de pesquisa e desenvolvimento de drogas. A atividade de pesquisa foi iniciada cinco anos antes, em uma instalação construída ao lado do Hospital Militar Central em Praga, especificamente para o desenvolvimento de agentes de guerra química e biológica, drogas de controle mental, armas de assassinato e narcóticos mais efetivos.

As drogas revisadas em 1967 foram um produto desse programa. Eles foram desenvolvidos por cientistas e médicos do Hospital Militar Central e do Centro Científico da Força Aérea e testados em prisioneiros. Os novos medicamentos foram considerados mais efetivos porque seus efeitos imediatos foram mais duradouros e, como um bônus, causaram danos a longo prazo na capacidade dos humanos de pensarem logicamente. Sejna ficou particularmente impressionada com uma das drogas mais eficazes que deixaram o usuário otimista e colocou-o em um estado de espírito “sem preocupações, não se importa”. Quando testados em prisioneiros, os prisioneiros ficaram despreocupados com as penas ou tiveram que passar a vida toda na prisão. Os efeitos a mais longo prazo, testados após dois a três anos, foram atitudes mentais residuais de passividade e resignação. Os sujeitos de teste nem sequer tentaram tomar decisões inteligentes. Evidentemente, a droga atacou o centro da motivação.

No briefing, os médicos checoslovacos recomendaram três drogas que eles acreditavam ser as drogas do futuro. O conselheiro soviético, que também participou da reunião, disse que as drogas não devem ser comercializadas, pois podem fazer perguntas. Naquela época, os soviéticos acreditavam que a culpa pela epidemia de drogas, conforme desejado, tinha sido colocada com sucesso sobre o crime organizado. Se colocarmos novas drogas no mercado, os soviéticos raciocinaram, as pessoas no Ocidente podem se suspeitar. Precisamos ter muito cuidado em esperar até a hora certa;

Por exemplo, quando há outros potenciais co-produtores que podem ser responsabilizados como fonte para os novos medicamentos.

Outra nova dimensão especialmente interessante surgiu em setembro de 1967, em conexão com a visita de Raul Castro à Checoslováquia. Este evento foi o desenvolvimento anual e a aprovação do próximo plano de um ano. Acompanhando Castro foram vários funcionários cubanos de alto nível: o Chefe de Inteligência Militar, o Chefe da Administração Médica Militar, o Chefe Adjunto do Departamento de Órgãos Administrativos, o Vice-Chefe do Estado-Maior da Armamento e Tecnologia e o Vice-Chefe do Principal Político Administração. Como no passado, Sejna era o funcionário checoslovaco que hospedava a comitiva. O assunto principal da reunião foi a operação de drogas e narcóticos. Foi acordada uma expansão considerável da atividade de tráfico de narcóticos do bloco cubano e soviético. Nesta reunião, também foi assinado um protocolo que permitiu que cientistas cubanos (dezessete ou dezoito deles) ajudassem equipes de pesquisa conjuntas do bloco soviético trabalhando em drogas e narcóticos. Doravante, os cientistas cubanos trabalhariam com cientistas checoslovacos, mas não com as outras equipes do bloco soviético. Esta foi uma maneira indireta de levar os cubanos ao programa Bloco soviético.

Uma das principais áreas em que os cientistas cubanos estavam conduzindo pesquisas e uma que trabalhariam em cooperação com outros cientistas do Pacto de Varsóvia foi uma análise da influência das drogas na “estagnação intelectual” da sociedade. A ideia era que as drogas inibiriam o desenvolvimento da mente (intelecto) e isso, por sua vez, ajudaria a provocar uma estagnação da sociedade burguesa. As questões de interesse envolveram quais drogas ou combinações de drogas eram mais efetivas para incapacitar a mente e quantas drogas, durante quantos anos, eram necessárias para acabar com uma sociedade. Ou seja, o que o tráfico de drogas era necessário para alcançar o efeito desejado?

Isso fazia parte de uma operação soviética altamente importante; e todos os países do bloco soviético tiveram programas em desenvolvimento para desenvolver as melhores drogas e as análises que o acompanham. A Checoslováquia, a Alemanha Oriental, a Bulgária, a Hungria e a própria União Soviética estavam fortemente envolvidas. O aleijamento da sociedade burguesa era a “ordem principal”. A eficácia desta estratégia só pode ser apreciada no Ocidente após o evento, uma vez que os efeitos debilitadores de longo prazo de quase todas as drogas no cérebro, mesmo (de fato, especialmente), incluindo os da maconha, tornaram-se mais conhecidos e ganhavam publicidade E reconhecimento. Um fator de relevância especial que agora é reconhecido é o efeito neurológico em bebês nascidos de mulheres em maconha ou cocaína, incluindo comprometimento comportamental a longo prazo e dificuldades de aprendizagem[5].

Castro foi particularmente forte ao apresentar sua posição às autoridades checoslovacas e soviéticas. Ele argumentou que era importante impulsionar ainda mais esse aspecto das operações de narcotráfico e avançar o início da estagnação visando estudantes mais jovens, especificamente, estudantes do ensino médio e crianças[6]. Os soviéticos pensavam em termos de quarenta a cinquenta anos para obter os resultados desejados. Castro acreditava que poderiam ser cumpridos nos trinta e cinco anos[7].

Os soviéticos eram mais conservadores por causa das mudanças sociais que acreditavam que deveriam ser alcançadas em paralelo e porque eles coordenaram essas mudanças com outros eventos em seu plano de longo prazo para destruir o Ocidente. Os soviéticos também estavam preocupados com o fato de que o consumo de drogas em estudantes e crianças do ensino médio pode ser muito radical e causar uma contra-reação indesejável. Em seu plano, os alvos burgueses preferidos pelos soviéticos eram a

elite técnica, intelectuais, soldados e estudantes universitários.

Na sequência do encontro entre funcionários cubanos e checoslovacos em Praga descritos acima, uma delegação checoslovaca foi a Havana para elaborar detalhes sobre a participação de cientistas cubanos nos estudos conjuntos, para explorar a possibilidade de incluir ainda mais de dezessete cientistas e determinar se seria possível, por intermédio de Castro, recrutar cientistas mais "progressistas" em toda a América Latina para auxiliar (involuntariamente) na análise do impacto das drogas na sociedade. A delegação foi liderada pelo General Oldrich Burda, chefe dos Zs. Acompanhá-lo era o vice-chefe da Administração da Saúde, o chefe de pesquisa do principal hospital militar (sua especialidade em neurologia) e o vice-chefe do Departamento de Ciência.

Castro também acreditava que mais ênfase na América Latina deveria ser colocada na corrupção e no recrutamento das forças armadas. Isso era necessário para empurrar o movimento revolucionário para a frente, argumentou; os políticos já estavam completamente corrompidos. Em 1988, os recursos em toda a América Latina relatavam o forte envolvimento de oficiais militares e policiais no narcotráfico. Isto foi particularmente verdadeiro na Colômbia, nos seus vizinhos e no Panamá, Honduras e México[8].

Além disso, em 1967, a campanha cubana para penetrar nas operações de drogas "independentes" latino-americanas estava quase concluída. A inteligência cubana agora estimou que noventa por cento das organizações visadas já haviam sido penetradas e Castro argumentou que chegou o momento de destruir os grupos de drogas latino-americanos que ainda resistiam à penetração e não eram cooperativos.

Sejna informou ainda que, no outono de 1967, os soviéticos chamaram uma reunião dos chefes de inteligência do Pacto de Varsóvia em Moscou para discutir a expansão da ofensiva de drogas e narcóticos para tirar proveito da Guerra do Vietnã e desajustar a juventude americana. Esta reunião foi especialmente notável, porque pode ter sido a mesma reunião em que um oficial de inteligência búlgaro relatou após sua deserção para o Ocidente em 1970. Houve dados consideráveis da Bulgária, o que, em essência, confirma o testemunho de Sejna. Esta fonte particular foi Stefan Sverdlev, um coronel no Comitê Búlgaro de Segurança do Estado (polícia secreta), o Komitet Darzhavna Sigurnost (KDS). Sverdlev esteve envolvido diretamente no narcotráfico búlgaro. Ele descreveu o papel de KINTEX, uma preocupação "privada" formada como uma subsidiária secreta da inteligência búlgara para lidar com partes da operação de drogas. Ele afirmou que, em 1967, os chefes dos serviços de segurança do Pacto de Varsóvia se encontraram em Moscou para explorar e acelerar a "corrupção inerente da sociedade ocidental".

Uma reunião subsequente dos oficiais de segurança do Estado búlgaros em Sofia, Bulgária, foi realizada para elaborar um plano trienal para a implementação da estratégia. Este plano levou a uma diretiva de segurança do Estado emitida em julho de 1970, cujo tema era "a desestabilização da sociedade ocidental, entre outras ferramentas, o narcotráfico"[9]. Quando ele desertou, Sverdlev trouxe consigo a diretriz KDS M-120/00-0050, que tratou do movimento de narcóticos do Oriente Médio através da Bulgária para a Europa Ocidental e América do Norte[10]. Além disso, em dezembro de 1969, a Alemanha Ocidental capturou 200 quilogramas de base de morfina em Frankfurt. Através de análises químicas, os alemães ocidentais conseguiram concluir que a base havia sido produzida em Sofia, Bulgária[11].

No início da década de 1970, a disciplina havia sido corroída no exército dos EUA na Europa, na medida em que surgiram sérias questões de comando. Mesmo o serviço de correio, que foi usado para distribuir drogas, foi corrompido[12]. Uma maior pressão se seguiu. Muitos soldados foram desalinizados ou reatribuídos desonestamente.

Durante a repressão, a trilha do tráfico que foi descoberta levou de militares norte-americanos à Europa Oriental, com Berlim Oriental, República Democrática Alemã, Hungria e Bulgária identificadas proeminentemente[13].

Robin Bruce Lockhart, filho dos bem conhecidos (em círculos da inteligência), o agente diplomático britânico, R. H. Bruce Lockhart, também relatou o movimento de drogas em toda a Europa para as forças armadas dos EUA. A heroína melhor e mais poderosa, ele escreve, “vem da Alemanha Oriental e é comercializada na Alemanha Ocidental, onde a polícia da Alemanha Ocidental estima que as forças armadas dos EUA representam pelo menos sessenta e cinco por cento do seu consumo e a preço de um trigésimo daquele que se obtém nas ruas de Nova York”[14].

O que foi especialmente notável, novamente, foi o baixo preço. O objetivo é a guerra política, não a simples atração de lucros elevados, e os alvos, neste caso, são membros das forças armadas dos EUA. Como mais um exemplo das táticas empregadas, o ópio foi adicionado secretamente à maconha - que era amplamente promovida como não viciante e bastante inofensiva na época - para gerar dependência secreta, sem o conhecimento do usuário. Táticas similares também foram empregadas contra militares dos EUA no Sudeste Asiático durante a Guerra do Vietnã. A heroína de alta qualidade (branca) foi vendida para os militares dos EUA como a cocaína, que, na época, muitas pessoas acreditavam ser uma droga inofensiva e não viciante.

É particularmente importante que esses tipos de táticas sejam mantidos em mente ao avaliar o que aconteceu durante a década de 1980 nos Estados Unidos. O tráfico não é um caso simples de oferta estimulante de demanda. Mais frequentemente, é a situação inversa, com os fornecedores trabalhando duro para criar demanda. Isso ajuda a explicar as falhas dos programas de interdição da década de 1980. Não obstante as tentativas de reprimir o tráfico e a apreensão a cada ano de quantidades cada vez maiores de cocaína, a pureza da cocaína no mercado aumentou constantemente e o preço diminuiu - o que é exatamente o oposto do que as autoridades dos EUA esperavam. A explicação casual é o aumento da oferta e da concorrência. O observador mais informado pode questionar esta explicação e considerar outras possibilidades; Por exemplo, guerra política e medidas destinadas a derrotar a chamada guerra contra as drogas.

O último evento em 1967 de importância que recordou o general Sejna foi a conclusão de um estudo importante, cujo relatório foi intitulado Minorities and Immigrants nos Estados Unidos. O estudo foi preparado para o Conselho de Defesa da Checoslováquia. O estudo foi desencadeado por uma conversa dada pelo embaixador soviético, Stepan Cervoneiko, ao Conselho de Defesa da Checoslováquia. Sua mensagem era simples. “As minorias nos ajudarão a mudar o branco para o vermelho”. “Branco” refere-se à cocaína e ao “vermelho” referente à Revolução Vermelha (Comunismo). O relatório formalizou o papel de drogar as minorias no processo revolucionário. As duas principais minorias a serem alvo eram as pessoas negras e os hispânicos.

A importância das minorias há muito foi reconhecida na estratégia soviética, mas o foco anterior foi sobre as minorias da Europa Oriental e sobre seu uso na espionagem. Depois que Brezhnev se tornou Secretário Geral, as políticas sob Khrushchev foram revisadas e novas prioridades foram estabelecidas. Durante esta revisão, Khrushchev foi criticado por não se concentrar mais no uso de minorias não-européias, particularmente pessoas negras. A necessidade de um maior uso de pessoas negras no narcotráfico surgiu como um grande tema de discussão durante uma visita de Raúl Castro à União Soviética e à Checoslováquia em 1965. Em preparação para essa

visita, os soviéticos instruíram as autoridades checoslovacas sobre a necessidade para criticar Castro por seu viés anti-preto e para convencê-lo da importância de trazer mais pessoas negras para o negócio de distribuição e venda de drogas. Enquanto em Moscou, Castro conheceu o general Savinkin (chefe do Departamento de Órgãos Administrativos: veja acima), que assumiu a liderança soviética na educação de Raul Castro.

Castro parou na Checoslováquia depois de deixar Moscou, e a "educação" continuou. Raul persistiu em reclamar que o problema com os negros era que eles eram mais negros do que comunistas. Em resposta, o general soviético que aconselhou a inteligência militar checoslovaca disse a Castro que o negócio era comercial e que nem todos os espiões eram comunistas. Na verdade, ele apontou, a maioria dos espiões não eram comunistas.

Durante conversas privadas com o General Sejna, Castro criticou Savinkin e os soviéticos em geral. Obviamente, não podemos existir sem os soviéticos, Raul disse a Sejna, mas eles são estúpidos e precisam nos ouvir. Os soviéticos não entendem a psicologia do Caribe. Raul estava se referindo ao empenho de Savinkin para que Cuba use tanto os negros cubanos como caribenhos no processo de distribuição de drogas. Esta foi uma estratégia ruim, argumentou Raul. Os negros cubanos não devem ser usados por vários motivos.

Primeiro, ele teria que infiltrar-se por meio do México, e ele acreditava que isso perturbaria os mexicanos. Em segundo lugar, os negros cubanos seriam prontamente identificados como cubanos por causa de seu sotaque. Em terceiro lugar, era uma boa idéia usar apenas pessoas do Caribe negro no negócio de drogas, porque os Estados Unidos não assistiram os jamaicanos, os haitianos, os dominicanos e outros cidadãos do Caribe da maneira como eles assistiram os cubanos. Em quarto lugar, muitos negros nos Estados Unidos eram de outras partes do Caribe e os negros dessas outras partes do Caribe teriam um emprego mais fácil e vendendo drogas.

E em quinto lugar, Castro estava preocupado com a confiabilidade dos negros cubanos. Aqui, Raul estava implicitamente reconhecendo o preconceito anti-negros de muitas das políticas de Fidel Castro, que ele acreditava que militava contra seu uso em uma operação tão sensível. Raul não era adverso à criação de um programa de treinamento, que incluísse o reassentamento de pessoas negras cubanas em outras ilhas do Caribe por vários anos, até que dominassem os dialetos locais. Mas para o futuro imediato, ele se opôs fortemente ao uso de pessoas negras cubanas no programa de drogas.

No final, Castro concordou em usar os negros cubanos em operações de inteligência que não eram tão sensíveis quanto o negócio de drogas e para começar a treinar e usar pessoas do Caribe Negro no negócio de drogas. "Se você quer mais pessoas negras, você terá mais negros", lembra Sejna, Castro finalmente concorda: "há um abastecimento inesgotável no Caribe. Mas os negros do Caribe, e não os negros cubanos"[15]. Esta estratégia atingiu sua maturidade com o relatório de 1967 sobre o uso de minorias. Os objetivos específicos para alvejar as minorias estabelecidas no relatório, como lembrou o general Sejna, foram os seguintes:

• Agilizar o processo revolucionário,

• Criar instabilidades políticas,

• Forçar os Estados Unidos a prestarem mais atenção às questões domésticas e menos para problemas internacionais, e:

• Criar eco-racismo.

O conceito de eco-racismo foi um produto de vários anos de pesquisa e estudo. A ideia soviética era a dos Estados Unidos, é o dinheiro o mais importante. Isto foi

especialmente verdadeiro entre os negros que os soviéticos acreditavam estar mais motivados por fatores materiais (econômicos) do que pelos ideais políticos.

Ou seja, eles pensavam em termos econômicos e não em termos políticos. Além disso, sua raiva foi dirigida mais para problemas econômicos do que para deficiências políticas percebidas. Como uma delegação checoslovaca informou depois de visitar os Estados Unidos em setembro de 1967, as minorias, na maioria negros, não entenderam que a liberdade para eles significava socialismo (comunismo).

Quando nos falamos sobre o comunismo, nos encontramos com hostilidade e raiva, explicou a delegação. Mas, quando discutimos a economia, a ira dos representantes das minorias imediatamente se concentrou nas desigualdades do sistema capitalista. Consequentemente, os delegados recomendaram que o trabalho de propaganda realmente se concentrasse nas desigualdades econômicas - e não no comunismo e seus "benefícios".

O relatório de 1967, que foi concluído em dezembro, abordou a importância de usar as minorias para "acelerar o processo revolucionário". Com relação aos negros, identificaram-se inúmeras táticas. O racismo deveria ser promovido porque era um fator desestabilizador. Os operadores deveriam dirigir-se aos jovens, já que os negros mais velhos eram considerados intimidados pelo establishment branco. Os narcóticos e a propaganda deveriam ser empregados para "revolucionar" os negros. O desemprego negro deveria ser promovido. A ênfase deveria ser colocada no conceito de "tomar" ou fazer o "dar" dos brancos, em oposição ao conceito de pessoas negras trabalhando para a vida.

Este relatório também enfatizou a necessidade de reunir as minorias hispânicas e negras. Acredita-se que os hispânicos já estão bem nas drogas e, ao aproximá-los com os negros dos EUA, o uso de drogas nas comunidades negras seria acelerado. O principal alvo das drogas seria o "*lumpen proletariaf*", isto é, os desempregados que estavam concentrados nos guetos da cidade interior. Ao empurrar drogas para este grupo, o crime e a erosão geral dos valores morais ocidentais seriam estimulados porque o uso de drogas destruiu o julgamento e levou as pessoas ao crime, à homossexualidade e a outras atividades convencionalmente consideradas imorais.

A cadeia ou sequência de distribuição de medicamentos nos Estados Unidos foi analisada no relatório. O problema com a cadeia era que a maioria dos chefes superiores eram brancos, enquanto a maioria dos que constituíam a base da pirâmide de vendas era negra. Por isso, foram necessárias duas mudanças. Em primeiro lugar, era necessário promover mais pessoas negras do nível da rua para o nível de organização e gerenciamento. Em segundo lugar, era necessário levar os hispânicos na organização. Isso foi considerado aconselhável para evitar a perturbação dos hispânicos e também para evitar que o problema indesejável dos negros seja a única minoria no controle.

O relatório recomendou fazer essas mudanças à medida que as operações se expandiram, promovendo e treinando pessoas negras e trazendo hispânicos à medida que novos mercados foram abertos. A combinação dos negros e dos hispânicos seria então mais efetiva ao empurrar as drogas para o proletariado lumpen, que os soviéticos acreditavam estar dominado por negros e hispânicos. Juntos, os negros e os hispânicos formariam uma "*spojena obcanska ohrana fronta*" ou a frente de defesa do cidadão unido.

A tese do relatório foi que as drogas inseridas nas minorias criariam "destruição política incurável". A estimativa apresentada no relatório foi que até o ano 2000, as pessoas com falta de moral criada principalmente por drogas, as pessoas que estavam dispostas a tomar as medidas necessárias para apoiar a revolução, expandiram-se para abranger cerca de quarenta e dois por cento da população.

Em seu relatório de 1989 sobre a epidemia de crack, a *US Drug Enforcement Agency* [DEA] concluiu que: “As redes de tráfico interestadual de grande escala controladas por jamaicanos, haitianos e gangues de Black Street dominam a fabricação e distribuição de crack”[16]. A distribuição de crack, que cresceu tão rapidamente em 1986, parece ser muito mais uma operação organizada do que um simples fenômeno “natural”[17].

Crack tornou-se rapidamente reconhecido como a droga mais perigosa para atingir a América. Como William Bennett, diretor do Escritório de Política Nacional de Controle de Drogas, explicou sobre a “*Face the Nation*” da CBS em 13 de agosto de 1989, o crime de drogas está em alta, o tráfico de drogas aumentou, as mortes de drogas estão em alta, as emergências de drogas em hospitais dos EUA são acima. O motivo de tudo isso é crack.

Dois apêndices para o relatório da DEA sobre crack[18] continham dados fornecidos por agentes de campo em cidades individuais. Ao longo destes breves resumos de cidades, os grupos que dominavam o fábrico e a distribuição mostraram ser haitianos, jamaicanos, dominicanos e negros dos EUA. O tráfico era mais proeminente nas áreas do interior do centro de baixa renda, particularmente nos bairros negros e hispânicos[19]. Quando pouco foi dito sobre os atacadistas, dois grupos foram identificados: cubanos e colombianos.

Toda a discussão sobre a natureza da distribuição e das vendas sugeriu uma operação bem organizada e administrada - uma operação destinada a usar os negros contra os negros. A realidade em 1989 combinava perfeitamente com a estratégia soviética, as operações e a lógica subjacente estabelecida há mais de vinte anos.

Isso poderia ter sido apenas uma mera coincidência?

Referências ao Capítulo 7:

1. A reunião de outono de 1959 foi precedida por uma reunião da KGB de maio de 1959 que resultou em uma decisão de aumentar o número de agentes da KGB direcionados contra a tecnologia ocidental por um fator de dez, de acordo com a lembrança de um antigo contador da CIA - oficial de inteligência.
2. Arthur M. Schlesinger, Jr., Robert Kennedy e His Times, op. Cit., Página 504.
3. Sob Brezhnev, os bancos e as instituições financeiras tornaram-se os três maiores objetivos prioritários de infiltração de inteligência.
4. Seymour M. Hersch, “Auxiliares dos EUA em 72 agentes de matança pesados que agora lidam com o Panamá”, New York Times, 13 de junho de 1986, página 1.
5. Veja, por exemplo, Michael Abramowitz, “Usuários de cocaína grávida reduzem o risco por Stopping”, Washington Post, 24 de março de 1989, página A10.
6. “Existe um consenso quanto ao fato de que a atual grave crise da droga nas escolas secundárias - principalmente maconha, LSD, mescalina e alguns outros como anfetaminas e barbitúricos - começou em torno de 1967”. Guerra Psicoquímica: A ofensiva comunista chinesa de drogas contra o Ocidente (New Rochelle, Nova York: Arlington House, 1973), op. Cit., Página 63. Também é interessante notar que, em 1967, os escores do Apuramento Escolástico Escolástico utilizados como exames de vestibular começaram um declínio que atingiu um mínimo de 890 em 1980, abaixo do intervalo normal anterior de 965-975. Dada a intensidade do argumento de Castro e sua tendência de agir sem esperar a aprovação soviética, é lógico supor que Cuba já havia iniciado o processo de empurrar drogas para as escolas secundárias dos EUA no momento da reunião em Moscou.
7. Em um discurso sobre o terrorismo internacional no Congresso da União Democrata Cristã Européia, realizado em Madri, em junho de 1986, Llaminio Piccoli, Presidente do Conselho Nacional Italiano de Democracia Cristã, manteve um certo tempo sobre a colusão entre terroristas e o comércio internacional de narcóticos . Ele também citou Raul Castro como afirmando no final da década de 1960 que as drogas seriam uma arma decisiva para perturbar o tecido das democracias ocidentais. Ele também mencionou o comércio de narcóticos organizado por Cuba e alguns países da América Central, sob a influência dominante de Cuba e da URSS.
8. Veja também, Merrill Collett, “Cartel da droga da Colômbia Dis se para apontar para militares”, Washington Post, 11 de abril de 1988, página A17.
9. Drogas e terrorismo, 1984, op. Cit, página 58.10. Nathan M. Adams, “Drogas para armas: a conexão búlgara”, Reader's Digest, novembro de 1983.
11. Drogas e terrorismo, 1984, op. Cit, página 59.
12. Os tempos não mudaram. Em 1988, as investigações sobre tráfico de drogas por soldados norte-americanos com base no Panamá descobriram o uso do sistema de correio militar para enviar cocaína. Michael Isikoff, “Drogas alegadamente enviadas em Planes do Exército, Correio”, Washington Post, 2 de junho de 1988, página A3.

13. Detalhes adicionais estão disponíveis em Joseph D. Douglass, Jr. e Neil C. Livingstone, America the Vulnerable: The Threat of Chemical / Biological Warfare (Lexington, Massachusetts: Lexington Books, DC Heath and Company, 1987), páginas 113- 144.
14. Robin Bruce Lockhart, Reilly: The First Man (New York: Penguin Books, 1987), página 99.
15. Em 1980, um jamaicano, o Sr. Earlston Spencer, participou de uma audiência realizada pelo Comitê Nacional para Restaurar a Segurança Interna . Ele explicou como em 1974, ano após Michael Manley se tornar o primeiro-ministro da Jamaica, jovens foram recrutados abertamente para ir a Cuba para treinar, o que incluiu formação em guerrilha. As primeiras gangues ou posses jamaicanos são acreditadas pelo Departamento de Justiça dos EUA ter aparecido nos Estados Unidos por volta de 1974. Estes proprietários jamaicanos se tornaram posteriormente alguns dos principais distribuidores de cocaína crack em meados da década de 1980.
16. Departamento de Justiça dos EUA, Drug Enforcement Agency, Crack Cocaine Review 1989 (Washington D.C: Departamento de Justiça dos EUA, 1989), página 13.
17. As observações na Estratégia Nacional de Controle de Drogas de 1989 são bastante interessantes a este respeito. 'Crack é uma inovação no varejo de cocaína que tira uma vantagem misteriosa dos padrões de uso de drogas em mudança' '. The White House, National Drug Control Strategy (Washington, D.C: US Government Printing Office, setembro de 1989), página 4.
18. Crack Cocaine Overview 1989, op. Cit.
19. Considere, por exemplo, os seguintes extratos retirados da cidade e resúmenes estaduais nos Apêndices A e B de Crack Cocaine Overview 1989, op. Cit:
X Amarillo: Crack casas são administradas por negros americanos que vendem a maioria de seus produtos para compradores negros.
X Atlanta: Crack cocaína literalmente assumiu o mercado de medicamentos de baixa renda em todo o estado da Geórgia.
X Baltimore: os haitianos e os negros são os principais traficantes.
X Boston: Crack rapidamente se espalhou pelas principais cidades de Connecticut, Massachusetts, Rhode Island e New Hampshire, confinadas às áreas do Black inner-city. A inteligência subseqüente revelou que as gangues negativas do Estado-Membro estavam lutando pelo controle. A disponibilidade de crack ... é controlada principalmente por grupos dominicanos e porto-riquenhos.
X Bridgeport: os negros ainda são as principais fontes de crack. Os traficantes de cocaína hispânicos de alto nível importam cocaína e convertem-na em crack.
X Cape Cod: Em 1988, os violadores negros surgiram como principais fornecedores de cocaína para a área de Mid-Cape.
X Dallas: A distribuição de crack é controlada por um cartéi de 500-700 membros controlados pela Jamaica. O tráfico de cocaína em rachaduras é principalmente centrado na população de baixa renda, na população urbana negra e hispânica.
X Denver: as casas Crack são administradas por jamaicanos com a assistência de fêmeas Black recrutadas localmente.
X Fort Myers: Os cozinheiros e distribuidores do crack são principalmente negros e os compradores atravessam todos os limites étnicos.
X Hartford: traficantes de negros e hispânicos controlaram a distribuição de crack na área de Hartford quando surgiu pela primeira vez.
X Houston: O problema de crack está situado essencialmente em bairros predominantemente negros.
X Kansas City: relata envolvimento substancial de traficantes jamaicanos.
X Los Angeles: fabricação e distribuição de cocaína são principalmente controlados por gangues da rua negra (The Bloods ou Crips) que possuem redes de distribuição em todo o noroeste e sudoeste dos Estados Unidos.
X Lubbock: as casas de crack são tipicamente quartos de motel ou casas vazias administradas por negros americanos que são fornecidos por atacadistas cubanos.
X Miami: os estrangeiros ilegais haitianos e jamaicanos são, na sua maioria, responsáveis por esta fase [importação e fabricação] da operação. Os infractores locais de Black são responsáveis pela distribuição local, com alguma assistência White.
X Nova Orleans: Uma gangue da rua negra (Crips) de Los Angeles emergiu como a principal fonte de crack.
X Nova York: traficantes de crack primários são dominicanos e negros. Os dominicanos são mais ativos no alto da Manhattan e no Bronx. Os traficantes de negros controlam grandes áreas de tráfico de crack nas secções da classe média e do centro da cidade de Brooklyn, Queens e partes do Bronx. Jamaicanos e grupos de crack do Haiti não são tão grandes quanto os grupos dominicanos e negros, mas estão envolvidos em atividades significativas.
X Newark: as gangues negras e jamaicanas são os principais grupos envolvidos na venda e distribuição de ruas. Caucasianos e hispânicos (predominantemente dominicanos) são ativos, mas em menor grau.
X Orlando: o problema está localizado em bairros pretos pobres e os haitianos estão diretamente envolvidos em muitas áreas.
X Filadélfia: as casas de cocaína crackadas, sob o controle da organização jamaicana do tráfico, estão começando a surgir.
X Phoenix: Crack cocaine está disponível nas áreas de habitação pública e é totalmente administrado por pessoas negras. Crack é fornecido pelas gangues Crips e Bloods de Los Angeles.
X Providência: dominicanos e negros fora do estado controlam a distribuição de crack. A maioria dos réus são negros dominicanos ou norte-americanos.
X San Diego: Crack continua a ser um problema sério em enclaves minoritários.
X San Francisco: Crack é um problema irresistível em bairros urbanos de baixa classe.

X Seattle: disponibilidade generalizada de crack na cocaína entre todos os grupos étnicos.
X Tallahassee: A maioria da clientela de cocaína crack é da comunidade negra. Os fornecedores são principalmente traficantes de negros na região de Miami, muitos dos quais são jamaicanos ou estão intimamente ligados aos traficantes jamaicanos.
X Tulsa: Crack cocaína está prontamente disponível na comunidade negra.
X Tyler: as casas de crack são geridas por negros americanos. O tráfico é principalmente concentrado nas comunidades negras.
X Washington D.C .: A utilização de mensageiros juvenis, principalmente adolescentes negros, é uma tendência notável. Um número crescente de distribuidores jamaicanos entrou no comércio de cocaína.
X Wilmington: a distribuição de crack haitiano cresceu a partir de um mercado limitado confinado a negros americanos para abrir vendas de rua em pelo menos dez pequenas comunidades. A maioria dos distribuidores está ligada à comunidade haitiana localizada na área de Fort Pierce, Flórida.

CAPÍTULO OITO

CUBA E A ASCENSÃO DO NARCO-TERRORISMO

Em 15 de novembro de 1982, o público americano foi tratado com uma rara exibição de sinceridade. Essa foi a data em que quatro oficiais cubanos importantes, incluindo dois membros influentes do Comitê Central do Partido Comunista de Cuba, foram indiciados por um grande júri federal em Miami sob acusações de conspirar para trazer drogas ilegalmente para os Estados Unidos.

As acusações de altos cubanos abriram as comportas. Um seguimento de acusações adicionais seguiu, mais importantes foram os de Jorge Ochoa e Carlos Lender Rivas, reputados chefes colombianos de drogas; Norman B. Saunders, Ministro-Chefe das Ilhas Turcas e Caicos; Frederick Nigel Bowe, ministro das Bahamas de alto escalão; Everette Bannister, presidente da Bahamas World Airlines e um estreito associado do primeiro-ministro, Lynden O. Pindling; Coronel Jean-Claude Paul, o homem forte do Haiti; Frederico Vaughan, alto funcionário do serviço de inteligência da Nicarágua; Ditador militar do Panamá, general Manuel Antonio Noriega; Manuel Ibarra Herrera, ex-chefe da Polícia Judiciária Federal Mexicana; e Miguel Aldana-Ibarra, ex-chefe do ramo mexicano da Interpol.

Como resultado das evidências apresentadas nas acusações, uma imagem de muitas operações de drogas interconectadas emergiu gradualmente - uma imagem que, embora reconhecidamente incompleta, tem uma semelhança impressionante com a descrição geral de qual estratégia soviética, conforme descrito por Sejna, se destinava a produzir. A imagem continha quatro características principais. Primeiro, há estreitas ligações entre o tráfico de drogas e as atividades terroristas-revolucionárias; Daí o termo narcoterrorismo. Isso levou à quebra em lei e ordem que, quando associada à corrupção relacionada a drogas, está provocando a desestabilização de um número crescente de países importantes, principalmente a Colômbia, Venezuela, Peru e México. Em muitos casos, os terroristas ou guerrilheiros controlam ou controlam a produção e a distribuição de medicamentos. Este fenômeno básico não se limita à América Latina. Também está presente em graus variados no Oriente Médio, Sudeste Asiático e África.

Em segundo lugar, embora o vasto número de pessoas envolvidas no narcotráfico não pareça possuir uma filosofia política particular, há um envolvimento desproporcional de funcionários do partido comunista, funcionários governamentais de países comunistas, agentes de serviços de inteligência comunistas e revolucionários marxistas e terroristas. Organizações. Em terceiro lugar, dentro das Américas, Cuba se destaca. Cuba está claramente envolvida com inúmeras operações de tráfico de drogas e oferece muitas funções, desde recrutamento até instalações de transbordo, postos de

comando, fornecimento de equipamentos, produção e fabricação, transporte, vendas e marketing e finanças[1].

E, finalmente, enquanto o dinheiro está sempre presente como uma motivação óbvia, na medida em que os funcionários superiores envolvidos com o tráfico estão preocupados, a dimensão política, especificamente a guerra política contra os Estados Unidos, é ainda mais importante do que o dinheiro.

Como um centro revolucionário soviético[2] no Caribe, Cuba é o centro operacional do narcotráfico e para o treinamento de terroristas revolucionários. (A Nicarágua estava se tornando um segundo centro revolucionário, e também atuava no narcotráfico e no albergue e formação de revolucionários). Cuba proporciona um refúgio seguro para traficantes de droga latino-americanos a caminho dos Estados Unidos. Para isso, os traficantes de drogas pagam uma taxa. Em sua viagem de regresso à América do Sul para pegar mais drogas, eles transportam munições e provisões de Cuba para os terroristas revolucionários; por exemplo, para as forças M-19 na Colômbia[3].

A maneira pela qual o tráfico de narcóticos e as organizações revolucionárias ou terroristas operam em conjunto pode ser vista nos relatórios sobre as operações colombianas e cubanas. Grupos terroristas ou revolucionários protegem os traficantes de drogas. Os traficantes de drogas ajudam a financiar os terroristas e revolucionários e fornecê-los com informações (inteligência) e assistência de transporte. Na Colômbia, os revolucionários marxistas M-19 têm laços estreitos com Cuba e vários traficantes de drogas, dos quais o mais divulgado ao longo dos anos tem sido a organização conhecida como Cartel de Medellín.

O Cartel tem vínculos estreitos com Cuba, Nicarágua e outros países. A ligação principal entre o Cartel de Medellín e o M-19, como explicado por José I. Blandon Castillo, ex-cônsul geral do Panamá, é o embaixador cubano, Fernando Ravelo Renedo. Ravelo trabalha para Manuel Pineiro Losada, chefe do Departamento de Américas do Comitê Central do Partido Comunista de Cuba[5] e ex-chefe da DGI. O Departamento das Américas (Departamento de América) tem responsabilidade especial pelas operações de subversão e sabotagem no Hemisfério Ocidental, incluindo desinformação, terrorismo e drogas[6]. [Nota do Editor: Esta foi a posição predominante, é claro, em 1990].

Na Colômbia e em outros países, como o Peru, os terroristas fornecem aos produtores de drogas proteção contra a polícia local e as forças militares. Os produtores de drogas são alertados para possíveis ataques em suas instalações. Eles passam dados para terroristas, que então emboscam e matam as forças que conduzem as incursões. Isso é bom para os terroristas e para os produtores, que em troca fornecem fundos, território e os fornecimentos que os terroristas precisam. Como outro exemplo, quando os funcionários do governo decidem reprimir os traficantes de drogas, os terroristas ajudam os traficantes aterrorizando e matando funcionários, como fizeram no caso do assassinato em massa dos Ministros da Justiça colombianos que estavam tomando medidas para extraditar certos Senhores da droga colombianos[7].

Os terroristas fornecem insentivo adicional quando o suborno é inadequado. Geralmente, o suborno tem funcionado bastante bem. A corrupção através do suborno é desenfreada nas Bahamas, México, Colômbia, Bolívia, Peru, Costa Rica, Haiti, Panamá, Caymans e Brasil. Ao usar terroristas para realizar atos violentos, traficantes de drogas podem manter sua imagem como empresários - empresários com ampla influência, mas ainda são empresários. Os traficantes de drogas são, portanto, do ponto de vista de um funcionário do governo, boas pessoas para se dar bem, pessoas que podem pagar por serviços.

Eles trazem dinheiro para o país e fornecem empregos. Então, o que, se eles

também fornecem um produto que danifica os “capitalistas”? São os terroristas que são os bandidos. Embora esta lógica seja descaradamente falaz, é surpreendente a quantidade de pessoas que a aceitam e promovem, incluindo muitos funcionários de alto escalão nos Estados Unidos.

As origens precisas do narcotráfico são incertas. No entanto, há uma variedade de fatos que apontam para seu surgimento gradual, talvez mais como resultado da evolução e circunstância do que o planejamento direto. Primeiro, como relatado por Sejna, a atual estratégia soviética envolvendo tráfico de narcóticos, terrorismo e crime organizado teve suas origens em cerca de 1955, quando Khrouchchev se propôs a modernizar a subversão soviética e colocar o movimento comunista mundial de volta ao curso após a morte de Stalin.

As três atividades - tráfico de drogas, terrorismo e crime organizado - proporcionaram funções complementares; E as atividades do bloco soviético em todas as três áreas foram gerenciadas pelas seções de inteligência estratégica nos serviços de inteligência da KGB e GRU. Essas seções de inteligência estratégica desempenham somente tarefas especiais de importância estratégica, a mais importante das quais, como já foi referido, são espionagem estratégica, drogas e narcóticos, terrorismo, fraude e sabotagem. A combinação de narcóticos e terrorismo também foi identificada nas décadas de 1950 e 1960 pelo Dr. Ray Cline, ex-Diretor Adjunto de Inteligência, Agência Central de Inteligência, que explicou:

“Observei com horror os vínculos crescentes em muitas áreas entre os três grupos: os grupos políticos revolucionários, que são, na sua maioria, marxistas-leninistas, ansiosos por criar um estado subordinado à União Soviética ou a um de seus estados de substituição, como Cuba; os traficantes de narcóticos, que precisam da proteção que tais grupos revolucionários podem dar a eles e estão dispostos a pagar por isso, e, de fato, estão dispostos a financiar as revoluções políticas com o produto do narcotráfico; e depois os corredores de armas, as pessoas envolvidas na passagem ilegal de armas para grupos revolucionários e traficantes de narcóticos[8].

No caso da Bulgária, a conexão entre tráfico de drogas e terrorismo era claramente evidente no início da década de 1970. Na verdade, KINTEX é descrito por várias fontes como tendo dupla tarefa, o movimento de drogas na Europa Ocidental e o movimento de armas e munições para o Oriente Médio[9]. Estas não são atividades totalmente independentes, na medida em que as drogas são freqüentemente aceitas como pagamento pelas armas e munições.

Este método de operação tem sido conectado com muitas organizações terroristas. Por exemplo, Jacques Kiere, diretor do centro de inteligência nacional da Administração de Drogas em El Paso, Texas, deu testemunho inédito em 19 de novembro de 1975 ao Comitê de Serviços Armados da Casa sobre tais trocas. Ele afirmou que “cinco dos dez conhecidos grupos marxistas mexicanos são conhecidos pelo comércio de heroína mexicana e outras drogas para armas americanas”[10]. Existem dados semelhantes em grupos revolucionários na Venezuela, República Dominicana, Brasil, Colômbia, Peru, Burma, Panamá e Bolívia.

Mas, apesar de suas origens iniciais, os Estados Unidos não começaram a despertar para o que estava acontecendo em relação ao narcotráfico até 15 de novembro de 1982, quando quatro altos funcionários cubanos foram indiciados, juntamente com outros dez, por um grande júri federal em Miami, Florida, acusado de “conspiração para importar maconha e methaqualona da Colômbia para os Estados Unidos por meio de Cuba”. Os cubanos acusados eram Rene Rodríguez-Cruz, funcionário da inteligência e membro do Comitê Central do Partido Comunista de Cuba; Aldo Santamaria-Cuadrado,

um vice-almirante da Marinha cubana e também membro do Comitê Central; Fernando Ravelo Renedo, o embaixador cubano na Colômbia, posteriormente embaixador na Nicarágua; e Gonzalo BassolsSuarez, ex-ministro-conselheiro da embaixada cubana em Bogotá e membro do Partido Comunista de Cuba. A publicidade que se seguiu trouxe o narco-terrorismo ao ar livre pela primeira vez.

As testemunhas que forneceram a evidência principal no julgamento seguinte (fevereiro de 1983) foram Juan Crump, um advogado colombiano e traficante de drogas que negociou com o ranking de autoridades cubanas para Jaime Guillot-Lara, principal traficante colombiano de drogas; David Perez, um traficante cubano-americano que conheceu os barcos e entregou os bens aos Estados Unidos; e Mario Estevez Gonzalez, um agente de inteligência cubano que se infiltrou nos Estados Unidos durante o elevador do barco Mariel, que recebeu narcóticos de Cuba, os vendeu nos Estados Unidos e depois retornou o produto à inteligência cubana.

O juiz colombiano (Johnny) Crump foi convidado a usar sua influência para obter assistência de Cuba para o traficante Jaime Guillot-Lara. Durante as negociações que se seguiram com o embaixador de Cuba, Fernando Ravelo Renedo e seu deputado, Gonzalo Bassols-Suarez, Guillot-Lara queria confirmar que “se um pedido de droga fosse perdido, ele não teria que pagar a taxa para Cuba. Então eles dizem, Ravelo e Bassols, eles, não se preocupam [sic], que eles podem esperar, e eles não se importam com o dinheiro - ok? - isso - porque seu objetivo foi prejudicado os Estados Unidos cheios de drogas [sic]”.

Essa filosofia de tráfico também foi relatada por Mario Estevez, que disse que foi ordenado “carregar os Estados Unidos com drogas”[12]. A filosofia é especialmente interessante quando considerada ao lado da estratégia soviética conhecida, cujo objetivo era provocar a estagnação intelectual dos Estados Unidos, por meio do mecanismo de alcançar um fluxo máximo de drogas no país, conforme discutido no Capítulo 7 .

Estevez testemunhou ainda que ele foi dirigido por seu superior da DGI para entrar em contato com traficantes de drogas em Bimini e nos Estados Unidos. Durante sua carreira de tráfico de drogas, ele importou mais de 270 quilos de cocaína de Cuba, disse ele. Ele vendeu essa cocaína para indivíduos em Miami, Chicago, Ohio, Nova Jersey, Nova York e outras cidades. Ele tomou o dinheiro que ele pagou a Cuba, onde o entregou ao governo cubano. Foi durante uma dessas viagens que Rene Rodriguez-Cruz, um alto funcionário da DGI e um membro do comitê central do Partido Comunista cubano, colocou o braço no ombro de Estevez e disse “que bom agora era que Cuba tinha uma farmácia nos Estados Unidos”[13]. Aliás, Rodríguez-Cruz foi uma das autoridades cubanas que ajudaram a organizar o embarque de Mariel usado para infiltrar agentes de inteligência cubanos nos Estados Unidos.

De acordo com o testemunho fornecido ao Grande Júri dos EUA em Miami, é o Governo de Cuba o tráfico de drogas e narcóticos nos Estados Unidos. Cuba também está apoiando as operações terroristas em toda a América Latina. Tanto Fidel quanto Raul Castro estão diretamente envolvidos, com Raul o participante mais ativo. A operação é secreta e é administrada pela inteligência cubana, com outras agências que participam de uma base “conforme necessário”[14].

Além disso, como foi explicado no depoimento do Congresso, em 26 de fevereiro de 1982, por Gerardo Peraza, ex-funcionário da inteligência cubana, durante a década de 1960 houve uma ampla cooperação entre a DGI cubana e a KGB soviética. Posteriormente, com efeito a partir de 1970, o serviço de inteligência cubano foi colocado diretamente sob a direção do Coronel da KGB, Viktor Simenov. Peraza afirmou que, depois de 1970, a DGI deixou de ser parceira da KGB; Em vez disso, tornou-se uma

entidade subordinada da KGB[15] soviética. Sejna explicou que o planejamento da inteligência cubana foi integrado no planejamento global do bloqueio soviético no plano de inteligência de 1968, que ele analisou no outono de 1967. De acordo com um relatório da Agência de Inteligência da Defesa (DIA) sobre o terrorismo internacional, a DGI foi "essencialmente sob o controle do KGB desde 1969"[16].

O Major Florentino Aspillaga Lombard foi um oficial de carreira na DGI cubana até sua deserção (em última instância, para os Estados Unidos), via Viena, em 6 de junho de 1987, da Checoslováquia, onde estava estacionado. Ele confirmou que um poderoso sindicato de drogas usava Cuba desde 1978 como um ponto de transbordo para narcóticos ilegais nos Estados Unidos[17]. A proteção foi oferecida por José Abrahantes, deputado de Castro, que era ministro do Interior. Nenhuma das atividades relacionadas a drogas poderia ter sido realizada sem a aprovação pessoal de Fidel Castro, explicou[18].

Em 1988, o papel de Cuba no tráfico de drogas foi ainda confirmado pelo Major Antonio Rodriguez Menier, um oficial de inteligência cubano e Chefe da Segurança na Embaixada de Cuba em Budapeste, que desertou em janeiro de 1987 [ver página 69, Nota 2 ao Capítulo 5] .

Ele elaborou que o governo cubano participou de forma direta e indireta no narcotráfico e que as tropas especiais[19] do Ministério do Interior usaram a coordenação das operações. Rodriguez citou o chefe da DGI, general alemão Barreiro, dizendo que "as drogas são a melhor maneira de destruir os Estados Unidos". Seu alvo principal era a juventude americana. Ao minar a vontade da juventude americana de resistir, os Estados Unidos poderiam ser destruídos "sem disparar uma bala. A base de qualquer exército é a juventude e aquele que é capaz de destruir moralmente a juventude, destrói o exército"[20].

Em 1989, Rodriguez repetiu suas acusações e confirmou o que Aspillaga havia dito; ou seja, que as operações de drogas não poderiam ter sido realizadas sem a aprovação pessoal de Raul e Fidel Castro. Ele acrescentou que "Fidel não está fazendo isso só por dinheiro. Sua filosofia é usar qualquer coisa para destruir os Estados Unidos. Por exemplo, as drogas são consideradas como a melhor maneira de destruir a sociedade americana sem tropas ou armas, porque as pessoas mais jovens que são os futuros líderes, se são toxicodependentes, são muito fracas"[21]. O que é especialmente notável sobre tais afirmações, é claro, é que eles refletem precisamente a estratégia de drogas soviética.

Em março de 1989, dois traficantes de drogas colombianos se declararam culpados de contrabando de cocaína para a Flórida por Cuba. As evidências gravadas em vídeo incluíam conversas de como os militares cubanos e as autoridades civis ajudaram os traficantes. Reinaldo Ruiz e seu filho Ruben são mostrados dizendo a um informante da DEA como Cuba garante o sucesso das cargas de cocaína pela ilha e como o dinheiro pago pelo serviço vai para Fidel Castro. O advogado dos EUA, Dexter Lehtinen, afirmou: "Acreditamos que a evidência apresentada no tribunal detalha a cumplicidade em nome dos altos funcionários cubanos"[22].

Além da Colômbia, Cuba também esteve intimamente ligada ao Panamá e à Nicarágua no narcotráfico e nas armas de fogo. No caso do Panamá, o general Noriega foi indiciado em 4 de fevereiro de 1988. A acusação nomeou 15 outros e vinculou diretamente Noriega ao Cartel da Medellín da Colômbia. Após a acusação, o governo dos EUA tentou forçar Noriega fora do cargo. De repente surgiu uma inundação de informações sobre as atividades questionáveis de Noriega. O tráfico de drogas foi o primeiro; e esse tinha sido o caso até 1970. Gun-running foi o segundo; e não apenas para forças dissidentes não-comunistas, mas para terroristas e revolucionários comunistas. Estes dados também se estenderam até o início da década de 1970.

Mas a atividade de maior preocupação parece ter sido a crescente ligação de Noriega com Cuba e as operações cubanas no Panamá. Noriega permitiu que a inteligência cubana criasse várias centenas de corporações falsas no Panamá para contornar o embargo comercial dos EUA contra Cuba[23]. O Panamá tornou-se um canal para roubo pelo bloco soviético de alta tecnologia dos EUA. Ainda mais grave foi a crescente presença militar cubana, que envolveu o envio de armas por Cuba - rifles automáticos, granadas propulsoras de foguetes, granadas de mão e munições - para o Panamá e muitas vezes através do Panamá para forças revolucionárias em outros países da América Latina; Treinamento de guerrilhas e forças especiais dado aos militares de Noriega (chamados de “Batalhões de dignidade”); Unidades de comando cubano que foram relatadas como conduzindo ataques limitados às instalações militares dos EUA no Panamá (por exemplo, a Base da Força Aérea Howard foi alvo de um assalto em 12 de abril de 1988); e conselheiros militares cubanos e funcionários de suporte de inteligência, cujos números as autoridades dos EUA estimavam ser entre trinta e cinquenta, embora um desertor colocasse o número em 3.000[24].

Quando os Estados Unidos finalmente intervieram no Panamá em 20 de dezembro de 1989, parece que muito mais ímpeto foi dado pela necessidade de pôr fim à crescente presença militar de Cuba (e, portanto, da União Soviética) do que à Assistência que Noriega estava fornecendo aos narcotraficantes e aos lavadores de dinheiro. O negócio de drogas forneceu o raciocínio para remover Noriega; Mas o potencial crescente dos mecanismos de controle cubano e soviético no Panamá foi ainda mais grave[25].

A importancia do Panamá é obvia. O Panamá ocupa uma posição geoestratégica de extrema impostância, o que pode muito bem explicar por que o Panamá foi um dos preimeiros alvos para a expansão do tráfico de drogas soviético-checoslovaco-cubano para a América Latina.

Evidências também surgiram sobre o tráfico de drogas e narcóticos pelo governo da Nicarágua e de sua estreita relação com Cuba. Esta evidência foi fornecida, entre outras fontes, por Antonio Farach, ex-ministro conselheiro das embaixadas da Nicarágua na Venezuela e Honduras; por James Herring, um americano que ajudou o governo da Nicarágua a estabelecer produção e transporte de cocaína; por Ubi Dekker, um traficante de haxixe europeu que lidou com funcionários da Nicarágua no estabelecimento de rotas comerciais para o tráfico de drogas na Nicarágua na Europa; e por Alvaro Jose Baldizon Aviles, um funcionário do serviço de inteligência da Nicarágua.

O primeiro conhecimento de Antonio Farach sobre o narcotráfico na Nicarágua se materializou em 1981, quando soube que Raúl Castro visitou a Nicarágua em setembro desse ano e conheceu Humberto Ortega. A visita marcou o início de uma relação de “negócios novos e especiais”. Farach deduziu de outras informações que Cuba ofereceu para garantir, de forma razoável e segura, a entrada do governo da Nicarágua no tráfico de drogas. Quando perguntado se Castro ofereceu ou ordenou a entrada dos nicaraguenses no negócio de drogas, Farach não pôde indicar qual. Mas ele disse que a relação entre os dois países nunca foi de respeito. Os cubanos sempre falavam como se fossem os patrões. Eles sempre foram muito arrogantes e exigentes. Eles não sugerem na Nicarágua. Eles ordenam na Nicarágua[26].

Baldizon, ex-agente de contra-inteligência nicaraguense, confirmou o papel arrogante de conselheiros cubanos na inteligência e serviços militares da Nicarágua. A presença de conselheiros e instrutores cubanos foi “penetrante”, explicou. Sua missão era fornecer conselhos substantivos, implementar sistemas de segurança e métodos empregados em Cuba, para apoiar a liderança nicaraguense no planejamento e execução de operações de combate, supervisionar o desenvolvimento ideológico, assegurar uma

estreita coordenação entre os serviços de segurança nicaraguenses e cubanos e preparar planos de guerra. A influência cubana sobre a tomada de decisões no Ministério é praticamente completo e os conselhos e observações cubanos são tratados como se fossem ordens. Os cubanos que operam na missão cubana também desempenharam um papel de contra-inteligência na Nicarágua. Outros assessores e técnicos identificados pela Baldizon eram da Alemanha Oriental, Coréia do Norte, Bulgária e URSS[27].

Observações semelhantes foram fornecidas em 1988 pelo Major Aspillaga [ver página 94], que descreveu os sandinistas marxistas como sendo sob o "controle total" de Castro. Em particular, ele descreveu interceptações de comunicações a partir de 1980, em que Castro ordenou ao ministro da Defesa da Nicarágua, Humberto Ortega, providenciar para que seu irmão, Daniel Ortega, assumisse o cargo de líder político da Nicarágua, para que Humberto pudesse manter o controle das forças armadas. Os conselheiros-chave do governo nicaraguense, incluindo o chefe da inteligência, eram oficiais da inteligência cubana, Aspillaga [ver página 94] explicou[28]. Ele também disse que os cubanos estavam treinando agentes sandinistas nicaraguenses e realizando trabalhos de contra-inteligência. Além disso, um funcionário de inteligência chave no Ministério do Interior da Nicarágua é um cubano que se casou com uma mulher nicaraguense, mas que ainda trabalha para a inteligência cubana[29]. Além disso, os narcotraficantes colombianos conheceram regularmente Raúl Castro em Cuba, disse Aspillaga. Raul é o homem da direita de Fidel para todas as operações clandestinas e Fidel viu as drogas como "uma arma muito importante contra os Estados Unidos, porque as drogas desmoralizam as pessoas e prejudicam a sociedade"[30].

A natureza dos conselheiros cubanos na Nicarágua como descrito por Farach, Baldizon e Aspillaga pareceu ser notavelmente similar à natureza dos conselheiros checoslovacos em Cuba no início da década de 1960 que lançaram a aquisição soviética, com os cubanos na Nicarágua desempenhando o papel que os checoslovacos Jogou em Cuba. De acordo com isso, deve-se suspeitar que metade dos conselheiros e instrutores "cubanos" na Nicarágua poderiam ter sido soviéticos operando sob cobertura cubana e que os verdadeiros presentes dos cubanos provavelmente foram recrutados e treinados pelos soviéticos e agora operavam como agentes de inteligência soviéticos . Isso pode ajudar a explicar a arrogância observada por Farach e Baldizon.

Quando Farach perguntou a outras autoridades nicaraguenses por que seu governo revolucionário deveria se envolver no narcotráfico, ele disse: Em primeiro lugar, as drogas não permaneceram na Nicarágua. As drogas foram destinadas aos Estados Unidos. Nossa juventude não seria prejudicada, mas sim a juventude dos Estados Unidos, a juventude dos nossos inimigos. Portanto, as drogas foram usadas como uma arma política porque, dessa forma, estamos dando um golpe ao nosso principal inimigo[31]. O segundo motivo pelo qual ele foi dado foi além de uma arma política contra os Estados Unidos, o tráfico de drogas produziu um benefício econômico muito bom que precisávamos para a nossa revolução. Mais uma vez, em poucas palavras, queríamos fornecer comida para o nosso povo com o sofrimento e a morte dos jovens dos Estados Unidos[32].

A participação da Nicarágua no tráfico de drogas e narcóticos para os Estados Unidos surgiu do encontro de Raúl Castro com Humberto Ortega. A própria operação de narcóticos foi colocada sob o serviço de inteligência da Nicarágua, com Tomas Borge, Ministro do Interior e chefe do serviço de inteligência, responsável pela operação, e seu vice-Frederico Vaughan, o chefe de gabinete.

Frederico Vaughan foi indiciado em 1986 no Tribunal distrital dos EUA, distrito do sul da Flórida, juntamente com Carlos Lehder, a família Ochoa, Pablo Escobar Gaviria

e outros, em vinte e quatro cargos de produção e contrabando de cocaína nos Estados Unidos, conspiração, obstruindo a justiça e crimes relacionados. James Herring, um americano que foi recrutado por Robert Vesco para várias tarefas nefastas, descreveu como ele foi apresentado aos funcionários do governo nicaraguense e cubano e seu trabalho em "drogas e contrabando de alta tecnologia". Ele fez um total de quatro viagens a Cuba e quatro viagens a Nicarágua. Ele sempre foi "acompanhado e tratado muito bem por dignitários de ambos os governos". Na opinião de Herring, a operação foi iniciada pelo governo[33].

Ubi Dekker é um nome de capa para um europeu que era um proeminente fugitivo da Interpol e narcotraficante internacional; sua verdadeira identidade está escondida por motivos de segurança. Quando lhe perguntaram se o tráfico não era apenas o trabalho de alguns funcionários corruptos, Dekker respondeu: "Completamente duvidoso. Se for impossível ... É o governo total [cubano]". O governo cubano providenciou segurança, instalações, mão de obra, em suma, tudo; e houve uma ligação direta entre Cuba e Nicarágua[34].

O esclarecimento da Baldizon por funcionários dos EUA foi particularmente revelador. Desde 1982 até sua deserção em 1 de julho de 1985, Baldizon foi o principal investigador de abusos internos no Ministério do Interior da Nicarágua. Em 1984, o escritório da Baldizon recebeu relatórios ligando o ministro do Interior, Tomas Borge, com o tráfico de cocaína. Baldizon foi instruído a investigar isso como um compromisso de um segredo de estado. Ele achava que isso era um erro, porque ele não podia acreditar que seu governo estava envolvido no tráfico de narcóticos. Assim, ele foi ao chefe de seu escritório, o capitão Charlotte Baltodano Egner, e perguntou se o assunto não deveria ser investigado como uma calúnia contra o ministro. Baltodano ficou surpreso e disse que o escritório não deveria ter recebido o relatório.

O fato de que Borge tenha envolvido o governo no tráfico de narcóticos foi altamente classificado, explicou, e conhecido apenas no Ministério, para Borge, seu assistente [Frederico Vaughan], os chefes da polícia e a segurança do estado, e para ela. Fora do Ministério era conhecido apenas pelos membros da Direção Nacional do FSLN. A Baldizon também forneceu detalhes adicionais sobre o tráfico de Borge e cocaína e o uso do dinheiro "para montar operações clandestinas pelo Departamento de Inteligência e Segurança do Estado fora da Nicarágua"[35]. Baldizon morreu em 1988, na Califórnia[36].

Em 1987, outro oficial de alto escalão do governo da Nicarágua desertou para os Estados Unidos: o major Roger Miranda Bengoechea. Miranda também confirmou o envolvimento da Nicarágua no narcotráfico. Ele relatou como, um dia, o ministro da Defesa, Humberto Ortega, disse-lhe que o tráfico era operação de Borge e acrescentou: "É uma maneira de travar guerra nos Estados Unidos. Ele também fornece um lucro"[37].

Os relatórios sobre o tráfico de narcóticos em outros países da América Latina (incluindo o México, o Panamá, a Colômbia, o Peru, a Bolívia, as Bahamas, o Haiti, Jamaica, Honduras, Brasil, Venezuela e Argentina são semelhantes, diferindo principalmente em grau e em relação a quão avançado a operação de tráfico se tornou. As principais semelhanças são a corrupção relacionada à droga, a participação de altos funcionários do governo, o crescente envolvimento dos militares ou da polícia, e as ligações com Cuba ou Nicarágua. O envolvimento comunista tende a estar presente, mas não é tão evidente como é o caso em Cuba e na Nicarágua.

As principais diferenças entre as condições relatadas nos países não comunistas listados acima e em Cuba e na Nicarágua são que, no caso de Cuba e Nicarágua, as atividades relacionadas à droga são realizadas diretamente como iniciativas do governo comunista - para que não haja problemas entre os governo e os

traficantes de drogas, nem as graves instabilidades surgem devido ao narcotráfico. O potencial de desestabilização inerente à corrupção que acompanha a produção de drogas, o tráfico e a lavagem de dinheiro pode ser ainda mais perigoso e condenatório do que os problemas sociais causados pelas drogas, pois fornece as bases para a revolução e a aquisição. É aí que o narcotráfico tem seu principal impacto, com as operações de narcóticos sabotando lei, ordem, economia e coesão social. Quando a situação se deteriorou o suficiente, os terroristas revolucionários podem derrubar o governo.

Este processo de desestabilização foi descrito em 1985 por Jon Thomas, Secretário Adjunto de Assuntos Internacionais de Narcóticos, Departamento de Estado dos EUA, da seguinte forma: os traficantes de fato podem ter matado seu ganso dourado. Eles poluíram seus próprios países com suas drogas. Agora, acrescenta-se aos incentivos para os controles ... [são] a socorrência das economias, a proscrição das instituições públicas, a corrupção da lei e da ordem, a violência e as ameaças dos narcotraficantes e grupos insurgentes que capitalizam o tráfico de drogas e a desestabilização dos governos[38]. Em um sentido, Thomas está absolutamente correto. No entanto, há outra dimensão - a saber, que esses “incentivos” que contribuem para a desestabilização não são resultados indesejados, mas sim objetivos desejados. Eles não estão matando o ganso dourado; eles estão construindo uma base revolucionária para o seu próprio ganso dourado.

Nem é assim que a história acaba, porque existe uma dimensão ainda mais importante. Em seu testemunho, Thomas estava abordando a situação na América Latina. Mas o que está acontecendo não se limita à América Latina. Está acontecendo em todo o mundo, incluindo os Estados Unidos. A quebra da lei e da ordem é especialmente evidente nos Estados dos Estados Unidos mais estreitamente associados ao narcotráfico e ao lavagem de capitais; por exemplo, Flórida, Arizona, Novo México e Califórnia. Um excelente exemplo da erosão das capacidades policiais, por um tempo, foi evidente em Washington, DC, onde a polícia admitiu francamente que estavam fora de ataque. Em 24 de março de 1989, o Chefe de Polícia de D.C., Maurice T. Turner, Jr., disse que a polícia poderia fazer pouco sobre a escalada da taxa de homicídios, além de esperar até que os traficantes de drogas locais terminassem de atrair a cidade para os mercados[39]. Isso faz eco dos sentimentos da polícia em mais de uma dúzia de grandes cidades. Em um relatório especial publicado em 1989 sobre a crescente anarquia dentro da América urbana, EUA. A News & World Report concluiu que existem “condições semelhantes ao combate” em Nova York, Boston, Filadélfia, Baltimore, Washington, Miami, Cleveland, Nova Orleans, East St. Louis, Detroit, Chicago, Atlanta, Houston, Dallas, Oakland e Los Angeles[40].

Os desafios e as fragilidades humanas que originam esses problemas não se limitam à América Latina. Eles existem em todos os lugares, os Estados Unidos não são, claro, exceção, o que é outro motivo pelo qual o tráfico de drogas é muito mais grave do que o público e as percepções oficiais do governo sobre o problema permitem.

Referências ao Capítulo 8:

1. A participação de Cuba em todas essas atividades foi explicada por inúmeros desertores e antigos narcotraficantes. Uma coleção de relatórios dos meios de comunicação após a inscrição de novembro de 1982 foi publicada como Castro e *Narcotics Connection* (Washington, DC: The Cuban American National Foundation, Inc., 1983) e Castro's Narcotics Trade (Washington, DC: *The Cuban American National Foundation*, Inc., 1983). Veja também Ra'anan, Hydra of Carnage, op. Cit., Páginas 431-476.
2. Um “centro revolucionário” é uma base para a formação e exportação de atividades revolucionárias. Veja a nota de rodapé 3, capítulo 3, para mais informações sobre “centros revolucionários”.
3. Veja o Congresso dos EUA, o Senado, o envolvimento do Governo cubano na facilitação do tráfico internacional de

drogas, Audiência conjunta perante o Subcomitê de Segurança e Terrorismo do Comitê Judiciário e do Subcomitê sobre Assuntos Hemisféricos Ocidentais do Comitê de Relações Exteriores e do Senado Drug Caucus de execução, Miami, Flórida, 30 de abril de 1983 (Washington, DC: US Government Printing Office, 1983). Os detalhes sobre a conexão soviética dos antigos agentes de inteligência cubanos podem ser encontrados no Congresso dos EUA, no Senado, no Papel de Cuba no Terrorismo Internacional e na Subversão, Audiências perante o Subcomitê de Segurança e Terrorismo do Comitê Judiciário, 26 de fevereiro, 4 de março, 11 e 12,1982 (Washington, DC: US Government Printing Office, 1982).

4. Para uma apresentação do crescimento dos cartéis colombianos da cocaína e vínculos com terroristas, veja Gugliotta e Leen, Kings of Cocaine, op. Cit.

5. Senado dos EUA, audiências perante o Subcomitê de Terrorismo, Narcóticos e Operações Internacionais do Comitê de Relações Exteriores, 9 de fevereiro de 1988, transcrição estenográfica não publicada, sessão da manhã, páginas 68,71, sessão da tarde, página 41.

6. Veja EUA Congresso, Senado, Terrorismo: O papel de Moscou e seus subcontratados, Audiência Antes do Subcomitê de Segurança e Terrorismo do Comitê Judiciário, 26 de junho de 1981 (Washington, DC: US Government Printing Office, 1982), página 10. Para uma excelente revisão da evolução do Departamento das Américas, veja Rex A. Hudson, Departamento de Américas de Castro (Washington, DC: *The Cuban American National Foundation*, Inc., 1988). Curiosamente, Pineiro foi um dos dois homens que Castro enviou uma missão secreta ao embaixador marxista-leninista do Chile, Salvador Allende, apenas seis semanas antes do derrube de Allende em 1973. Pineiro e o vice-primeiro-ministro cubano, Carlos Rafael Rodriguez - que também lideraram Cuba Partido Comunista - apresentou uma nota manuscrita de Castro exortando Allende a lutar até a morte se a revolução se concretizar. Pineiro conseguiu como chefe de polícia secreta, Luis Fernandes Ona, enviado por Castro para auxiliar no sondamento do regime de Allende em seus primeiros dias e que posteriormente se casou com uma das filhas de Allende. Whelan, Out of the Ashes, op. Cit., Página 407.

7. Veja, por exemplo, Bradley Graham, “Corte suprema da colônia reveste o pacto de extradição com os EUA”, Washington Post, 27 de junho de 1987, página A16.

8. Senado dos EUA, Terrorismo Internacional, Insurgência e tráfico de drogas: Tendências atuais da atividade terrorista, Audiências conjuntas perante o Comitê de Relações Exteriores e o Comitê Judiciário, 13, 14 e 15 de maio de 1985 (Washington, DC: EUA Government Printing Office, 1986), página 31.

9. Drogas e terrorismo, 1984, op. Cit.10. Trabalhador, tráfico internacional de drogas op. Cit, páginas 2,28.

11. Congresso dos EUA, Senado, envolvimento do governo cubano na facilitação do tratamento internacional de drogas, audiência conjunta perante o Subcomitê de Segurança e Terrorismo do Comitê de Judiciário e do Subcomitê sobre Assuntos do Hemisfério Ocidental do Comitê de Relações Exteriores e o Caucus de Entorimento de Drogas do Senado, Miami, Flórida, 30 de abril de 1983 (Washington DC: US Government Printing Office, 1983), página 23.

12. Ibid., Página 45.

13. Ibid.

14. O testemunho das testemunhas está incluído no envolvimento do governo cubano na facilitação do tráfico internacional de drogas, op. Cit.

15. Congresso dos EUA, Senado, O papel de Cuba no terrorismo internacional e subversão, Audiências perante o Subcomitê de Segurança e Terrorismo do Comitê Judiciário, 26 de fevereiro, 4 e 11 de março de 1982 (Washington, DC: Governo dos EUA Printing Office, 1982), páginas 6-26.

16. US Defense Intelligence Agency, The International Terrorist Network, Relatório 6 010 5026 83, 6 de maio de 1983, citado em Workman, International Drug-trafficking, op. Cit, página C-1.

17. A expansão da operação cubana de drogas em cerca de 1978, seguida pelo veículo marítimo de Mariel, uma operação de inteligência cubana, em 1980, pode ter sido facilitada pela destruição maciça da segurança interna dos EUA que começou no início da década de 1960 e atingiu cerca de 95 por cento do seu pico em 1978. Não havia dúvidas sobre o que estava acontecendo, e incluiu uma redução maciça das investigações de segurança interna do FBI. Em 1974, o FBI teve mais de 55.000 casos abertos em subversivos e extremistas. Como resultado da Lei de Privacidade, auto-policiamento durante as investigações da comissão da Igreja e Pike e do impacto inicial das diretrizes de Levi, o número de casos de segurança doméstica caiu para cerca de 20.000 no verão de 1976. Um ano depois, o Número decresceu para 102. Em 1982, o número de casos ativos do FBI era de apenas 14; Quatro organizações e 10 indivíduos. Em 1978, os Estados Unidos eram um alvo maduro e vulnerável para as operações de inteligência estrangeira, que o barco de Mariel poderia ter sido projetado para explorar. Veja Joseph D. Douglass, Jr. e Neil C. Livingstone, os terroristas acham que os EUA oferecem convites convocantes, Detroit News, 29 de abril de 1984, página 23A. 1976 também parece ser o ano em que as primeiras gangues jamaicanas (posses) que figuram tão proeminentes na distribuição e venda de crack, entraram no país. DEA, Crack Cocaine Overview 1989 (Washington, D.C.: Departamento de Justiça dos EUA, 1989), página 7.

18. Bill Gertz, “Castro dirige um resort para traficantes de narcóticos”, Washington Times, 23 de março de 1988, A1.

19. Como explicado por Sejna, tropas especiais ou spetsnaz no vernáculo soviético, são forças de sabotagem de inteligência especialmente treinadas, cujas missões suportam operações de inteligência estratégica. Seu trabalho é realizado para as direções de inteligência estratégica em inteligência civil e militar, que também é responsável pelo narcotráfico. O dever das unidades de spetsnaz é minar a estabilidade política, econômica, militar e moral do inimigo.

20. Carlos Alberto Montaner, “Conversa com um agente de inteligência cubano”, El Nuevo Herald, Miami, 5-6 de junho de 1988, tradução da Fundação Nacional Cubano Americana.

21. Bill Gertz, “Castro quer destruir os EUA com drogas, taxas de deserção”, Washington Times, 28 de agosto de 1989, página A3. Veja também Don Podesta, “Ex-oficial cubano diz Castro beneficiado do narcotráfico”, Washington Post, 26 de agosto de 1989, página A17.

22. Michael Hedges, “Drug Money termina em” *Drawer of Fidel*, Washington Times, 10 de março de 1989, página A5.
23. Veja, por exemplo, Joe Pichirallo, Cuba usou Noriega para obter produtos de alta tecnologia nos EUA, desertor Says, Washington Post, 27 de abril de 1988, página A24.
24. Veja, por exemplo, Lou Marano, “Brigada marxista infiltra Panamá para defender Noriega”, Washington Times, 5 de abril de 1988, página A1, Peter Almond e Bill Gertz, “Sombra de Cuba cresce no Panamá”, Washington Times, 29 de abril de 1988, página A1, Peter Samuel, “Cuba Aperta Advertência no Panamá”, Washington Inquirer, 24 de junho de 1988, página 1; Georgie Anne Geyer, “A mão insidiosa de Castro no Panamá”, Washington Times, 27 de dezembro de 1989, página F1; E Roger W. Fontaine, “Who is Manuel Antonio Noriega?”, Em Victor H. Krulak, editor, Panamá: uma avaliação (Washington, D.C .: Instituto Estratégico dos Estados Unidos, 1990).
25. Em uma ação como esta, geralmente há uma série de fatores motivadores. Certamente, as operações de drogas de Noriega e suas ligações crescentes com Cuba são duas coisas muito persuasivas e óbvias. Mas, outros não são tão evidentes, que podem ser igualmente, se não mais, importantes. Por exemplo, quase certamente havia um crescente antagonismo com Noriega no estabelecimento de formulação de políticas dos EUA. Este estabelecimento é geralmente anti-militar, e é fortemente contra ditadores militares. O forte viés contra a liderança militar na América Latina, que surgiu no horizonte em 1969, é relatado por Richard A. Ware, então - Secretário de Defesa Principal (Assuntos de Segurança Internacional): “Em 1969, os indivíduos do Estado estavam aliados com entre na ISA em uma missão quase messiânica de reforma social nos países latino-americanos. Essencialmente, isso significava remover os militares das posições de autoridade, com a ascendência resultante das forças de esquerda. Os contatos com os militares foram minimizados, e a defesa foi substancialmente removida de qualquer papel na formulação da política dos EUA. Era como se não houvesse interesses de segurança nacional ao sul da fronteira”. Richard A. Ware, Escritório dos Assuntos de Segurança Internacional do Pentágono 1969-1973 ou Dois Cidadãos Ir para Washington (Washington, DC: American Enterprise Institute for Public Policy Research, 1986). Juan B. Sosa foi embaixador do Panamá nos Estados Unidos desde outubro de 1987 até o encerramento da embaixada na sequência das eleições de maio de 1989. Ele escreve que as dificuldades de Noriega montaram durante 1986, mesmo que ele continuasse apertando as rédeas de seu controle sobre os setores militares e políticos da sociedade panamenha. Sua imagem no exterior foi prejudicada por uma série de artigos no New York Times, ligando-o ao narcotráfico. A crise política e econômica do Panamá, Panamá: uma avaliação (Washington, DC: Instituto Estratégico dos Estados Unidos, 1990), página 18. Os artigos que Sosa provavelmente mencionou foram: Seymour M. Hersch, “Strongman do Panamá disse que se dedica ao comércio de drogas , Armas e dinheiro ilícito”, New York Times, 12 de junho de 1986; Seymour M. Hersch, “Auxiliares dos EUA em 72 agentes de matança pesados que agora lidam com o Panamá”, New York Times, 13 de junho de 1986; E Seymour M. Hersch, “O general do Panamá disse ter dito o exército ao Rig Vote”, New York Times, 22 de junho de 1986. O primeiro artigo apareceu na semana em que Noriega estava visitando os Estados Unidos. Os artigos não foram apenas focados no narcotráfico e na lavagem de dinheiro. Igualdade de peso foi dada a uma grande variedade de atividades, incluindo o fornecimento de armas a guerrilheiros sul-americanos, nomeadamente o M-19 colombiano, assassinando um oponente político, fornecendo informações de inteligência a Cuba, possibilitando e aproveitando as operações cubanas de roubo de tecnologia para fora do Panamá, Comprando documentos secretos da Agência de Segurança Nacional [NSA] de um sargento do Exército dos EUA e transferindo-os para Cuba, e derrubando os resultados das eleições de 1984. Como um interessante lado a lado, quando as forças dos EUA assumiram o escritório de Noriega e a casa após a invasão em 20 de dezembro de 1989, encontraram uma variedade de feitiçaria ou parafernália vudu. Entre a coleção havia um tamal dentro do qual havia dois pedaços de papel com os nomes de Seymour Hersch e John Poindex-ter escritos sobre eles. Nos cinco anos anteriores ao ataque a Noriega no New York Times, Noriega expulso vários desafiadores civis e apertou seu controle sobre o Panamá. Como parte desta operação, ele também parece estar afirmando seu controle (e participação nos lucros) do processo de lavagem de dinheiro que envolveu todos os bancos no Panamá. Isso pode ter mais antagonizado o estabelecimento de formulação de políticas dos EUA. Além disso, William R. Gianelli, ex-presidente da Comissão do Canal do Panamá, escreveu que as sanções econômicas impostas em abril de 1988, prolongadas por um ano adicional em abril de 1989, para expulsar Noriega, não tiveram êxito; E, como resultado, as empresas americanas tiveram que restringir ou fechar atividades, de modo que a comunidade bancária internacional também fosse seriamente afetada. 'O Canal do Panamá e a Zona do Canal: Status e Perspectivas', Panamá: uma avaliação, op. Cit., Página 10. Adicionando insulto ao prejuízo, em janeiro de 1989, a Noriega abriu seu próprio banco, Banco Institucional J1. Esses eventos também podem ter contribuído significativamente para a decisão de invadir o Panamá implementada em dezembro de 1989.
26. Senado dos EUA, drogas e terrorismo, 1984, Audiência perante o Subcomitê de Alcoolismo e Abuso de Drogas do Comitê de Trabalho e Recursos Humanos, 2 de agosto de 1984 (Washington, D.C .: US Government Printing Office, 1984), página 83.
27. Informações fornecidas por Alvaro Baldizon Aviles, rascunho não publicado e não publicado produzido durante os interrogatórios com os representantes do governo dos EUA, S / LPD 6326751, páginas 16-17. O testemunho de Miguel Bolanos, um agente de contra-inteligência no aparelho de segurança estadual do Sandinista, também apóia o importante papel dos conselheiros do bloco soviético na inteligência nicaraguense. Na seção de contra-inteligência de Bolanos havia dois conselheiros soviéticos e um conselheiro cubano. Bolanos informou que na Segurança do Estado havia 70 conselheiros soviéticos, 400 cubanos, 4050 alemães do leste e 20-25 búlgaros. Dentro da Nicarágua comunista: as transcrições de Miguel Bolanos (Washington, D.C .: Heritage Foundation, 30 de setembro de 1983), páginas 8-9).
28. Gertz, 'Castro dirige um resort para traficantes de narcóticos', op. Cit., Página A6.
29. Joe Pichirallo, 'Cuba usou Noriega para obter produtos de alta tecnologia, Defetor Says', Washington Post, 27 de abril de 1988, página A24.30. David Brock, The World of Narco-terrorismo, The American Spectator, junho de 1989, página 27.

31. Droga e terrorismo, 1984, op. Cit., Página 79.
32. Ibid., Página 80
33. Congresso dos EUA, Senado, Papel da Nicarágua no narcotráfico, Audiência perante o Subcomitê sobre Crianças, Família, Drogas e Alcoolismo do Comitê de Trabalho e Recursos Humanos, 19 de abril de 1985 (Washington, DC: US Government Printing Office, 1985), páginas 27,32 e 34.
34. Papel da Nicarágua no narcotráfico, op. Cit., Página 41.
35. Informação fornecida por Alvaro Baldizon Aviles, op. Cit., Página 11.36. O relatório do forense afirma que a morte foi causada por um aneurisma no cérebro (AVC). Relatórios não oficiais dizem que isso aconteceu várias horas depois que Baldizon jantou no seu restaurante nicaraguense favorito. Existe, naturalmente, a possibilidade de assassinato. Uma classe de armas de assassinato soviéticas preferidas são venenos que resultam em mortes por causas aparentemente naturais, horas a dias após a administração dos venenos. Os tipos de “causas” empregadas incluem ataques cardíacos, acidentes vasculares cerebrais e câncer de ação rápida e doenças difíceis de tratar.
37. Trevor Armbrister, 'Plano Secreto da Nicarágua', Reader's Digest, abril de 1988, página 76.
38. Congresso dos EUA, Senado, Relatório Internacional de Controle de Narcóticos, Audiência ante o Subcomitê de Crianças, Família, Drogas e Alcoolismo do Comitê de Trabalho e Recursos Humanos, 13 de março de 1985 (Washington, DC: US Government Printing Office, 1985), página 8.
39. Eric Pianin, Turner diz que a polícia não pode deter os atentados, Washington Post, 25 de março de 1989, página A1. Veja também Sari Horwitz, 'Berry Says Slayings Are Unstoppable', Washington Post, 20 de outubro de 1989, D1.
40. Thomas Moore et al., 'Dead Zones', US News & World Report, 10 de abril de 1989, página 22.

CAPÍTULO NOVE

NÃO ESCUTE O MAL, NÃO VEJA O MAL, NÃO FALE O MAL

Durante a década de 1950, Harry Anslinger, o Comissário dos Narcóticos dos Estados Unidos, trabalhou arduamente para que as pessoas reconhecessem que a China comunista era a principal força responsável pelo tráfico de narcóticos[1]. “A máfia”, explicou em resposta a relatórios de imprensa enganosa, não era o maior traficante de drogas. Esta foi uma falsa impressão. De longe, o maior traficante de drogas foi Peking. Anslinger forneceu dados extensivos às Nações Unidas e ao Congresso dos EUA. Ele identificou as agências do governo chinês envolvidas, bem como inúmeras rotas de tráfico da China através da Coréia do Norte e do Sudeste Asiático para o Japão, Filipinas, Havaí, Alasca, México e Estados Unidos. Ele liderou operações para atacar redes de distribuição conhecidas. Mas enquanto ele não conseguia parar o fluxo, pelo menos ele identificou a fonte da ofensiva: a China comunista.

Então, no início da década de 1960, algo aconteceu. Em um estudo sobre o tráfico de narcóticos chineses, Stefan T. Possony observou: “A partir do início da década de 1960, o assunto [ofensiva da droga da China comunista contra os Estados Unidos], que originalmente atraiu grande atenção, tornou-se um 'insubjetivo', parafraseando Orwell”[2].

Em uma análise detalhada do problema, A. H. Stanton Candlin observou o mesmo fenômeno, que ele explicou nos seguintes termos:

“O assunto foi tratado de forma diferente até cerca de 1962, antes do qual os Estados Unidos mostraram sinais de compreensão oficial do problema. Desde então, a ameaça aparentemente foi escondida do público por pessoas que evidentemente tiveram o desejo de cultivar melhores relações com os chineses vermelhos. Os chineses são os principais confrades nesta conspiração criminosa e, ultimamente, conseguiram obter proteção e apoio em bairros inesperados”[3].

Talvez não seja uma mera coincidência que 1962 seja o ano em que Harry Anslinger se aposentou e que, em 1961, os interesses pró-China se mudaram para o Departamento de Estado[4]. Essa coincidência é interessante, especialmente quando associada à inteligência soviética na reunião de 1957 do Comitê Central da China, quando foi decidido incentivar o investimento no exterior na China. Em 1969, o presidente Nixon declarou a guerra às drogas. Uma das primeiras medidas tomadas foi identificar as fontes do problema. Em um caso, os analistas da Agência Central de Inteligência começaram a olhar para o narcotráfico que emana do Sudeste Asiático. Com base em

uma enorme quantidade de detalhes de um amplo espectro de fontes, o primeiro mapa foi desenhado do “Triângulo Dourado” - então considerado como a principal fonte de drogas e narcóticos[5].

Figura 1: O Triângulo Dourado. Triângulo Negrito: Análise original da CIA. Triângulo retratado: versão da Casa Branca modificada “politicamente correta”, passando praticamente a China comunista.

O triângulo incluiu partes da Tailândia, da Birmânia, do Laos e, especialmente, da Província de Yunnan, na China, como mostrado pelo triângulo da linha contínua na Figura 1 acima. A ponta nordeste do triângulo estava bem localizada na província de Yunnan, perto de Kunming. A província de Yunnan foi, de fato, a fonte dominante, tanto por direito como por seu controle e assistência às operações no norte da Birmânia e na Tailândia. Como o especialista da CIA em Extremo Oriente que construiu o mapa descreveu a posição, o triângulo era realmente um “Golden V”, cujo ápice estava na região onde a Tailândia, a Birmânia e o Laos se uniram. A maior parte da área, o funil do V, estava na província de Yunnan. Esta avaliação foi idêntica à informação fornecida pela Sejna, com base em estudos de inteligência checoslovaco e soviético. Ele também informou que, em 1960, a China assinou um “Tratado de Amizade e Cooperação” com a Birmânia, que proporcionou a China a oportunidade de operar abertamente na Birmânia. De acordo com estimativas da KGB, cinquenta por cento dos representantes chineses na

Birmânia estavam envolvidos (oficialmente) no negócio de drogas no início da década de 1960.

Em 1970, o mapa da CIA do Triângulo Dourado foi aprovado no Bureau de Narcóticos e Drogas Perigosas (BNDD), precursor da *Drug Enforcement Administration*. Meses depois, uma nova versão do mapa emergiu da Casa Branca. A ponta do triângulo foi movida de 25 graus de latitude norte na China até 20 graus de latitude norte, no Laos. A nova designação é mostrada pelo triângulo da linha tracejada na Figura 1. Com alguns traços de uma caneta, a China comunista fora efetivamente excluída do Triângulo Dourado.

Naquela época, a principal organização americana de nível nacional preocupada com o narcotráfico ilegal era o Comitê *Ad Hoc* sobre Narcóticos, presidido por Henry Kissinger. Como Edward Jay Epstein observou, Kissinger evidenciou pouco interesse no problema da heroína e raramente assistiu às reuniões do comitê. O general Alexander Haig geralmente presidiu as reuniões na ausência de Kissinger. Kissinger, [Secretário de Estado de Elliot] Richardson e Haig gastaram a maior parte de suas energias, amortecedor do entusiasmo dos zelotes da Casa Branca para lançar uma nova cruzada de heroína que novamente ameaçaria as relações diplomáticas com importantes aliados[6]. Certamente, a iniciativa para a China era uma das iniciativas diplomáticas de alta prioridade naquela época. Epstein também observou que depois que o Departamento de Defesa começou a usar aviões de reconhecimento para ajudar a identificar campos de papoula na Birmânia e no Laos, Kissinger parou os sobrevoos da Birmânia especificamente para evitar distorções ameaçadoras com a China[7].

Em setembro de 1971, o Comitê do Gabinete do Controle Internacional de Narcóticos foi formado, liderado pelo Secretário de Estado William P. Rogers. O comitê raramente se encontrou e foi gradualmente eliminado em 1972. Enquanto existia, era dirigido por Nelson Gross, um republicano de Saddle River, Nova Jersey, que tinha sido derrotado em sua busca por um assento no Senado em 1970 e quem o presidente Nixon tinha então nomeado como consultor sênior e coordenador de assuntos internacionais de narcóticos no Departamento de Estado. Em agosto de 1972, pouco antes da morte do comitê, o Secretário Rogers divulgou um estudo que havia sido preparado sob seus auspícios, Pesquisa Mundial do Ópio-1972

Os produtores primários de ópio ilícito identificados neste relatório foram Índia, Afeganistão, Turquia, Paquistão, Birmânia, Tailândia, Laos, México, Europa Oriental, África do Norte e América Latina. As geografias da rede do Sudeste Asiático, tal como apresentadas no estudo, são reproduzidas na Figura 2 na página 105. Como pode ser visto, tanto a China quanto o Vietnã do Norte são efetivamente excluídos nesta representação da rede de ópio[8].

Além disso, o texto, que aborda especificamente a República Popular da China, foi bastante revelador. O texto explicou que, em fevereiro de 1950, a China introduziu controles rigorosos sobre a produção de papoula de ópio e o uso de opiáceos, que as medidas foram rigorosamente aplicadas e que o problema do uso do ópio foi efetivamente eliminado. Pode haver uma produção ilícita em pequena escala, o texto permitido, e, junto com ele, “talvez, pequenas quantidades de comércio transfronteiriço na mercadoria”[9].

No entanto, “não há evidências confiáveis de que a China tenha envolvido ou sancionado a exportação ilícita de ópio e seus derivados, nem há indícios de participação do governo no comércio de opio do Sudeste Asiático e mercados adjacentes”[10].

Declarações semelhantes também foram feitas durante o período 1971-1973 pelo Escritório de Inteligência Estratégica do *Bureau of Narctics and Dangerous Drugs* (BNDD); Por exemplo: “Nenhuma investigação sobre o tráfico de heroína na área durante

os últimos dois anos indica o envolvimento comunista chinês. Em cada caso, os traficantes eram pessoas envolvidas em atividades criminosas pelo motivo de lucro usual"[11].

Embora declarações como essas possam ser explicadas como resultados de ingenuidade ou incompetência[12], parece bastante claro que também havia uma intenção contínua de encobrir o tráfico de drogas comunistas chineses. Uma das palavras favoritas usadas para evitar a existência de informações de inteligência é "evidência". O que realmente constitui "evidência"?

Um relatório em forma de rascunho constitui uma "investigação"? Um ex-analista da CIA que foi detalhado para o Escritório de Inteligência Estratégica do BNDD (que se tornou o DEA em julho de 1973) estava escrevendo um relatório sobre o serviço de inteligência da China comunista e, especificamente, seu envolvimento no tráfico de narcóticos, no momento em que a negação acima foi escrita.

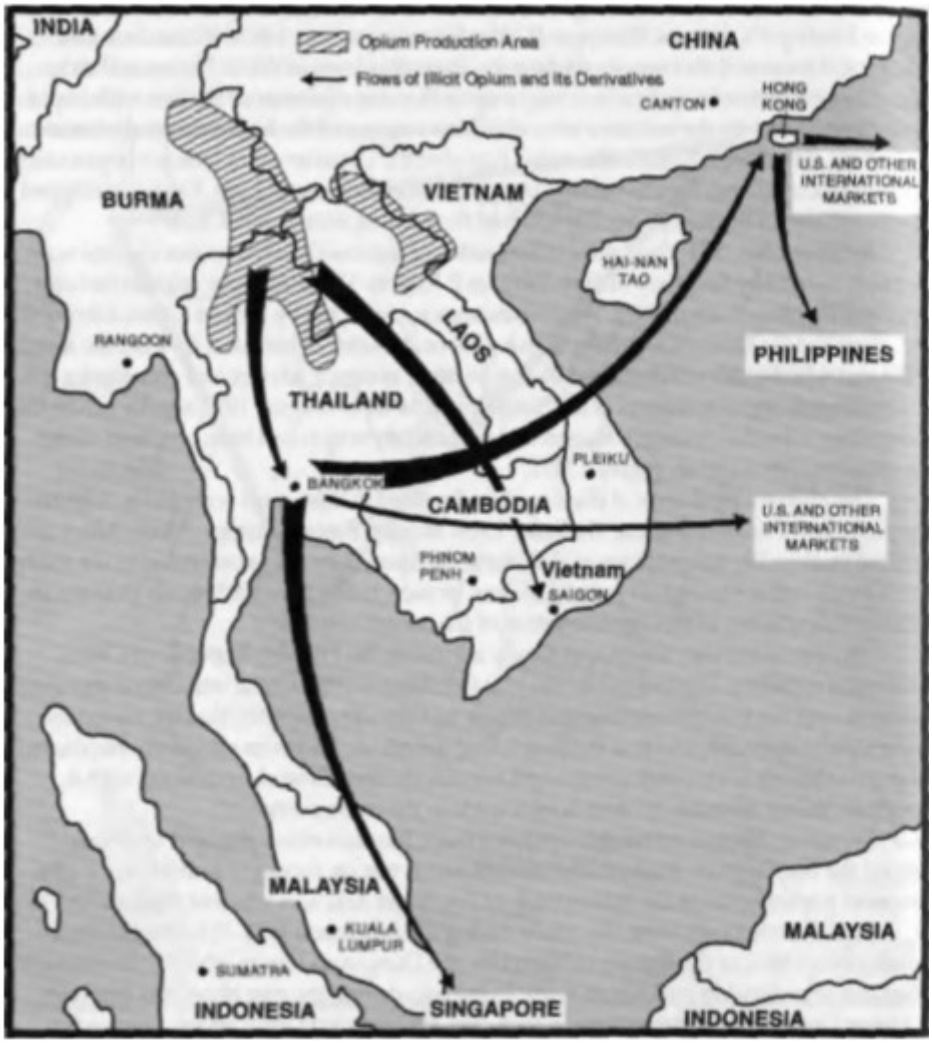

Figura 2: A rede ilícita do ópio do sul da Ásia[9]

O relatório pegou a trilha narcótica chinesa nos dias de Anslinger e trouxe a história para a data do relatório. Identificou nomes, datas, lugares, organizações e assim por diante. O envolvimento extensivo e deliberado da China comunista era óbvio. O relatório foi suprimido pelos funcionários da DEA em 1973, enquanto ainda estava em

fase de rascunho.

O encobrimento do tráfico de drogas e narcóticos da China comunista parece ter começado no início da década de 1960. Ele assumiu um escopo muito maior durante a administração Nixon, e parece estar continuando hoje.

Nunca em relatórios do Departamento de Estado, Alfândega, ou a DEA é a China incluída no Triângulo de Ouro. Sobre a única menção da China comunista nas audiências do Congresso sobre o narcotráfico durante a década de 1990 ocorreu no depoimento do Dr. Ray Cline, ex-Diretor Adjunto da Inteligência da CIA. Discutindo a combinação de revolucionários (principalmente marxistas-leninistas), traficantes de drogas e corredores de armas, Cline explicou:

"Conheci-me [a combinação] no Sudeste Asiático porque, na década de 1950 e 1960, observamos que a maioria dos medicamentos, a maioria do ópio, era a partir desse triângulo, que é a parte sul da China comunista, a Birmânia, onde o Partido Comunista da Birmânia controla a maior parte da área de cultivo de drogas e algumas partes do Laos e da Tailândia"[13].

As afirmações do Dr. Cline em paralelo testemunho em 1972, dado pelo General Lewis Walt, que também reconheceu o papel importante da China nas operações mundiais de drogas: "usei a expressão" Triângulo de ouro porque tem sido usado por muitos anos, mas não posso ajudar perguntando, Sr. Presidente, se não seria mais preciso falar do "Quadrilátero de Ouro", tendo em vista que a província contígua de Yunnan na China é o local de uma agricultura de ópio muito importante ... Yunnan pode concebivelmente ser responsável por uma produção que exceda a produção combinada da Birmânia, da Tailândia e da Laos[14].

Embora a China tenha sido, e provavelmente permaneça, o mais importante produtor e organizador do Triângulo Dourado, a China raramente é listada como país produtor em qualquer um dos relatórios emitidos pelo Departamento de Estado, a *Drug Enforcement Administration* ou *US Customs*[15]. Além disso, a China não é o único país que geralmente é omitido nos relatórios sobre os países produtores de drogas e narcóticos: a maioria dos países comunistas também está convenientemente excluída[16].

Outra curiosidade em relação à China envolve a comissão presidencial dos Estados Unidos, destinada a examinar o tráfico no Vietnã, que surgiu no verão de 1970, e causou o vício de narcóticos para crescer como a praga entre os militares dos EUA. Conforme indicado anteriormente, a principal fonte identificada pela comissão foi a China. Mas o relatório da comissão foi classificado e suprimido[17]. Como um membro da comissão, o general Lewis Walt, mais tarde confiou a um amigo íntimo, manter o silêncio sobre o papel da China era a ordem mais condenável que já havia recebido.

Isso não parece ter sido a única ordem desse tipo. Em 26 de maio de 1972, Jack Anderson informou sobre um documento da Casa Branca que estava fazendo as rodadas do Departamento de Estado, Defesa e Tesouraria e da Agência de Informações dos EUA. O documento confidencial referia-se a histórias sobre o papel da China comunista no comércio mundial de drogas como "absurdo arranjo" e ordenou que funcionários do governo dos EUA deixassem de fazer declarações depreciativas sobre a República Popular da China. Havia, afirmou o documento, nenhuma evidência de que Pequim trouxesse ópio e heroína no Vietnã[18].

Durante a década de 1970, o problema da droga e narcóticos continuou a crescer, apesar da prioridade que o presidente Nixon colocou ao abordá-lo. Em retrospectiva, enquanto o Presidente pode ter sido sincero em suas declarações sobre a necessidade de travar a guerra contra a droga ilegal e o tráfico de narcóticos, Epstein, em sua análise das atividades de narcotráfico dos Estados Unidos durante a administração

Nixon, desconfiava bastante das motivações da burocracia e dos altos funcionários[19]. Após uma extensa pesquisa, ele concluiu que o problema da droga era tipicamente usado para construir impérios, reunir manchetes políticas nos meios de comunicação e fornecer o raciocínio para o desenvolvimento de uma força policial nacional dirigida pela Casa Branca para ser usada para tarefas políticas. Nenhum interesse real em entender ou combater o problema da droga e narcóticos durante a guerra da administração Nixon em drogas foi descoberto por Epstein. Além disso, acrescentou, as autoridades de alto nível envolvidas com a guerra contra as drogas tinham uma história prévia de usar o problema da droga para obter ganhos políticos pessoais[20].

Enquanto isso, as dificuldades que o governo dos EUA enfrenta em lidar com países cujos governos estão envolvidos com o tráfico de drogas parecem ser quase independentes de quem está no cargo. Considere, por exemplo, o estranho caso da Bulgária. O desertor da inteligência búlgara (KDS), o coronel Stefan Sverdlev, estava diretamente envolvido no tráfico de drogas e, quando ele desertou em 1970, trouxe consigo a documentação oficial búlgara do Estado sobre as atividades de narcotráfico de Sofia.

Outras fontes de inteligência dos EUA também identificaram o papel da Bulgária no tráfico de drogas e explicaram como a empresa KINTEX foi formada como uma frente para a Segurança do Estado da Bulgária para auxiliar no tráfico de narcóticos e no fluxo de armas e munições ilícitas em toda a Europa e Oriente Médio. Numerosas fontes também identificaram o plano búlgaro para importar grandes quantidades de ópio para conversão em heroína para o tráfico. Houve também um estudo da CIA que identifica a Bulgária como um novo centro para dirigir narcóticos e tráfico de armas entre a Europa e o Oriente Próximo[21]. No entanto, em junho de 1971, os funcionários da Alfândega dos EUA e do Departamento de Narcóticos e Perigosas foram a Sofia e propuseram que os Estados Unidos treinassem funcionários aduaneiros búlgaros (que pertencem à Segurança do Estado) sobre como combater o tráfico de drogas que estava ocorrendo em todo Fronteiras búlgaras.

Mesmo os búlgaros devem ter ficado surpresos[22], o que pode ter representado a realização de uma conferência de diretores aduaneiros das nações do bloco soviético em outubro de 1971. Um acordo búlgaro dos EUA foi alcançado em novembro de 1971 e, em 1973, a Alfândega dos EUA começou a realizar seminários de treinamento em Varna, Bulgária. Eles ensinaram as técnicas alfandegárias dos búlgaros e identificaram as autoridades búlgaras[23], os indivíduos que viviam na Bulgária, que as autoridades dos EUA acreditavam estarem envolvidos no narcotráfico.

Até 1981, os funcionários dos EUA decidiram que não estavam obtendo uma cooperação plena do Governo da Bulgária no combate ao problema do narcotráfico, interrompendo temporariamente os seminários de treinamento e a troca de informação de inteligência individualmente associada. De 1970 a 1984, data de um relatório da DEA ao Congresso sobre a falta de cooperação da Bulgária, a DEA identificou inúmeros relatórios de fontes sobre o envolvimento oficial da Bulgária. Os relatórios identificaram as empresas KINTEX e outras empresas (TEXIM e CORECOM) como operações de segurança do Estado que gerenciaram a produção e o tráfico de drogas. Funcionários do Partido Comunista da Bulgária participaram na organização de reuniões de coordenação em Sofia para os traficantes. Os costumes búlgaros (Segurança do Estado) também estavam envolvidos na operação. Este considerando também não tem em conta dados adicionais da CIA no programa de drogas búlgaro.

No entanto, apesar de esse fluxo contínuo e consistente de informações ao longo de catorze anos, o melhor que a DEA poderia concluir em 1984 era que o governo

da Bulgária parece ter estabelecido uma política de encorajar e facilitar o tráfico de narcóticos sob o véu corporativo da KINTEX 24 [ênfase adicionada]. Além disso, não obstante as declarações de fontes diretas e a documentação da Búlgara *State Security*, no sentido de que a desestabilização política é o objetivo do narcotráfico, tudo o que a DEA poderia fazer era admitir que "o uso das drogas como uma arma política pode ser inferido" e depois declarar com certeza que motivos mais imediatos foram para obter moeda forte e para apoiar grupos dissidentes no Oriente Médio[25]. Até hoje, o governo dos EUA continuam tentando convencer os búlgaros a cooperarem com os Estados Unidos na redução do narcotráfico. Em 1986, afirmou que havia perspectivas crescentes para a cooperação búlgara[26].

Em uma aparente tentativa de "fazer isso", o Relatório de Estratégia Internacional de Controle de Narcóticos do Departamento de Estado ao Congresso (março de 1989) negou que os traficantes operassem abertamente por mais tempo na Bulgária e afirmou que não havia indícios de que a produção lícita ou ilícita de opiáceos estão ocorrendo na Bulgária, nem há evidências de que as drogas ilícitas sejam refinadas e que a lavagem de dinheiro não era um fator[27].

Mas durante a última semana de março de 1989, a verdadeira história tornou-se evidente - quando os relatórios dos agentes da DEA, os fios das embaixadas e a correspondência da DEA-CIA[28] mostrando que o relatório do Departamento de Estado era uma combinação de deturpações e mentiras, foram vazados para repórteres de notícias selecionados, quem então escreveu artigos detalhados para o *New York Tribune, Newsday e o Washington Times*[29]. Os relatórios forneceram detalhes oficiais sobre uma ação conjunta da DEA-Swiss contra lavadores de dinheiro turco que opera fora de Sofia, na Bulgária. Eles identificaram claramente a produção contínua de produtos de opiáceos na Bulgária e essa assistência oficial de lavagem de dinheiro búlgara foi fornecida pela GLOBUS, descrita como um sucessor do KINTEX.

Quatro dias depois de os relatórios chegarem à imprensa, o Departamento de Estado confirmou que funcionários de uma empresa comercial búlgara estavam ligados a uma operação internacional de lavagem de dinheiro de narcóticos, mas acrescentou que "não há evidência de cumplicidade de altos funcionários do governo búlgaro"[30] - que foi outra história falsa. Além disso, o Departamento de Estado deturpou a situação ao afirmar que a Bulgária tinha pressionado o KINTEX e que o envolvimento búlgaro em narcóticos e lavagem de dinheiro era um fenômeno que havia surgido apenas no "início da década de 1980". Isto, claro, não é verdade. A história búlgara também foi relatada em Forbes, que identificou os bancos suíços, *Credit Suisse* e o *Union Bank of Switzerland*, como os principais facilitadores suíços nesta operação de lavagem de dinheiro. Na Bulgária, não só o envolvimento da GLOBUS, mas também os costumes búlgaros, o *Balkan Air* - o transportador nacional búlgaro - e os funcionários búlgaros preocupados com o tratamento de segurança e troca de dinheiro.

Como um dos negociantes de dinheiro em Zurique, que vem enviando ouro para Sofia por mais de quinze anos, explica: "Nenhuma mala de ouro ou dólares pode passar pela Bulgária sem o envolvimento direto do governo búlgaro". Como os cubanos, os búlgaros asseguram um corte de tudo o que se move através de seu país. É curioso que todos, exceto o Departamento de Estado dos EUA, parecem saber sobre tudo isso. Ao mesmo tempo, parecia que o chefe da Alfândega dos EUA, William von Raab, poderia pôr fim a esse absurdo. Em 1986, ele se recusou a participar de encontros internacionais de controle de narcóticos com a Bulgária e, segundo ele, teria ficado "furioso" quando lhe disseram que o Departamento de Estado convidara a Bulgária para uma reunião em Madri. "Já ouvi falar do viés de alguns no Departamento de ser suave contra os

comunistas, mas isso é demais", escreveu a Ann Wrobleski, então Secretária Adjunta do Departamento de Assuntos Internacionais de Narcóticos do Departamento.

"O Departamento de Estado desenvolveu uma forma institucional de doença de Alzheimer ou simplesmente retirou seus sentidos?" Ele perguntou[32]. Infelizmente, von Raab parece não ter mais sucesso em controlar as ações de seu próprio departamento, o que ajudou a treinar os húngaros e os chineses durante seu mandato.

Nem foi esse o fim da história. Em março de 1988, o Departamento de Estado indicou que as medidas de cooperação com a União Soviética se preparando[33]. Dois meses depois, imediatamente antes da cimeira de maio em Moscou, a notícia da noite informou que os Estados Unidos planejavam compartilhar inteligência de tráfico de narcóticos com a União Soviética e providenciar a alfândega dos EUA para treinar agentes aduaneiros (inteligência) soviéticos e da Europa Oriental Técnicas dos EUA para impedir o tráfico ilegal de drogas e narcóticos.

Em julho, o administrador da DEA, John C. Lawn, anunciou que a União Soviética havia proposto a ele e ao Subsecretário de Estado para Assuntos Internacionais de Narcóticos, Ann B. Wrobleski [ver página anterior] que os soviéticos e a DEA deveriam trocar informações sobre o tráfico internacional de narcóticos e suspeitos de traficantes de drogas, bem como trocar amostras de narcóticos apreendidos, que foram usados para identificar fontes (ou, alternativamente, poderiam ser usados para impedir essa identificação)[35].

Na edição de 1989 da Estratégia Nacional de Controle de Drogas, o presidente Bush tornou oficial: "Devemos estar preparados para compartilhar nosso conhecimento e nossa preocupação com a União Soviética e as nações da Europa de Leste e estar disposto a envolvê-los em atividades cooperativas contra a droga"[36] . Neste documento de estratégia, não houve reconhecimento do papel da União Soviética e dos países da Europa Oriental no tráfico de drogas e na criação da própria doença, a estratégia foi projetada para curar. No final de 1989, a DEA fez uma proposta formal aos soviéticos para que a DEA conduzisse "investigações avançadas de narcóticos" para cerca de 30 profissionais antidrogas dos costumes soviéticos, do Ministério do Interior e da KGB. Como um funcionário da DEA, Paul Hig-don, explicou: "Estamos olhando para eles como policiais - esses caras são policiais com uma missão semelhante à nossa". Para não ser ultrapassado, a Alfândega dos EUA propõe um acordo formal de compartilhamento de informações, semelhante ao que temos com a maioria dos nossos aliados ocidentais[37].

Outro exemplo de negação oficial dos EUA ou amnésia coletiva sobre o flagelo das drogas diz respeito ao do Panamá. Quando o general Manuel Antonio Noriega foi indiciado pelo advogado dos EUA em Miami, em 1988, rapidamente se tornou conhecido que funcionários panamenhos tinham uma rica tradição de tráfico de drogas e armas para revolucionários. Os problemas no Panamá surgiram no início da década de 1960 com tumultos dirigidos contra a presença dos EUA, principalmente os ataques à Zona do Canal que ocorreram de 9 a 14 de janeiro de 1964. Em 1968, a Guarda Nacional do Panamá expulsou o recém-eleito presidente Arnulfo Arias Madrid. Vários meses depois, o general Omar Torrijos Herrera assumiu o comando. Torrijos foi creditado por ter aberto o Panamá à penetração econômica estrangeira por meio de uma nova lei bancária com provisões favoráveis ao segredo bancário, que foram notificadas pelos americanos e outros bancos estrangeiros[38] e que pode ter sido o *quid pro quo* para o Panamá Tratados do Canal.

Pelo menos alguns funcionários dos EUA estavam cientes do envolvimento militar panamenho em drogas e acordos de armas no início da década de 1970. Os dados se estendem ao menos para 1972 ou 1970[39], ou possivelmente mais cedo, na medida em

que o Major Noriega teria fornecido à CIA "inteligência" pelo menos desde o final de 1967[40]. O aspecto das armas foi confirmado por José de Jesus Martinez, um ex-professor que se tornou o guarda-costas de Torrijos: ele informou que Torrijos decidiu, pelo menos, em 1975, "converter nosso país em uma base de apoio para a revolução regional". Assim, com efeito a partir de 1968, o Panamá tem sido um participante ativo no narcotráfico, fornecendo armas a revolucionários em toda a América Latina, fornecendo um refúgio seguro para o tráfico de drogas e servindo como hospedeiro disposto para inúmeras operações de inteligência estrangeira; Por exemplo, roubo de tecnologia e espionagem. Parece que não é por acaso que Torrijos foi listado como um dos agentes soviéticos de reserva de ouro" (Capítulo 7).

No entanto, os Estados Unidos parecem ter ignorado o que estava acontecendo, por várias "razões estratégicas", até 1988. Não só ignorou o tráfico de drogas da Noriega, mas também os administradores da DEA (Peter Bensinger, Francis M. Mullen Jr. E Jack Lawn) e outros funcionários do governo dos EUA (por exemplo, o procurador-geral William French Smith) enviaram cartas de elogio a Noriega - louvando-o por seu trabalho para reduzir o fluxo de drogas[41]! Todas as agências do governo dos EUA foram culpadas de ignorar o que estava acontecendo, embora o Departamento de Estado e a Casa Branca fossem os mais ativos[42].

Uma tentativa de indiciar o irmão de Omar, Moises (também conhecido como Monchi) Torrijos em 1972 pelo tráfico de heroína foi bloqueada e a acusação permaneceu selada até que o Canal de Panamá Tries tenha sido assinado em 1978. Funcionários do Departamento de Estado, incluindo o Embaixador dos EUA, William J. Jorden, Tentou transmitir relatórios da acusação como rumores falsos, espalhados para sujar o nome de Torrijos. O ponto de vista de Torrijos foi gravado pelo Embaixador Jack Hood Vaughn: "O que mais me incomoda", Torrijos disse a Vaughn, "é que Monchi está enviando apenas cinco quilos por semana. Por que fazer uma grande coisa disso?"[43]

Um fator amplamente anunciado por trás desse comportamento estranho foi, de fato, as negociações sobre o Canal do Panamá. Mas isso não parece explicar por que as queixas aos líderes militares panamenhos sobre drogas e armas continuaram a ser conduzidas apenas como uma charada ou porque uma tentativa de indiciar Noriega em 1980, três anos antes de a Noriega se tornar comandante militar, ficou novamente paralisada pelo Departamento de Estado por causa de "receios da administração sobre aborrecimento do Panamá"[44]. O que realmente motivou os Estados Unidos finalmente a seguir Noriega em 1989?

O papel de trás dos bastidores dos bancos dos EUA e outras instituições financeiras, bem como dos aliados e inimigos dos Estados Unidos, é outro aspecto do tráfico internacional de narcóticos que levou uma vida protegida. Acredita-se que esses centros de poder estão entre as duas forças primárias por trás da distensão, e a outra é a estratégia soviética[45].

As estimativas do dinheiro que os cidadãos dos EUA pagaram por drogas ilegais no início dos anos 80 variaram de US $ 80 a US $ 110 bilhões por ano, com outros US $ 60 bilhões gastos com custos de saúde associados. Uma vez que esses cálculos foram feitos, as estimativas duplicaram; O custo anual total [até 1989] nos Estados Unidos pode ter concorrido com o orçamento anual de US $ 300 bilhões do Departamento de Defesa[46]. O custo global do tráfico de drogas pode exceder US $ 500 bilhões por ano. Algumas estimativas chegam a US $ 1 trilhão por ano. [No entanto, o leitor é direcionado ao Capítulo 12, concluído em dezembro de 1998, no qual essas estimativas são revisadas acentuadamente para cima - Ed.].

Houve algumas tentativas modestas para rastrear esse dinheiro, principalmente

a imposição do requisito de que os bancos dos EUA informem sobre retiradas de dinheiro e depósitos superiores a US $ 10.000. Somente na segunda metade da década de 1980, numerosos bancos e instituições financeiras nos Estados Unidos foram encarregados de operações financeiras ilegais - por exemplo, lavagem de dinheiro - e ainda mais estão sob investigação. Um banco foi acusado de 17 mil violações da lei federal de transações em dinheiro[47]. No entanto, algumas acusações reais ou multas graves foram avaliadas; Nem muita publicidade foi focada em lavagem de dinheiro com drogas ou em investimentos de dinheiro lavado. No entanto, o que está acontecendo deve ser óbvio. Nenhum negócio de US $ 500 bilhões por ano pode existir sem a assistência ativa e experiente de muitos bancos e instituições financeiras[48] [veja também o Capítulo 12].

Ramon Milian Rodriguez [ver página 43], um Contador Público Certificado [CPA] que lidou com lavagem de dinheiro e investimentos para o Cartel Medellin, foi preso em maio de 1983, enquanto tentava deixar os Estados Unidos com US $ 5,3 milhões em dinheiro. Em fevereiro de 1988 ele descreveu suas atividades aos senadores John Kerry (D-MA) e Alfonse D'Amato (R-NY). Ele explicou como, com a assistência das Forças de Defesa Nacional do Panamá, encaminhou enormes quantidades de dinheiro através de todos os bancos do Panamá e como ele foi cortejado pelos bancos dos EUA para lidar com os investimentos do Cartel. “Em todos os casos”, ele declarou: “Os bancos sabiam com quem estavam lidando ...” Eles estavam lidando com Milian Rodriguez, que representava dinheiro da América do Sul, e seus bancos correspondentes no Panamá sabiam de onde o dinheiro veio porque nós exigimos certas coisas deles ... “Estávamos quebrando as leis de uma maneira muito grande e você sempre deve ter uma negação plausível”.

“E os bancos de Nova York não são tolos”[49]. Os bancos envolvidos por Rodríguez leram como “quem é quem” nas finanças dos EUA: *Citibank, Citicorp, Bank of America e First National Bank of Boston*[50]. Os bancos identificados em 1983 em um ABC News *'Close up'* sobre drogas e receita de dinheiro, incluíram *Citibank, Marine Midland, Chase Manhattan, Irving Trust,* a casa de câmbio de Deak-Perera [desde extinta após um assassinato e escândalo relacionado a drogas] e 'a maioria dos 250 bancos e agências em Miami[51].

Concentrando-se na Flórida, James Ring Adams escreveu que a corrupção no setor bancário agora é endêmica. “O tráfico de narcóticos floresce não só por causa da demanda, mas por aceitação tácita por elementos da estrutura política ...” a lavagem de dinheiro tornou-se uma característica enraizada da economia do estado”[52]. Adams descreve como os bancos foram organizados especificamente para lavagem de dinheiro. Evidentemente, as autoridades bancárias da Flórida não se importariam menos.

Quando um banco ilícito sai do mercado, outro aparece imediatamente, Adams lamenta: “Os traficantes de drogas prosperam, são assassinados, mas o jogo da moral nunca parece estender a infra-estrutura financeira e política”. As conclusões de Adams foram repetidas pelo advogado dos EUA para o sul da Flórida, Dexter Lehtinen: conhece nomes de bancos que são tortuosos, funcionários públicos corruptos, regulamentos de zoneamento mudados para traficantes de drogas, [mas] não podemos perseguir essas investigações [devido a falta de mão-de-obra]'. Organizações de drogas sofisticadas, que prosperam em funcionários corruptos e usando bancos contaminados para esconder seu dinheiro, estão florescendo, ele adicionou[54.]

Os comentários do senador D'Amato sobre as dificuldades encontradas na obtenção de um projeto de lei rigoroso durante as audiências de Rodriguez apresentaram o problema de uma perspectiva legislativa: “E deixe-me dizer-lhe que enfrentamos uma enorme e tremenda oposição, e nós apenas exploramos muito superficialmente algumas

das violações. Sua frustração é compreensível[55]. Em 1984 e 1985, o Boston Globe publicou uma série de estudos sobre o problema de lavagem de dinheiro, que transformaram em um relatório separado intitulado da lavagem de dinheiro.

O Boston Globe analisou os bancos, os centros de lavagem de dinheiro, várias técnicas de lavagem de dinheiro, a aceitação de dinheiro sem perguntas feitas por concessionários de automóveis, firmas imobiliárias, advogados e o fracasso do governo dos EUA em reprimir. O jornal também identificou alguma oposição a leis melhoradas e sua aplicação: especificamente, o lobby do banco e a União Americana de Liberdades Civis [ACLU][56]. As empresas de corretagem também estão envolvidas. Duas empresas, cujos funcionários foram identificados nas audiências do Senado como tendo auxiliado em operações de lavagem de dinheiro, foram Merrill Lynch e E. F. Hutton[57].

O testemunho de Rodriguez também suscitou questões de natureza relacionada, mas algo diferente. Como ele explicou, Rodriguez lidou com lavagem de dinheiro e investimentos para o Cartel de Medellín nos Estados Unidos. Seus registros financeiros foram mantidos em seu computador pessoal. Aparentemente, os agentes que prenderam Rodriguez moveram seu computador como se fosse apenas outro pedaço de mobiliário e danificaram o disco rígido. As informações foram perdidas, embora “eles tentaram o seu melhor para juntar”[58]. Na verdade, é infeliz que os agentes de prisão sejam tão descuidados - se na verdade o foram. Os registros financeiros teriam sido inestimáveis ao mostrar como o dinheiro do cartel da droga fluiu e na liderança das autoridades dos EUA até talvez muitos bilhões de dólares de investimentos em dinheiro das drogas que poderiam ter sido apreendidos

Eles podem ter fornecido dados sobre instituições e indivíduos que estavam ajudando na lavagem de dinheiro e investimentos em dinheiro-drogas. Eles também podem ter fornecido a primeira contabilidade detalhada do tamanho monetário da operação do Cartel de Medellin. Com base no testemunho de Rodriguez, a participação do cartel no mercado de cocaína parecia muito menor do que era sugerido pelos relatórios oficiais do governo dos EUA. Se isso for verdade, uma conclusão possível é que houve vários outros cartéis colombianos que eram consideravelmente maiores do que o Cartel de Medellín, e que operavam nas sombras, enquanto o Cartel de Medellín recebeu a publicidade e a culpa[59].

É difícil acreditar que os agentes de segurança dos EUA eram tão descuidados. É ainda mais difícil acreditar que a informação não poderia ter sido reconstruída. De acordo com informações rotineiramente fornecidas aos indivíduos na área de segurança nacional por especialistas de inteligência com agências como a Agência de Segurança Nacional, mesmo as informações em um disco que foi apagado podem ser reconstruídas, razão pela qual computadores com discos rígidos que são usados para processar as informações classificadas sempre devem ser bloqueadas quando não estiverem em uso.

A história dos registros de computadores de Rodriguez originou-se logicamente com funcionários dos EUA. Incrível como parece, pode ser verdade; Mas, é mesmo? E, se não, qual o motivo da história de capa? As pessoas que parecem se beneficiar mais se os registros realmente foram destruídos são os traficantes de drogas e lavadores de dinheiro, bem como as empresas imobiliárias e financeiras que investem o dinheiro lavado.

Houve três operações altamente divulgadas contra a lavagem de capitais nos últimos anos [até 1990]. Operação *Pisces*, que foi dirigida contra a lavagem de capitais no Panamá, uma operação de 1988 contra o Banco de Crédito e Comércio Internacional (BCCI), com sede no Luxemburgo, e a operação Polar Cap. José Blandon [ver página 49,

nota 11 e página 91] declarou que ele não considerou a operação *Pisces* como uma grande vitória porque capturou apenas US $ 18 milhões[60].

Se houvesse uma vitória, era em relação à legislação secreta penetrante, não em relação ao volume de dinheiro apreendido, como Blandon apontou. Da mesma forma, no caso do BCCI, apenas US $ 14 a US $ 32 milhões foram envolvidos (esse foi o intervalo mencionado)[61]. Se houvesse alguma vitória, era apenas que o caso poderia ter representado um começo. Para colocar essas apreensões em perspectiva, reconheça que os montantes são apenas "mudanças de bolso" para os traficantes de drogas[62]. Lembre-se de que os montantes totais lavados a cada ano provavelmente são medidos em centenas de bilhões de dólares. O potencial cache disponível para anexação como dinheiro da droga é provavelmente em trilhões de dólares. A operação *Polar Cap* resultou na apreensão de contas bancárias em Atlanta, Miami, Nova York e São Francisco, e uma ação judicial para recuperar US $ 433,5 milhões em lucros de medicamentos. Embora muito maior do que as operações anteriores, ainda eram pequenas batatas quando comparadas com o volume total e o valor monetário do tráfico.

Um dos principais problemas para combater a lavagem de dinheiro, como explicado por Michele Sindona [ver nota de rodapé, página 114], um profissional que conhece o interior do negócio da lavagem de dinheiro, é que as autoridades que escrevem as leis simplesmente não entendem bancário internacional ou Lavagem de dinheiro[63]. Nem, pode-se acrescentar, com base no depoimento de Rodriguez, parece haver algum esforço concertado para aprender. Como o senador D'Amato explicou que como autoridades do EUA não tentaram, use o conhecimento de Rodriguez. "Se não fosse tão grave", ele observou, "seria engraçado"[64]. Sindona* adicionou uma perspectiva especialmente importante. Lavar dinheiro, ele explicou, permite que os criminosos usem o dinheiro sujo abertamente, e então a lei não tem como interferir:

"O verdadeiro mal da lavagem de dinheiro é seu poder para permitir que o dinheiro sujo - o instrumento do crime - entre no corrente das economias não perturbadas, consuma setores importantes dessas economias e as transforme em feudo de uma oligarquia criminal internacional fora do alcance da lei - uma oligarquia que deve ser derrubada por homens que não entendem de dinheiro"[65].

A medida em que o Departamento de Justiça dos EUA está preparado para ir atrás dos bancos por seu papel na assistência ao narcotráfico continua a ser visto. Nos anos anteriores, seus esforços parecem ter sido minúsculos. Alternativamente, pode-se pensar, por um tempo, que as medidas lançadas contra o Banco de Crédito e Comércio Internacional podem ter representado uma mudança tardia de abordagem.

Os documentos do tribunal examinados em Tampa, Flórida, revelaram que 41 bancos tinham seus registros citado em uma investigação alargada sobre lavagem de dinheiro cobrindo os Fabricantes *Hannover Trust Company, Republic National Bank of New York, Security Pacific Corporation, Wells Fargo & Company e Bank America Corporation,* alemão e bancos israelenses, e bancos obscuros e fechados, como o Banco Total em Miami. Finalmente metade dos 41 bancos eram bancos da Flórida ou sucursais de bancos estrangeiros com sede na Flórida[66]. Em sua conversa a uma conferência sobre a fiscalização de drogas em 27 de abril de 1989, o presidente Bush referiu-se aos insidiosos papéis desempenhados pelos banqueiros de Hong Kong e pelos correios do Oriente Médio[67]. Para apreciar a ironia involuntária desta declaração, considere que pelo menos um grande banco norte-americano, Marine Midland, agora é de propriedade ou controlado por um banco de Hong Kong. Da mesma forma, existem bancos dos EUA que são de propriedade ou controlados pelo Oriente Médio com laços estreitos com lavadores de dinheiro no Oriente Médio, como o Republic National Bank de Nova York[68].

Uma dimensão intrigante, talvez condenatória, da lavagem de dinheiro, foi revelada durante um especial de televisão dos American Interests, Follow the Money, exibido no PBS em 12 de julho de 1989, em Washington. O tema do programa foi o empréstimo ocidental ao bloco soviético.

Uma parte do programa examinou como esses empréstimos do ocidente foram canalizados para apoiar a atividade terrorista[69]. Norman Bailey, ex-funcionário do Conselho de Segurança Nacional [NSC], informou que quando se juntou ao NSC, ele pesquisou pela primeira vez os arquivos envolvidos com os desenvolvimentos financeiros em todo o mundo e a atividade econômica Leste-Oeste, encontrando quase nada. Havia alguma informação chegando, mas era inteiramente inteligência humana. “Não foi baseado em interceptações”, explicou Bailey. Em seguida, ele descreveu como quase todas as transferências monetárias no mundo ocidental de qualquer importância passam por três grandes câmaras de compensação e como é relativamente simples rastrear certas transferências se você tem o comando de poderosos mecanismos de computação. Consequentemente, através da Agência de Segurança Nacional [NSA], ele iniciou um programa de acompanhamento de movimentos de dinheiro em todo o mundo como meio de identificar certas atividades que o NSC estava tentando seguir[70].

A atividade de interesse foi um empréstimo de US $ 600 milhões que foi gerido

* Nota do Editor: O relato mais revelador das próprias “aventuras” de lavagem de dinheiro exóticas de Michele Sindona é encontrado nas primeiras páginas do *The Final Conclave*, do Dr. Malachi Martin (Stein and Day, New York, 1978). Emergindo da Sicília em 1947, com recomendações incandescentes do Bispo de Messina, depois de ter operado um lucrativo negócio comercial de um caminhão que serve as forças dos EUA na ilha durante a guerra, ele, em 1959, adquiriu de alguma forma a Banca Privata Finanziaria [BPF] e uma Fundição de aço (que ele vendeu para a American Crucible Company); Estabeleceu uma holding da Liechtenstein, a Fasco AG, através da qual obteve uma participação de controle no Finabank Genebra; Fundou uma corretora de câmbio, Moneyrex; Estabeleceu relações estreitas com o Instituto do Vaticano para Obras Religiosas [IRW]; Tornar-se consultor jurídico da SNIA-Viscoa (têxteis), presidente da Mediterranean Holidays e Philips Carbon Black Italiana, diretor-gerente da Cheesborough Ponds e membro do conselho da Remington Rand Italiana. Depois que Sindona havia arrecadado US $ 2,4 milhões dos círculos empresariais milaneses para o Arcebispo Montini para financiar um lar de idosos, o Papa Paulo VI autorizou formalmente a Sindona a se tornar o chefe de dinheiro do Vaticano. Sindona começou a vender o controle do Vaticano, no valor de US $ 350 milhões, na Societa Generate Immobiliare, e transferiu US $ 40 milhões para um banco do Luxemburgo, o Paribas Transcontinental, enquanto a IRW obteve um grande bloco de ações no Finabank de Sindona.Depois de desenterrar o Vaticano de suas participações em empresas italianas como Condotte d'Acqua (1969), Pantanella (1970) e Serono, fabricante de pílulas anticoncepcionais (1970), os fundos do Vaticano foram dispersos por todo o lugar e o próprio Sindona se tornou presidente de 7 Empresas italianas, vice-presidente de três bancos e acionistas majoritários da Banca Union vinculada ao Vaticano [BUI. Tendo assinado vínculos com Hambros (25%) e o maldito Continental Bank of Illinois (15%), Sindona encontrou-se em estreito contato com o Tesouro dos EUA, como o presidente do banco, David Kennedy, tornou-se secretário do Tesouro dos EUA sob o presidente Nixon. O Sr. Kennedy tornou-se então membro do conselho da Fasco AG. Depois de transferir para os Estados Unidos, Sindona comprou uma participação majoritária no Franklin National Bank. O crack Sindona (a catástrofe de Sindona) começou a se desenvolver quando a Securities and Exchange Commission [SEC] detém todas as negociações na Vetco Offshore Trading Industries, depois de um investidor de Los Angeles ter adquirido 25% das ações em circulação da Vetco em violação da SEC Regulamentos. Verificou que 20% das ações e opções da Vetco foram adquiridas em nome da IRW através dos Serviços de Investimento Fiduciário (FIS) da Liechtenstein que possuíam um escritório no complexo de escritórios de Roma de Sindona. Depois que o Vaticano foi obrigado a pagar uma multa de US $ 320.000 pela SEC por ter adquirido 454 mil ações da Vetco como parte de 714 mil ações da Vetco vendidas pela FIS, o maior bloco de ações já negociadas até o momento na Bolsa de Valores norte-americana, o BPF da Sindona sofreu participação no exterior Perdas cambiais de US $ 48 milhões (1973) e de mais US $ 150 milhões em 1974.Descobriu-se então que o Franklin National Bank tinha um mínimo de US $ 43 milhões em perdas escondidas como “lucros falsos” em negócios cambiais com bancos suíços controlados pela Sindona. Posteriormente, outros bancos controlados por Sindona ou vinculados começaram a colapsar, todos desencadeando mais perdas no Vaticano. Em outubro de 1974, as autoridades italianas se sentiram “prontas” para se mexer contra Sindona - acusando-o de falsificação de contas em 1960! Em 9 de janeiro de 1975, as autoridades suíças encerraram o Finabank de Sindona, depois de sofrerem perdas cambiais de US $ 82 milhões. Malachi Martin acrescenta que a Sindona fez uma última tentativa infrutífera de levantar capital (cerca de US $ 300 milhões) oferecendo para venda novas ações de capital em uma pequena holding, a Finambro. Mas Guido Carli, governador do Banco da Itália, escolheu essa idéia ... As fontes bancárias suíças falam de [perdas do Vaticano] na região de US $ 240 milhões ... Os relatórios persistem que essas perdas podem ter superado o bilhão - Marca de dólar.

pelo primeiro banco nacional de Chicago para o banco alemão Aussenhandels. Bailey explicou que: "[A] empréstimo foi cancelado em Londres. O dinheiro foi para Berlim Oriental, para o Banco Aussenhandels. Foi desembolsado a partir de lá para várias empresas de frente e vários paraísos fiscais em todo o mundo. Foi então concentrado novamente na Líbia e foi enviado da Líbia para várias contas, que eram controladas por organizações terroristas, e foi usada por essas organizações terroristas em suas atividades ... Aproximadamente US $ 60 milhões da parcela original que foi retirada por o Banco Aussenhandels acabou nos cofres de vários grupos terroristas e guerrilheiros ao redor do mundo". "Destes, quantidades aproximadamente iguais foram fornecidas às Brigadas vermelhas na Alemanha, ao IRA provisório na Irlanda do Norte e às forças M-19 na Colômbia, cerca de US $ 20 milhões cada, em outras palavras"[71]. De acordo com outros relatórios, o narrador acrescentou, US $ 25 milhões do empréstimo foram conectados diretamente a uma conta no Panamá realizada pelo governo da Nicarágua.

Esta informação levanta várias questões. Primeiro, por que não havia nenhuma informação disponível nos arquivos quando Bailey se juntou pela primeira vez ao NSC? A idéia de usar a NSA para rastrear a transferência de fundos ilícitos e a CIA para identificar a propriedade da conta deve ser óbvia, se não automática. Igualmente óbvio é a necessidade de mapear o fluxo de dinheiro da droga como uma tarefa integral no combate ao narcotráfico, assim como seria feito com qualquer outra atividade criminosa.

Seguir estas transferências de dinheiro parece ser o único passo mais importante em qualquer tentativa de aprender quem está por trás do comércio de drogas, que está facilitando o comércio de drogas e na atribuição dos lucros ilícitos. Mas, evidentemente, isso não tinha sido feito.

Não é como se a comunidade de inteligência nunca tivesse sido abordada sobre o problema. Em outubro de 1969, o presidente Nixon declarou a guerra às drogas e formou uma Força-Tarefa da Casa Branca sobre a supressão de heroína[72]. O Diretor de Inteligência Central, Richard Helms, foi membro desta força-tarefa, do Comitê *Ad Hoc* do Gabinete de Narcóticos (1970) e do Comitê do Gabinete sobre Controle Internacional de Narcóticos (1971)[73]. Helms estabeleceu um Coordenador de Escritório de Narcóticos na Direção Adjunta de Planos, que começou a reunir inteligência de narcóticos sobre o tráfico no Sudeste e Sudoeste da Ásia, Europa e América Latina. Quando um dos analistas sugeriu que eles examinassem os bancos e a trilha do dinheiro, ele recebeu um tapinha na cabeça e contou: Não. Em 1970, o chefe do BNDD, John E. Ingersoll [ver página 80 e nota 39, Página 123], enviou um pedido à Agência de Segurança Nacional para obter assistência. Os requisitos do BNDD foram listados da seguinte forma:

1. O BNDD tem um requisito para todas e cada uma das informações COMINT [informações de inteligência de comunicação, ou seja, de espionagem eletrônica] que refletem o tráfico ilícito de narcóticos e drogas perigosas. Nosso principal interesse cai nas seguintes categorias:

- Organizações envolvidas em tais atividades;
- Indivíduos envolvidos em tais atividades;
- Informação sobre a distribuição de narcóticos e drogas perigosas;
- Informação sobre centros de cultivo e produção;
- acordos internacionais e esforços para controlar o tráfico de narcóticos e drogas perigosas;
- Todas as violações das leis dos EUA relativas a narcóticos e drogas perigosas[74].

Curiosamente, a informação sobre lavagem de dinheiro não foi incluída nesta lista de requisitos.

A operação de coleta de NSA contra traficantes de drogas foi realizada de abril de 1970 a julho de 1973, quando foi encerrada em relação à preocupação com o risco de exposição. A CIA também participou, mas retirou a preocupação de que uma parte da coleta de dados ocorreu em solo dos EUA e foi em apoio à aplicação da lei e não à segurança nacional. Pode ser por isso que tantos analistas da CIA foram transferidos para o escritório de inteligência estratégica no BNDD - de acordo com a lei dos EUA[75]. Frank Raven foi encarregado da coleta de dados de inteligência na *National Security Agency* [NSA]. Sua avaliação do problema é instrutiva:

Antes de nos aposentarmos, fizemos algumas brigas de drogas muito bonitas ... Demonstraram que poderíamos seguir transações de drogas e traficantes de drogas. Poderíamos fazê-lo de forma bastante econômica - nem sequer era um item de alto orçamento ... NSA poderia realmente ter limpo o negócio de drogas, drogas e tal ... Mas ficou tão ferrado na lei americana e Burocracia americana que não valeu o esforço[76]. Seguir o dinheiro da droga ainda é uma tarefa essencial hoje; Está sendo feito agora? Se não, por que não? Certamente, os problemas “legais” identificados acima não se aplicam a bancos estrangeiros, bancos estrangeiros ou mesmo a bancos dos EUA onde a segurança nacional é um problema; e a Diretiva de Segurança Nacional da Decisão [NSDD], “Narcóticos e Segurança Nacional”, assinada em abril de 1986, identificou explicitamente as drogas como uma questão de segurança nacional. Além disso, em 1984, a NSA foi usada para rastrear os embarques de drogas[77].

Por que não dinheiro da droga? Alternativamente, se a NSA e a CIA estavam coletando tais informações, por que as medidas não estão disponíveis para aproveitar todos esses ativos e identificar todas as pessoas e bancos envolvidos? Por que o governo dos Estados Unidos concentra tanta publicidade em pequenas apreensões multimilionárias, quando o potencial está presente para capturar trilhões de dólares, como está claramente implícito no depoimento de Norman Bailey?

Parece haver apenas uma resposta possível - a saber, que a guerra contra as drogas não é realmente uma guerra séria no governo dos EUA. O envolvimento de bancos, instituições financeiras e empresas de investimento imobiliário em lavagem de dinheiro e drogas não é novidade. Tem ocorrido há décadas e tem sido conhecida há décadas. De vez em quando, há uma onda de atividade, como o governo dos EUA parece estar agredindo; Mas as acusações são descartadas ou pequenas multas avaliadas e a lavagem de dinheiro continua, relativamente sem entrave. O governo vem em auxílio de bancos quando bilhões de dólares de empréstimos para países do Terceiro Mundo e Comunistas estão azedo, mas parece evitar responsabilizar os bancos pelo seu papel importante na lucratividade do tráfico internacional de drogas e de outros crimes. Como o comissário de alfabetização dos Estados Unidos, William von Raab, observou em sua carta de demissão de 31 de julho de 1989: “Talvez seja hora de a guerra contra a droga assumir seu lugar como principal prioridade da nossa nação - interferir com outros interesses, como o bancarios e o debto[78] do Terceiro Mundo.

Uma declaração de Clyde D. Taylor, do *Bureau of International Narcotics Matters*, do Departamento de Estado dos EUA, antes das audiências conjuntas do Senado em 1985, revelou a análise oficial dos EUA sobre o desafio das drogas ilícitas e narcóticos e, por implicação, a política dos EUA destinada a combater Tráfico. No que diz respeito ao tráfico de narcóticos patrocinado pelo Estado, Taylor reconheceu que as autoridades tinham visto “algumas indicações” e que: “Em alguns casos, a indicação adicional é que certos países comunistas se comprometeram, até certo ponto, em facilitar o narcotráfico”. No entanto, ele saiu do seu caminho para enfatizar que “outro fato que gostaríamos de estabelecer antes de suas comissões é que o tráfico de narcóticos na

América Latina, na Ásia, no Oriente Médio e na Europa, é dominado por narcotraficantes que são Governados apenas por sua ganância e cuja única ideologia - se você pode chamar isso - é a busca do lucro" [ênfase adicionada]. Ou seja, de acordo com Taylor, a política não está envolvida. Além disso, Taylor continuou: "A maioria desses grupos não pode ser chamado de terroristas, nem mesmo de insurgentes políticos, nem temos provas de uma conspiração comunista para usar drogas para minar as democracias ocidentais ou a nossa própria sociedade em particular" [ênfase adicionada].

O dicionário define conspiração como o ato de planejar juntos para cometer um crime ou um ato ilícito. Se o que aconteceu não é uma conspiração, sob essa definição, o que é isso?

Nas mesmas audiências do Senado, a DEA, embora pareça igualmente inconsciente da história do narcotráfico comunista, pelo menos reconheceu sua dimensão política. Como o funcionário da *Drug Enforcement Administration*, David L. Westrate, explicou: "A tendência emergente de usar traficantes de drogas para apoiar objetivos políticos representa uma grande mudança no padrão histórico de tráfico de drogas, em que os traficantes de drogas só estavam interessados em lucros. O uso expandido do tráfico de drogas para fins políticos já teve efeito sobre e poderia ter implicações de longo alcance para a fiscalização de drogas em todo o mundo e na política externa dos EUA[80]. Bem verdade. Se o governo dos EUA reconhecesse a existência da estratégia da droga soviética, não só a política de drogas dos EUA, mas a imagem inteira da política externa soviética que está subjacente à política contemporânea dos EUA, seria susceptível de cair como uma casa de cartas.

Ao longo dos anos, a participação de vários estados satélites soviéticos em operações de tráfico de drogas ganhou uma certa atenção pública. Os exemplos mais notáveis são a Bulgária, Cuba e, mais recentemente, a Nicarágua. Mas o governo dos EUA se inclina para evitar qualquer declaração direta de que esses países - ou a Checoslováquia, a Hungria, a Alemanha Oriental, o Vietnã, a Coréia do Norte e a China - estão oficialmente envolvidos. Na verdade, a maioria das energias oficiais são dedicadas a sugerir que tais atividades são a conseqüência das atividades de alguns funcionários corruptos. Se alguém reconhecer que houve relatos de envolvimento oficial do governo, isso é seguido rapidamente pela afirmação de que não há confirmação de tais relatórios. A maioria do Departamento de Estado dos EUA reconhecerá que certos países - Bulgária, Cuba e Nicarágua - facilitam o narcotráfico de outros ou, como foi confirmado por David L. Westrate, que foi então vice-administrador assistente da *Drug Enforcement Administration*:

"Eu diria que, em relação à Bulgária, Cuba e Nicarágua, temos informações substanciais que indicariam que os governos, no mínimo, toleram essa atividade em nossa opinião. Como eu disse, não temos uma gravação em fita ou uma fita de vídeo de uma reunião por funcionários do governo que decidem e concordem"[81].

Um exemplo notável da abordagem do Departamento de Estado foi a sua resposta à Lei antidrogas de 1986. A penalidade aplicável a qualquer país que encoraje a produção ou distribuição de drogas ilegais, ou cujos funcionários fazem o mesmo, ou que ameaçam funcionários da aplicação da legislação norte-americana, ou falha em cooperar, está claramente indicado na legislação:

"A lei exige que o Presidente suspenda toda a assistência dos Estados Unidos e se oponha a qualquer empréstimo ou outro uso de fundos do banco de desenvolvimento multilateral em benefício de qualquer país"[82].

Se um país, especialmente um país comunista ou seus funcionários, estivesse envolvido no tráfico de drogas, isso poderia ter um impacto sério nas transações

financeiras e comerciais dos EUA com o país em questão. Encorajar exatamente tais transações tem sido um importante objetivo político soviético sob Lênin, Stalin, Khrushchev, Brezhnev e, claro, Gorbachev. Encorajar essa atividade também tem sido um dos principais objetivos da política externa dos EUA desde 1969. Isso ainda é um impulso de alta prioridade para o Departamento de Estado e de Comércio dos Estados Unidos[83]. Tampouco é previsível qualquer alteração nesta política.

Quase todos os países industrializados estão igualmente envolvidos, principalmente Japão, Grã-Bretanha, Alemanha Ocidental, Itália, França e Suíça, além dos Estados Unidos. Este contexto é importante na análise da abordagem do Departamento de Estado para o cumprimento da Lei de Abuso Antidrogas. Também é importante reconhecer que, além das penalidades, existem disposições pelas quais essas sanções podem ser anuladas se o Presidente certificar que os países identificados mostram sinais de cooperação. Infelizmente, o Presidente delegou esta autoridade de certificação ao Secretário de Estado.

A lista do Departamento de Estado de países que produzem drogas ilícitas ou facilitam sua distribuição, publicada em maio de 1998, consistiu no seguinte: Afeganistão, Bahamas, Belize, Bolívia, Brasil, Birmânia, Colômbia, Equador, Hong Kong, Índia, Irã, Jamaica, Laos, Líbano, Malásia, México, Marrocos, Nigéria, Paquistão, Panamá, Paraguai, Peru, Síria e Tailândia[84].

O único país abertamente comunista incluído na lista do Departamento de Estado de 1998 foi o Laos. Notáveis por sua ausência foi Cuba, Nicarágua, Checoslováquia, Hungria, Polônia, Bulgária, Alemanha Oriental, Romênia, União Soviética, Coréia do Norte, República Popular da China e Vietnã do Norte. Aqui, tivemos uma consequência familiar de detente.

Além disso, apenas dois países da lista do Departamento de Estado receberam a certificação negativa: Síria e Irã. Todos os países restantes listados foram certificados pelo Departamento de Estado para não estarem sujeitos a nenhuma das restrições identificadas pelo Congresso, porque isso seria contrário aos “interesses nacionais vitais”, ou porque não encorajaria a cooperação ou porque os países eram Fazendo esforços de boa fé. O “interesse nacional vital”.

Citado pelo Departamento de Estado em não querer censurar o Laos foi sua ajuda na busca contínua dos POW / MIAs [Prisioneiros de guerra/desaparecidos em ação]!

Embora Cuba não tenha sido mencionada no relatório, a posição do Departamento de Estado foi explicada em seu relatório anual publicado três meses antes, em março de 1988: É possível que pelo menos alguns deles [uso do espaço aéreo cubano e das águas por contrabandistas de narcóticos] ocorrem com permissão direta ou tácita do governo cubano[85].

As tentativas de decertificar o México em 1988 foram frustradas com êxito por altos funcionários do Departamento de Estado, Tesouraria e Congresso. Eles foram descritos no livro de Elaine Shannon, Desperados: *Latin Drug Lords*, EUA. Os defensores e a guerra da América não podem ganhar, juntamente com a corrupção na estrutura política e policial do México, de cima para baixo[86]. O livro foi escrito em torno do seqüestro e assassinato de um agente da DEA, Enrique 'Kiki' Camarena, o subsequente encobrimento das autoridades mexicanas e as tentativas de funcionários dos EUA do Departamento de Estado, da Casa Branca, do Tesouro e do Departamento de Justiça Em apoio dos funcionários mexicanos envolvidos. Os interesses de controle eram bancos dos EUA e lobby do negócio[87].

Deep Cover é uma exposição detalhada da incompetência da *Drug*

Enforcement Administration, escrita por um antigo agente secreto da DEA e supervisor do grupo, Michael Levine. Embora focado em um caso particular envolvendo produtores bolivianos e corrupção mexicana em uma operação conjunta DEA-Customs sting, Levine também discute o caso Camarena. “No rescaldo do assassinato de Kiki, o governo mexicano teve todos os esforços - primeiro em encontrar o corpo de Camarena, em segundo lugar ao impedir que seus assassinos escapassem e, finalmente, em investigar o evento”. Muitos dos departamentos de justiça, DEA e Departamento de Estado se adequam a [alto gerenciamento] e políticos - com interesse em projetar uma imagem (independentemente do quão falso) de um governo mexicano progressista e honesto que estava cooperando em nossos esforços antidrogas - queria jogar Baixe e coloque o incidente de Camarena nas primeiras páginas o mais rápido possível. Chegou aos irmãos da rua de Kiki, agentes da rua da DEA, que lutaram contra dentes e unhas para manter viva a investigação para manter o calor no governo mexicano[88].

A história da morte de Camarena e as lutas que os agentes da DEA tiveram que pagar contra autoridades corruptas mexicanas foi dramatizada em uma mini-série de televisão da NBC, *“Drug Wars”*, de 7 a 9 de janeiro de 1990. Indignados funcionários do governo mexicano queixaram-se depois, com declarações que pareciam ter sido tiradas diretamente do script[89]. Duas semanas depois, um grande júri de Los Angeles acusou dezenove mexicanos no assassinato de torturas de Camarena - incluindo o ex-chefe da Polícia Judiciária Federal do México, Manuel Ibarra Herrera, e o ex-chefe da filial mexicana da Interpol, Miguel Aldana-Ibarra. Sem dúvida, o comportamento das autoridades mexicanas era deplorável. No entanto, do ponto de vista deles, os mexicanos podem ter uma queixa válida. Quais os crimes cometidos pelas autoridades mexicanas que foram pior do que o comportamento de seus homólogos oficiais dos EUA e interesses comerciais/bancários ao longo dos anos - para saber, com respeito ao Panamá, Bulgária, China e Cuba?

Por que as autoridades dos EUA não apenas ignoram as atividades de Noriega há quinze anos, mas, de fato, enviam-lhe cartas pessoais de elogio? Por que acusar Noriega, Vaughan e vários traficantes colombianos de drogas e não acusar Raul e Fidel Castro? E por que os negócios dos EUA e os interesses bancários eram mais importantes para os funcionários dos EUA do que o fluxo de drogas para os Estados Unidos, e trinta por cento deles vieram pelo México?

Em 1989, o Departamento de Estado informou sobre medidas tomadas pelo então recém-instalado presidente do México, Carlos Salinas de Gortari, para “conter o tráfico de drogas”. No entanto, proliferaram relatórios sobre a continuação da corrupção mexicana e do narcotráfico. Nas audiências sobre a posição do Departamento de Estado contra a desertificação do México, o chefe da alfândega dos Estados Unidos, William von Raab, foi impedido de testemunhar por altos funcionários do Tesouro dos EUA por causa da visão crítica de von Raab sobre o México. Como disse um dos assistentes de von Raab: “O Sr. von Raab estava particularmente ansioso para testemunhar” sobre o México: Ele sente que a diplomacia parece ter substituído a guerra contra as drogas ... Não há provas de um esforço cooperativo pelo México. Em muitos aspectos, o país tornou-se um refúgio seguro para os traficantes de drogas e uma enorme área de armazenamento para drogas[90].

Em 1990, outra ilustração gráfica do comportamento perverso do Departamento de Estado entrou no domínio público. Kirt Kotula era um oficial de programas da Bolívia no Departamento de Assuntos Internacionais de Narcóticos do Departamento de Estado. Em janeiro de 1990, ele preparou um memorando que vazou para o *Washington Post*[91]. O memorando foi descrito como altamente crítico do então

novo governo boliviano sob o presidente Jaime Paz Zamora, observando que o desempenho da Bolívia "em quase todas as áreas indica uma total falta de compromisso com a guerra antidrogas". Não só a erradicação pelo governo boliviano dos campos de coca ficaram atrás dos objetivos estabelecidos, mas as novas plantações resultaram na produção global aumentando 9,2 por cento.

O governo dos EUA usa casos de extradição bem sucedidos como evidência de cooperação. Mas Kotula assinalou que o ministro do Interior, Luiz Arce Gomez, que posteriormente foi extraditado para os Estados Unidos por acusações de drogas, foi "universalmente odiado" na Bolívia. Outra atividade altamente divulgada por Washington foi uma sucessão de ataques conjuntos em laboratórios de cocaína no interior da Bolívia. Uma incursão particular, que custou aos Estados Unidos $ 100,000, foi mencionada no memorando da Kotula. A invasão "não conseguiu atingir um sucesso mínimo", escreveu ele, provavelmente porque os traficantes foram avisados antecipadamente pelos bolivianos. Mas, quando o Relatório Anual do Departamento de Estado foi enviado ao Congresso em 1º de março de 1990, a Bolívia foi caracterizada como cooperando plenamente com a política antidrogas dos Estados Unidos[92]. Sobre tudo o que o Secretário-assistente Melvyn Levitsky diria quando confrontado com o memorando era que fazia parte de um exercício de "equipe vermelha" para dar-lhe análises frágeis, mas que o memorando era "propriedade do governo roubado" e não deveria ter sido tornado público[93]. Com relação a Cuba, até mesmo a CIA foi relatada ao lado do Departamento de Estado. Como relatou Jack Anderson, o vice-diretor da CIA, Richard Kerr, afirmou em uma reunião de um conselho de nível do gabinete em fevereiro de 1987 que era difícil identificar um link direto do governo cubano para atividades de tráfico de drogas[94]. Se este é um reflexo preciso da inteligência dos EUA em ação, é preciso perguntar o que eles usam para chegar às suas conclusões. Uma explicação embaraçosa foi fornecida pelo Major Aspillaga, o oficial de inteligência cubano que desertou para os Estados Unidos via Viena em junho de 1987 [ver páginas 94 e 96]. Ele explicou que os funcionários do governo cubano, uma vez que a CIA acreditava que trabalhava secretamente para eles, estavam realmente alimentando a CIA com informações enganosas ou inúteis preparadas pelo serviço de inteligência cubano. Várias dessas fontes já passaram as polígrafos da CIA.

Era o escritório do procurador dos EUA em Miami, que primeiro desencadeou evidências do tribunal sobre o envolvimento de Cuba. Isso aconteceu em novembro de 1982. A evidência, no entanto, aparentemente nunca causou muita impressão sobre a inteligência dos EUA ou sobre o Departamento de Estado. Felizmente, em uma acusação subseqüente, o escritório do procurador dos EUA em Miami apresentou ainda mais evidências - desta vez, fitas de vídeo que mostram contrabandistas de drogas explicando aos informantes secretos da DEA como eles enviaram drogas da Colômbia através de Cuba, com a ajuda de funcionários cubanos, controladores de tráfego aéreo, A DGI e os pilotos da Força Aérea Cubana[95]. Contudo, todos os detalhes tão difíceis têm pouco impacto no Departamento de Estado, que ainda se recusa a reconhecer qualquer participação significativa da Cuba no narcotráfico[96].

Em 1987, como parte dos procedimentos de recomendação e consentimento do Senado dos Estados Unidos sobre a nomeação, do Embaixador Jack F. Matlock, Jr. para ser Embaixador da União Soviética, várias questões sobre o papel da União Soviética e da Checoslováquia no tráfico de narcóticos foram submetidos ao Departamento de Estado. Quanto ao envolvimento soviético, os funcionários do Departamento de Estado responderam: "O Departamento de Estado não possui informações sobre o envolvimento oficial soviético no tráfico internacional de narcóticos".

No que diz respeito à Tchecoslováquia, o Departamento de Estado respondeu: “O Departamento de Estado não possui informações sobre a cumplicidade oficial da Checoslováquia no tráfico internacional de estupefacientes, nem sobre qualquer envolvimento soviético com o Governo da Checoslováquia no tráfico de narcóticos”. Esta afirmação foi feita depois que dois artigos detalhando o envolvimento da Tchecoslováquia e da União Soviética foram publicados, e depois de funcionários das duas agências relevantes do Departamento de Estado, Assuntos Internacionais de Narcóticos e Inteligência e Pesquisa, foram informados da informação de Sejna. Eles não manifestaram interesse nos dados.

Um clipe de filme particularmente interessante foi obtido por Jean Michel Cousteau em 1981, durante uma expedição de seu famoso pai, Jacques Cousteau, para o extremo superior da Amazônia. No fundo da selva, o Cousteau mais novo encontrou uma aldeia inteira que se transformou em um centro de produção de cocaína e laboratórios de pesquisa. Os índios locais foram utilizados como sujeitos experimentais e, no processo, muitos foram transformados em “zumbis”. Um segmento do diálogo de fundo no filme Cousteau resultante vale a pena citar em detalhes:

O centro de processamento secreto parece também um posto avançado de batalha, com aviões e uma caixa de armas acreditado ser importado de Cuba para guerrilheiros.

“Alguns acreditam que a cocaína, uma vez apenas uma fonte de lucros ilícitos, agora também apoia pequenos exércitos insurgentes e é enviada para o norte aos Estados Unidos por militantes da selva como uma arma silenciosa, inexorável e venenosa”.

A equipe do Cousteau pergunta: “Você está preocupado com os efeitos da cocaína em outros países, como os Estados Unidos?”.

“Não”, diz o traficante, “porque muitos consideramos essa maneira de responder ao ataque do imperialismo na América do Sul. Se é uma resposta cultural. Se muitas pessoas vão morrer aqui por causa de políticas imperialistas dos Estados Unidos, muitas pessoas morrerão de cocaína. Esta é a guerra”[97].

O filme original teria incluído uma passagem em que se mencionava que técnicos e químicos da Alemanha Oriental e búlgaros trabalhavam no laboratório, juntamente com químicos cubanos e colombianos[98]. Embora não haja evidências conhecidas, é possível que o “crack” altamente perigoso tenha sido desenvolvido nesta ou em uma instalação de pesquisa similar e depois comercializado em teste no Caribe antes de ser introduzido nos Estados Unidos. A Agência de Informação dos EUA recebeu uma cópia do filme original, mas se recusou a discutir isso, mesmo com outras agências, principalmente a própria Voz da América.

Esta cooperação de Cuba, Alemanha Oriental e Bulgária não se limita à América Latina. Alegadamente, esses países também atuaram no Oriente Médio e ajudaram na construção de refinarias de heroína na Síria. O Vale Beka'a no Líbano está sob o controle da Síria. O vale tem sido conhecido pela produção de maconha e haxixe. Mas, a mudança para papoulas e heroína, com a ajuda de Cuba, Alemanha Oriental e Bulgária, é um desenvolvimento relativamente novo.

A situação geral foi resumida em 1988 pelo assistente-chefe do Ministério Público dos EUA em Miami, Richard Gregorie, que trouxe o Acusação contra Noriega. Gregorie criticou frequentemente o papel que Washington desempenhou ou não conseguiu desempenhar para impedir o tráfico de drogas. “Se estamos lutando publicamente contra uma guerra contra as drogas, por que o Departamento de Estado não está envolvido?” Ele perguntou: “Os procuradores com quem conversei consideram

que o Departamento de Estado está trabalhando para os governos estrangeiros"[100].

A própria atitude do Departamento de Estado foi claramente expressada em seu Relatório de Estratégia Internacional de Controle de Narcóticos de setembro de 1988: "Acreditamos que nossa estratégia internacional ... está funcionando[101]. Se está funcionando, é obrigado a perguntar: para quem?

Referências ao Capítulo 9:

1. Veja Anslinger e Tompkins, The Traffic in Narcotics, op. Cit. E Harry J. Anslinger, O Ópio do Governo Popular, no Congresso dos EUA, Comitê da Casa sobre Atividades Não-Americanas, Guerra Total Soviética: "Missão Histórica" de Violência e Engano, Volume II (Washington, DC: US Government Printing Office, 30 de setembro de 1956).
2. Stefan T. Possony, China maoísta e heroína (Taipei, Taiwan: China Publishing Company, sem data)
3. Candlin, Psycho-Chemical Warfare: The Chinese Communist Drug Offensive Against the West, op. Cit., Página 26.
4. Conforme descrito em detalhes por William J. Gill, o novo Secretário de Estado, Dean Rusk, foi pelo menos muito simpatizante dos interesses dos comunistas chineses. Também em 1961, houve um afluxo para os departamentos de Estado e de Justiça de indivíduos que anteriormente eram negados as autorizações de segurança ou cujos planos de ação normalmente os impediram de receber um apuramento. *The Ordeal of Otto Otepka (New Rochelle, N.Y .: Arlington House, 1969)*.
5. Uma parte substancial da análise da CIA foi filtrada e impressa pelo New York Times. Curiosamente, o artigo impresso não inclui nenhum dos dados sobre a China, nem a geografia do "Triângulo Dourado" original mostrado no mapa incluído. Veja Felix Belair, Jr., 'C.I.A. Identifica 21 Refinarias asiáticas de ópio, New York Times, 6 de junho de 1971, página A2.
6. Edward Jay Epstein, Agência de Medo, (New York: G. P. Putnam's Sons, 1977), página 85.
7. Ibid., Páginas 149-150.
8. Comitê do Gabinete sobre Controle Internacional de Narcóticos, World Opium Survey -1972, editor não identificado, divulgado em 17 de agosto de 1972 pelo Departamento de Estado.
9. Ibid., Página 26.
10. Ibid., Páginas A45-A46
11. Citado no Hon. Lester L. Wolff, A situação dos narcóticos no Sudeste Asiático, Relatório de uma Missão de Estudo Especial (Washington, DC: US Government Printing Office, 1972), página 12.
12. Ao analisar o estado dos dados de inteligência, um ex-especialista em contra-inteligência com a Agência de Inteligência da Defesa [DIA] afirmou que o pessoal da inteligência de narcóticos não parecia possuir qualquer informação sistemática sobre o tráfico de narcóticos. Epstein, Agência de Medo, op. Cit., Página 253. Candlin avaliou as declarações mundiais da situação do ópio pelo BNDD sobre o rápido declínio da produção de ópio do continente chinês nas décadas de 1950 e 1960 como sendo sem "mesmo a base mais fácil de suporte". PsychoChemical Warfare: The Chinese Communist Drug Offensive Against the West, op. Cit., Página 106.
13. Congresso dos EUA, Senado, Terrorismo Internacional, Insurgência e tráfico de drogas Tendências atuais da atividade terrorista, audiências conjuntas perante o Comitê de Relações Exteriores e o Comitê Judiciário, 13, 14 e 15 de maio, 1985 (Washington, DC: US Government Office, 1985), página 31.
14. World Drug Impact, Part 1, op. Cit., Página 14.
15. Veja, por exemplo, Departamento de Estado dos EUA, *Bureau of International Narcotics Matters, International Narcotics Control Strategy Report* (*Washington, D.C .: US Government Printing Office*, março de 1987).
16. Sobre o único país comunista a ser inequivocamente identificado como tráfico de narcóticos "como uma questão de política" é o Laos. Veja Michael Isikoff, *"US Acuses Laos of drug-trafficking"*, Washington Post, 30 de agosto de 1988, página A4.
17. No interesse da dupla, os funcionários do governo dos Estados Unidos suprimiram os dados e conscientemente não conseguiram coletar e usar evidências consideradas contrárias à política. Por exemplo, antes do tratado de controle de armas de armas biológicas e toxínicas assinado em 1972, os Estados Unidos estavam cientes de uma enorme atividade soviética na aplicação de engenharia genética a guerras químicas e biológicas. Como Herbert E. Meyer, o ex-vice-presidente do Conselho Nacional de Inteligência, explicou, esses dados foram "removidos no pedido específico de Henry Kissinger". A Defesa da Europa Ocidental, London Conference Proceedings (Nova Iorque: Conselho Internacional de Segurança, 1988), páginas 72-73. Esta ação foi muito infeliz. Se os dados fossem perseguidos no momento, o tráfico soviético de narcóticos poderia ter sido descoberto na medida em que era um componente da estratégia de guerra química do bloco soviético. Como relatou Ray Cline, então diretor do Departamento de Inteligência e Pesquisa do Departamento de Estado, "a inteligência crucial foi muitas vezes suprimida para garantir que apenas Nixon e Kissinger tivessem todo o corpus de informações ...". John Ranelagh, *The Agency: The Rise and Decline of the CIA* (Nova York: Simon e Schuster, 1986), página 518. Outro exemplo da supressão de dados ostensivamente no interesse de detente foi o tratamento do desertor soviético KGB, Anatoliy Golitsyn. Golitsyn tinha sido um desertor especialmente valioso, na opinião das autoridades francesas e britânicas, e do chefe da contra-inteligência da CIA, James Angleton. Golitsyn havia fornecido informações importantes sobre as penetrações soviéticas de várias organizações de inteligência, especialmente os franceses, britânicos e americanos, e forneceram detalhes únicos sobre a inteligência soviética, a reorganização de que ele ajudou a planejar e o engano soviético. A pedido de Angleton, Golitsyn estava estudando a possibilidade de que a divisão sino-soviética fosse uma fraude deliberadamente orquestrada. Edward Jay Epstein,

relatando suas extensas discussões com Angleton, afirmou que, em 1969, o Diretor da CIA, Richard Helms, disse a Angleton que agora era a política da Casa Branca de Nixon aceitar a divisão sino-soviética como genuína - isso é , Solte a investigação. Edward Jay Epstein, Deception, (Nova York: Simon & Schuster, 1989), página 98.
18. Jack Anderson, 'Kennedy May Help in California', Washington Post, 26 de maio de 1972, página D19.
19. Edward Jay Epstein, Agência de Medo (Nova Iorque: G. P. Putnam's Sons, 1977).
20. Ibid.
21. Congresso dos EUA, Senado, Drogas e Terrorismo, 1984, Audiência perante o Subcomitê de Alcoolismo e Abuso de Drogas do Comitê de Trabalho e Recursos Humanos, 2 de agosto de 1984 (*Washington, D.C .: US Government Printing Office, 1984*).
22. Supondo que eles não tenham aviso prévio.
23. Seria apenas prudente supor que muitos dos funcionários “búlgaros” eram realmente funcionários do serviço de inteligência soviético e da Europa do Leste que agiam sob a cobertura búlgara.
24. Drogas e terrorismo, 1984, op. Cit., Página 55.
25. Ibid., Página 60.
26. Ibid., Páginas 59,66.
27. Departamento de Estado dos EUA, Bureau of International Narcotics Matters, International Narcotics Control Strategy Report (Washington, D.C .: Departamento de Estado dos EUA, 1989), páginas 19.159.
28. O relatório-chave foi Shakarchi Trading Company, Arquivo No. UN-89-0002, 3 de janeiro de 1989.
29. Veja Peter Samuel, “Assistentes búlgaros seniores ligados a um comércio crescente de heroína”, New York City Tribune, 30 de março de 1989, página A1, “Druglords seen in the Havens in Communist Bloc”, New York City Tribune, 31 de março , 1989, página A1; “Em 1986, a Conexão Búlgara foi Superada em Grande Apreensão em LA of Drug Money”, New York City Tribune, 4 de abril de 1989, página A1; e 'State Dept. Disse para Slight Drug Enforcement to Preserve Detente', New York City Tribune, 7 de abril de 1989, página A1; Knut Royce, 'Heroin Labs in Bulgaria', Newsday, 1 de abril de 1989, página 7, 'Dirty Money: Drogas para ouro', Newsday, 2 de abril de 1989; E Bill Gertz, “Frente búlgara ligada às drogas”, Washington Times, 3 de abril de 1989, página A1.
30. Bill Gertz, “O Estado confirma os laços da droga da empresa búlgara”, Washington Times, 7 de abril de 1989, A6.
31. Peter Fuhrman, The Bulgarian Connection, Forbes, 17 de abril de 1989, páginas 40-44.
32. Robert S. Greenberger, “Feud de chefe de alfândega na conferência de drogas tipifica nomeado - Conflito de burocratas”, Wall Street Journal, 19 de maio de 1986, página 66.
33. Departamento de Estado dos EUA, *Bureau of International Narcotics Matters, International Narcotics Control Strategy* Relatório (*Washington, DC: US Government Printing Office*, março de 1988), páginas 14,35.
34. A análise química pode ser utilizada para ajudar a determinar as origens de fabricação de amostras de medicamentos, especialmente se certos oligoelementos que são característicos do processo de produção específico estão presentes. Esta informação também poderia ser usada por autoridades experientes para impedir a identificação adequada ao introduzir deliberadamente produtos químicos indicadores durante o processo de fabricação, o que levaria conclusões incorretas a seguir a essa análise química.
35. Michael Isikoff, “Soviéticos sugerem fatos comerciais sobre tráfico de drogas”, Washington Post, 20 de julho de 1988. Além disso, o Boston Globe informou em 13 de setembro de 1988 que a Grã-Bretanha e a União Soviética concordaram em “unir-se na luta contra o tráfico de drogas através do compartilhamento de inteligência, treinamento e operações”.
36. Estratégia Nacional de Controle de Drogas, op. Cit., P.67.
37. Michael Isikoff, “A DEA propõe treinar a KGB para combater as drogas”. Washington Post, 15 de dezembro de 1989, página A23.
38. Larry Rohter, “O olho cego da América”, New York Times Magazine, 29 de maio de 1988, páginas 26,29.
39. 1972 é o ano dado em Jim McGee e David Hoffman, “Rivals Hint Bush Understates Knowledge of Noriega Ties”, Washington Post, 8 de maio de 1988, página A16, citando o acesso aos arquivos do Departamento de Justiça. De acordo com Michael Isikoff, um funcionário da DEA afirmou que o conhecimento da DEA sobre os laços de Noriega com o tráfico ilícito de drogas datado de 1970. “DEA Fights to Keep Office no Panamá”, Washington Post, 4 de outubro de 1988, página A27. Como John E. Ingersoll, então Diretor do Bureau of Narcotics and Dangerous Drugs, confirmado em 1972, havia evidências suficientes de que uma das opções consideradas como uma solução para o problema da droga do Panamá era o assassinato de Noriega. Seymour M. Hersch, 'Auxiliares dos EUA em' 72 oficiais de matança pesados que agora lidam com o Panamá, New York Times, 13 de junho de 1986, página 1.
40. Rohter, “O olho cego da América”, op. Cit., Página 26. De acordo com um relatório do Washington Times, Noriega foi recrutado em 1966 pelo oficial de caso da NIC Sanchez. Bill Gertz, 'Noriega era um espião para quase todos', Washington Times, 8 de janeiro de 1990, página A1.
41. Michael Hedges, para Gen. Noriega com amor: cartas do Top Drug Enforcers da América, Washington Times, 17 de janeiro de 1990, página A1.
42. Com respeito aos desenvolvimentos em torno da finalização dos Tratados do Canal do Panamá sob o presidente Carter, veja Warren Brooks, “Como os laços de droga do canal estavam escondidos: Carter queria seu tratado”, Washington Times, 28 de julho de 1988, página F1. Veja também G. Russell Evans, *The Panama Canal Tratamentos Swindle*: Consente ao desastre (Carrboro, Carolina do Norte: Signal Books, 1986).
43. Este incidente e outros, onde o envolvimento do Panamá no narcotráfico são negados, são identificados por Rohter no “olho cego da América”, op. Cit.
44. Jim McGee e Bob Woodward, 'Noriega Arms Acredite Stalled in' 80 ', Washington Post 20 de março de 1988, página A22.
45. O “Detente” foi identificado pela primeira vez em um despacho soviético secreto da sede da Moscou Novosti KGB

em 1968 pelo agente do Departamento Internacional da KGB, Yuri Bezmenov. Em 1969, o novo projeto de detente foi explicado para uma reunião da equipe da Novosti-KGB, incluindo Bezmenov, de Nikolai Agayantz, filho do especialista em desinformação do KGB, general-major Ivan Agayantz. A reunião teve lugar no escritório do Embaixador Pegov na Embaixada da URSS na Índia. Detente não era mera propaganda, Agayantz lecionou. Em vez disso, fazia parte de uma nova estratégia, baseada na teoria e na prática da ofensiva ideológica formulada em vários textos, como *The Art of War* por Sun Tzu. Veja Joseph D. Douglass, Jr., Por que os soviéticos violam os tratados de controle de armas (Washington, D.C .: Pergamon-Brassey's, 1988), páginas 9-10.
46. Os custos das ruas do narcotráfico na América foram estimados em US $ 140 a US $ 200 bilhões em 1990. Os custos com mão-de-obra perdida, prisões e tratamento de saúde são estimados em US $ 60 a US $ 100 bilhões. Isso totaliza US $ 200 a US $ 300 bilhões. A este total deve ser adicionado o custo dos crimes de rua, bem como crimes de colarinho azul e branco, que não se sabe ter sido total. Consulte o Departamento de Contabilidade Geral dos EUA, Controle de Abuso de Drogas. Um relatório de status (Washington, D.C .: US Government Printing Office, 1988).
47. Howard Kurtz, “Oficial do Bank of America Indicado na Probeta de Drogas”, Washington Post, 19 de março de 1986, página A3.
48. Conforme explicado por Ramon Milian Rodríguez, um CPA que lidou com lavagem de dinheiro e investimentos para o Cartel de Medellín: “Em todos os casos, os bancos sabiam com quem estavam lidando... eles lidavam com Milian Rodriguez que representava dinheiro do Sul A América e seus bancos correspondentes no Panamá sabiam de onde veio o dinheiro, porque exigimos certas coisas deles ... nós estávamos quebrando as leis de uma maneira muito grande e você sempre tem que ter uma desconfiança plausível. E os bancos de Nova York não são tolos”. Congresso dos EUA, Senado, Drogas, Aplicação da lei e política externa: Panamá, audiências perante o Subcomitê de Terrorismo, Narcóticos e Relações Internacionais do Comitê de Relações Exteriores, 11 de fevereiro de 1988, (Washington, DC: dados não publicados de dados estatísticos, 1988) 66-67,92-93.
49. Ibid.
50. Ibid., Página 65. Veja também Howard Kurtz, “Oficial do Bank of America Indicado na Probeta de Drogas”, Washington Post, 19 de março de 1986, página A3.
51. 'Cocaína', ABC News 'Close-up', 20 de agosto de 1983, Mediascan Transcript ABC-COCAINE 082083, páginas 5.7.
52. James Ring Adams, “Perder a guerra contra as drogas: drogas, bancos e política da Flórida”, American Spectator, setembro de 1988, página 20.
53. Ibid., Página 24.
54. Michael Hedges, “A falta de promotores obriga os EUA a piscar nos crimes de drogas da Flórida”, Washington Times, 18 de novembro de 1988, página A1.
55. Drogas, aplicação da lei e política externa: Panamá, 11 de fevereiro de 1988, op. Cit., Página 94.
56. Boston Globe Spotlight Team, “Os críticos dizem que as sondas pecuniárias violam os direitos de privacidade”. Parte 7 em Moneylaundering, publicado pelo Boston Globe, sem data ou números de página fornecidos.
57. Congresso dos EUA, Senado, Segurança Nacional e Internacional Ameaça de Tráfico de Narcóticos, Audiência diante do Caucus sobre Controle Internacional de Narcóticos, 8 de junho de 1987 (Washington, DC: US Government Printing Office, 1987), página 36.
58. Audição para receber Testemunho sobre drogas, aplicação da lei e política externa: Panamá, 11 de fevereiro de 1988, op. Cit, página 79.
59. Outro cartel colombiano de Cali recebeu publicidade como resultado de guerras de drogas em Nova York para o controle dos mercados de cocaína e crack. Michael Isikoff, “Guardião Oficial da DEA Guardado Depois da Morte”, Washington Post, 28 de agosto de 1988, página A9.
60. Congresso dos EUA, Senado, Audiência para receber testemunho sobre drogas, aplicação da lei e política externa: Panamá, 10 de fevereiro de 1988, transcrição estenográfica, páginas 65-66.
61. Michael Isikoff, 'US Banking Bank to Drug Cartel', Washington Post, 12 de outubro de 1988, página A1; E “Banqueiro Indicado Testificado para Noriega Links”, Washington Post, 13 de outubro de 1988, página A3.
62. Ramon Rodriguez foi pego levando $ 5.4 milhões em dinheiro para fora do país para o Panamá. Isso era principalmente dinheiro gasto - subornos e assim por diante. Rodriguez testemunhou que ele fez US $ 2-4 milhões por mês e que ele pagou a Noriega cerca de US $ 10 milhões por mês. A maior parte do dinheiro real que enviou para o Panamá em contêineres comerciais. Os $ 14-32 milhões envolvidos na acusação do Banco de Crédito e Comércio Internacional [BCCI] foram um montante trivial quando comparado com o tamanho total das operações de lavagem de dinheiro. Ver Congresso dos EUA, Senado, Audiência para receber testemunho sobre drogas, aplicação da lei e política externa: Panamá, 11 de fevereiro de 1988, transcrição estenográfica, página 59.
63. Nick Tosches, Power on Earth (New York: Arbor House, 1986), Páginas 81-107.
64. Senado dos EUA, Audiência para receber testemunho sobre drogas, aplicação da lei e política externa: Panamá, 11 de fevereiro de 1988, op. Cit. Página 95.
65. Power on Earth, op. Cit., Página 89.
66. Charles McCoy, “Os registros de 41 Bancos são citados na ampliação do inquérito para lavagem de dinheiro”, Wall Street Journal, 31 de outubro de 1988, página B12. Outros bancos supostamente utilizados pelo anel de lavagem de dinheiro e identificados no artigo foram: Atico Savings Bank; Banco Central S.A .; Banco de Bogotá; Banco Granadero de Colômbia; Bank Real Miami S.A .; Barnett Banks; Banco de Capital; Banco Consolidado N.A .; Dadeland Bank; Deutsch Sudamerikanische Bank; Eagle National Bank, Eastern National Bank; Primeira poupança federal de Palm Beach; First Nationwide Bank; Florida International Bank; Banco Nacional da Flórida de Miami; Israel Discount Bank; Banco Internacional Marine Midland; Banco Nacional de Miami; NCNB National Bank of Florida; Northern Trust Bank da Flórida; Banco Nacional dos Povos; Banco de poupança profissional; Southeast Banking Corporation; Banco Nacional Unido; Westchester Bank; Banco Atlântico; Banco Leumi Trust Co. de Nova York; Banco Internacional da Filadélfia;

Lorain County Bank; California First Bank; Banco Nacional da Filadélfia; E Sun Bank N.A ..
67. A Casa Branca, Gabinete do Secretário de Imprensa, Discurso do Presidente da Conferência Internacional sobre Enfoque de Drogas, 27 de abril de 1989, página 2.
68. Veja Peter Samuel, “Assistentes búlgaros seniores ligados a um comércio crescente de heroína”, New York City Tribune, 30 de março de 1989, página A1; 'Druglords Visto Muding Into Havens in Communist Bloc', New York City Tribune, 31 de março de 1939, página A1; “Em 1986, a Conexão Búlgara foi Superada em Grande Apreensão em LA of Drug Money”, New York City Tribune, 4 de abril de 1989, página AI; Knut Royce, 'Heroin Labs in Bulgaria', Newsday, 1 de abril de 1989, página 7; E “Dirty Money: Drogas ao ouro”, Newsday, 2 de abril de 1989; E relatório de investigação da DEA Shakarchi Trading Company, arquivo No. UN-89-0002, 3 de janeiro de 1989, páginas 3-5. O Banco da República de Nova York, seus depósitos de US $ 760 milhões com o Banco de Reserva de São Francisco em 1984 - quase todos os bancos correspondentes em Hong Kong - e o desejo do tesoureiro do banco de não anunciar ou falar sobre esse negócio, foram discutidos em *'West Coast Cash Surge Linked to Drug Dollars*', Lavagem de dinheiro, op. Cit.
69. Para obter uma descrição geral do programa, veja 'Empréstimos dos EUA para E. Alemanha enviada aos terroristas', Free Press International Report, 14 de julho de 1989.
70. American Interests Special 'Follow the Money' (Federal News Service, 1989), página 13-1.
71. Ibid., Páginas 14-2,15-1.
72. James Bamford, The Puzzle Palace (New York: Penguin Books, 1982), página 325.
73. Edward Jay Epstein, Agência de Medo (New York: G. P. Putnam's Sons, 1977), páginas 85,158.
74. Bamford, The Puzzle Palace, op. Cit., Página 327.
75. Para uma boa descrição deste início abortivo do uso da inteligência na luta contra a guerra contra as drogas, veja Bamford, The Puzzle Palace, op. Cit, páginas 314,325-337,369-370 e 381.
76. Bamford, The Puzzle Palace, op. Cit, página 336.
77. Guy Gugliotta e Jeff Leen, Kings of Cocaine (Nova York: Simon & Schuster, 1989), página 126.
78. Associated Press, “Aderência do chefe da alfândega, irrita como ele renuncia”, Atlanta Journal, 1 de agosto de 1989. As suas observações são apoiadas em Lavagem de dinheiro contra a droga, Bancos e Política Externa, Relatório sobre a aplicação e aplicação da lei anti-moneylaundering com base em audiências de supervisão perante a Comissão de Relações Exteriores do Senado em 27 de setembro e 4 de outubro e audiências perante o Comitê Bancário do Senado em novembro 1 submetido ao Comitê de Relações Exteriores pelo Subcomitê de Narcóticos e Terrorismo, sem data, mas por volta de fevereiro de 1990.
79. Congresso dos EUA, Senado, Terrorismo Internacional, Insurgência e tráfico de drogas Tendências atuais da atividade terrorista, audiências conjuntas perante o Comitê de Relações Exteriores Relações e comitê do Poder Judiciário, 13, 14 e 15 de maio de 1985 (Washington, DC: US Government Printing Office, 1985), página 114.
80. Ibid., Página 141.
81. Senado, Terrorismo Internacional, Insurgência e Tráfico de drogas, op. Cit, página 168.
82. Departamento de Estado, Relatório ao Congresso, op. Cit, página 2.
83. Veja William E. Simon, “Devemos fugir de Gorbachev?” Reader's Digest, setembro de 1988.
84. Departamento de Estado dos EUA, Relatório ao Congresso, Secção 2013, PL. 99-570, Relatórios e Restrições relativas a certos países, 1º de maio de 1988, página 2.
85. Relatório da Estratégia Internacional de Controle de Narcóticos, março de 1988, op. Cit, página 35.
86. Elaine Shannon, Desperados (Nova Iorque: Viking, 1988), páginas 393,432-433.
87. Ibid.
88. Michael Levine, Deep Cover (Nova Iorque: Delacorte Press, 1990), página 229.
89. Michael Isikoff, “México diz NBC Reports Distorted”, Washington Post, 11 de janeiro de 1990, E1.
90. Michael Hedges, 'Helms: Von Raab Shoushed on Mexican Drugs', Washington Times, 6 de abril de 1989, página A6.
91. Michael Isikoff, “Avaliação semanal da Bolívia ignorada”, Washington Post, 1 de março de 1990, A4.
92. Departamento de Estado dos EUA, Bureau of International Narcotics Matters, International Narcotics Control Strategy Report (Washington, D.C .: Departamento de Estado dos EUA, março de 1990). Veja também Michael Isikoff, “*World Output of Narctics Soars, Congress Told*”, Washington Post, 2 de março de 1990, página A24.
93. “Produção mundial de narcóticos sobe, Congresso Dispuso”, op. Cit.
94. Jack Anderson e Dale Van Atta, “CIA Breaks Ranks on Cuba, Nicaragua”, Washington Post, 3 de junho de 1987, página E19.
95. Michael Hedges, “Drogas, dinehiro terminam na gaveta de Fidel”, Washington Times, 10 de março de 1989, página A5.
96. Veja o Departamento de Estado dos EUA, Relatório ao Congresso, op. Cit e *US Department of State, Bureau of International Narcotics Matters*, Relatório Internacional de Estratégia de Controle de Narcóticos: Atualização de meio período (Washington, DC: *US Government Printing Office*, setembro de 1988).
97. Brian Crozier, 'Drogue: la Filiere Sovietique', L'Express, 25 de dezembro, 1986, página 105. Para uma tradução parcial em inglês, veja “Guerra Soviética Contra o Ocidente”, *The Free Nation*, fevereiro de 1987, páginas 1-2.
98. Ibid., Página 104. Veja também Brian Crozier, *The Gorbachev Phenomenon* (Londres e Lexington, Geórgia: The Claridge Press, 1990), páginas 147-170.
99. Rachel Ehrenfeld e Peter Samuel, 'Drogas, DEA e Damasco', Austrália / Revisão de Israel, 25 de agosto - 7 de setembro de 1987 e Jack Anderson, 'Sírios que ajudam o tráfico de heroína no vale de Beka'a', Washington Post, 1 de fevereiro de 1984, página F10.
100. Michael Hedges, “*Federal Scourg of Drug Kingpins”*, Insight, 6 de junho de 1988, página 24.
101. Departamento de Estado dos EUA, Relatório Internacional de Estratégia de Controle de Narcóticos: Atualização de meio período, op. Cit, página 1.

CAPÍTULO DEZ

QUESTÕES DE INTELIGÊNCIA

Como uma enorme operação global de inteligência do Bloco soviético, como a ofensiva de narcóticos soviéticos, está em andamento há tanto tempo sem que os Estados Unidos saibam o que estava acontecendo? Esta é uma questão muito importante e potencialmente explosiva. Implícito nisso há uma série de questões adicionais; por exemplo, de que mais nós desconhecemos e de que outra forma poderíamos ter sido enganados?

Até certo ponto, a questão “Por que não conhecemos?” É respondido no capítulo anterior. Parte da resposta envolve os interesses políticos e privados que impediram o entendimento. Um segundo elemento da resposta diz respeito ao funcionamento interno da inteligência dos EUA. Dois aspectos são particularmente relevantes. O primeiro envolve a coleta e avaliação de inteligência; especificamente, neste caso, o tratamento detalhado do esclarecimento do general Major Jan Sejna. O segundo aspecto diz respeito à compreensão do funcionamento das operações de inteligência do Bloco soviético e à comunicação desta compreensão. Consideremos, em primeiro lugar, o interrogatório.

O general Sejna desertou para os Estados Unidos em 25 de fevereiro de 1968. O procedimento usual é que os esclarecimentos preliminares dos desertores na Europa são realizados em uma instalação especial de interrogatório perto de Frankfurt, Alemanha[1]. No caso de Sejna, isso não foi feito. Em vez disso, ele foi imediatamente levado para Washington. Isso pode ter sido por causa da classificação de Sejna ou de uma importância incomum - se não fosse pelo fato de seu subsequente interrogatório e manipulação ter sido mais um desertor de baixo nível de importância inconsequente. No entanto, seu rápido transporte para Washington sugere que alguém em algum lugar pode ter desejado exercitar controle estrito e imediato sobre o seu interrogatório.

A notícia da deserção de Sejna para os Estados Unidos, juntamente com uma breve descrição das circunstâncias, foi publicada no Washington Post e no New York Times na semana seguinte à sua deserção. A descrição de Sejna nos artigos era bastante vaga. Foi descrito como o chefe do Partido Comunista no Ministério da Defesa, membro do Estado-Maior e do Presidium da Assembleia Nacional. Esses foram os únicos detalhes a serem publicados. Ao reconhecer que Sejna era “um dos comunistas de mais alto escalão que alguma vez defecera”, o Washington Post minimizou sua importância ao notar que Sejna era simplesmente de maior classificação do que qualquer um dos desertores do ano anterior, Svetlana Stalin e Lt. Col. Renge. As únicas dicas de sua importância foram declarações de que ele tinha informações secretas sobre a defesa do

seu país e as operações do Pacto de Varsóvia.

Além do que precede, não havia informações ou mesmo especulações no Washington Post ou no New York Times sobre o espectro completo das posições, responsabilidades ou conhecimento de Sejna. Em vez disso, ambos os documentos focalizaram a atenção em material concebido para difamar Sejna, que havia sido publicado na imprensa comunista. Não havia nenhuma indicação de qualquer tentativa de aprender mais ou de qualquer modo desafiar as descrições de Sejna que apareceram especificamente na imprensa comunista para desacreditá-lo[2].

O general Sejna certamente não foi apresentado como um funcionário de importância ainda moderada - não obstante o fato de ele ser provavelmente um dos cinco funcionários checoslovacos mais conhecedores no que diz respeito ao bloco soviético em estratégia e objetivos políticos, militares e de inteligência[3]. Em vez disso, ele foi descrito como um malfeitor, um estalinista, um abandono escolar público, um indivíduo que tinha sido promovido através de favores e contra as recomendações de seus pares, um que havia organizado um golpe abortado contra a nova liderança liberal checoslovaca e quem tinha desertou com seu filho e uma jovem “quem”, como escreveu o Washington Post, “está sendo descrito oficialmente aqui [Washington] como a amante de 22 anos do general”. A jovem era, de fato, a noiva de seu filho; Eles mais tarde se casaram nos Estados Unidos. Essas caracterizações de Sejna são todas falsas[4] e constituem um exemplo pertinente de um personagem comunista, sendo assassinado e desinformação a recuperação e a repetição dos principais jornais norte-americanos.

A importância deste tipo de relatório superficial, e a falha do governo dos EUA para corrigir o registro, não devem ser subestimadas. Esses relatórios, de fato, disseram às pessoas que Sejna não era uma fonte credível nem um indivíduo de qualquer valor. Os relatórios danificaram materialmente suas oportunidades para usar seus antecedentes como base para uma nova carreira; por exemplo, ensinamentos, compromissos, redação e consultoria. Eles também, de fato, desencorajaram qualquer pessoa na inteligência ou comunidades de segurança nacional de buscá-lo ou de ouvir o que ele tinha a dizer. Como alguém pode confiar em um indivíduo com tal reputação? Também não deve passar despercebido que, quando as acusações foram feitas, Sejna não falava ou lia inglês e não estava ciente de como sua credibilidade e, portanto, seu futuro estavam sendo prejudicados. Ele não conseguiu se defender.

A imagem de Sejna retratada no Washington Post e no New York Times foi talvez melhor resumida pela descrição publicada no Newsweek uma semana e meia depois. “Até agora, os americanos sempre podiam voltar a uma prova certa: se um europeu do leste desertasse para o ocidente, ele era ipso facto um bom cara. Na semana passada, no entanto, Washington revelou seu último desertor - apenas para descobrir que ele era o pesado [que é, vilão] no caso”[5]. Para se certificar de que a mensagem tinha sido comunicada de forma adequada, a Newsweek imprimiu uma foto de Sejna com a legenda, “Sejna: Um caso pesado”.

Dos relatórios de notícias, pode-se inferir que autoridades dos EUA confirmaram os relatórios comunistas sobre a deserção de Sejna e reconheceram que Sejna estava agora nos Estados Unidos. Eles, aparentemente, não forneceram nenhuma informação além da contida na imprensa comunista, ou qualquer elaboração ou esclarecimento. Além disso, de acordo com os relatórios de notícias, como ilustrado no trecho anterior do Washington Post, os funcionários dos EUA evidentemente apoiaram diretamente, pelo menos, uma das declarações caluniosas impressas na imprensa comunista para desacreditar Sejna; ou seja, que Sejna estava fugindo com sua amante de 22 anos, que era uma mentira, como indicado acima.

Até certo ponto, o tratamento oficial da US Sejna era compreensível. Não parece que, mesmo dentro da CIA ou do Departamento de Estado dos EUA, havia alguém equipado para esclarecer o registro que possuía uma apreciação real da importância de um desertor Sejna. Por exemplo, Sejna era um oficial político, um comissário. Os comissários políticos geralmente são considerados nos Estados Unidos como bandidos ou cães de guarda que relatam seus amigos e conhecidos às autoridades. Não são consideradas em grande consideração ou seriamente consideradas, em qualquer sentido da palavra[6]. Por conseguinte, apenas este aspecto do plano de fundo da Sejna é suficiente para ter causado que a maioria das pessoas reduza seu valor.

Além disso, havia pouco conhecimento de (e, portanto, pouca atenção focada) nas organizações de que Sejna era membro, ou dos cargos que ocupava. Funcionários dos EUA em toda a inteligência e comunidades diplomáticas não sabem ter apreciado o papel do Kolegium, que funcionou quase como um mini-Conselho da Defesa e serviu, no Ministério da Defesa, para revisar e criticar planos e problemas antes de serem enviados Para o Conselho de Defesa; ou do Grupo do Partido no Presidium, que exerceu o controle do Partido sobre a Assembleia Nacional (parlamento); ou da mesa que forneceu direção à Administração Política Principal, que por sua vez foi responsável pela manutenção do controle ideológico sobre os militares; ou do poderoso Departamento de Órgãos Administrativos, que governou os militares, a inteligência civil e a justiça[7]. Estas eram apenas algumas das organizações nas quais Sejna ocupava cargos de liderança.

As autoridades dos EUA evidentemente não sabiam o que significava ser o chefe do Partido Comunista (isto é, Primeiro Secretário) no Ministério da Defesa, em que capacidade Sejna monitorou todas as decisões e comunicações checoslovacas de alto nível para e de outros países, incluindo a União Soviética, e exerceu nomenclatura (poder de nomeação de cargos) em todos os oficiais militares de nível médio. A maioria dos especialistas em inteligência soviética do Bloco nem sabia que um Conselho de Defesa existia, e muito menos qual era sua função[8] ou o que significava que Sejna fosse seu secretário e responsável pela agenda do Conselho de Defesa, a preparação de decisões e a divulgação de diretrizes de implementação .

Assim, é perfeitamente possível que não existisse um funcionário dos EUA em posição de conhecer e tomar as medidas adequadas, que entendeu o quanto era importante o desertor geral Sejna. Ao mesmo tempo, houve várias inconsistências flagrantes e desvios da prática normal, tais como: (1) A falta de um esclarecimento inicial na Europa; (2) a forma como o esclarecimento da CIA de Sejna foi encerrado, o qual será descrito mais tarde; (3) o que parece ter sido uma decisão imediata de exercer um controle rigoroso sobre suas interrogatórios, mantendo-os focados em questões táticas militares e longe de tópicos de possível significado estratégico; e (4) ao mesmo tempo, uma decisão de desacreditar Sejna para que ninguém o procurasse ativamente ou escutasse o que ele tinha a dizer.

Embora essas decisões tenham sido tomadas no governo dos EUA, parece mais provável do que não que as decisões não se baseassem em considerações políticas ou de interesse próprio burocrático, mas foram orquestradas, pelo contrário, pela inteligência soviética ou por agentes de influência. A lógica por trás dessa hipótese se tornará mais evidente durante a descrição a seguir do que aconteceu e, mais particularmente, o que não aconteceu

O esclarecimento de Sejna começou de maneira normal. Em primeiro lugar, os debates focados em questões de alerta tático: a possibilidade de um ataque iminente, códigos de segurança, medidas de alerta e condições - itens de importância militar imediata. Seguindo essas questões potencialmente sensíveis ao tempo, as interrogatórios

mudaram para questões de caráter pessoal e profissional. Este foi o estabelecimento da fase de boa fé, que teve seus problemas porque as pessoas que conduziam os esclarecimentos da CIA não entendiam o sistema comunista[9], tinham muitas percepções errôneas e, portanto, muitas vezes não gostavam das respostas de Sejna às suas perguntas.

Depois que as boas feições do general Sejna foram estabelecidas, as interrogatórios finalmente se estabeleceram para investigar seu conhecimento da organização e operações militares do Pacto da Varsóvia e da Checoslováquia. É aqui que surgem dúvidas sérias sobre a natureza dos esclarecimentos do general Sejna. Os esclarecimentos, que duraram cerca de dez meses, limitaram-se a questões relativas a questões militares de tática[10]. E, enquanto o conhecimento de Sejna nesses assuntos era incrivelmente extenso, esses assuntos eram, ao mesmo tempo, os menos importantes dos quais Sejna possuía conhecimento detalhado. Além disso, alguns destes esclarecimentos eram tão triviais que eles deveriam ser devidamente considerados estritamente formas de passar o tempo e manter a imagem de estar ocupado. (Sejna foi convidado, por exemplo, a esboçar as diferentes insígnias militares da Tchecoslováquia, que, como disse a seus interrogatórios, estavam livremente disponíveis na biblioteca do outro lado da rua da Embaixada dos EUA em Praga[11]).

O general Sejna também entregou o segredo para a CIA e a documentação secreta que ele trouxe com ele, cuidadosamente selecionado por ele por sua ampla importância[12]. Nunca foi questionada sobre esses documentos ou sobre o material que eles continham. Enquanto os documentos foram traduzidos, as traduções nunca foram disponibilizadas à comunidade de inteligência[13]. Foi também neste momento que a decisão foi tomada para desacreditar ativamente Sejna, lançar aspersões sobre seu caráter e sobre a confiabilidade de seu testemunho, e assim diminuir qualquer interesse pelo que ele tinha a dizer. Conforme descrito por um ex-oficial da CIA, a palavra foi espalhada pelos níveis médio e superior de que Sejna era um “pesado”. Era importante reconhecer que isso era inconsistente com a distribuição dos relatórios de inteligência da CIA sobre os esclarecimentos de Sejna, o que identificou o material como tendo vindo de uma fonte confiável.

A falta de esclarecimento de Sejna não pode ser desculpada com o argumento de que os interrogadores da CIA não sabiam que Sejna possuía informações de importância estratégica primordial. Muitas vezes, seguindo as sessões, conversava com seus interrogadores e dizia que não faziam as perguntas certas. Além disso, uma das primeiras coisas que Sejna disse a seus interrogadores foi que, em sua opinião, a informação mais importante que ele trouxe com ele foi o seu conhecimento detalhado do “Plano de longo prazo” soviético para os próximos dez a quinze anos e além; mas, que ele não discutiria este plano, que detalhava a estratégia e táticas coordenadas do bloco soviético em todo o mundo[14], até que a decisão de lhe conceder o asilo político tivesse sido feita. Mas, depois que essa decisão foi tomada, e continuando com o presente, não houve nenhum esforço para debilitar Sejna sobre o conteúdo do plano soviético[15] “para nos enterrar”. Este foi, e continua a ser, um erro muito grave.

Em 1975, a importância do conhecimento de Sejna sobre o plano soviético de longo alcance foi tornada pública por Lord Chalfont em uma série de três artigos no *The Times of London*[16]. Mesmo assim, nenhuma tentativa de esclarecimento de Sejna foi feita, nem posteriormente em 1983, depois que Walter Hahn, editor da Strategic Review, escreveu sobre o conhecimento de Sejna[17]. Ele ainda [1990] não foi interrogado no plano de longo alcance; e, dada a natureza das intenções, metas e estratégias soviéticas[18], que não mudaram materialmente em mais de setenta anos, a maioria dos objetivos,

estratégias e conceitos operacionais estabelecidos no plano de longo prazo provavelmente permanecerão válidos.

No final da primavera de 1968, o General Sejna foi disponibilizado a uma equipe de esclarecimentos da Agência de Inteligência de Defesa (DIA), que consistia em dois mandantes, uma grande e em algumas ocasiões, dois coronéis, nenhum dos quais parecia que Sejna tivesse algum antecedentes ou interesse na estratégia, política ou objetivos políticos, militares ou de inteligência. Os seus esclarecimentos também se limitaram a questões de importância militar tática; por exemplo, Tabelas de Organização e Equipamentos (TOE) para unidades pequenas, como empresas e batalhões e locais de unidades. Como uma indicação adicional da atitude da CIA em relação a Sejna, durante as interrogatórios da Agência de Inteligência de Defesa, os oficiais da DIA sempre se dirigiram a Sejna como "General Sejna" por cortesia militar e respeito. Então, um dia, em Sejna Presença, o manipulador da CIA ordenou aos oficiais da DIA que não se referissem a Sejna como general Sejna por mais tempo porque o Politburo Checoslovaco havia "tirado sua posição"[19].

Durante o esclarecimento de Sejna ao longo de 1968, e por muitos anos depois, houve (e ainda não) nenhuma indicação de qualquer interesse sério de nível superior de inteligência dos EUA ou de segurança nacional sobre o que ele tinha a dizer[20]. Ele não foi levado para se encontrar com altos funcionários da CIA, como Richard Helms, que era então o diretor da CIA, ou seus deputados, ou quaisquer funcionários-chave da Direção de Operações, como James Angleton, cujo escritório de contra-inteligência exerceu conhecimento sobre o General Sejna de 1970 até o escritório foi quebrado em 1974. Nem, nesse caso, ele foi levado para ver alguns deputados de Angleton, nem mesmo aquele que foi diretamente responsável por Sejna de 1970 a 1975. E enquanto Sejna estava programado para visitar Congresso em quatro ou cinco ocasiões diferentes, cada vez que a visita foi cancelada; Por que e por quem não foi divulgado, mas estas são questões importantes.

Talvez a inconsistência mais importante durante o esclarecimento de Sejna tenha ocorrido em maio de 1968, quando o ex-embaixador dos EUA na União Soviética, Llewellyn Thompson, então um alto consultor do Departamento de Estado sobre assuntos soviéticos, veio visitá-lo. Por que um oficial de alto nível do Departamento de Estado dos EUA gostaria de visitar Sejna, dado o modo como ele foi descrito e oficialmente esclarecido, é curioso, para dizer o mínimo. Ele visitou Sejna por sua própria iniciativa, ou em resposta ao pedido ou sugestão de outra pessoa? Thompson começou a conversa perguntando a Sejna se ele pensava que o comunismo estava mudando[21]. Sejna respondeu que não. A estratégia, os objetivos permanecem conforme estabelecido por Lênin. Não houve mudança nesses objetivos, e nenhuma mudança foi possível, disse Sejna. Thompson respondeu bruscamente, informando Sejna que ele, Sejna, estava errado. A conversa foi em declive e logo terminou.

Thompson era o único oficial de alto escalão que Sejna recorda veio vê-lo. No meio do nível, as coisas não eram melhores. Apenas dois indivíduos de nível moderado visitaram Sejna, o vice-chefe e o funcionário da mesa da Checoslováquia da divisão do Bloco soviético da CIA. Presumivelmente, os esclarecimentos de Sejna teriam sido controlados por esta divisão. Mas essas duas pessoas, aparentemente, não vieram questionar Sejna, elas vieram apenas para visitar informalmente. Ambos falavam checo, um deles emigrou[22] da Checoslováquia antes da Segunda Guerra Mundial, e outro serviu como adiantamento militar na embaixada dos EUA em Praga. Ambos foram apresentados a Sejna sob falsos nomes, que Sejna reconheceu imediatamente porque ambos os indivíduos estavam entre aqueles que Sejna e outras autoridades checoslovacas haviam

sido avisados em várias ocasiões durante os briefings de contra-inteligência da KGB que eram uma parte regular das práticas de segurança interna tchecoslovaca e soviética .

Sejna, que tinha uma memória extremamente bem disciplinada, lembrou com facilidade suas fotos, corrigia nomes e origens, como já era fornecido pelo KGB. O que esses funcionários da CIA foram após ou porque não mostraram nenhum interesse aparente no que Sejna realmente teve que dizer, não é conhecido. No entanto, é quase inconcebível que alguém em tal posição não consiga reconhecer que Sejna não era um desertor comum e que seu valor principal não era o que ele tinha para contribuir com a nossa compreensão das questões militares táticas do Pacto de Varsóvia, mas sim no seu conhecimento de primeira mão de questões de importância estratégica; por exemplo, estratégia soviética política, militar e de inteligência e tomada de decisão.

Na verdade, isso foi reconhecido por alguém, parece explicar uma segunda visita do embaixador Thompson. Quando os soviéticos invadiram a Tchecoslováquia no final de agosto de 1968, Sejna pediu que ele fosse autorizado a falar e a explicar ao público americano e aos estadistas de todo o mundo o que estava acontecendo na Tchecoslováquia, incluindo informações detalhadas sobre os preparativos soviéticos para a invasão, que Sejna tinha reconhecido nitidamente com antecedência provavelmente ocorreria. Sejna foi o mais insistente, o que foi o motivo da segunda visita de Thompson. Nesse caso, a visita de Thompson certamente não foi auto-iniciada. Thompson foi convocado para desencorajar Sejna de contar sua história ao público. Ele rapidamente explicou a Sejna que não era do interesse do governo dos EUA publicar e descrever o que estava acontecendo. Sejna não concordou. Então Thompson comunicou uma ameaça clara. Ele disse a Sejna que a Tchecoslováquia havia pedido o retorno de Sejna e que o pedido de Praga poderia ser honrado se Sejna pudesse causar problemas. Sejna disse a Thompson que isso não era possível porque, sob a carta das Nações Unidas, os Estados Unidos não podiam devolvê-lo à Tchecoslováquia ou a qualquer outro país do bloco soviético. Novamente, a conversa deteriorou-se rapidamente. Quando ficou claro que ele não estava prestes a mudar a mente de Sejna, Thompson recomendou a Sejna que ele não deveria dizer aos Estados Unidos o que podemos fazer e encerrar abruptamente a reunião.

Neste ponto, surgem dúvidas adicionais. Quem chamou Thompson e solicitou sua assistência, e por quê? Por que não era do interesse dos Estados Unidos ter explicado a invasão ao público dos EUA e ao resto do mundo? Mais importante, quem estava puxando as cordas?

Em deferimento ao pedido de Sejna, ele foi colocado em contato com um repórter do New York Times, Richard Eder, e ofereceu a oportunidade de subir a Nova York, às custas dele (Sejna) e dizer o que queria dizer. Isso ele fez, e depois ficou chocado com a maneira como a entrevista foi escrita[23]. Como Sejna descreveu os artigos, Eder não usou nenhum dos fatos mais importantes por trás da invasão, por exemplo, a preparação prévia de sete meses, torceu muito do que Sejna teve que dizer para o comprometer e mentiu sobre a entrevista de uma maneira que fez com que Sejna pareça uma “primitiva”. Ele ligou para Eder em Nova York e reclamou amargamente. A resposta de Eder foi que não era sua culpa. Seus editores eram responsáveis pela forma final do artigo, ele disse a Sejna.

Não obstante a natureza dos relatórios, um leitor moderadamente informado ainda teria que se perguntar o que mais Sejna tinha a dizer sobre eventos politicamente importantes nos quais os soviéticos haviam participado. Nem os artigos de Eder eram o único motivo pelo qual alguém deveria ter alcançado (ou claramente alcançado) essa conclusão. Nem parece credível que a informação de Sejna no Plano de Longo Alcance

tenha sido negligenciada apenas por acidente.

No verão de 1968, um dos manipuladores da CIA da Sejna aconselhou-o a escrever sua história, que poderia ser publicada e fornecer uma boa renda. Sejna começou a trabalhar à noite escrevendo sua história. A noiva de seu filho digitou o manuscrito, que a CIA traduziu para o inglês como estava sendo produzido. O manuscrito, que correu para mais de 300 páginas, foi concluído pouco antes do Natal naquele ano.

Não tratava de questões táticas militares. Ele estabeleceu os antecedentes de Sejna, incluindo os vários cargos que ocupou, sua interação constante com os líderes comunistas de mais alto nível de todos os países e, de especial importância, a natureza e a dimensionalidade da estratégia de longo alcance soviética e o processo revolucionário mundial. Novamente, é inconsistente com a natureza do processo de inteligência acreditar que este material não foi revisado dentro da divisão da CIA responsável por Sejna[24]. Também não parece provável que qualquer pessoa com responsabilidades em inteligência nas operações do Bloco soviético possa ter lido o documento e não entendido que aqui era uma fonte de imenso valor (ou perigo, dependendo da própria perspectiva) e um desertor que estava sendo totalmente *mis-debriefed.*

Quando o primeiro rascunho de Sejna foi concluído, em meados de dezembro de 1968, ele deu uma cópia ao *Readers Digest*. Anteriormente, a CIA permitiu que um editor de *Readers Digest* se reunisse e entrevistasse Sejna. Durante sua conversa, Sejna mencionou o livro que ele estava escrevendo. O editor pediu para ver uma cópia quando terminou[25]. Evidentemente, gostaram do que viram, porque eles Preparou um contrato para publicar o livro e cinco artigos curtos, que a Sejna assinou.

O que aconteceu a seguir é de fundamental importância. Como um membro sênior da equipe de contra-inteligência de James Jesus Angleton explicou, quase imediatamente após a inauguração do presidente Nixon em janeiro de 1969, uma diretiva foi enviada da Casa Branca para a CIA, ordenando-lhes que cessassem de informar Sejna imediatamente e, no processo de se livrar dele, não para lhe dar um emprego no governo dos EUA. Ainda mais surpreendente do que essa Casa Branca interessada em um desertor checoslovaco que tinha sido tão sem importância que ele só valia a interrogatório sobre questões militares táticas, foram os comprimentos a que a CIA foi implementar a diretoria da Casa Branca o mais rápido possível humanamente.

Sejna foi informado de que os esclarecimentos tinham sido encerrados e no dia seguinte ele foi transferido a uma casa segura. Sem providenciar uma nova identidade para Sejna, ou prestar qualquer atenção evidente à segurança pessoal de Sejna, a CIA passou a ajudar Sejna a encontrar uma casa para alugar em Maryland. Em quase seu primeiro dia na nova casa, o Serviço Postal dos EUA entregou um envelope dirigido ao “General Sejna” do agente imobiliário. Foi sua cópia do contrato de locação. O aluguel real, ele observou, era mais que o salário que ele estava recebendo da CIA. Ele logo soube que seu vizinho era um diplomata búlgaro. Finalmente, no processo de localização de uma escola para o irmão da noiva do seu filho, que havia desertado em agosto de 1968 e depois de vários meses se reuniram com sua irmã, ele pediu à CIA que conseguisse uma escola segura. Foi-lhe dito que o tinham verificado e era - apenas para aprender mais tarde que os filhos de dez diplomatas checoslovacos estavam a frequentar a escola. Tudo isso pode ser desculpado como supervisão ou como uma série de coincidências infelizes? Ele estava sendo ensinado uma lição? Ou foi o objetivo de deixar os soviéticos saberem onde encontrar Sejna? Então, foi-lhe dito que não havia trabalho para ele em Washington - não obstante o acordo inicial que ele havia alcançado com a CIA, que incluiu emprego produtivo, escolaridade para seu filho e a estipulação de que seu filho não deveria ser recrutado para servir no Vietnã (seu o filho tinha um disco

fundido nas costas), como condições para a cooperação de Sejna. A CIA renunciou às três disposições.

Toda a maneira pela qual os esclarecimentos de Sejna foram primeiro cuidadosamente controlados e restritos à área militar tática, apesar das sugestões de Sejna de áreas mais importantes para o inquérito, e depois terminou precipitadamente, levanta questões sérias. Parece que alguém com mecanismos de controle dentro da CIA e com acesso à Casa Branca sabia que Sejna era uma bomba relógio que precisava ser desarmada.

Claramente, o conhecimento de Sejna colocou em perigo inúmeras operações, métodos, agentes e planos do bloco soviético. O problema certamente foi reconhecido pelos poderes de controle no instante em que sua deserção se tornou conhecida. Parece também que a sua importância era improvável de ter sido conhecida pela CIA ou funcionários da Casa Branca devido a limitações em seus próprios conhecimentos de fundo, conforme descrito anteriormente. O processo de interrogatório manteve Sejna fora do caminho por um ano; mas o surgimento de seu manuscrito poderia ter sublinhado a necessidade de buscar uma solução mais permanente. Seja qual for a causa, os mesmos poderes que controlaram o processo podem ter reconhecido que foram necessárias medidas adicionais. O tempo é a essência do sucesso no trabalho de inteligência. A confusão dentro da (nova) administração Nixon forneceu uma cobertura ideal para deslocar a ameaça que Sejna representou; daí, a diretiva da Casa Branca após a inauguração.

A questão é, quem tomou essa decisão? Parece razoável concluir que mais de uma pessoa estava envolvida, assim como mais de uma pessoa teria sido necessária para controlar o processo de esclarecimento de forma tão completa e efetiva por dez meses. A operação parece ter desfrutado da coordenação da CIA-Casa Branca. Ou seja, os deslizes parecem estar bem engraçados. Caso contrário, a implementação pela CIA não teria prosseguido de forma tão expedita, se fosse de todo. Poderia haver uma ligação entre a conclusão do manuscrito de Sejna e sua submissão ao *Reader's Digest*, ou estava tudo planejado com meses de antecedência, apenas esperando a turbulência associada à chegada da nova administração para sua implementação?

Como parte de seu contrato de livro com o Reader's Digest, Sejna trabalharia com o Digest ao escrever cinco artigos. O primeiro foi colocado em abril de 1969. Tratou-se da apreensão do navio de cobrança de inteligência dos EUA, Pueblo, pelos norte-coreanos em 23 de janeiro de 1968. No artigo[26] Sejna, estabeleceu o tempo, o local e as circunstâncias em que ele foi informado pelo marechal Andrei Grechko, ministro da defesa soviética, da estratégia soviética para humilhar o programa de coleta de inteligência dos EUA.

Sejna descreveu toda a estratégia soviética, incluindo a lógica subjacente ao uso dos norte-coreanos e a excitação soviética sobre o volume de inteligência que obtiveram quando informaram a liderança checoslovaca alguns dias antes da partida de Sejna para o Ocidente.

O que foi particularmente lamentável quanto ao fracasso da inteligência norte-americana em ter obtido a informação sobre objetivos soviéticos e seu uso da inteligência norte-coreana é a possibilidade de que a informação, se obtida anteriormente, possa ter sido usada para evitar o abatimento da US EC-121 aviões de reconhecimento que ocorreram no mar do Japão em abril de 1969.

Alternativamente, também é fácil entender por que a liderança estratégica dos EUA talvez não tenha gostado do que Sejna tinha a dizer. Por exemplo, no artigo, ele descreveu a situação no dia seguinte à prisão do Pueblo, quando o coronel geral soviético

Aleksandr Kushchev, o principal conselheiro militar soviético em Praga, explicou aos mais altos membros da liderança checoslovaca o que aconteceu:

Toda a operação funcionou suavemente - incrivelmente suave. A equipe do Pueblo, a um homem, capitulou. Eles não dispararam um tiro. Francamente, pensamos que seria muito mais complicado. Os americanos ficaram tão desconcertados que não conseguiram destruir milhares de documentos. Levará bastante tempo nossos especialistas para analisá-los. Todos ouvimos falar sobre o que um excelente sistema de comunicação e comando que os americanos têm, como eles usam computadores, como eles podem responder instantaneamente a um ataque.

"Bem, ontem levou Washington literalmente horas para se juntar e até começar a reagir. Este é um exemplo exato de como a tecnologia militar mais avançada não pode compensar a falta de vontade e liderança"[27].

O prefácio do artigo de Jan Sejna foi particularmente interessante. Depois de apresentar o autor, o editor reconheceu que o artigo tinha sido extraído do próximo livro de Sejna e depois afirmou: "Muito do que ele relata aqui não pode ser confirmado por causa dos círculos enrugados em que se mudou. Mas ele foi entrevistado extensamente por editores da Digest, e referências específicas que poderiam ser verificadas de forma cruzada foram minuciosamente investigadas. Nenhuma contradição foi descoberta".

Achados semelhantes foram relatados por Lord Chalfont em 1975, quando escreveu a série de três artigos para *The Times of London,* citados anteriormente, com base em entrevistas com Sejna. Ninguém, ao meu conhecimento, incluindo os principais especialistas em inteligência e contra inteligência dos EUA e da Inglaterra que trabalharam com Sejna, já encontrou qualquer motivo honesto para questionar.

Sejna é de boa fé. O artigo do Reader's Digest também contém um parágrafo final que o editor (possivelmente um editor diferente) adicionou ao artigo de Sejna. Esse parágrafo dizia o seguinte: "As afirmações do general Sejna foram disponibilizadas ao Reader's Digest em 13 de abril passado, apenas dois dias antes de os MIG da Coréia do Norte derrubar um avião de reconhecimento da Marinha dos EUA EC-121 no Mar do Japão. Não existe nenhuma evidência nesta escrita de que a União Soviética teve uma mão neste segundo ato de pirataria perpetrado pelos norte-coreanos dentro de 15 meses".

Por que o editor do Reader's Digest de repente questionou a inteligência de Sejna ao se referir agora ao que Sejna tinha a dizer como "afirmações"? Por que o editor ainda sugeriu que ambos os atos de pirataria foram perpetrados pelos norte-coreanos quando Sejna acabara de explicar que o caso de Pueblo era uma operação dirigida por soviéticos e dirigida? E por que o editor de repente e gratuitamente sugeriu que não havia evidências de que a União Soviética estivesse envolvida no segundo ato de pirataria? Seja como for, a presunção deveria ter sido que o segundo ato de pirataria tinha sido apenas uma continuação destinada a capitalizar o sucesso do primeiro ato. Foi estabelecido já em 1946 que a inteligência soviética criou, treinou e dirigiu inteligência norte-coreana. Essa direção soviética continuou com pouca diminuição de controle bem além dos incidentes Pueblo e EC-121. Além disso, a CIA determinou que os soviéticos rotineiramente passaram dados sobre a localização de navios americanos em águas norte-coreanas para inteligência norte-coreana[28].

Sejna confirma o controle soviético da inteligência norte-coreana e acrescenta que a Coréia do Norte foi frequentemente usada como um país de transferência para trazer pessoas secretamente para os países do bloco soviético[29]. Além disso, pode ser relevante lembrar que os pilotos soviéticos são conhecidos por pilotar aviões norte-coreanos em combate com os Estados Unidos durante a Guerra da Coréia, embora este

fato tenha sido mantido em segredo por muitos anos. É preciso se perguntar: o que estava acontecendo. Por que o Digest queria prejudicar seu próprio artigo?

Todos os três jornais de Washington levaram histórias sobre o artigo de Sejna e tanto a *Associated Press* como a *United Press* International despacharam histórias sobre os fios internacionais e domésticos. Curiosamente, o New York Times não imprimiu nada. Como o editor Digest que trabalhou com Sejna na preparação do artigo escreveu para ele na sequência da publicação do artigo, “Por que [o New York Times ignorou o artigo], não consigo imaginar”. Como indicado anteriormente, depois que os esclarecimentos de Sejna foram terminados abruptamente, ele foi informado de que não havia trabalho para ele no governo. Pouco tempo depois, a CIA persuadiu Sejna a aceitar uma pequena recompensa de montante fixo e, em seguida, arranjou para que ele se mudasse para Lake George, Nova York. A CIA também o ajudou a obter um restaurante, que ele então gerenciaria como sua “nova vida”. Quem tomou a decisão de mover um antigo comunista de alto escalão sem experiência capitalista em um negócio no que deve ser considerado como uma região particularmente capitalista do Estado de Nova York é outra questão importante não respondida. Escusado será dizer que o negócio de Sejna falhou e, no prazo de nove meses, ele estava destituído.

As chamadas repetidas para a CIA para assistência foram resgatadas. Finalmente, em desespero e com a ajuda de seu filho, Sejna escreveu uma pequena carta ao diretor da CIA, Richard Helms, Explicando a natureza trágica de sua situação e oferecendo seu conselho sobre como a CIA poderia mudar sua abordagem para lidar com desertores para que esse tipo de situação fosse evitada no futuro. A carta gerou ação. O membro da divisão do Bloco soviético da CIA, partidário da Checoslováquia, subiu ao lago George e trouxe Sejna e sua família de volta a Washington.

Antes de examinar o que aconteceu após o seu retorno, é importante reconhecer uma conquista positiva de Sejna enquanto lutava para sobreviver, estilo capitalista, no estado de Nova York. Refez o manuscrito para o livro de acordo com as instruções do editor Reader's Digest. O segundo rascunho terminou na mesma época em que Sejna chegou ao fim de sua corda financeira, em novembro de 1969. Posteriormente, depois de retornar a Washington, enquanto ele tentava consertar sua auto-estima, o Reader's Digest conseguiu ter um professor emigre checo traduz o novo manuscrito e também contratou um editor de tempo integral, que eles criaram no Sheraton Hotel em Washington por seis meses, sem uma pequena despesa, para editar o manuscrito traduzido.

No início do verão, o manuscrito foi concluído e o editor do New York Reader's Digest disse a Sejna que o manuscrito estava bem e não precisava mais editar. Eles estarão de volta em contato com ele em Washington em algumas semanas. Algumas semanas passaram sem nenhuma palavra recebida. Ele telefonou para saber o que estava acontecendo e foi-lhe dito para ir ao escritório de Washington, onde o editor de Washington informou que o Readers Digest decidiu não publicar o livro por razões econômicas. Sejna lembra a explicação simples do editor: “Não foi nossa decisão”. As tentativas do general Sejna de encontrar uma editora dos EUA para o manuscrito provaram ser infrutíferas*.

Não foi até que a inteligência britânica ofereceu para ajudar que uma editora fosse encontrada - uma editora britânica. O livro de Sejna, *We Will Bury You*, foi finalmente publicado em 1982 pela empresa londrina *Sidgwick & Jackson*. Claro, naquela época muitas pessoas no ocidente consideravam o que Sejna tinha a dizer como história antiga.

Quando o general Sejna foi trazido de volta a Washington no final de 1969, seu

controle foi transferido para contra-inteligência sob James Angleton. Embora houvesse alguns indícios de um interesse mais amplo no conhecimento de Sejna por parte de seus manipuladores em contra-inteligência, ele era, se alguma coisa, tratado de pior do que em 1968 - quando pelo menos os esclarecimentos eram profissionais se não bem-dirigido. Em um momento, ele foi convidado a escrever vários papéis, e um aposentado da CIA que era um desertor checoslovaco foi trazido para ajudar a traduzir e escrever o que Sejna tinha a dizer.

Entre as informações contidas nesses pequenos artigos foram as primeiras revelações sobre o treinamento do Bloco soviético de terroristas internacionais; A penetração dos serviços de inteligência do crime organizado pelo Soviete; o uso soviético de organizações esportivas em conexão com operações de inteligência militar; o acordo formal sobre a direção soviética e o controle dos serviços de inteligência dos países satélites assinados em uma reunião em Moscou dos chefes dos serviços de inteligência do bloco soviético em outubro de 1964; fraude e maskirovka; e recomendações sobre o uso de narcóticos contra as forças dos Estados Unidos na Coréia[30]. A reação do manipulador de Sejna a toda essa informação foi:

"Você está escrevendo demais. Não tenho tempo para lê-lo. Pare com isso"[31].

Durante a sua "posse" no escritório de contra-inteligência, como outro agente de contra-inteligência explicou, o general Sejna foi empregado quase que exclusivamente para ler inúmeros jornais soviéticos e da Europa Oriental e escrever em fichas os nomes de todos os cidadãos dos EUA que aparecem em os artigos. Como atividade secundária, ele foi enviado a vários países estrangeiros para informar seus funcionários sobre a estratégia soviética. Nessas visitas, o general Sejna encontrou um público receptivo e apreciativo.

Além disso, e a tentativa abortiva de redigir os trabalhos descritos acima, as únicas tentativas de aproveitar o vasto conhecimento de Sejna foram os esclarecimentos realizados pela contra-inteligência britânica, cujos elementos substanciais foram incorporados em seu manuscrito. Não houve esclarecimentos detalhados da equipe de contra-inteligência da CIA. Também é relevante ao analisar este assunto para reconhecer que o General Sejna não é um exemplo exclusivo de falha no EUA para debater e lidar com um desertor chave corretamente. O fracasso da CIA em fazer um bom uso dos desertores tornou-se suficientemente conhecido em que as audiências do Congresso foram realizadas sobre o assunto e, em 1985, o Conselho Consultivo de Inteligência Estrangeira do Presidente começou a examinar o assunto.

O tratamento de Yuri Nosenko e de Anatoliy Golitsyn[32] são dois dos casos mais conhecidos, mas difíceis de lidar devido às sérias implicações de contra-inteligência. Basta dizer que a CIA falhou seriamente em debater um desertor que a inteligência britâ-

* Nota do Editor: O mesmo jogo estéril e inútil foi jogado com um manuscrito preparado pelo verdadeiro desertor soviético Anatoliy Golitsyn. Após uma busca infrutífera de uma editora dos EUA, uma editora britânica, Edward Harle Limited, que produziu o presente trabalho, foi encontrada; E *The Perestroika Deception* 'apareceu devidamente [1995 e 1998]. Inicialmente, este Editor também, de forma equivocada, buscou uma editora dos EUA em nome do Sr. Golitsyn. Em uma ocasião, uma organização dos EUA conhecida por ter conexões de comunidade de inteligência escreveu uma calorosa carta de elogio sobre o novo trabalho de Golitsyn para um editor na área de Washington, com base na lista de conteúdo provisório para o livro fornecido pelo Editor. Em uma frase separada, porém, o escritor acrescentou que "pessoalmente, eu não concordo com isso". A lição parece ser os desertos genuínos (em oposição a controlados) aos Estados Unidos que estão insatisfeitos com seu tratamento nas mãos da inteligência dos EUA e procuram publicar os frutos de seus trabalhos e experiência no interesse da verdade e integridade, Seria melhor aconselhar-se a abordar os editores em Londres desde o início, sem perder tempo fazendo as rodadas em Washington.

nica considerava ser o desertor mais importante da época. Vladimir Sakharov[33], que foi um dos primeiros desertores a "ir ao público" com sua história de manipulação incorreta e incompetência da tradição da CIA, desempenhou um papel importante em chamar a atenção para o problema de má manipulação. O tenente general Ion Pacepa[34] é outro exemplo interessante que tem certas semelhanças com o caso de Sejna. Pacepa era um oficial de inteligência romeno de alto escalão. David B. Funderburk foi embaixador dos EUA na Romênia de 1981 a 1985. Em seu livro sobre seu mandato como Embaixador[35], Funderburk descreveu suas tentativas de reduzir a política da Romênia de roubar a tecnologia do Ocidente. As evidências sobre essas transferências dataram de meados da década de 1960, de acordo com os maiores laços da Romênia com o Ocidente.

Funderburk explicou: "Embora eu não tenha a liberdade de apresentar a informação de inteligência que documenta caso após caso, posso dizer que a Pacepa informou publicamente sobre muitos deles. Além disso, foi informado em uma reunião da CIA durante o verão de 1984 que a Pacepa nunca foi questionada sobre a transferência de tecnologia pela inteligência americana quando ele saiu em 1978. Isso parece uma omissão estranha". Estranho, porque o roubo de tecnologia era uma das principais responsabilidades da Pacepa. Funderburk também indicou que, quando a Pacepa começou a relatar as operações de roubo da tecnologia na Romênia, o Departamento de Estado iniciou uma operação de desinformação. No entanto, "o Departamento de Estado pode continuar usando minuciosas discrepâncias para desacreditar todas as revelações de Pacepa, mas não irá apagar os relatórios que ele fez, que outra evidência que a inteligência americana já tem"[36].

Enquanto a maioria desses casos pode ser descartada como manuseio inadequado ou exemplos de um viés antidefeitor, o caso de Sejna distingue-se devido ao seu amplo conhecimento e experiência nos níveis mais altos em todo o sistema comunista. Minha conclusão é que é totalmente desrespeitoso tentar desculpar o que aconteceu com Sejna (e continuar acontecendo até sua morte em 1997 - Ed.) Como simples tradecraft, técnica descuidada, resultados de desconfiança de desertores dentro da inteligência dos EUA ou mera incompetência . Pelo contrário, parece claro que Sejna foi tratada, pelo menos durante o seu interrogatório formal em 1968, de uma maneira extremamente profissional, embora não de acordo com os interesses dos Estados Unidos. Parece igualmente claro que o que Sejna tinha a dizer era contrário à detente e poderia ter causado grandes danos à estratégia soviética e às operações de inteligência soviética - se alguém o tivesse escutado e atuado sobre essa informação vital.

Este é o ponto crítico. Certamente, no início, e continuando até o momento em que a CIA terminou seu relacionamento com Sejna em meados da década de 1970, as únicas pessoas que realmente sabiam o quão importante era o conhecimento de Sejna eram, aparentemente, os Conselhos de Defesa da Checoslováquia e da União Soviética.

A natureza detalhada do conhecimento do general Sejna pode ser deduzida dos capítulos anteriores. Esse material também não representa o limite do conhecimento de Sejna sobre as operações de drogas do bloco soviético. Deixei de lado material considerável que não era essencial para essa história; Por exemplo, nomes de indivíduos específicos que estavam dirigindo e executando diferentes fases das operações, detalhes sobre muitas reuniões e planos relacionados a drogas e operações do bloco soviético em África, Oriente Médio, Europa, Ásia do Sul e Extremo Oriente.

Além disso, a estratégia de drogas do bloco soviético não era a única área onde Sejna poderia oferecer um conhecimento detalhado. Pelo contrário, como resultado de sua posição, o conhecimento geral de Sejna era conhecido por ser enciclopédico. Os dados de narcóticos representavam apenas uma pequena amostragem. Seu

conhecimento abrangeu uma grande variedade de militares, inteligência, planos políticos, operações, estratégias e táticas comunistas[37]. Também é importante reconhecer que o que o general Sejna teve a dizer foi confirmado uma e outra vez - o material sobre treinamento, fornecimento e financiamento soviéticos de terroristas internacionais é um exemplo típico.

Outra instância esclarecedora da precisão das revelações de Sejna no domínio público foi o relatório do desertor checo sobre o uso exitoso dos meios soviéticos da mídia ocidental para desacreditar Franz Josef Strauss. Os detalhes dessa operação e os esforços bem-sucedidos de Sir James Goldsmith para confirmar a informação de Sejna são apresentados no livro de Chapman Pincher, *Secret Offensive*[38]. Além disso, em discussões com vários funcionários de inteligência que trabalharam com Sejna e estudado seus dados, não descobriu um indício de que qualquer um desses funcionários conhecesse dados fornecidos por Sejna que demonstraram ser suspeitos, deliberadamente enganosos ou falsos.

Houve uma tentativa contínua dos profissionais da CIA ao longo dos anos de desacreditar o general Sejna. A campanha começou quase assim que suas consultas começaram e nunca cessaram. Entre os casos mais importantes foram as tentativas no início dos anos 80 para desacreditar o testemunho de Sejna sobre o envolvimento soviético no terrorismo internacional. Um exemplo mais típico foi a declaração de um funcionário de nível médio da CIA em 1986 para alguns pesquisadores da Faculdade de Direito e Diplomacia Fletcher que estavam levando o testemunho de Sejna em um projeto de história oral. O funcionário se referiu a Sejna como apenas uma “meretriz de dois bits”; Na verdade, aconselhando-os a não prestarem atenção ao que o general Sejna tinha a dizer.

Como a experiência da Sejna em várias áreas de importância estratégica apareceu ao longo dos anos, os especialistas em inteligência perguntam por que ele não nos falou sobre algo antes - ou desacreditar a informação, sugerindo que ele se tornou mais inteligente com a idade. Era claro que, como regra geral, nem a inteligência nem a comunidade da política de segurança nacional gostavam do que Sejna tinha a dizer. Ele foi visto, não como um especialista de quem aprender, mas como uma ameaça para políticas enraizadas e percepções miserativas institucionais sobre como funciona o sistema comunista. Mas acima de tudo, ele era uma ameaça à estratégia de subversão política comunista.

Assim, a questão não é, por que ele não nos disse essas coisas antes? A resposta a essa pergunta é que ninguém perguntou, ninguém queria saber, e muitos não queriam saber. As questões reais são, por que as pessoas não querem saber; por que não houve tentativa de questioná-lo seriamente ou mesmo de aprender o espectro total de seu conhecimento? Por que os rumores falsos se espalharam em uma campanha para impedir que outros ouvissem o que ele tinha a dizer? Quem estava por trás da campanha concertada para enterrar o conhecimento de Sejna? E, por que esse processo continua mesmo hoje?

Eu repito: como é que uma grande ofensiva da inteligência do bloco soviético global, como a operação de drogas soviética, está em andamento há tanto tempo sem que os Estados Unidos saibam o que estava acontecendo? Esta questão crucial tem uma resposta simples. Ninguém no governo dos EUA com a autoridade ou a responsabilidade de agir, evidentemente, queria saber ou quer saber. Na verdade, eles queriam não saber. Isso ainda é verdade hoje e o conhecimento dessa realidade fornece uma das minhas motivações para escrever este livro.

Existem outros exemplos importantes em que o conhecimento de Sejna é

ignorado? Sim, numerosos: por exemplo, tomada de decisão soviética; Estratégia soviética de longo alcance; Práticas soviéticas de engano estratégico; Operações de inteligência do bloco soviético; Estratégia de guerra revolucionária soviética; Penetração soviética e uso do crime organizado; Penetração soviética e subversão de partidos políticos, especialmente os social-democratas; e o patrocínio soviético do terrorismo internacional, para mencionar apenas algumas áreas da experiência do desertor. O conhecimento do general Sejna sobre esses (e outros) assuntos não teve precedentes no sentido de que existem outras fontes com informações consideráveis e detalhadas sobre eles. O que era único no entanto, e praticamente sem precedentes no caso de Sejna, era sua perspectiva de alto nível. Ele foi capaz de explicar as operações e estratégias globais, o que permite ao analista entender como os vários detalhes de outras fontes e de áreas aparentemente independentes se relacionam e se encaixam. Ou seja, ele forneceu o quadro geral que dá significado às informações individuais fornecidas pelas muitas fontes de nível mais baixo.

Enquanto Sejna desertou em 1968, seu amplo conhecimento é especialmente importante agora, entendendo as mudanças cataclísmicas que estão ocorrendo. Sua compreensão de alto nível de como o sistema comunista manipulou mudanças anteriores e de como as organizações são divididas e reconstituídas em diferentes formas, especificamente para enganar o Ocidente sobre a natureza das mudanças, deve ser mais valiosa hoje. Um contexto seria entender o suposto “desmantelamento” das várias agências secretas de inteligência e os mecanismos pelos quais várias agências governamentais em países satélites são “controladas” por Moscou.

Esses erros de omissão perturbadores trazem a mente idéias adicionais fornecidas durante um colóquio sobre inteligência em 1987 por Ken de Graffenreid. De Graffenreid foi responsável pela inteligência sobre o pessoal do Conselho de Segurança Nacional de 1981 a 1987. Ele identificou o que era em sua opinião um problema significativo de contra-inteligência dos EUA; Nomeadamente, que muitos funcionários dos EUA se opõem a atividades destinadas a combater as operações de inteligência soviéticas. “Quando eu estava no NSC”, ele explicou: “um exemplo foi a insistência de muitos colegas do Departamento de Estado de que um esforço pequeno, diplomático ou de outra forma, deveria ser direcionado à ameaça da KGB nos Estados Unidos”. Eles argumentaram que fazer isso “chateava as relações EUA-soviéticas”.

Além disso, de Graffenreid explicou que “qualquer que seja a política durante meus anos na Casa Branca (1981-1987), o Departamento de Estado, a meu ver, se opôs pelo menos inicialmente a cada uma das centenas de recomendações para lidar com a ameaça da inteligência hostil apresentado no governo[39]. Essa oposição à ação contra os agentes de inteligência do Bloco soviético, em particular o KGB e GRU, foi uma fonte de contenção muito antes de 1981. O FBI encontrou continuamente problemas para obter a aprovação da ação PNG (*persona non grata*). O mesmo é verdade no negócio de drogas. Em sua carta de demissão de 31 de julho de 1989, o comissário de alfândega dos EUA, William von Raab, escreveu: “Nos últimos oito anos, o Departamento de Estado se opôs para todos os esforços para controlar a produção de drogas estrangeiras, ganhando assim o título de “objetores conscientes” na guerra contra as drogas”[40].

A segunda característica da inteligência dos EUA, que ajuda a explicar a evidente falta de atenção direcionada à estratégia soviética de tráfico de drogas, diz respeito às percepções entre os decisores e os conselheiros norte-americanos sobre o funcionamento do sistema comunista - especialmente a coordenação que ocorre entre as operações de inteligência soviéticas e aquelas dos seus países satélites e os mecanismos pelos quais as operações de países satélites são iniciadas e controladas. Há duas

questões importantes. O primeiro diz respeito ao controle interno. Quando vários funcionários de um país comunista estão envolvidos no narcotráfico, o governo do país está envolvido? O segundo diz respeito ao controle externo e ao grau em que a União Soviética é responsável pelas ações de seus países satélites.

Os sistemas comunistas são conhecidos por seus mecanismos de controle interno efetivos. Esta é uma das principais funções da notória polícia secreta. As pessoas são obrigadas a espionar seus associados, mesmo em seus pais. Além disso, existem organizações importantes cuja função é a organização de espionagem nos próprios cidadãos da nação. As organizações que vigiam seus próprios cidadãos incluem a polícia secreta ou a contra-inteligência civil e, no caso dos militares, a contra-inteligência militar e a Administração Política Principal. Há também uma variedade de órgãos do Partido menos conhecidos, especialmente no que diz respeito à vigilância dos observadores; Isto é, uma agência de contra-contra-inteligência. Como Sejna descreveu a situação, cada pessoa é vista de três maneiras. Portanto, é inconcebível que qualquer indivíduo se envolva em tráfico significativo de narcóticos sem o conhecimento, a aprovação e a participação do Estado.

É bem verdade que há corrupção e operações ilegais nos países comunistas. Mas não é verdade que eles não são conhecidos. Em vez disso, eles são conhecidos e são tolerados. De fato, a tolerância de certas atividades ilegais é a única forma de o sistema comunista poder sobreviver. Além disso, a corrupção é, em certo sentido, desejada porque as pessoas corrompidas geralmente podem ser chantageadas ou intimidadas e, como tal, são mais fáceis de direcionar e controlar. A questão do que é tolerado gira em torno da promoção da política do Estado. Muitos vícios são aceitos. O mercado negro é geralmente tolerado. O uso indiscriminado de mulheres por altos funcionários é tolerado. Mas a corrupção que afetaria negativamente a política do Estado, a corrupção considerada como traidora, não é tolerada. Certamente, o tráfico de drogas em grande escala e a lavagem de dinheiro associado não seriam tolerados porque colocaria a política do Estado em risco.

Na medida em que é tolerado, é absorvido em uma operação de inteligência dos pais, onde pode ser cuidadosamente monitorado e controlado. A ideia de funcionários cubanos envolvidos como são, ou os búlgaros, ou nicaraguenses, vietnamitas ou norte-coreanos e assim por diante, sem direção e controle oficiais, simplesmente não é uma proposição razoável. Esses países não simplesmente “facilitam” ou “toleram” o tráfico. Eles autorizam, direcionam e controlam o tráfico como uma atividade oficial do Estado. Fixar a responsabilidade pelas operações de inteligência de países satélites é uma tarefa mais difícil, mas igualmente importante. Na verdade, é essencial, e não apenas por causa do negócio de drogas. Os soviéticos usam habitualmente países satélites e substitutos como agentes na implementação de operações de inteligência soviética. Isso foi apontado para funcionários dos EUA por inúmeros desertores dos serviços de inteligência do Bloco soviético. Existem várias razões; Alguns são óbvios. A razão óbvia, e muitas vezes fornecida por desertores na tentativa de explicar o que está acontecendo, é permitir a distância e negação da União Soviética.

Em operações potencialmente embaraçosas. Certamente, o narcotráfico é um excelente exemplo de uma operação tão negativa. Os assassinatos com alto risco de divulgação são outro bom exemplo. Minimizar o risco político associado também é uma razão para usar os substitutos do país do Terceiro Mundo - como explicado por Janos Kadar, Primeiro Secretário do Partido Comunista Húngaro, na proposta que ele fez na reunião de Moscou de 1962 (Capítulo 4).

Os fatores menos óbvios são que, em muitos aspectos, os serviços de países

satélites soviéticos são mais imaginativos e competentes do que os próprios serviços de inteligência soviéticos. Os países satélites geralmente têm habilidades e conhecimentos que faltam ou são escassos na União Soviética. Os serviços de países satélite também têm melhores laços étnicos em muitos países, por exemplo, no Oriente Médio ou na América Latina. Esses vínculos são explorados na criação de operações de inteligência. E, finalmente, a maioria dos países desconhece intrinsecamente os soviéticos, mas não dos cidadãos países satélites, que tendem a ser considerados vítimas e não co-conspiradores. Todos esses fatores levaram ao desenvolvimento de serviços de inteligência de países satélites eficazes e operacionais, dos quais o serviço de inteligência checoslovaco foi um exemplo especialmente bom. Isso ressalta a importância do conhecimento de Sejna. Como secretário do Conselho de Defesa, Sejna participou da revisão e aprovação anual dos planos de inteligência de um ano e durante os Congressos do Partido, nos planos de inteligência de cinco anos e quinze anos

A questão crítica, então, é, em que medida esses serviços de países satélite são independentes? Se os búlgaros ou os cubanos estão traficando drogas, como estão, os soviéticos estão ligados ou responsáveis? Esse tipo de pergunta incomodou a inteligência dos EUA no início. Como explicado pelo falecido James Angleton, o lendário chefe da contra-inteligência dos EUA até que sua organização foi quebrada em dezembro de 1974: “Desde 1948, [a CIA e seus serviços irmãos na Grã-Bretanha, França e Alemanha] encontraram provas suficientes de Coordenação [entre inteligência soviética, búlgara, leste-alemã, líbia, cubana, húngara, romena e polonesa] durante períodos prolongados para satisfazer até os céticos[41].

Angleton identificou os dois aspectos críticos da continuada relutância dos funcionários dos EUA em fazer a conexão. “Pode ser politicamente conveniente supor que os serviços de inteligência do bloco soviético atuam independentemente da União Soviética, especialmente quando se trata de um assassinato, mas o que realmente não sabemos, ou talvez queremos saber, é qual é a natureza do relacionamento entre a KGB e os outros serviços de inteligência comunistas?”[42]. “Politicamente conveniente” é uma subavaliação. Muitos formuladores de políticas simplesmente não quis (não) querem saber ou admitir as relações entre o soviético e os serviços de inteligência por país satélite. A admissão restringiria as opções políticas, particularmente a liberação de materiais e tecnologia estrategicamente importantes

A natureza real do relacionamento é outro elemento significativo de informação que foi fornecido pela Sejna. O controle soviético sobre as organizações de inteligência por países satélites foi formalmente estabelecido, explicou-me, quando os chefes do serviço de inteligência do satélite reuniram-se em segredo em Moscou em 3 de outubro de 1964 e assinaram um acordo que estabelece um “sistema integrado de inteligência” do Pacto de Varsóvia. Nos termos do acordo, todas as atividades de inteligência por país satélite seriam coordenadas por Moscou. Todos os planos operacionais - os planos de longo prazo de quinze anos, os planos quinquenais que foram coordenados com o orçamento de financiamento de cinco anos e os planos de um ano - seriam aprovados pelos soviéticos. Os soviéticos determinariam quando os serviços de satélite cooperariam nas operações e também coordenariam todas as atividades dos Departamentos países satélites de Propaganda Especial. Toda a inteligência coletada deveria ser passada imediatamente para Moscou e os soviéticos determinarão então toda a distribuição subsequente. De especial importância para o tráfico de drogas e narcóticos, além da exigência de todos os planos serem aprovados pelos soviéticos, foi a estipulação de que os agentes de inteligência estratégica seriam treinados na URSS.

Esses arranjos fornecem uma ilustração de alguns dos mecanismos pelos

quais os soviéticos mantêm o controle de seus países satélites. Operações como tráfico de drogas, assassinatos e espionagem estratégica não são realizadas, exceto pela direção soviética. A formulação dos planos de um, cinco e 15 anos é, em geral, entre os mecanismos de controle mais importantes, na medida em que todas as atividades são planejadas com antecedência, e até mesmo novas, as ações de "emergência" precisam ser aprovadas da mesma forma que os planos regulares antes que possam ser implementados[43].

A Inteligência cubana, que havia trabalhado em estreita colaboração com os serviços de inteligência de países satélites da Tchecoslováquia e outros soviéticos desde o início da década de 1960, foi incorporada de fato no sistema de inteligência integrada em 1967, informou Sejna. Os planos de inteligência de um ano foram formulados e aprovados no outono. Foi durante este processo de revisão, em novembro de 1967, que Sejna reconheceu que o plano de inteligência cubano não era independente, mas que havia sido incorporado no sistema integrado de inteligência do Pacto de Varsóvia.

Como tal, as operações cubanas foram coordenadas e controladas pelos soviéticos. Anteriormente, o controle tinha sido mais indireto, com a presença de conselheiros e espiões. Estes são os controles informais que estão presentes em todas as estruturas de controle marxista-leninista - as combinações de conselheiros soviéticos e agentes de inteligência e contra-inteligência que estão posicionados secretamente em locais críticos em organizações de países satélites e de substituição. Essas pessoas fornecem um controle consultivo e um mecanismo secreto de relatórios empregados para manter os soviéticos informados.

Os mecanismos descritos por Sejna podem ser vistos em operação no testemunho de inúmeros desertores e outras fontes de inteligência. Por exemplo, ex-agentes de inteligência cubanos testemunharam que, desde 1970, o serviço de inteligência cubano esteve sob controle direto dos soviéticos. Eles também declararam que todos os planos são enviados para a União Soviética para aprovação. Cubanos e nicaraguenses descreveram os controles sobre a inteligência nicaraguense em termos semelhantes. Os conselheiros cubanos ocupam posições-chave e usam uniformes indistinguíveis dos nicaraguenses. Há também cerca de 100 conselheiros de segurança militar soviética, juntamente com 25 búlgaros, 40-50 alemães orientais, 25 especialistas da OLP e alguns líbios dentro do serviço da Nicarágua[44]. Controles similares com relação à OLP também foram relatados. De acordo com a Agência de Inteligência de Defesa [DIA], a Agência de Notícias do Kuwait publicou uma longa entrevista com o representante da OLP de Moscou, que disse: "Nós assinamos um tratado que exige que, antes de tomar qualquer tipo de ação séria, nos sentamos e discuta com os russos e coordene nossas atividades"[45]. O senador Alfonse D'Amato (R-NY) cita outros estudos de inteligência dos EUA mostrando que "o KGB controla a maioria das seções operacionais do DS, que é a polícia secreta búlgara. Os soviéticos usaram os búlgaros como substitutos". Ele também cita DEA estima que 25 por cento da heroína atingindo os Estados Unidos vem através da Bulgária[46].

Estas são apenas algumas das muitas instâncias relevantes do controle soviético, especialmente no que diz respeito aos países satélites da Europa Oriental, mas também incluem quase países satélites e substitutos[47]. Em alguns países onde ainda existe autonomia, por exemplo, Vietnã, Laos e Suriname, há incertezas. Mas, no que diz respeito a Cuba, Nicarágua, Coréia do Norte, Bulgária, Hungria, Polônia, Alemanha Oriental e Tchecoslováquia, a presunção deve ser que os soviéticos não estão envolvidos, mas pelo menos até recentemente eram totalmente responsáveis. A única questão séria é, então, por que, quando as atividades desses serviços soviéticos de inteligência

soviética são trazidas para fora, o papel dos soviéticos nas escadas dos bastidores raramente é discutido? A resposta a essa pergunta está implícita no capítulo anterior.

E na discussão anterior do processo de esclarecimento do general Sejna. As pessoas simplesmente não querem saber - como explicou Angleton, por razões de "conveniência política". Talvez fosse reconfortante se essa fosse a única razão. Infelizmente, isso não parece ser o caso. Embora a "conveniência política" seja certamente um fator, também parece haver possibilidades muito mais sinistras e mortíferas no trabalho - possibilidades que sugerem a necessidade de uma investigação detalhada sobre as razões pelas quais o general Major Jan Sejna nunca foi esclarecido. Mas quem dirigiria a investigação?

Referências ao Capítulo 10:

1. Veja, por exemplo, os esclarecimentos iniciais de Golitsyn e Nosenko na facilidade de Frankfurt, não obstante a natureza muito importante de ambos os desertores, em Epstein, Deception, op. Cit., Páginas 59,67. A instalação, que é conhecida como Estação de Westport, é descrita em William R. Corson, Susan B. Trento e Joseph J. Trento, Widows (New York: Crown Publishers, Inc., 1989), páginas 167,415-416.
2. Mesmo a imprensa de emigre checoslovaca, incluindo as chamadas operações de propriedade da CIA, foi utilizada nesta campanha de difamação, que continuou por muitos anos.
3. A classificação em países comunistas pode ser enganosa. O que é importante é a posição, não a classificação. A classificação de Sejna era o General Major, equivalente a um Brigadeiro Geral dos Estados Unidos. Em termos de posições que Sejna realizou, ele superou a maioria dos generais de quatro estrelas. Na sua posição de Secretário do Conselho de Defesa, Sejna participou nas análises anuais de todos os planos mais sensíveis: o plano de operações, o plano de espionagem técnica, o plano de desenvolvimento e aquisição de sistemas de armas, o programa de treinamento e cronograma, o especial (segredo) orçamento, plano de inteligência, plano de material e provisão e plano de mobilização. Ele também participou da revisão, avaliação e planejamento futuro das operações de engano. Todos esses planos foram coordenados com o planejamento da Força do Pacto de Varsóvia e outras Forças de Varsóvia, que forneceu ao General Sejna uma visão substancial sobre os planos de contrapartes soviéticos. Veja também a nota 7.
4. Por exemplo, Sejna não era um estalinista. Na verdade, ele foi o primeiro líder checoslovaco a denunciar abertamente as práticas stalinistas em uma reunião do Comitê Central em 1954. Seu discurso impróprio levou à remoção do ministro da Defesa, Alexei Cepicka, que era amplamente temido por suas táticas estalinistas. Sejna não era uma desistência escolar pública; A escola pública estava fechada quando os alemães invadiram a Tchecoslováquia. Sejna não liderou um golpe contra a nova liderança "liberal"; Ele estava trabalhando contra a interferência soviética com os desenvolvimentos dentro da Tchecoslováquia. Na verdade, isso é o que levou à sua deserção. O KGB havia aprendido que Sejna estava alertando Dubcek sobre os planos soviéticos de apertar (um processo que atingiu o pico com a invasão em meados de agosto). O Comitê do Partido foi denunciado no jornal Obrana Lidu (Defesa do Povo), o jornal oficial do partido, de uma maneira que equivalia a uma acusação de traição. Sejna reconheceu imediatamente que uma teia destinada a prendê-lo estava sendo tecida. Mais tarde na manhã, um amigo alertou-o de que sua imunidade como membro do Presidium deveria ser levantada na segunda-feira, dois dias depois, para que ele pudesse ser levado sob custódia e implicado em acusações de fraude no mercado negro que foram levadas contra um Da equipe de Sejna cinco semanas antes. Do conhecimento das operações policiais e da capacidade de fabricar provas, Sejna sabia que, se a Polícia Secreta tivesse sido dita para acusar e obter uma confissão, eles teriam sucesso. Ele desertou no dia seguinte, domingo, quando ele argumentou que os guardas de fronteira seriam menos alertas. Sejna não foi promovida pelo favoritismo. As unidades militares das quais ele era vice-comandante como comissário político conseguiram consistentemente os maiores ratings de mérito. Também não gostava de seus colegas, que aplaudiram o anúncio informal de sua promoção ao general.
5. 'Checoslováquia: Dica do Iceberg', Newsweek, 18 de março de 1968.
6. O comissário é um funcionário do Partido Comunista dentro dos militares. Considere, por exemplo, a descrição de Henry Kissinger do Partido: o pequeno grupo de devotos que se arrogam a si mesmos uma visão superior dos processos da história derivam dessa convicção a intensidade monomaníaca necessária para fazer a revolução. Mas uma vez que eles estão firmemente estabelecidos no poder, qual é a função deles? Não são necessários para administrar o governo, a economia ou os militares. Eles são guardiões de uma legitimidade política que há muito perdeu sua posição moral, bem como seu elan revolucionário. Eles se especializam em resolver crises internas que seu sistema centralizado criou e crises externas nas quais sua rigidez os tenta. O aparelho do Partido duplica todas as hierarquias existentes sem executar nenhuma função. Seus membros são cães de guarda que não possuem critérios, um incubus para fazer cumprir a ordem, um refúgio de privilégio convidando corrupção e cinismo. Anos de transtorno (New York: Little, Brown and Company, 1982), página 244.
7. O coronel Penkovskiy, que espiou a CIA desde abril de 1961 até sua prisão durante a crise dos mísseis cubanos, referiu-se ao chefe dos órgãos administrativos, O general Major Nikolai Mironov, como "um poderoso tsar e deus sobre o GRU e o KGB, um dos quais até o general Serov [então chefe do GRU] estava em atenção". John J. Dziak, Chekisty: uma história da KGB (Lexington, Massachusetts: Lexington Books, 1988), página 151.

8. O Conselho de Defesa é o órgão do partido de decisão mais alto com autoridade sobre defesa, segurança nacional, inteligência, contador - inteligência, política externa e economia. É uma organização muito mais importante do que o Politburo.
9. Por exemplo, os debriefers de Sejna não entenderam como o socialismo funcionou, como evidenciado por pedir-lhe os nomes de seu advogado de família e médico de família, que não existem como tais no sistema comunista. Nem acreditavam que o traje de alta qualidade que ele usasse quando ele desertou poderia ter sido comprado em Praga. Evidentemente, eles desconheciam as lojas especiais disponíveis para altos funcionários. Eles tinham apenas um conhecimento vago sobre a existência do Conselho de Defesa e nenhuma apreciação de sua verdadeira função ou importância, e nenhum conhecimento de como as promoções são organizadas através do sistema conhecido como nomenclatura. Além disso, eles tiveram muitas impressões falsas de como o sistema operava - por exemplo, a idéia de que promoções e posições eram geralmente o resultado do nepotismo e que a seleção e o treinamento eram de pouca importância, uma impressão errada que ainda caracteriza a percepção ocidental do soviético sistema.
10. Este ponto também foi reconhecido por Claire Sterling em *The Terror Network: The Secret War of International Terrorism* (Nova York: Holt, Rinehart e Winston, 1981), página 290. “Em breve, em Debate, em Washington, ele [General Sejna] teve foi questionado apenas sobre questões militares relacionadas com o pacto soviético e o Pacto de Varsóvia, o terrorismo armado não era uma preocupação ocidental em 1968, e ninguém nem sequer perguntou sobre isso”. Sejna identificou o papel da União Soviética no terrorismo internacional em aproximadamente 1971, quando ele estava sob o controle da divisão de contra-inteligência Angleton, mas não foi esclarecido sobre o assunto. Ele forneceu a primeira informação detalhada sobre o assunto, em uma entrevista realizada por Michael Ledeen em 1980, e posteriormente foi debatido em detalhes pelos analistas da Agência de Defesa da Inteligência [DIA]. Ao longo deste processo, os funcionários da CIA responsáveis na área continuaram as tentativas de desacreditar Sejna e suas informações - o que foi confirmado por suas próprias fontes mais sensíveis em quase todos os aspectos, e por testemunho judicial realizado na Itália.
11. Frustrações semelhantes (interrogatórios da Divisão do Bloco Soviético relacionados a trivia, em vez de itens de importância) são relatados por Epstein como a razão pela qual o Major Anatoliy Golitsyn solicitou o reassentamento na Grã-Bretanha. Epstein, Deception, op. Cit.
12. O general Sejna trouxe consigo análises detalhadas conduzidas pelo Ministério da Defesa da Checa da Força Aérea Checa, forças terrestres, gestão de pessoal, sistema de mobilização e Inteligência Militar; Uma análise dos desenvolvimentos no mundo e do Pacto de Varsóvia no futuro, pela Administração Política e Administração Científica Principal e, com base nessas análises, política militar após o 13º Congresso do Partido; E análises do Presidium da economia checoslovaca.
13. A falta de disponibilização de tais informações é, na realidade, incomum. O material importante muitas vezes não está disponível para analistas de inteligência, e o motivo não é segurança - exemplos são Golitsyn e Pacepa. Pior ainda, informações falsas são freqüentemente distribuídas, sem o conhecimento do lado analítico da comunidade de inteligência, sendo Penkovskiy um exemplo.
14. Este plano soviético foi transmitido aos países satélites da Europa Oriental em 1967 para que eles usassem como base para o desenvolvimento de seus próprios planos coordenados a longo prazo. A distribuição foi bem controlada. Apenas duas cópias estavam disponíveis na Checoslováquia. Sejna tinha uma cópia. Era sua responsabilidade garantir que os planejadores do Ministério da Defesa recebessem instrução adequada e que seu trabalho cumprisse plenamente os requisitos do plano soviético.
15. Houve um esforço contínuo, especialmente dentro dos círculos de formulação de políticas dos EUA, para ridicularizar a noção de planejamento soviético ou grande estratégia, uma consciência e compreensão de qual é uma condição sine qua non para análises estratégicas significativas e relevantes. Por exemplo, como Henry Kissinger explicou: “Enviei ao Presidente uma análise da política soviética no final de 1969, que preparei com a ajuda de Hal Sonnenfeldt e Bill Hyland da minha equipe. Começou por rejeitar a proposição de que a política soviética seguiu necessariamente um plano mestre”. Henry Kissinger, White House Years (Boston, Massachusetts: Little, Brown & Company, 1979), página 161. Hyland era anteriormente um analista sênior da CIA. John Ranelagh, *The Agency: The Rise and Decline of the CIA* (Nova York: Simon e Schuster, 1986), página 509. Enquanto o que se entende por um “plano-mestre” não é explicado aqui por Kissinger, o layout detalhado do revolucionário soviético Objetivos, estratégias, táticas e atribuições foram contidos no “Plano de longo prazo para os próximos dez a quinze anos e além” que o general Sejna identificou para seus debriefers.
Os oficiais britânicos de contra-inteligência informaram Sejna em 1970 sobre a estratégia soviética em várias regiões do mundo, especialmente a Europa. Uma das áreas em que se concentraram foi a facilidade com que os serviços de inteligência checoslovacos e soviéticos penetraram no Partido Trabalhista britânico e nas estruturas do governo do Reino Unido - particularmente o Ministério das Relações Exteriores, o Escritório Colonial e os serviços de inteligência. Uma cópia de sua redação dos dados de Sejna foi fornecida à contra-inteligência dos EUA. As regiões que receberam a menor atenção nos depoimentos britânicos foram os Estados Unidos e a América Latina. No entanto, não houve tentativa de contra-inteligência da CIA de acompanhar e ampliar este trabalho para os Estados Unidos e América Latina. Essa foi a única análise que tratou do plano soviético de longo alcance, mas não começou a cobrir o importante objetivo e objetivo político do plano. Um projeto para debriefar o general Sejna em todo o plano foi iniciado em 1978 sob o Dr. Gene Durbin, no Escritório de Avaliação Líquida do Departamento de Defesa dos EUA. O Dr. Durbin saiu do escritório logo após o início do projeto. Após a primeira seção do plano, o elemento de objetivos políticos, foi concluído, o financiamento foi interrompido e o projeto terminou.
Nota do Editor: Um resumo detalhado do plano de longo alcance como descrito pelo General Sejna diverge, mas é, no entanto, paradoxalmente dialecticamente complementar, o plano de longo alcance como revelado por Anatoliy Golitsyn em seus dois livros, New Lies for Old e The Perestroika Deception [Op. Cit.]. No entanto, a análise de Golitsyn centrou-

se principalmente no engano estratégico, identificado como o núcleo do plano e nos preparativos a longo prazo para o desmantelamento do modelo de controle stalinista antes da sua substituição, seguindo a perestroika de Gorbachev (que significa reforma, como em uma formação militar) , Por um modelo Leninista atualizado e revitalizado de revolução global. Em contrapartida, a estratégia de longo alcance de Sejna foi claramente formulada dentro de um quadro neo-stalinista, mesmo que o próprio Sejna denunciasse o estalinismo. Isso sugere que - como seria esperado entre os leninistas, para quem o modus operandi dialético, ou dualismo, é prática rotineira - a coexistência de dois ou mais planos estratégicos de longo alcance. Eles não teriam sido destinados a ser, nem teriam sido concebidos como sendo, mutuamente exclusivos. Enquanto a versão do General Sejna foi substituída, a "linha geral" (estratégia) permanece inalterada.
16. Os artigos de *Lord Chalfont em The Times* (Londres) foram: "Realidade Bruta de Moscou" (28 de julho de 1975); "Como Israel se encaixa na serra de poder soviético" (4 de agosto de 1975); E 'Como as dificuldades econômicas da Grã-Bretanha ajudam a grande estratégia soviética' (1 de setembro de 1975).
17. Walter Hahn, 'A Soviet Game-Plan?', Review Estratégico, Primavera de 1983.
18. Como explicado por Aleksandr Yakovlev, presidente da Comissão de Relações Exteriores do Comitê Central do PCUS e um dos principais assessores do presidente Gorbachev, em novembro 18,1988, com referência à glasnost, não havia mudança nos valores básicos e objetivos estratégicos e intenções da política externa soviética. Somente as táticas deveriam ser alteradas. "O Yakovlev da URSS responde perguntas em Praga", FBIS-EEU-88224, 21 de novembro de 1988, página 11.
19. Em 1988, o Politburo deve ter revertido sua decisão, na medida em que o jornal do Partido Checoslovaco começou a se referir a ele como o general Sejna uma vez novamente.
20. Os Estados Unidos são únicos a este respeito. Durante o início da década de 1970, Sejna foi autorizado a viajar para o exterior para discutir seu conhecimento da estratégia soviética com funcionários de países estrangeiros amigáveis, onde conheceu e trocou pontos de vista com muitos funcionários de alto escalão. Em todos os casos, onde havia conhecimento operacional, confirmou o que o general Sejna tinha a dizer.
21. Depois de cada mudança na liderança soviética, há uma tentativa no Ocidente de identificar a mudança na União Soviética / "antiga" União Soviética. Como Harriet Fast Scott e William F. Scott explicaram na Doutrina Militar Soviética: Continuidade, Formulação e Divulgação (Boulder, Colorado: Westview Press, 1988), página 47: A expulsão de Khrushchev em 1964 foi saudada com um suspiro de alívio. Sentiu-se que Brezhnev era mais sensato e razoável. Portanto, quando a terceira edição da Estratégia Militar apareceu em 1968, muito pouco mudou de edições anteriores, isso não foi bem-vindo no exterior por aqueles que procuram um acordo de controle de armas com Moscou. Como um exemplo de como este livro foi tratado, considere a seguinte passagem em uma carta datada de 11 de setembro de 1968 do vice-almirante Rufus L. Taylor, vice-diretor da CIA, para o comandante da sede da Tecnologia Externa da Força Aérea: "Percorrei isso [O livro] e encontrou partes dele para ser de algum interesse. Nosso povo, como eu, tenho sentimentos mistos sobre a validade e influência dele [Marechal V. D. Sokolovskiy] nos círculos militares soviéticos". Na época, o embaixador Thompson foi um dos principais defensores das mudanças ocorridas na União Soviética. Ele também foi, nas instruções recebidas anteriormente pelo Secretário de Defesa McNamara, envolvido em negociações de controle de armas com os soviéticos em defesa de mísseis balísticos na tentativa de evitar a implantação dos EUA de um sistema de defesa antimíssil antibalística. Phyllis Schlafly e Chester Ward, Kissinger on the Couch (New Rochelle, Nova York: Arlington House, 1975), página 315. Thompson morreu em 6 de fevereiro de 1972.
22. É surpreendente, para um estranho, quantos emigrantes checoslovacos ou desertores (Pelo menos quatro, de acordo com a minha contagem) foram habilitados pela CIA para interagir com Sejna e ajudá-lo em várias fases de suas interrogatórios e relocações. A minha preocupação é a dificuldade em estabelecer a boa fé além de uma dúvida, especialmente tendo em conta a facilidade evidente com a qual os agentes comunistas treinados podem passar pelo polígrafo da CIA. Em geral, os desertores são relutantes em interagir com outros desertores por sua própria razão. No final da década de 1970, o FBI identificou um desertor checoslovaco, Karl F. Koecher, como oficial de serviços de inteligência checoslovaco que penetrou na CIA.
Koecher passou o polígrafo da CIA, foi contratado pela CIA e atribuído à Direção de Operações para traduzir cabos de agentes, uma tarefa extremamente sensível. Outro exemplo de um desertor com uma tarefa extremamente delicada foi Paul Bellin - um desertor soviético, que se tornou um examinador de polígrafo da CIA! Corson, Trento e Trento, Viúvas, op. Cit, páginas 48-49,125. Veja também Ronald Kessler, Estação de Moscou (Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1989, página 195). Enquanto a CIA é notória por sua má manipulação de desertores (isto é, tratando-os como sujeira), é claro que esta não é uma política consistente e, de fato, que alguns desertores são administrados dentro de tarefas de maior sensibilidade.
23. Richard Eder, "O papel de Anti-Dubcek negado pelo General Who Fled Prague", New York Times, 26 de agosto de 1968, e "Sejna diz que os erros de Novotny levaram à liberalização em Praga", New York Times, 28 de agosto de 1968. Era um funcionário da Agência de Inteligência de Defesa (DIA), não a CIA, que trouxe os artigos para a atenção de Sejna, os traduziu para ele e, em seguida, ajudou Sejna a chamar Eder e se queixar dos artigos.
24. Ao mesmo tempo, se alguém quisesse realizar um esclarecimento geral fora do processo normal de interrogatório, ou seja, sem quaisquer perguntas de seguimento e sem o material encontrar o caminho nos Relatórios de Inteligência que são produzidos durante o processo de esclarecimento, isso pode ser uma excelente abordagem. O conceito básico de ter um desertor anotar um histórico detalhado de suas atividades como parte integrante do processo de esclarecimento é uma técnica normal e excelente, mas isso não parece ter sido a abordagem no caso de Sejna
25. O Reader's Digest também foi usado pela CIA para fornecer um mecanismo para o desertor soviético Yuri Nosenko "contar sua história" sobre Lee Harvey Oswald e o assassinato de Kennedy. Neste caso, o Reader's Digest propôs a ideia do livro para Edward Jay Epstein e ofereceu-se para colocá-lo em contato com Nosenko em 1976. Nosenko tinha sido o foco de uma grande disputa dentro da CIA. A sua boa fé não foi estabelecida, pelo menos até que a organização

de contra-inteligência de Angleton foi quebrada. Como Epstein descreveu a situação, quase todos os funcionários da inteligência envolvidos com o caso Nosenko tiveram sua carreira destruída. Epstein, Deception, op. Cit., Página 62. 26. General Jan Sejna, “Russia Plotted the Pueblo Affair”, Reader's Digest, julho de 1969.
27. Ibid., Página 75.
28. Epstein, Deception, op. Cit., Página 282.
29. Em aproximadamente 1962, a Tchecoslováquia assinou um acordo com a Coreia do Norte para fornecer à Coreia do Norte tecnologia e inteligência em troca da Coréia do Norte servindo como ponto de trânsito para o movimento secreto das pessoas para a Europa Oriental.
30. O indivíduo identificado como fazendo a sugestão foi o coronel Karel Borsky, que, como identificado no Capítulo 2, era o chefe das Zs responsável pelos centros de treinamento de tráfico de drogas. Veja as páginas 27 e 31.
31. Ele também pediu a Sejna que deturasse certos aspectos relativos ao planejamento de fraude soviética para que Angleton achava a informação mais aceitável. Sejna se recusou a comprometer sua integridade neste e outros episódios semelhantes.
32. Veja, por exemplo, Epstein, Deception, op. Cit, páginas 70-74.
33. Vladimir Sakharov, High Treason (New York: Ballantine Books, 1980).
34. Tenente General Ion Mihai Pacepa, Red Horizons: Crônicas de um chefe de espiões comunistas [Washington, D.C .: Regnery Gateway, 1987).
35. David B. Funderburk, Riscas e Reds: um embaixador americano preso entre o Departamento de Estado e os comunistas romenos, 1981-85 (Washington, D.C .: Selous Foundation Press, 1987).
36. Ibid., Página 46.
37. Por exemplo, áreas nas quais o general Sejna possuía conhecimentos detalhados de que eu conheci pessoalmente e sobre o qual, com poucas exceções notáveis, não havia nenhum esforço sistemático para discutê-lo:
• Organização, papel e função do Conselho de Defesa
• Penetração de governos estrangeiros e partidos políticos burgueses, principalmente os social-democratas.
• Interesses soviéticos em ocultar o desenvolvimento / implantação de mísseis.
• Métodos de pesquisa e desenvolvimento militar secreto.
• Mecanismos de mobilização e planejamento.
• Uso do terrorismo na estratégia de guerra revolucionária.
• Treinamento de terroristas internacionais.
• Estratégia do Bloco soviético para penetrar / usar o crime organizado.
• Detalhes da estratégia soviética de longo alcance.
• Mecanismo para desenvolvimento e uso de planos de 1, 5 e 15 anos.
• Estratégia de fraude pacífica da coexistência.
• Requisitos de tecnologia militar e processo de aquisição.
• Detalhes sobre planejamento e planos de inteligência.
• Infiltração do Bloco soviético e uso de meios de comunicação ocidentais.
• Política e diretivas do Conselho de Defesa Soviética sobre o uso dos meios de comunicação.
• Penetração de inteligência nas religiões e instituições financeiras.
• Treinamento, organização e uso de forças especiais de operações.
• Redes de sabotagem do bloco soviético na Europa e planos de guerra.
• Princípios para o recrutamento da elite ocidental.
• Penetração de inteligência do governo francês.
• Penetração de inteligência nas estruturas da OTAN.
• Papel e importância da ideologia operacional.
• Controle comunista e processo disciplinar.
• O sigilo no planejamento econômico e a natureza do processo orçamentário.
• Estratégia soviética do narcotráfico.
38. Chapman Pincher, The Secret Offensive (Nova York: St. Martin's Press, 1985), páginas 32-55.
39. Roy Godson, editor, Requisito de Inteligência para a década de 1990 (Lexington, Massachusetts: Lexington Books, 1988), página 153. Para uma descrição especialmente reveladora da extensão dos problemas de segurança em todo o governo dos EUA, particularmente o Departamento de Estado, veja William J. Gill, The Ordeal de Otto Otepka (New Rochelle, Nova Iorque: Arlington House, 1969).
40. Michael Hedges, “chefe da alfândega exploda apenas sobre todos”, Washington Times, 28 de julho de 1989, página A10.
41. Epstein, Deception, op. Cit., Página 290.
42. Ibid., Página 282. 43. Para uma discussão mais ampla sobre o planejamento e as decisões de emergência, veja Jan Sejna e Joseph D. Douglass, Jr., Tomando decisões em países comunistas: uma visão interna (Cambridge Massachusetts e Washington, DC: Institute for Foreign Policy Analyzes e Pergamon-Brassey's, 1986).
44. Escritores e palestrantes para liberdade, novembro / dezembro. 1987, página 5, citando entrevista com Miguel Bolanos, ex-funcionário da inteligência nicaraguense, na Heritage Foundation, de 16 a 17 de junho de 1986.
45. Trabalhador, tráfico internacional de drogas, op, cit, página C3, citando um relatório DIA, The International Terrorist Network, op. Cit.
46. Peter Samuel, “Departamento de Estado declarou a lei contra a droga para preservar o Detente”, New York City Tribune, 7 de abril de 1989, página A3.
47. Veja, por exemplo, Chapman Pincher, The Secret Offensive (Nova York: St. Martin's Press, 1985). Além disso, no que diz respeito à Polônia, veja Corson, Trento e Trento, Viúvas, op. Cit, página 172.

CAPÍTULO ONZE

FIXANDO A RESPONSABILIDADE

O flagelo da droga dos EUA foi culpado de agitação social, desemprego, decadência capitalista e a preocupação dos traficantes pelos lucros, que estão mais disponíveis nos Estados Unidos. A praga da droga é um problema de demanda, afirmam os funcionários das nações produtoras. Se não fosse por demanda, não haveria praga. Mas, isso é correto, ou o lado da oferta da equação igualmente, se não mais, é culpado? Considere algumas "coincidências".

Duas fontes de dados reunidas no início da década de 1970 mostram o crescimento das mortes e do vício em narcóticos em Nova York e São Francisco. A Figura 3 abaixo resume as mortes registradas por abuso de drogas em Nova York em anos sucessivos entre 1930 e 1969. A Figura 5 fornece detalhes de viciados na subcultura de *Haight-Ashbury* em San Francisco, cobrindo os anos 1935-68. As consequências do lançamento controlado da guerra de narcóticos contra o Ocidente são imediatamente evidentes. Ambas as séries mostram um salto precipitado em 1949-50, que é precisamente quando a estratégia internacional comunista chinesa de narcotráfico foi organizada e lançada.

Qual é a causa - oferta ou demanda - e qual é o efeito? Ambos os dados também mostram um aumento exponencial maciço no início de 1960, que é quando a operação chinesa se intensificou e quando começou a operação de tráfico de narcóticos soviético. Este aumento maciço não é um fenômeno único dos EUA. Na Grã-Bretanha, os viciados por heroína foram poucos entre 1930 e 1960. Depois, após 1960, a situação de repente tornou-se incontrolável[3]. Nem estas taxas de crescimento devido à alienação da juventude durante a Guerra do Vietnã. Eles precederam a reação da Guerra do Vietnã. O aumento começou durante a administração Kennedy, que, em todo caso, foi um período de elevação na política americana. O aumento acentuado não pode ser explicado simplesmente como resultado do aumento da demanda. Parece ter sido mais o resultado do aumento da oferta, bem como das técnicas de marketing soviética e chinesas associadas que foram projetadas para criar demanda.

Conforme observado anteriormente, o que aconteceu também é notavelmente evidente nos dados do Sudeste Asiático e da Europa no início da década de 1970. Em ambos os casos, houve uma onda de dependência de drogas entre os militares norte-americanos. A reação dos militares americanos foi, em primeiro lugar, negar que havia um problema e, depois, culpar a crise da droga pela má qualidade dos recrutas. Mas há poucas dúvidas sobre o que causou o aumento. Foi devido a um aumento gigantesco no fornecimento de drogas, técnicas de marketing de alta pressão e preços ultra baixos.

ANO	Mortes Relatadas	Ano	Mortes Relatadas
1930	23	1950	56
1931	29	1951	77
1932	22	1952	82
1933	25	1953	75
1934	23	1954	86
1935	12	1955	82
1936	13	1956	109
1937	30	1957	86
1938	17	1958	84
1939	26	1959	76
1940	27	1960	126
1941	16	1961	275
1942	24	1962	236
1943	12	1963	342
1944	17	1964	264
1945	0	1965	195
1946	11	1966	262
1947	19	1967	490
1948	18	1968	519
1949	32	1969	689

Figura 3: Dados históricos sobre óbitos dependentes de drogas em Nova York, 1930-692.

Os preços foram artificialmente abaixado e a disponibilidade de drogas foi maximizada. As prostitutas foram usadas para empurrar drogas para militares desavisados. O vício foi amplamente aumentado pela mistura de ópio e heroína com drogas que não eram consideradas viciantes, como a maconha. Caixas de cigarros e “baseados” atados com narcóticos foram entregues gratuitamente às tropas americanas. A heroína foi vendida como cocaína, que na época não era considerada viciante.

Isso representa a flagrante guerra política dirigida contra a juventude dos Estados Unidos. A fonte do problema não é uma fração de juventude americana, uma insatisfação com uma sociedade ou outra explicação confusa. Talvez tenha havido algo disso, sempre existe. Mas essa não foi uma causa. A causa de um enorme abastecimento de drogas baratas e um sistema dedicado a empurrar estas drogas entre os militares americanos. Essas operações soviéticas e chinesas foram imensamente bem-sucedidas. Esta evidência histórica é extremamente importante. O que tem acontecido nos Estados Unidos foi explicado como resultado da decadência social americana, uma crescente decadência. A América foi culpada. Esta era apenas uma dimensão de uma importante campanha de propaganda e desinformação destinada a fazer com que os americanos e o resto do mundo perdessem fé nos Estados Unidos e no modo de vida americano. Essas

campanhas de propaganda fazem parte de uma operação de influência maciça em que os soviéticos gastaram mais de US $ 3 bilhões por ano desde o final da década de 1950[4]. Não há dúvida de que a sociedade americana está longe de ser perfeita. Tem muitas falhas, mas é muito melhor do que qualquer alternativa existente. É por isso que soviéticos trabalham tão duro para destruí-lo. É hora dos americanos e nossos amigos e vizinhos reconhecem o que está acontecendo. O crescimento maciço do uso de drogas nas várias sociedades não é o resultado da decadência interna nessas sociedades. Nada além disso, é possível melhorar uma estratégia eficaz para combater uma iniciativa da droga desenvolvida.

Também é possível relacionar o que tem ocorrido nos Estados Unidos com os dados históricos apresentados acima. Houve um aumento constante na atividade de interdição de drogas dos EUA e uma quantidade cada vez maior de convulsões de drogas, especialmente de cocaína. No entanto, simultaneamente, o fluxo de cocaína aumentou, a qualidade melhorou e o preço diminuiu. Esse efeito é apenas o resultado de uma concorrência excessiva e de tráfico? Ou, o ritmo da guerra política contra os Estados Unidos foi acelerado, talvez acelerado, talvez, fazer com que os Estados Unidos acreditassem que a guerra contra a droga é uma causa perdida?

Talvez como maiores “coincidências” são uma forma como o tráfego cresceu quase que precisamente como identificado nos estudos soviéticos e de acordo com uma estratégia soviética. Os soviéticos são simplesmente tremendamente persistentes, ou o tráfego a todos os Estados Unidos e muitos outros países que exerceram o seu forte influenciado por operações de inteligência do Bloco soviético, auxiliar e encorajado por uma atividade coordenada de propaganda e desinformação[5]?

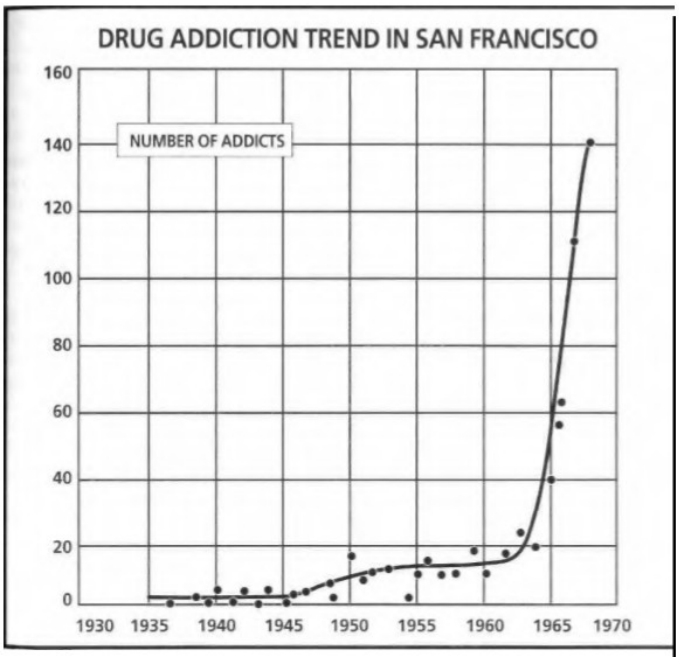

Figura 4: Dependência de drogas em um distrito de San Francisco: O número de viciados na subcultura de Haight-Ashbury que utilizou pela primeira vez heroína, em função do ano[6].

Consideram o fato de todos os principais países envolvidos na área do tráfico na década de 1980 e os objetivos iniciais da América Latina e do Caribe na política de drogas soviética não adiantada da década de 1960: Cuba, Panamá, Colômbia, México, Haiti, Jamaica e, Mais recentemente, uma Argentina. Ou consideremos a maioria dos

países que operam nos Estados Unidos são minorias - haitianos, jamaicanos, cubanos, colombianos e negros - uma maioria dos quais o general Sejna identificou como prioritários objetivos de guerra revolucionários soviéticos

E, em menor grau, o crime organizado, também um alvo do bloco soviético de alta prioridade desde 1956. Os três principais objetivos políticos soviéticos na América do Sul e Central que foram identificados por desertores e são destacados na literatura soviética são o México, a Argentina e Brasil. O México está agora com problemas e o comércio de drogas é um fator crítico. A Argentina é uma fonte crescente de drogas e o Brasil, de acordo com Diego Cordoba, advogado do Cartel de Medellín, substituirá a Colômbia pelo maior exportador de drogas nos próximos três anos[7]. O México tornou-se um dos países frágeis da América Latina por causa do potencial de desestabilização associado a drogas. Será que esse desenvolvimento reflete as operações de “Lua cheia” cubano-checoslovaca “Reno” e soviéticas checoslovacas? E as táticas operacionais observadas em relação às operações cubanas, haitianas, colombianas e jamaicanas nos Estados Unidos e que parecem refletir a imagem das táticas push-pull da operação “Full Moon”. Isso é estritamente coincidência?

Jamaica é um caso especialmente interessante. Quando Michael Manley era primeiro-ministro da Jamaica, de 1972 a 1980, a Jamaica quase se tornou um cliente de Cuba. Em 1973, Manley estava recrutando jamaicanos para ir a Cuba para treinar na guerrilha[8] e Jamaica estava sendo usada abertamente no narcotráfico para os Estados Unidos. A aparência de gangues jamaicanas (conhecidas como “posses”) teria evoluído por volta de 1974. As gangues bem-ordenadas jamaicanas, como Raetown Boys e os Dunkirk Boys, acreditaram ter chegado à cidade de Nova York em 1976. Inicialmente organizadas para violência e terror, os detentores passaram de ser “assassinos” e extorsionistas para traficantes de cocaína crack em 1986[9]. É estritamente coincidência que jamaicanos e haitianos são tão proeminentes nas redes de distribuição e comercialização de crack hoje? É apenas coincidência que os guerrilheiros marxistas mexicanos estão fortemente envolvidos no comércio de armas por drogas?

Conforme discutido no Capítulo 3, Guadalupe foi o centro de uma operação de drogas do Caribe concebida pelo Segundo Secretário do Partido Comunista Francês e pelo Primeiro Secretário do Partido Comunista de Guadalupe. Com a ajuda deles, foi colocado em operação em meados da década de 1960 - e administrado por dois agentes de inteligência checoslovacos de língua francesa.

Em 1987, um especialista privado em segurança dos EUA foi contratado por vários europeus que tiveram investimentos significativos em São Vicente, ao sul de Guadalupe nas Granadinas, para eliminar problemas causados por terroristas locais que seus funcionários em São Vicente experimentaram. O especialista em segurança logo descobriu que as drogas eram abundantes em toda a Grenadines. A maconha era uma grande safra em São Vicente, e a produção era controlada pelos rastafaristas, guerrilheiros comunistas e empresários locais. A polícia local estava totalmente corrompida. A produção de maconha das ilhas foi vendida aos “franceses” que dominaram o transporte marítimo entre as ilhas. Também foram proeminentes os representantes do Movimento de Novas Jóias Grenadabased, posteriormente “decapitadas” invadindo as forças dos EUA.

Os guerrilheiros comunistas eram os terroristas. Seu objetivo parecia ser expulsar empresários locais da ilha. Eles foram fornecidos com armas e munições por vapores interisland. Uma noite, o especialista, que estava operando sob a capa, infiltrou um grupo de vinte e cinco “mercantes” de um navio que desembarcou para jantar e entretenimento. A maioria deles eram jovens cubanos; Cerca de dez por cento eram

soviéticos mais velhos.

O navio viajou de ilha para ilha fornecendo terroristas. Armas e munições foram seladas em plástico e depois colocadas em armadilhas de caranguejo. Este também foi o método usado para entregar uma revista de propaganda, Oclae, que foi impressa em inglês em Cuba. Os terroristas, disfarçados de pescadores, viajariam para as várias bóias e recuperavam seus suprimentos das armadilhas de caranguejo. A maconha e outras drogas foram usadas para financiar suas operações. Como o especialista em segurança aprendeu pouco antes de sua partida, o controle de distribuição "francês" não era recente, mas se estendia até a década de 1960. Outra coincidência?

É mera coincidência que o idioma usado por muitos operários de drogas da Colômbia, Cuba, México, Nicarágua e Panamá - por exemplo, que as drogas são "um meio revolucionário de luta contra o imperialismo"[10] - é impregnado de frases marxistas-leninistas e conceitos? E quem merece a responsabilidade dos criminosos não-comunistas que foram treinados em "academias" de tráfico de drogas na União Soviética, na Checoslováquia, na Bulgária, na Alemanha Oriental e em outros Estados sobrescendentes soviéticos? A produção dessas escolas - criminosos treinados - com base no modelo checoslovaco e assumindo nenhuma expansão ou contração, seria superior a 600 por ano entre 1970 e 1990. Isso acrescenta mais de 12.000 "graduados não-comunistas" e outros 12.000 não-Graduados comunistas do bloco soviético. Esses totais não incluem as operações dos serviços de inteligência cubano e do leste europeu em toda a América Latina e no resto do mundo, que não estavam conectadas com os centros de treinamento do narcotráfico.

É só a paranóia que levou Ramon Rodriguez a se preocupar com a infiltração DGI do Cartel de Medellín e responder "Absolutamente!" Quando perguntado se Cuba havia se infiltrado na comunidade de drogas[11]? Durante a campanha da Colômbia para reprimir os traficantes de drogas após o assassinato de um candidato presidencial, Luis Carlos Galan, em 19 de agosto de 1989, milhares de suspeitos de tráfico foram presos. Em uma varredura de Medellín, 27 cubanos foram presos. Eles carregavam passaportes falsos da Costa Rica[12]. O que eles estavam fazendo na capital da droga da Colômbia? Eles estavam de férias?

Ou considere a maneira pela qual várias fontes relataram declarações feitas por altos funcionários comunistas sobre o uso deliberado de drogas contra os Estados Unidos pelos países comunistas. Algumas das várias afirmações que aparecem em vários lugares neste texto estão reunidas na Figura 5, na página 152. A lógica e a estratégia associadas às operações de tráfico de drogas são lógicas e consistentes com os primeiros princípios da doutrina marxista-leninista. As operações estão em conformidade com declarações informais feitas por muitos funcionários do alto escalão envolvidos e provenientes de uma grande variedade de países - Colômbia, Nicarágua, Panamá, Cuba, Checoslováquia, China, Romênia e Bulgária.

Deve ficar claro que as estratégias chinesas e soviéticas de tráfico de drogas têm sido forças primárias por trás da ofensiva da droga nos EUA (e, claro, a nível mundial). Em 1967, Sejna informou, os soviéticos estimaram que eles (ou seja, eles ou seus países satélites) estavam no controle de 37 por cento da produção de drogas, sendo fornecidos aos Estados Unidos e Canadá, e que esse número seria expandido até 13 Por cento a cada ano. Em termos de distribuição e vendas nos Estados Unidos e no Canadá, o valor foi inferior a 31 por cento. Por "controle" significava que as pessoas que haviam treinado tiveram uma mão na execução da operação e os soviéticos receberam um corte dos lucros.

Assim como a edição original deste livro iria pressionar, surgiu uma nova

inteligência que autoridades norte-coreanas haviam dirigido agricultores em uma província central para cultivar maconha [no verão de 1989][13]. A inteligência norte-coreana, com seus fortes vínculos com a inteligência soviética, conforme estabelecido no Capítulo 10, certamente está envolvida. Mas ainda mais interessante, a prisão do antigo líder comunista da Alemanha Oriental, Erich Honecker, levou a informações sobre grandes quantidades de dinheiro "ilegal" obtido através de subornos, armas e drogas. A segurança do estado do leste da Alemanha, bem conhecida por ter sido controlada diretamente de Moscou, estava implicada. Os poucos detalhes que vazaram simplesmente identificaram os transbordos de cocaína da América Latina através do porto de Rostock na Alemanha Oriental

SOBRE DEMONSTRAÇÕES REVOLUTIVAS DO MUNDO COMUNISTA SOBRE O VALOR SUBVERSIVO DA OFENSÃO DOS NARCÓTICOS GLOBAL

O ópio deve ser considerado uma arma poderosa. Foi empregado por imperialistas contra nós, e agora devemos usá-lo contra eles. Essa guerra pode ser chamada de guerra química por métodos indígenas. MAO TSE-TUNG, 1935.

Desarmaremos os capitalistas com as coisas que gostam de provar. CHOU EN-LAI, 1958.

Qualquer coisa que acelere a destruição do capitalismo é moral. NIKITA KHRUSHCHEV, 1962.

A fraude e as drogas são os nossos dois primeiros escalões estratégicos na guerra contra o capitalismo. NIKITA KHRUSHCHEV, 1963.

Os Estados Unidos são o principal alvo porque são o nosso pior inimigo; É simples mover drogas para os Estados Unidos; E, há um suprimento ilimitado de dinheiro lá. TODOR ZHIVKOV, Primeiro Secretário, Partido Comunista da Bulgária, 7964

Estamos crescendo as melhores papoulas para os militares dos EUA. CHOU EN-LAI, 1965

As drogas serão uma arma decisiva para perturbar o tecido das democracias ocidentais. RAUL CASTRO, final da década de 1960

O objetivo é ferir os Estados Unidos cheios de drogas. FERNANDO RAVELO-RENEDO, embaixador cubano na Colômbia 1978.

Fui requisitado carregar os Estados Unidos com drogas. MARIO ESTEVE2 GONZALEZ, agente de inteligência cubano 1981.

As drogas eram usadas como armas políticas. O alvo era a juventude dos Estados Unidos. ANTONIO FARACH, alto funcionário nicaragüense 1984.

As drogas são a melhor maneira de destruir os Estados Unidos. GENERAL BARREIRO, Chefe da Inteligência Cubana, 1987.

O tráfico é uma forma de guerra contra os Estados Unidos. Ele também oferece lucro.

HUMBERTO ORTEGA, Ministro da Defesa da Nicarágua de 1987.

As drogas são consideradas como a melhor maneira de destruir os Estados Unidos ... minando a vontade da juventude americana, o inimigo é destruído sem disparar uma bala.
MAJOR JUAN RODRIGUEZ, oficial de inteligência cubano 1988.

Figura 5: Declarações representativas dos principais comunistas abertos sobre o tráfico de narcóticos.

para Berlim Oriental e daqui por correio para a Alemanha Ocidental[14]. Os dados anteriores vincularam a Alemanha Oriental a uma operação de contrabando de heroína que atravessou o México para os Estados Unidos[15]. Quanto a operação da Alemanha Oriental surgirá como resultado dos interrogatórios em curso de antigos funcionários de alto nível que se acredita terem estado envolvidos, continua a ser visto. Mas a política de reunificação teve precedência sobre todos os outros assuntos, inclusive expondo os detalhes sobre outra operação de tráfico de drogas dirigida por Moscou. Mas que evidência direta existe? As pessoas continuam a perguntar. Os soviéticos ainda estão envolvidos hoje? Talvez a questão crítica seja: qual a quantidade de "evidência" adequada? Que volume de "evidências" seria necessário para mudar o comportamento e as atitudes dos funcionários do governo dos EUA em relação à ofensiva da droga e seus patrocinadores?

O que está acontecendo é melhor descrito recorrendo a um cenário de ficção. Suponhamos, por exemplo, que amanhã o secretário geral soviético compareceu perante o Soviet Supremo em uma sessão aberta especial. Ele afirma com óbvio desagrado que ele acabou de aprender sobre o envolvimento da inteligência soviética no tráfico internacional de drogas. A operação, ele explica, foi uma transição dos dias de Khrushchev e Brezhnev, que continuou em seu próprio impulso. Então, depois de críticas severas tanto a Khrushchev quanto a Brezhnev, ele afirma que, assim que ele tomou conhecimento desta operação, ele ordenou que a atividade fosse interrompida e que todos os responsáveis fossem identificados e disciplinados.

Qual seria a resposta americana? Embora existam muitas variantes, 1 afirmam que a resposta mais provável da liderança dos EUA seria respirar um suspiro de alívio e louvar a liderança soviética por sua coragem em trazer esse assunto à atenção de todos os povos do mundo e para Moscou Resposta rápida na redução dessas atividades. A mídia provavelmente usaria o anúncio para reforçar a imagem do Secretário Geral como um estadista. Uma nova série de artigos sobre as mudanças significativas ocorridas na União Soviética seguiria.

Agora, isso é precisamente o que aconteceu em 1956, após o famoso denúncia de fevereiro de Khrushchev sobre os crimes de Stalin. Essa confissão pública parcial fazia parte de um engano maior, cujo propósito era convencer o Ocidente de que os soviéticos estavam mudando seus caminhos. Através de uma revelação controlada dos crimes de Stalin, a culpa do passado poderia ser deixada nos ombros de Stalin. De especial relevância aqui foi o fato de que a informação sobre os crimes de Stalin não era novidade. De fato, um livro que apresentou ainda mais detalhes sobre os crimes de Stalin do que o revelado por Khrouchchev, que, naturalmente, tinha participado deles, havia sido publicado nos Estados Unidos dois anos antes; Mas ninguém nos meios de comunicação ou no governo dos Estados Unidos prestou a menor atenção a esta calúnia anti-Stalin até que Khrushchev o proclamasse no púlpito. Então, de repente, a atenção da imprensa foi direcionada para a nova União Soviética reformada - exatamente como planejado.

Ou, para sugerir uma possibilidade adicional, suponha que outro desertor com

conhecimento detalhado das operações de tráfico de drogas soviéticas e chinesas procurasse o asilo político nos Estados Unidos. O que aconteceria? É improvável que o desertor seja esclarecido no tráfico de drogas soviética e chinesa, pelo menos não por vários meses. Se e quando esse esclarecimento aconteceu, o que aconteceria com os dados? Mais provável do que não, acabaria em um dos milhares de IRs classificados (relatórios de inteligência) e nunca veria a luz do dia. Caso a informação surgisse de alguma forma, a resposta mais provável das autoridades norte-americanas seria pedir aos líderes comunistas uma explicação. Naturalmente, seria informado que a informação era falsa - uma provocação por um desertor não confiável que não podia ser confiável - e ficariam seguros de que nenhuma dessas atividades já havia sido sancionada.

Na medida em que houve tal atividade, os soviéticos ou chineses provavelmente indicariam que as atividades de inteligência desonesta sempre foram possíveis, como os Estados Unidos aprenderam durante o período do Vietnã (quando surgiu uma ameaça velada sobre atividades relatadas de tráfico de drogas da CIA) e Que eles verificariam se certificar de que nenhum esforço independente desse tipo estava em vigor. As autoridades dos EUA explicariam, em resposta a perguntas levantadas sobre o depoimento do defetor, que tinham questionado os chefes dos países acusados e tinham certeza de que não havia atividades como descritas pelo desertor. Novamente, isso não é completamente hipotético. Isso foi exatamente o que ocorreu na sequência de relatórios sobre o envolvimento de países como Cuba, Nicarágua, China e Bulgária[16].

Também relevante aqui é a situação que prevalece em 1968. Uma fonte de maior credibilidade, Jan Sejna, descreveu detalhadamente o envolvimento maior dos soviéticos e dos chineses no narcotráfico, até o dia em que ele partiu da Checoslováquia em fevereiro de 1968. No entanto, nós não tinha nenhuma “evidência” da operação soviética naquela época, nem o envolvimento dos países satélites da Europa Oriental de Moscou, além da Bulgária. Ou seja, a ausência de informação, que é a atual resposta do governo dos EUA a questões sobre o envolvimento soviético ou chinês, indica apenas que a segurança operacional chinesa ou soviética é muito boa ou que a inteligência dos EUA é deficiente ou que os dados não estão sendo examinados, Ou estão sendo suprimidas, ou alguma combinação dos anteriores.

Enquanto Sejna é uma fonte especialmente singular, é claro que ele não é a única fonte. Durante os cinco anos até 1990, por exemplo, dados e outros testemunhos de fontes foram vinculados quase todos os países comunistas ao narcotráfico. Esses dados geralmente indicam o envolvimento oficial dos governos, e não as relações independentes de alguns funcionários públicos corruptos. No caso de Cuba, por exemplo, não são apenas um ou dois funcionários. Foram identificados dez ou mais funcionários de alto nível e há a assistência ativa de unidades militares dos três serviços, o envolvimento do serviço de inteligência cubano e o envolvimento da contra-inteligência cubana. Sugerir que Cuba simplesmente “facilita” o tráfico ou “condone”, é descaradamente fechar os olhos para o que está acontecendo. Aceitar a prisão, o julgamento e a execução de Cuba em 14 de julho de 1989 do general Arnaldo Ochoa Sanchez [ver página 17], o coronel Antonio de la Guardia Font, o major Amado Pardon Trujillo e o capitão Jorge Martinez Valdés - e o encarceramento de outros funcionários cubanos por drogas - traficando[17] - como indicativo do não envolvimento de Cuba com o tráfico de drogas, ou interesse em reduzir as operações de drogas, é o auge da credulidade.

Em contrapartida, no caso dos países não comunistas que são anfitriões de várias atividades de tráfico de drogas - por exemplo, as Bahamas, a Colômbia, a Bolívia e o Peru - os dados geralmente indicam corrupção oficial, mas organizações de tráfico de drogas que não são governamentais. O país que parece estar “no meio” é o México, que

é tão corrupto que é difícil imaginar que o governo não esteja envolvido. Lembre-se da observação do senador Alfons D'Amato (R-NY): “Esse país está ferrando a revolução e foi realmente totalmente capturado, quer queiramos admitir ou não, totalmente pelas drogas”[18]. Nos últimos dois anos, houve um aumento nas atividades mexicanas de combate à droga. No entanto, dada a contínua falta de cooperação[19] e a continuação da produção[20] e o fluxo de drogas através do México, parece que certas atividades altamente divulgadas podem ser apenas um outro exemplo de esforços empreendidos e divulgados principalmente para o “benefício” dos Estados Unidos: Para concluir que existe um esforço real de funcionários mexicanos para restringir o comércio de drogas ilegais é, no momento da redação, na melhor das hipóteses prematuro

Os revolucionários terroristas soviéticos, marxistas e maoistas estão envolvidos no narcotráfico em todas as regiões do globo. Certamente, existem inúmeros traficantes de drogas não-comunistas. Mesmo alguns movimentos de resistência aparentemente não marxistas “liberdade-lutador”, especialmente os Contras na Nicarágua, estavam evidentemente tentados a usar drogas como arma ou fonte de dinheiro também. Não há como negar isso; Mas isso parece ser um elemento bastante menor do problema e não deve deixar a atenção do papel da China, dos países do bloco soviético e dos guerrilheiros e terroristas marxistas e maoístas. Pelo contrário, a participação de tais grupos serve bem os comunistas, uma vez que confunde o quadro geral, melhora a “negação” e ajuda a desviar a atenção de suas atividades muito mais intensivas, ao mesmo tempo que fornece uma fonte pronta de munição de propaganda para fins de desinformação. Um exemplo interessante de uma técnica de recrutamento soviética usando drogas foi contido em uma declaração jurada de Nelson Mantilla-Rey, arquivado em apoio de seu pedido de asilo político. Mantilla é uma colombiana que recebeu uma bolsa para estudar medicina na União Soviética. Ele descreveu como ele e um colega de classe, Rafay Mehdi, gradualmente ficaram sob o olhar atento de um conselheiro, que os apresentou às atividades do mercado negro para ganhar dinheiro extra e quem também os usou para coletar informações sobre vários indivíduos e situações durante as férias. O conselheiro mostrou ainda um poder considerável quando Mantilla ou Mehdi entraram em problemas com a polícia ou autoridades da faculdade - uma revelação que levou Mantilla e Mehdi a dar-lhe o apelido de “Anjo”. Eles finalmente concluíram que Angel era na realidade um oficial da KGB e que estavam sendo recrutados. Um dos parágrafos da declarção é significativo:

“No verão de 1982, Rafay veio comigo para a Colômbia. Angel sugeriu que devêssemos comprar drogas na Colômbia, dizendo-nos que ele tinha contatos no aeroporto colombiano e poderia configurar algo. Ele sugeriu que pudéssemos vender as drogas aos soldados americanos que vimos nas bases da Alemanha Ocidental e que poderíamos ganhar muito dinheiro para nós mesmos. Esta foi a primeira vez que nos recusamos a fazer o que Angel nos pediu. Nós dissemos que vender jeans era comércio, mas vender drogas estava causando danos e que éramos médicos e não podíamos participar dessa coisa. Ele não se irritou e deixou cair o assunto. Ele então nos convidou para entrar em contato com alguns dos ex colombianos que estudaram na União Soviética, para descobrir o que estavam fazendo e para verificar seus endereços, explicando que seria interessante saber o que aconteceu com todos esses alunos depois Eles deixaram a União Soviética. Concordamos em fazer isso[21]”.

Ele também informou sobre suas tentativas de interessar a embaixada dos EUA na forma como os alunos do Terceiro Mundo foram lavados por cérebro e recrutados, e foi informado de que as autoridades dos EUA não estavam interessadas no que ele tinha a dizer. Eles só estavam interessados em segredos militares, não em programas de

doutrinação de longo prazo [recrutamento]. Ao retornar à Colômbia após a formatura, ele começou a receber chamadas telefônicas de outros estudantes que estudaram na União Soviética e que o encorajaram a se juntar ao grupo político.

Um aconselhou-o a não se preocupar com o problema que ele estava tendo encontrar um emprego; “Ex-estudantes que eram simpatizantes soviéticos estavam entrando em posições de poder e a rede estava se espalhando”, disse ele.

O propósito deste livro não é, obviamente, ir ao extremo de colocar 100% da culpa pela pandemia mundial de drogas nos serviços de inteligência do Bloco chinês ou soviético. Nem ninguém pode dizer a eficácia do seu funcionamento. Se esses serviços controlassem 31 a 37% do mercado norte-americano em 1967, o que era a estimativa soviética de sua participação de mercado naquela época, qual porcentagem eles poderiam controlar hoje?

O problema da atribuição de responsabilidade é especialmente difícil no caso de “crack”. Crack é uma forma altamente potente de cocaína que é fumada. Ele entra no sangue através dos pulmões e passa imediatamente para o cérebro. Pode ser quase instantaneamente viciante, dá ao usuário uma sensação de autoconfiança e superioridade e está intimamente ligada ao comportamento violento. No início de 1985, o uso de fissuras era praticamente inédito. Exatamente quando o crack apareceu pela primeira vez não é precisamente conhecido; Mas parece ter feito sua estreia primária no final de 1985, apenas a tempo dos feriados. Em janeiro de 1986, o uso de crack foi relatado na Califórnia, Nova York, Iowa, Maryland, Michigan, Flórida, Alabama e Estado de Washington. Em junho de 1986, foi relatado em todo os Estados Unidos[22] e em setembro havia sido relatado no Canadá, Reino Unido, Finlândia, Hong Kong, Espanha, África do Sul, Egito, Índia, México, Belize e Brasil[23].

A propagação do crack parece melhor explicada como conseqüência do marketing de massa coordenado. Então, também é o seu design. Conforme analisado por M. M. Kirsch[24], o crack foi projetado para o consumidor com US $ 5 a US $ 15 para gastar. Foi projetado para o usuário que desconhece completamente seus efeitos devastadores: “O impulso do mercado foi dirigido aos jovens e aos ignorantes”[25]. Como a *Drug Enforcement Administration* informou em 1989, quase quatro anos após o crack ter começado a se espalhar rapidamente, as redes interestaduais, a fabricação e a distribuição foram dominadas por jamaicanos, haitianos e negros dos EUA, e os principais alvos eram as minorias étnicas nas cidades do interior, principalmente Os negros e os hispânicos[26]

De onde veio o crack? Quem orquestrou seu desenvolvimento e seu marketing? A droga tinha o preço para combinar perfeitamente com uma oportunidade de marketing não explorada - pessoas que não podiam pagar um hábito caro de cocaína ou heroína. Também é interessante reconhecer que as características de crack correspondem em todos os aspectos importantes aos objetivos do programa de desenvolvimento de drogas do bloco soviético tal como existiu na década de 1960 (descrito no Capítulo 7). A disseminação rápida de seu uso não coincidiu com o padrão “normal” associado à introdução de uma “nova” droga, como as drogas de designer da Califórnia no início da década de 1980.

Ainda mais significativamente, no entanto, a comercialização da droga pelos negros do Caribe e dos EUA para os pobres do centro da cidade, particularmente os negros e os hispânicos, coincide de forma idêntica com a estratégia soviética de marketing e distribuição desenvolvida em meados da década de 1960 e depois colocada em operação. Após o desenvolvimento do crack, que evidentemente aconteceu no final da década de 1970 ou no início dos anos 80, teria sido tarefa simples, clandestinamente,

inserir instruções para a sua fabricação nas redes de tráfico latino-americanas sobre as quais os soviéticos exercem influência, para garantir que lá não seria nada ligando a nova droga aos soviéticos. A operação teria sido 100 por cento eficaz, mas sem vínculos aparentes (da perspectiva dos EUA) à União Soviética ou mesmo a qualquer um dos serviços de inteligência por satélite, principalmente os serviços de inteligência cubanos.

Ou, considere o papel da maioria dos traficantes da América Latina e da América do Norte. Sugerir que sejam todos comunistas, ou obedecer ordens comunistas, seria bobo. É uma suposição justa de que a maioria dos traficantes e seus colaboradores não são comunistas. Na maior parte, eles apenas buscam lucros sem qualquer consideração pelas consequências de suas ações. Mas, quantos deles foram treinados em um campo de tráfico de drogas localizado no bloco soviético? Existe uma conexão entre essas escolas de treinamento e as escolas de tráfico de drogas na Colômbia[27]? E quantos traficantes são simplesmente peões em um jogo maior, cujas dimensões eles não entendem? No tráfico de drogas, muitas pessoas são usadas - e ser usado sem fazer perguntas é aceito como parte do custo de fazer negócios. A curiosidade é conhecida como uma doença fatal.

Como eles estão sendo usados e por quem, a maioria dos traficantes não conhece nem necessariamente se importa. Muito poucas pessoas realmente sabem, o menor possível, o que é muito pouco. Este é todo o objetivo da segurança operacional dos narcóticos, como foi desenvolvido pelos soviéticos no final da década de 1950, e como descrito nos capítulos 3 e 4 deste livro. É também por isso que o testemunho das poucas pessoas que sabiam o que estava acontecendo é tão importante.

A conclusão é que não há como medir a extensão ou eficácia das operações de drogas soviéticas e chinesas, nem tampouco qualquer método de medida a ser inventado. Mas, como indicado anteriormente, a extensão real do envolvimento soviético ou chinês no narcotráfico não é uma questão primordial.

A verdadeira questão é: por que o governo dos EUA está ignorando essa dimensão do problema da droga? Por que, especialmente quando poderia vir a ser a dimensão mais importante, pelas razões que foram descritas em capítulos anteriores? Por que o governo dos EUA não está disposto a reconhecer a guerra política ou a duplicidade contínua da União Soviética? Por que o governo dos EUA não pode enfrentar o papel de Cuba, Nicarágua e Bulgária? Por que todos os governos ocidentais evitaram a massa de dados multi-fonte sobre as operações soviéticas para treinar, equipar e financiar terroristas internacionais - e, para piorar as coisas, adotaram projetos perversamente aprovados para unir forças com o pior regime criminal de todos, o União Soviética, para combater o terrorismo e compartilhar dados de inteligência sobre o terrorismo no processo[28]? Por que juntar forças com uma nação que organizou campos de treinamento para terroristas em meia dúzia de países diferentes? A questão ultrapassa o envolvimento soviético e chinês no narcotráfico narrado neste livro.

“Por quê”? É uma pergunta difícil de responder com qualquer grau de confiança. Parte do problema pode ser a forma como a inteligência dos EUA é organizada, ou melhor, dividida; E parte pode referir-se à maneira pela qual a União Soviética é vista de Washington. A inteligência no exterior geralmente cai no âmbito da CIA, do Departamento de Estado e do Departamento de Defesa - e da inteligência doméstica dos EUA, no âmbito do FBI.

A maioria das operações de bloqueio soviético e de drogas chinesas estão localizadas no exterior, enquanto o problema de drogas dos EUA é percebido como uma questão doméstica. Além disso, as organizações estrangeiras de produção e tráfico de drogas não são uma ameaça óbvia contra os Estados Unidos, então por que a CIA deve

se preocupar com as operações de drogas no Haiti, na Indonésia ou no Vietnã do Norte ou com a operação facilitadora de alfândega TIR na Europa? As drogas são da responsabilidade da DEA, e não da CIA. Tampouco a CIA poderia estar ansiosa para compartilhar informações de fontes sensíveis com o Departamento de Estado, a DEA ou as Alfândegas, quando essas agências estão negociando acordos para compartilhar informações de inteligência com os soviéticos.

Mais básico, no entanto, é o fato de que a CIA não coleciona dados para a aplicação da lei; Isto é, dados que podem ser usados como prova em um tribunal de justiça. O seu papel é a segurança nacional, mas o tráfico de drogas é visto como um problema de aplicação da lei. Além disso, como explicado anteriormente, as operações de drogas soviéticas são tratadas principalmente por substitutos, o que complica ainda mais a situação. As agências de aplicação da lei muitas vezes não entendem ou têm acesso aos dados que descrevem as relações que existem entre os serviços de inteligência estrangeiros. Nem foi evidente, até recentemente, o que tem acontecido.

No entanto, embora essas considerações sejam válidas, elas não são satisfatórias porque ainda não respondem por que as prioridades de inteligência e a coleta de dados de tráfico de drogas não mudaram quando os dados sobre as operações do bloco soviético começaram a aparecer na literatura aberta, começando em dezembro de 1986[29]. Nenhum dos fatores acima explica a falta de esclarecimento de Jan Sejna e os esforços, que continuam hoje [e continuaram até sua morte em agosto de 1997 - Ed.], Para desacreditá-lo e o que ele tinha a dizer. Por que as autoridades dos EUA não querem saber?

Outra parte do problema é a “visão de detente” de Washington da União Soviética e do sistema comunista mundial como um todo. A visão prevalecente [1989 - Ed.] Da “ameaça” é aquela que apoia a política de detente. Somente um reconhecimento menor é dado à natureza do comunismo, seus objetivos e objetivos, e especialmente sua estratégia. Às vezes, parece que o governo dos EUA tem um desejo de morte[30]. Houve uma tremenda relutância em enfrentar a natureza da ameaça militar soviética. As pessoas que descreveram esta ameaça como ela é - uma capacidade de planejamento de guerra, de guerra e de conquista de guerra - foram submetidas a ridículo e escárnio. Houve e continua a ser uma relutância oficial em enfrentar a ameaça do terrorismo internacional e seu principal patrocinador, a União Soviética. A comunidade de inteligência evitou todo o conceito de um plano estratégico soviético de longo alcance para a dominação do mundo, mesmo na medida em que não coleciona dados conhecidos que descrevem o plano, a estratégia, as táticas e as responsabilidades das várias nações satélites soviéticas nela.

Uma descrição especialmente perceptiva do problema geral que os ocidentais têm na compreensão dos soviéticos vem de um dos mais famosos espiões dos EUA-Reino Unido que forneceu informações sobre atividades militares soviéticas no início da década de 1960, o Coronel Oleg Penkov-skiy. Como explicado em The Penkovskiy Papers, um trabalho preparado pela CIA com base em suas informações e interrogatórios:

“Uma coisa deve ser claramente compreendida. Se alguém entregasse a um general americano, um general inglês e um general soviético, o mesmo conjunto de fatos objetivos e dados científicos, com instruções que esses fatos e dados devem ser aceitos como irreconhecíveis, e uma análise feita e conclusões baseadas deles, é possível que o americano e o inglês alcançem conclusões semelhantes - não sei. Mas o general soviético chegaria a conclusões que seriam radicalmente diferentes das outras duas. Isso ocorre porque, em primeiro lugar, ele começa a partir de um conjunto completamente diferente de premissas básicas e ideias preconcebidas, ou seja, os conceitos marxistas da estrutura da sociedade e do curso da história. Em segundo lugar, o processo lógico em

sua mente é totalmente diferente do dos seus homólogos ocidentais, porque ele usa a dialética marxista, enquanto eles usarão alguma forma de raciocínio dedutivo. Em terceiro lugar, um conjunto diferente de leis morais rege e restringe o comportamento dos soviéticos. Em quarto lugar, os objetivos do general soviético serão radicalmente diferentes dos do americano e do inglês"[31].

Os ocidentais têm um tempo imensamente difícil ao enfrentar a lógica e a moral soviética, que, baseando-se na dialética leninista, são totalmente diferentes e incompatíveis com conceitos ocidentais pragmáticos equivalentes. Um exemplo crítico do problema operacional é o campo do engano, desinformação e propaganda, que é uma das principais armas soviéticas usadas contra o Ocidente - seu primeiro escalão estratégico, como o próprio Khrouchchev se referiu a ele. A fraude é tão natural como uma característica nacional russa, como é a liberdade nos Estados Unidos[32]. Os soviéticos gastaram mais de US $ 3 bilhões a cada ano no final da década de 1970 em fraudes, desinformação e propaganda, de acordo com as estimativas da CIA[33]. No entanto, o melhor que um estudo interagências dos EUA poderia concluir em 1982 foi: "O fato de a liderança soviética continuar a usar medidas ativas que incluem operações de desinformação e influência política em grande escala e, aparentemente, os financia generosamente, sugere uma avaliação positiva de seus Valor como instrumento de política externa"[34].

O FBI também levou esta avaliação suave: "Não vemos medidas ativas soviéticas nos Estados Unidos como tendo um impacto significativo nos tomadores de decisão dos EUA ... A mídia americana é sofisticada e geralmente reconhece tentativas de influência soviética ... O FBI não descobriu nenhuma evidência que sugira que os políticos americanos tenham sido induzidos a adotar políticas contra os interesses dos Estados Unidos através das operações de influência da KGB nos Estados Unidos[35]. Isso é contrário à visão de inúmeros desertores com experiência nessa área[36]. Também é contrário à visão de muitos especialistas não governamentais*[37].

Também não explica o número incomum de suposições sobre a União Soviética que servem de base para a política dos EUA e que se correlacionam bem com os pressupostos promovidos pelas operações de fraude soviética. Escusado será dizer que as posições da CIA e do FBI envolvem uma medida de interesse próprio: na medida em que existe um grave problema de fraude e desinformação, isso refletiria mal sobre as capacidades de contra-inteligência dos EUA, centradas no FBI e na CIA. O FBI escreveu um relatório de acompanhamento sobre as medidas activas soviéticas, que foi colocado no recorde do Congresso pelo Representante C. W. 'Bill' Young (R-FL). O relatório abrangeu o período de 1986-87 e foi consideravelmente menos suave. Concluiu:

"Embora muitas vezes seja difícil avaliar a eficácia de operações específicas de medidas ativas, os soviéticos acreditam que essas operações têm um efeito cumulativo e prejudicam a política externa dos EUA e os interesses de segurança nacional. Além disso, os soviéticos acreditam que suas operações de medidas viciantes nos Estados Unidos contribuem para a sua estratégia global para promover os interesses da política externa soviética, influenciar as políticas do governo dos EUA e, em geral, desacreditar os Estados Unidos[38].

Embora o relatório ainda não tenha chegado a nenhuma conclusão sobre a avaliação dos EUA sobre a eficácia das medidas ativas soviéticas, representou um passo na direção certa.

Em 1987, a Fundação de Liderança patrocinou um livro sobre fraude soviética[39]. Foram encomendadas análises independentes em diferentes áreas funcionais por dezessete especialistas. Uma das principais descobertas que surgiram em quase

todas as análises foi que os pontos de vista dos Estados Unidos não correspondem à realidade e, de fato, foram um grau perturbador alinhado com os objetivos da fraude soviética[40]. Mera coincidência?

Em que medida nossa percepção do problema do narcotráfico foi influenciada pelo dispositivo de fraude, desinformação e propaganda do bloco soviético? Conforme relatado por Jan Sejna[41], o aparelho de desinformação e propaganda do Bloco soviético tem trabalhado arduamente há mais de vinte e cinco anos para moldar as percepções dos EUA sobre o problema da droga. Em que medida a possibilidade de encontrar o envolvimento soviético e chinês no tráfico internacional de drogas simplesmente foi contrária à política dos EUA? E porque?

Será que os soviéticos apenas "prepararam" suas operações de narcotráfico e depois as deixaram continuar como atividades independentes e auto-sustentadas? Naturalmente, qualquer coisa é possível. Mas esse curso de ação parece ser uma possibilidade improvável. Os soviéticos sustentam uma visão revolucionária de longo alcance. Suas atividades são governadas, em geral, por uma estratégia de longo alcance e por planos que se estendem por décadas e além.

O que tem acontecido evidencia de uma mudança de tática, ou um ajuste estratégico? Embora tenha havido "revoltas" domésticas em todo o Leste da Europa, mecanismos de controle ainda parecem estar em vigor, e as operações de inteligência não são afetadas seriamente, pelo menos não em março de 1990. Por que os soviéticos se afastariam de tal eminentemente bem sucedida, ofensiva estratégica de longo prazo?

Uma razão pode ser evitar ser pego. Mas a abordagem soviética para operações estratégicas sensíveis é construir na operação um bom segredo, controles de contra-inteligência e, desde o início, uma estratégia pronta para ser implementada se houver uma violação do sigilo e o inimigo começa a reconheçer o que está acontecendo. O trabalho de base é colocado, desde o início, negar qualquer responsabilidade e responsabilizar alguém. Eles até têm um nome para essa estratégia. É chamado de "ofensiva negação"[42].

À medida que sua estratégia de tráfico de narcóticos se desenvolveu, os soviéticos tiveram o cuidado de observar quaisquer sinais de consciência ocidental. A título de exemplo, em 1964, as delegações britânicas e canadenses visitaram a Tchecoslováquia em ocasiões distintas. A Checoslováquia foi instruída a consultar as delegações para saber se a contra-inteligência britânica ou canadense havia conectado tráfico de drogas com os serviços de inteligência soviéticos ou do Bloco do Leste. O objetivo era preparar seu contra-ataque no caso de algo surgir. A abordagem checoslovaca era indicar, ocasionalmente, durante as conversas informais individuais que ouviram que o partido da oposição no Reino Unido (ou o Canadá) estava ligando o partido da pessoa na conversa ao tráfico de drogas e depois viu onde a conversa foi.

Esta estratégia soviética também se reflete na decisão de Moscou, a partir de 1964, divulgar o papel do narcotráfico da China comunista. O papel da publicidade chinesa desviaria a atenção da operação soviética e constituirá um culpado conveniente para o Ocidente culpado pelo crescente flagelo das drogas. O artigo de 1964 de

* Nota do Editor: Por exemplo, ele aflige o fato de que, por muitos anos, um comunista conhecido ocupou um cargo de gerência sênior na equipe de um dos principais jornais dos EUA. Também ignora a disseminação contínua de omissão e desinformação ao longo dos anos por agentes de influência em características e relatórios em jornais de todo o Ocidente, projetados para enrolar os formuladores de políticas e do público. Um caso em questão na data de imprensa desta edição foi uma série de artigos que apareceram no Reino Unido e nos Estados Unidos que foram claramente destinados a sustentar e reforçar a ilusão, com a intenção de Moscou, de que a explosão da criminalidade mundial relacionada a drogas é apenas uma circunstância infeliz da vida moderna - e não uma consequência de uma ofensiva de inteligência de longo prazo, como explicado aqui.

Ovchinnikov[43] (ver página 54) atou o problema do ópio, da morfina e da heroína no Japão, nos Estados Unidos e no Sudeste Asiático para a China. A província de Yunnan foi identificada como a principal área produtora alimentando o Sudeste Asiático. O artigo também discutiu a reunião de coordenação realizada em Pequim em 1952 e a decisão de expandir a produção que fazia parte do "Grande salto em frente". Este tema foi repetido e expandido em 1969, em Literaturnaya Gazeta. Mais detalhes foram fornecidos com a importante elaboração de que a CIA também foi identificada como participante do tráfico no Sudeste Asiático. O artigo vinculou a CIA ao transporte de barras de 100 quilogramas de ópio das regiões remotas do Laos para bases na Tailândia e para fábricas secretas em uma ilha no rio Mekong, onde o ópio foi processado. "A partir dessa fábrica, a heroína vai para os Estados Unidos, Japão e Europa Ocidental"[44].

Relatos de tráfico de estrangeiros da Bulgária são especialmente curiosos. Como indicado anteriormente, em um relatório de 1984 ao Congresso[45], a *Drug Enforcement Administration* indicou que tinha conhecimento de numerosos estrangeiros que usavam a Bulgária como base de operações. A DEA forneceu à Bulgária listas de nomes dessas pessoas em pelo menos quatro ocasiões diferentes. Cerca de 56 nomes foram aparentemente fornecidos a Sofia[46]. O que é interessante é que nenhuma das listas identificou cidadãos búlgaros. Por quê?

Os Estados Unidos tinham algum nome de búlgaros que estavam envolvidos, mas que, por algum motivo, não foram divulgados, ou os Estados Unidos realmente só tinham nomes de não-búlgaros, como estava implícito no relatório da DEA? É claramente possível que a última situação seja o caso e que o processo pelo qual os Estados Unidos obtiveram os nomes não era o resultado de uma baixa segurança búlgara - mas que os Estados Unidos pretendiam aprender apenas os nomes de traficantes não búlgaros .

KINTEX foi estabelecido em 1968, embora existam indícios de que estava em operação há vários anos e estava vinculado ao fornecimento de base de morfina a laboratórios italianos e franceses durante a era da "Conexão Francesa" - meados da década de 1960[47]. Em 1969, 200 quilos de heroína foram confiscados na Alemanha Ocidental. Através de uma análise química sofisticada da droga, as autoridades alemãs determinaram que a heroína havia sido fabricada na Bulgária, assim, diretamente a Unking Bulgaria com a fabricação de heroína utilizada no tráfico ilícito. Foi após essa determinação que uma fonte da DEA divulgou o plano búlgaro para permitir que os estrangeiros usassem a Bulgária como base para operações de fabricação e tráfico de drogas.

Esta divulgação se materializou em junho de 1970[48]. Parece também, com base no relatório da DEA, que os nomes dos cidadãos não búlgaros que realizam o fabrico e o tráfico de heroína começaram a aparecer em dezembro de 1970[49]. Não requer muita imaginação para a hipótese do uso búlgaro da KINTEX para gerir estrangeiros como parte de uma operação deliberadamente concebida de modo que, se a informação fosse vazada para os Estados Unidos, presumivelmente devido à falta de cuidados apropriados por um dos estrangeiros, haveria uma explicação não búlgara para o fabrico e movimento de drogas para o ocidente a partir e através da Bulgária. Tal operação também poderia ser concebida como uma cobertura para as operações búlgaras realizadas sem a participação de estrangeiros[50].

Quando o papel de Cuba no narcotráfico foi divulgado nos tribunais dos EUA em 1982, as ligações com a União Soviética estavam implícitas. Era apenas uma questão de tempo antes de questões serem levantadas sobre a participação soviética. Este evento, amplamente divulgado nos meios de comunicação, deve ter desencadeado alarmes discretos nos escritórios soviéticos responsáveis por "Druzhba Narodov". Algum

tipo de resposta protetora foi agora urgentemente necessária.

Ao pensar sobre os acontecimentos do início da década de 1980 e a necessidade soviética de uma diversão, é interessante lembrar a maneira pela qual os relatórios de que os soviéticos tinham um problema de drogas por conta própria começaram a surgir. Durante anos, os soviéticos alegaram que não tinham problema de drogas por causa de suas condições sociais - pleno emprego, falta de sem-teto e amplas oportunidades para que os jovens obtenham uma boa educação ou aprendessem um comércio. Então, de repente, em 1986, surgiu um problema de drogas na literatura soviética[51]. Grande parte da culpa foi colocada sobre os "Lutadores da Liberdade" do Afeganistão que vendiam drogas aos soldados soviéticos. Mas outro relatório da União Soviética foi particularmente estranho. Isso dizia respeito ao roubo de sementes de papoula, que foi retratado como outra indicação do crescente problema da droga. Isso deveria ter levantado uma bandeira vermelha. Em toda a União Soviética existe um cultivo generalizado de papoulas. As papoulas são cultivadas para fins medicinais e para as sementes. As crianças muitas vezes bebem o néctar nos botões das flores de amadurecimento. Poppy-seed cake é um deserto nacional na Ucrânia e as sementes de papoula estão amplamente disponíveis. Portanto, a preocupação com o roubo de sementes de papoula não vale a pena denunciar.

De acordo com uma análise do Dr. James Inciardi, professor e diretor do Departamento de Justiça Criminal da Universidade de Delaware, a emergência repentina de um problema de dependência soviética em 1986 era inconsistente com os fatos, que incluía a fácil disponibilidade de papoulas e haxixe e uma população conhecido por seu alcoolismo. Além disso, como ele explicou, um importante estudo de pesquisa soviético sobre adição de drogas, publicado em fevereiro de 1987, não sugeria um problema recente. Inciardi então apontou que a maior parte do trabalho sobre este novo artigo de pesquisa foi realmente feito no final da década de 1960 e referenciou o material-fonte datado até 1955. Ele mostrou que os soviéticos provavelmente apresentaram uma extensa exposição clínica aos toxicodeótipos já atrás como a década de 1950[52] (que, coincidentemente, é precisamente quando as análises soviéticas sobre o uso de drogas como armas estratégicas foram intensificadas).

A questão óbvia, é claro, foi: por que os soviéticos decidiram começar a divulgar seu problema de drogas em 1986? Duas possibilidades devem ser consideradas. Primeiro, em 1985, os soviéticos estavam no processo de modificar suas táticas em relação ao Ocidente. Como parte desse processo, eles enviaram inúmeros emissários aos Estados Unidos para conversar com "radicais" prominentes, indagando sobre o que era a União Soviética para mostrar que estava mudando. No passado, era uma prática comum para os soviéticos adotarem uma estratégia destinada a retratar essa imagem de mudança como parte de um programa para obter maior assistência financeira e técnica do West[53]. Isso poderia muito bem explicar muitas das "mudanças" que apareceriam na segunda metade dos anos 80. Também poderia ajudar a explicar, em parte, a divulgação repentina que os soviéticos deram a seus problemas de drogas, começando em 1986. Além disso, deve ter sido evidente, com efeito, pelo menos a meio de 1983, que as medidas eram necessárias para compensar o crescimento foco de atenção no papel dos substitutos soviéticos no narcotráfico. Em 1986-87, as descrições do conhecimento de Sejna sobre a estratégia soviética de narcóticos começaram a surgir - inicialmente em um boletim privado no final do verão de 1986 e publicamente na França em dezembro de 1986[54] e na América em janeiro de 1987[55].

Os soviéticos poderiam facilmente ter tido conhecimento, já em 1985, de que esse material estava sendo desenvolvido. Além disso, em 1986 e 1987, surgiram novas

indicações sobre as atividades soviéticas, com relatos de transações de narcóticos transportados em navios soviéticos. Em 1986, a polícia holandesa pegou 220 quilos de heroína a bordo do cargueiro soviético, o Kapitan Tomson. Funcionários belgas e canadenses apreenderam recipientes soviéticos escondidos com drogas ilegais em 1987. Também em 1987, a polícia aduaneira italiana apreendeu 880 libras de haxixe escondido no fundo de um recipiente[56]. Definitivamente não era mais segrado.

Enquanto esses eventos se desenrolavam, as notícias sobre os problemas internos da droga soviética continuavam crescendo. Isso proporcionou uma base compreensível para o novo interesse soviético em "trabalhar com o Ocidente", especificamente os britânicos e os americanos, para "parar o tráfico de drogas"*. Em fevereiro de 1988, os soviéticos e os britânicos assinaram um Memorando de Entendimento sobre a cooperação na "luta contra a droga".

Três meses depois, os soviéticos derrubaram os britânicos sobre algumas drogas que estavam prestes a ser contrabandeadas para a Grã-Bretanha. Em 29 de abril de 1988, Tass anunciou que uma operação conjunta, código chamado 'Diplomat', conduzida por agentes alfandegários soviéticos e britânicos, levara à apreensão de três toneladas e meia de haxixe com um valor de rua de £ 10,000,000 . As drogas estavam em trânsito do Afeganistão através de Leningrado para Tilbury. Os soviéticos relataram que a fonte do haxixe era o Paquistão. Pergunta-se por que os soviéticos não aproveitaram as remessas de drogas no Afeganistão ou a União Soviética, como seria lógico se o objetivo do exercício realmente tivesse sido combater o tráfico de drogas. Em vez disso, o anúncio de Tass observou que a Operação *"Diplomat"* era outro exemplo de alargamento da cooperação internacional. O "alargamento" particular referia-se aos acordos em causa que estavam a ser negociados com a França e os Estados Unidos.

O que os soviéticos tinham em mente a "cooperação"? Ou esta "cooperação" é, na realidade, uma operação minuciosamente orquestrada de proteção, fraude e penetração soviética?

Aliás, um exame bastante simples da sinceridade dos soviéticos nesta matéria vem à mente. Deixe as autoridades em Moscou fornecer uma descrição detalhada das operações de drogas que

Eles tiveram uma "mão" em execução de 1955 até o presente, com os nomes, detalhes e fotografias de todos que treinaram e todos os que os ajudaram ao longo dos anos; Permita que eles forneçam cópias de todos os arquivos de inteligência do bloco soviético sobre operações de tráfico de narcóticos não-soviéticos; E deixá-los encaminhar de volta para os países de origem, todos os lucros relacionados à droga realizados pelos serviços de inteligência do bloco soviético.

Os soviéticos simplesmente se afastariam da operação de drogas? Possível, mas pouco provável. 'Druzhba Narodov' foi bem sucedido. Foi também uma operação a longo prazo envolvendo um compromisso substancial de recursos. Por que os soviéticos de repente iriam destruir a operação, especialmente considerando a relutância do Ocidente em focar seriamente o problema do narcotráfico ou o papel dos substitutos soviéticos no narcotráfico? Embora não se possa negar que tal resposta teria sido possível, certamente teria sido inconsistente com a estratégia soviética e com a doutrina operacional de Moscou, um dos princípios centrais de que é o controle.

*Nota do Editor: Ele também forneceu a falsa impressão falsa de "equivalência" entre os problemas de drogas na URSS e no Ocidente, que era um pré-requisito para a "cooperação" do Leste-Oeste na "luta contra a droga". Moscou procurou essa "equivalência" para poder neutralizar eficazmente as operações antitrangas ocidentais, ao mesmo tempo em que obteve um fluxo constante de inteligência ocidental relacionada a drogas de fontes internas. Essa abordagem "Bold Bolshevik" é típica da metodologia revolucionária ativista leninista, à qual os governos ocidentais são trágicamente cegos.

Os soviéticos fazem grandes esforços para garantir o controle. A última situação que eles querem é o surgimento de operações economicamente independentes e incontroladas de fragmentação[57].

Não obstante as mudanças que impressionaram o mundo inteiro sob Gorbachev, houve poucas indicações de mudanças favoráveis nas capacidades estratégicas soviéticas ou operações de inteligência. Como William H. Webster, Diretor de Inteligência Central da CIA na época, observado em fevereiro de 1990, os serviços de inteligência na Europa Oriental provavelmente permaneceriam no trabalho, não obstante as mudanças radicais ocorridas nesses países; E, eles continuariam cooperando com os Soviets[58]. Além disso, o apoio militar soviético continua a fluir para vários países assediados e o aparelho de propaganda da União Soviética continua a espalhar mentiras sobre os Estados Unidos em todo o mundo[59].

A oferta concedida pela *Drug Enforcement Administration* e pela Alfândega dos EUA em 1971 para trabalhar com os serviços de inteligência búlgaros para ajudá-los a prender traficantes de drogas forneceu aos soviéticos um mecanismo quase enviado pelo céu para tirar o pulso da inteligência do narcotráfico nos Estados Unidos. Esta "cooperação" está agora a ser expandida para incluir a partilha de informações sobre tráfico de drogas diretamente com os soviéticos. Naturalmente, isso proporciona aos soviéticos o que poderia ser o mecanismo de feedback final com o qual acompanhar os dados e preocupações dos EUA. E, à luz dessa "cooperação", como os funcionários do governo dos EUA, ou funcionários de outros países envolvidos de maneira semelhante, já suspeitaram - e muito menos acusam publicamente - os soviéticos com a criação de uma operação abrangente de tráfico de drogas da inteligência soviética? Mesmo que as suspeitas ocidentais fossem despertadas a este respeito, como elas foram de tempos em tempos, qualquer conclusão nesse sentido seria induzida indefinidamente com base em que ela estava em conflito com a política americana "aceita".

Os dados fornecidos pelo ex-secretário do Conselho de Defesa da Checoslováquia são extensos e têm consequências de longo alcance. O tráfico de drogas pelos países do Bloco soviético e a China é apenas uma das monstruosidades reveladas em suas divulgações. No entanto, apesar da aparente importância dos dados, continua a ser ignorada, varrida ou maldita com elogios. O problema é a confirmação? Ou, as pessoas em Washington simplesmente não querem saber? A força da desinformação, fraude e infiltração soviética é muito forte para combater; É a propaganda atual sobre a política soviética nova e "reformada" de glas-nost, tão poderosa que todas as "glasnosts" anteriores e promessas fracas da reforma são agora ignoradas ou descartadas como história antiga[61]? Os dados não recebem atenção séria porque eles não são creram, ou porque o instante lhes dá uma atenção séria, torna-se claro ao mesmo tempo que os Estados Unidos têm sérios problemas, exigindo atenção urgente?

Referências ao Capítulo 11:

1. "Sem demanda não há fornecimento". Anúncio pago pelo Governo da Colômbia, Washington Post, 14 de outubro de 1988, página A22. Para uma declaração mais sofisticada, considere as palavras do presidente Julio Maria Sanguinetti do Uruguai na abertura de uma reunião de sete presidentes latino-americanos. O principal fator do consumo de drogas, disse ele, conforme relatado no Washington Post, "vem de questões sociais profundas que não serão facilmente resolvidas". Eugene Robinson, Washington Post, 12 de outubro de 1989, página A35.
2. Dados obtidos de "Mortes Dependentes de Drogas Relatadas em Nova York de 1923 a 1984", Comunicação do Departamento de Saúde, Nova York, 14 de setembro de 1988.
3. Gabriel G. Nahas, *The Decline of Drugged Nations*, Wall Street Journal, 11 de julho de 1988.
4. Esta é uma estimativa da inteligência dos EUA sobre as despesas das medidas viciantes soviéticas em torno de 1979. No entanto, dado o conhecimento limitado por inteligência dos EUA de medidas viciantes soviéticas, por exemplo, as operações de narcóticos, o valor de US $ 3 bilhões é provavelmente uma subestimação bruta.

5. Um dos movimentos políticos mais perniciosos - apoiado, se não criado, por propaganda dirigida pelos soviéticos e medidas ativas - é o movimento de legalização da droga (particularmente a maconha). Conforme relatado por Candlin, um encontro foi organizado pelo Comintern em Nova York em 1934 para divulgar informações sobre o uso da maconha como meio condicionante para tumultos e atividades revolucionárias. O orador principal explicou as virtudes da maconha como uma "arma valorizada no arsenal vermelho" e descreveu seu uso experimental no México e a necessidade de valiosos quadros revolucionários para evitar o uso excessivo da droga. Na reunião, os falantes levantaram e propuseram uma campanha de longo alcance para organizar a aceitação legal de maconha e outras drogas similares, usando como argumento o direito à liberdade de escolha individual. Alguns elementos presentes - médicos à esquerda, advogados, representantes de mídia de notícias e mesmo clérigos - foram instados a realizar uma campanha coordenada em que o público fosse instado a aceitar e legalizar a droga. Guerra Psicoquímica: A ofensiva comunista chinesa de drogas contra o ocidente, op. Cit, páginas 45-48. Veja também a citação da resolução secreta de 1966 na página 28 (Capítulo 3).
6. C. W. Sheppard, G. R. Gay e D. E. Smith, The Changing Patterns of Heroína Addiction in the HaightAshbury Subculture ', Journal of Psychedelic Drugs, Spring 1971, página 23. Copyright 1971 by the Journal of Psychedelic Drugs. Reimpresso com permissão. Os dados para 1969 e 1970 são omitidos devido à proximidade com a data de coleta.
7. "O Brasil pode se tornar o exportador de drogas" No. I, Insight, 25 de julho de 1988, página 37, citando o Globo, 26 de junho de 1988.
8. Earlston Spencer, 'Subverter Jamaica', Comitê Nacional para Restaurar Segurança Interna, Houston Hearing, 29 de setembro de 1980, páginas 29-34.
9. Crack Cocaine Overview 1989, op. Cit., Página 7.
10. Entrevista com Carlos Lehder, Uri Ra'anan et al., Hydra of Carnage (Lexington, Massachusetts: Lexington Books, 1986). Página 434.
11. Audiência para receber testemunho sobre drogas, aplicação da lei e política externa: Panamá, 11 de fevereiro de 1988, op. Cit., Páginas 88,97.
12. James M. Dorsey, 12 morto em Medellin por Bomb, apesar do toque de recolher, Washington Times, 1 de setembro de 1989, página A1.
13. "O oficial dos EUA diz que os fazendeiros da Coréia do Norte ordenaram crescer a droga", New York City Tribune, 21 de fevereiro de 1990, página 6.
14. "Links de inteligência ocidental" Honecker to Drugs, Hamburg BILD, relatado no Foreign Broadcast Information Service, FBIS-EEU-89-233, 6 de dezembro de 1989, página 40.
15. Em um dos maiores casos de contrabando de heroína registrados, Manuel Dominguez Suarez, chefe da Polícia Judiciária Federal do México, foi preso em 7 de maio de 1970 em San Antonio, Texas. Ele havia feito nove viagens a Berlim Oriental, cada vez que retornava ao México com cinquenta quilogramas de heroína, que depois foram transferidos para a fronteira para os Estados Unidos. Suarez recebeu tratamento especial quando entrou em Berlim Oriental - seu passaporte nunca foi carimbado. Ele tinha sido recrutado por um pólo com conexões do leste da Alemanha. Tráfico mundial de drogas e seu impacto na U S. Security, op. Cit., Parte 4, página 157.
16. Depois que a informação da DEA foi divulgada à imprensa em março de 1989 sobre o envolvimento ativo da Bulgária na refinação de drogas, tráfico e lavagem de dinheiro, tudo em contradição com o relatório do Departamento de Estado ao Congresso em março 1, o Departamento de Estado confirmou os dados da DEA e disse: "É intenção do Governo dos EUA apresentar os fatos ao Governo búlgaro para qualquer ação corretiva que seja justificada", o que provavelmente é o que acontecerá até o momento. Afinal, uma "intenção" nunca precisa ser realizada na prática. Bill Gertz, "O Estado confirma os laços da droga da empresa búlgara", Washington Times, 7 de abril de 1989, página A6.
17. Bill Gertz, 'Cuban Officers' Arrests Linked to Drugs', Washington Times, June 19,1989, page A3; Gilles Trequesser, 'Cuban General Arrested for Treason Could Face Firing Squad', Washington Times, June 20.1989, page A11; Giles Trequesser, 'Cuban Officials Pledge Crackdown on Drugs', Washington Times, June 23,1989, page A11; Julia Preston, 'Cuba Details Drug Deals', Washington Post, June 23,1989, page A27; Michael Hedges, 'Drug Trial Testimony Forced Castro's Hand, Officials Believe', Washington Times, June 26, 1989, page A7; Mark A. Uhlig, 'Raul Castro Adds Sparks to Cuban Trial', New York Times, June 27,1989, page A3; Alfredo Munoz-Unsain, 'Firing Squad Likely for Cuban General in Drug-trafficking', Washington Times, June 27,1989, page A9; Julia Preston, 'Castro Fires Top Official For Security', Washington Post, June 30, 1989, page A25; Julia Preston, 'Cuba Sentences Officers to Death for Corruption', Washington Post, July 8, 1989, page A1; and 'Cuba Executes Convicted Officers', Washington Post, July 14,1989, page A24.
18. Audiência para receber testemunho sobre drogas, aplicação da lei e política externa: Panamá, audiências perante o Subcomitê de Terrorismo, Narcóticos e Operações Internacionais do Comitê de Relações Exteriores, 10 de fevereiro de 1988, transcrição estenográfica não publicada, página 70.
19. Quando A Guarda Costeira dos EUA tentou embarcar e procurar um navio de carga fretado por interesses cubanos por provas de drogas, o navio fugiu e procurou refúgio em águas mexicanas. Os Estados Unidos tinham informações que indicavam que a carga cubana era suspeita. O navio estava registrado no Panamá e os EUA tinham permissão do Panamá para embarcar e pesquisar o navio. Os mexicanos recusaram um pedido dos EUA para realizar uma busca conjunta do navio e disseram que iriam realizar a pesquisa sozinhos. Patrick E. Tyler, 'Fogo da Guarda Costeira Contra o navio cubano', Washington Post, 1 de fevereiro de 1990, página A1.
20. A estimativa da maconha cultivada no México, por exemplo, aumentou em 1989 por um fator de dez. Michael Isikoff, 'World Output of Narctics Soars, Congress Told', Washington Post, 2 de março de 1990, A24.
21. Declaração jurada de Nelson Mantilla-Rey (A 28-279-438) em apoio à Solicitação de Asilo Político, Jurada e subscrita ao Gial Valentino, Notário, 19 de maio de 1989, Suffolk County, Massachusetts.
22. MM Kirsch, Designer Drugs (Minneapolis, Minnesota: CompCare Publications, 1986), página 56.

23. James A. Inciardi, “Além da cocaína: basuco, crack e outros produtos de coca”, Contemporary Drug Problems, Fall 1987, página 471.
24. Drogas do designer, op. Cit.
25. Ibid., Páginas 46-47.
26. Crack Cocaine (Washington, D.C .: Departamento de Justiça dos EUA, 1989), página 13 e apêndices.
27. Hoje, as autoridades federais estimam que existem até 10 mil traficantes colombianos que operam nos Estados Unidos, a maioria deles em quatro centros de distribuição principais: Miami, Nova York, Los Angeles e Houston. Treinados em escolas especiais de tráfico de drogas na Colômbia e pagos até US $ 20.000 por semana, os traficantes de cartéis são girados entre as quatro cidades, compartimentadas em pequenas células de 10 a 20 membros. Michael Isikoff e Nancy Lewis, 'Making the California Connection to the Cali Cartel', Washington Post, 3 de setembro de 1989, página A18.
28. Thomas L Friedman, “EUA e soviéticos podem trocar segredos”, New York Times, 21 de abril de 1989.
29. Crozier, 'Drogue: la Filiere Sovietique', L'Express, 25 de dezembro de 1986, op. Cit. Isto foi imediatamente seguido por Rachel Ehrenfeld, “Narco-Terrorism: The Kremlin Connection”, Heritage Lectures No. 89 (Washington, DC, The Heritage Foundation, 1987) e Joseph D. Douglass, Jr. e Jan Sejna, “Narcóticos internacionais Tráfico: A Conexão Soviética”, Jornal de Defesa e Diplomacia, dezembro de 1986.
30. Para uma excelente análise do problema geral, veja Jean-François Revel, Como as democracias perecem (Garden City, Nova York: Doubleday & Company, Inc. , 1984).
31. Oleg Penkovskiy, The Penkovskiy Papers (Garden City, Nova Iorque: Doubleday & Company Inc., 1965), páginas 243-244
32. Veja Hedrick Smith, The Russos (New York: Quadrangle / The New York Times Book Co., 1976), página 17; E Journey for Our Time, as revistas do marquês de Custine, editadas e traduzidas por Phyllis Penn Kohler (Londres: Arthur Barker, Ltd., 1951).
33. O analista francês Mme. Suzanne Labin estimou o esforço de propaganda soviética em US $ 2 bilhões por ano em 1960, o que sugeriria um tamanho muito maior hoje. Senado dos EUA, Técnica da Propaganda Soviética, Um Estudo Apresentado pelo Subcomitê para Investigar a Administração da Lei de Segurança Interna e Outras Leis de Segurança Interna do Comitê de Judiciário (Washington, DC: US Government Printing Office, 1960), página iii .
34. Casa dos EUA, medidas ativas soviéticas, audiências perante o Comitê Seletivo Permanente sobre Inteligência, 13, 14, 1982 (Washington, D.C .: US Government Printing Office 1982), página 49, ênfase adicionada.
35. Ibid., Páginas 226-227.
36. Veja, por exemplo, Anatoliy Golitsyn, New Lies for Old (Nova York: Dodd, Mead & Company, 1984); John Barron, KGB Today: The Hidden Hand (Nova York: Reader's Digest Press, 1983); Chapman Pincher, The Secret Offensive (Londres: Sidgwick & Jackson, 1985); Richard H. Shultz e Roy Godson, Dezinformatsia (Washington, D.C .: Pergamon-Brassey, 1984); Ladislav Bittman, The KGB e Desinformation Soviética (Washington, D.C .: Pergamon-Brassey, 1985) e Edward Jay Epstein, Deception (Nova York: Simon & Schuster, 1989).
37. Veja Raymond S. Sleeper, editor, Mesmerized by the Bear (New York: Dodd, Mead & Company, 1987); E Brian D. Dailey e Patrick J. Parker, editores, Deception estratégico soviético (Lexington, Massachusetts: Lexington Books, 1987).
38. Escritório Federal de Investigação dos EUA, Medidas Ativas Soviéticas nos Estados Unidos 1986-1987. Reimpresso pela Fundação de Segurança e Inteligência, Arlington, Virgínia, 1988, página 20.
39. Para vários estudos de caso na fraude soviética, veja Raymond Sleeper, editor, Mesmerized by the Bear, op. Cit., E Brian D. Dailey e Patrick J. Parker, editores, fraude Estratégica Soviética, op. Cit. Quanto ao engano soviético e os pressupostos subjacentes à política dos Estados Unidos; Veja Mesmerized by the Bear, op. Cit., Páginas 223224. Veja também Anatoliy Golitsyn, The Perestroika Deception, Edward Harle Limited, op. Cit.
40. Sleeper, Mesmerized by the Bear, op. Cit.
41. Além de suas posições descritas no Capítulo 2, Sejna foi membro do comité de revisão e planejamento de fraude sensível para três Congressos do Partido e no que diz respeito ao desenvolvimento do plano de longo prazo.
42. Uma discussão detalhada com exemplos da estratégia soviética de negação ofensiva é apresentada em Joseph D. Douglass, Jr., por que os soviéticos violam os tratados de controle de armas (Washington, D.C .: Pergamon-Brassey, 1988), páginas 63-83.
43. V. Ovchinnikov, The Drug Dealers ', Pravda, 13 de setembro de 1964, tradução de Rachel Douglas.
44. B. Bulatov, “Como os maoístas realizam comércio de contrabando no ópio”, Literaturnaya Gazeta, 19 de março de 1969, página 12, tradução de Rachel Douglas.
45. Drugs and Terrorism, 1984, op. Cit.
46. Ibid., Páginas 67,68.
47. Entre outros traficantes associados ao KINTEX estão os sírios Henri Arsan e Sallah Wakkas. Tanto Wakkas quanto Arsan, que morreram em uma prisão italiana, foram figuras-chave no movimento da base de morfina para laboratórios italianos e franceses durante a era da “Conexão Francesa”. Drug Enforcement Administration, Strategic Intelligence Section, O Envolvimento da República Popular da Bulgária no Narcotráfico Internacional ', Ibid., Página 61.
48. Ibid., Página 65.
49. Ibid.
50. Parece especialmente curioso que é precisamente quando surge uma massa de dados sobre o envolvimento oficial da Bulgária no narcotráfico que os funcionários dos EUA decidem abordar a Bulgária e sugerem operações conjuntas para impedir o tráfico de drogas através da Bulgária. Por que a Bulgária? Quem no governo dos EUA propôs essa abordagem? Existe um paralelo entre esta situação e os acontecimentos na década de 1980, quando, de repente, surgiram mais sugestões de esforços de luta anti-narcotráfico e compartilhamento de inteligência conjunta na sequência de uma maior publicidade em torno do envolvimento dos países comunistas?

51. Também é interessante que, em 1986, foram publicadas duas biografias lisonjeiras de Fidel Castro: Tad Szulc, Fidel: A Critical Portrait (New York: William Morrow and Company, Inc., 1986); E Peter G. Bourne, Fidel: uma biografia de Fidel Castro (New York: Dodd, Mead & Company, 1986).
52. James A. Inciardi, “Drug Abuse in the Georgian SSR”, Journal of Psycho-Active Drugs, outubro de dezembro de 1987.
53. Este foi um dos principais ingredientes da Nova Política Econômica [NEP] adotada por Lênin em 1921 (ver Anatoliy Golitsyn, New Lies for Old, New York: Dodd Mead, 1984, páginas 10-52) e do “enxofre da coexistência pacífica” adotado por Khrushchev em 1954 (ver Jan Sejna, We Bury You (Londres: Sidgwick & Jackson, 1982), páginas 22-36, e Joseph D. Douglass, Jr., “fraude Estratégica Soviética”, no editor Raymond S. Sleeper, Mesmerized by the Bear (New York: Dodd Mead, 1987)).
54. Brian Crozier, 'Drogue: la Filiere Sovietique', L'Express, 25 de dezembro de 1986.
55. Joseph D. Douglass, Jr. e Jan Sejna, “Narcotráfico Internacional: A Conexão Soviética”, Jornal de Defesa e Diplomacia, dezembro de 1986.
56. “US $ 20 milhões em heroína chegaram ao navio soviético”, Washington Times, 19 de agosto de 1986, página 7A. “Papel soviético no contrabando de narcóticos expostos na imprensa européia”, Nova solidariedade, 29 de agosto de 1986, página 5. “A Itália aproveita o Hashish do navio soviético”, Washington Post, 5 de abril de 1987, A 19.
57. Os soviéticos fazem, após Ocasião, puxa suas rédeas., De acordo com a estratégia “um passo em frente, dois passos para trás”. No entanto, tais operações sempre permanecem controladas: o controle não é interrompido. Além disso, uma diminuição da atividade operacional também seria aparente, mas isso não é evidente.
58. George Lardner, Jr., 'Diretor da CIA: E. European Spies at Work', Washington Post, 21 de fevereiro de 1990, página A15. Anteriormente, o senador William Cohen (R-ME), vice-presidente do Comitê de Inteligência do Senado na época, havia dito: Os serviços de inteligência da Polônia, Alemanha Oriental, Checoslováquia, Bulgária, Hungria e Cuba continuam a realizar operações de inteligência neste país, Não só para servir seus próprios interesses nacionais, mas também como substitutos da inteligência soviética. Bill Gertz, “Apesar da reforma, East Bloc Spies on US”, Washington Times, 20 de novembro de 1989, página A3.
59. Departamento de Estado dos EUA, Atividades de influência soviética: Relatório sobre medidas e propaganda ativas, 1987-1988 (Washington, D.C .: US Government Printing Office, agosto de 1989).
60. Promover o conceito de reforma como um mecanismo para obter assistência econômica e técnica do Ocidente tem sido uma estratégia de fraude soviética tradicional (e mais bem sucedida). Ao avaliar as recentes “reformas” soviéticas chamadas perestroika e glasnost, há duas referências históricas especialmente convincentes para se lembrar. O primeiro é o engano extremamente bem sucedido de Lênin, a Nova Política Econômica [NEP], na qual o comunismo foi retratado como mudando e abraçando o capitalismo, mas apenas para garantir a assistência econômica e técnica do Ocidente. Esta estratégia eminentemente bem sucedida, conforme analisado nos estudos do KGB, é descrita pelo antigo oficial da KGB, Anatoliy Golitsyn, em New Lies for Old (New York: Dodd, Mead & Company, 1984) [e também em seu trabalho mais recente, The Perestroika Deception, Edward Harle Limited, 1985 e 1998, op. Cit. - Ed]. O segundo é o engano estratégico da “convivência pacífica”, que foi lançado por Khrushchev em 1955 para obter assistência econômica e técnica do Ocidente e acelerar a derrota do ocidente [veja também a Nota 53, acima]. Esta estratégia é descrita por Jan Sejna, ex-secretário do Conselho de Defesa da Checoslováquia, em We Will Bury You, op. Cit. Em ambos os casos, as táticas leninistas, a estratégia e as motivações subjacentes têm uma estranha semelhança com os acontecimentos que ocorreram sob Mikhail Gorbachev. Veja especialmente Anatoliy Golitsyn, The Perestroika Deception, op. Cit.
61. Nota do Editor: As comunidades de inteligência ocidentais na verdade não empregam estudantes de língua russa de Lênin que poderiam ter esclarecido seus superiores sobre o verdadeiro significado revolucionário leninista de pere stroik-reform, como na “formação militar”? Certamente, há evidências de uma determinação oficial perversa de aceitar a mentira dos “lisos com o passado” dos leninistas soviéticos como genuínos, independentemente das conseqüências. Por exemplo, o Ministério da Defesa britânico descartou suas cópias dos documentos indispensáveis de três volumes da International Comunista, 1919-1943, editados por Jane Degras, 1956, já que esses volumes, completos com o selo da MOD Library Services, Foram adquiridos por este escritor. O Ministério dos Negócios Estrangeiros britânico também vendeu grande parte de sua Biblioteca de materiais no comunismo em 1990-91. Portanto, não é surpreendente que os políticos ocidentais permaneçam cegos. Como consequência, a “convergência” nos termos do Oriente já está muito avançada.

CAPÍTULO DOZE

PERSPECTIVAS DE GRIM PARA O SÉCULO XXI

Desde que a Cocaína Vermelha foi impressa há dez anos, o problema da droga continuou a crescer. As drogas estão mais amplamente disponíveis do que nunca, os preços são mais baixos e a potência da droga aumentou. Por exemplo, a heroína já está disponível, que é 90 por cento pura. Após um declínio temporário de 1988 a 1992, o uso da adolescência tem vindo a proliferar[1]. Isto é especialmente perturbador por causa das graves implicações para o futuro da sociedade.

Do ponto de vista global, a América não é mais o único alvo primário das drogas deliberadas ofensivas para desestabilizar o Ocidente e destruir a sociedade e a democracia ocidentais. As drogas ilegais estão fluindo para a Europa a taxas recorde e nas várias repúblicas da antiga União Soviética. Com eles, o crime e a corrupção de alto nível, que normalmente acompanham drogas ilegais, estão crescendo em todos os lugares. O tamanho da captura global criminal global agora é estimado em mais de US $ 2 trilhões por ano. Os problemas de saúde, que também estão ligados ao uso de drogas ilegais, estão a proliferar.

Enquanto isso, os custos associados às medidas para “combater” o flagelo das drogas continuam a aumentar. Somente os Estados Unidos atualmente gastam mais de US $ 15 bilhões por ano nas operações antidrogas. Além das despesas em espiral e das despesas gerais, no entanto, não mudou muito. As medidas de combate continuam focadas em:

Interdição;

Tentativas de obter a cooperação dos países produtores de drogas;

Aplicação da lei, e:

Educação.

Essas medidas permanecem tão notoriamente ineficazes hoje como faziam 25 anos atrás - como é muito aparente da pronta disponibilidade de drogas, da diminuição dos preços nas ruas, da maior potência e dos aumentos associados no consumo entre os adolescentes. No entanto, apesar da gravidade do flagelo da droga ilegal e suas consequências, não há uma determinação evidente para enfrentar o desafio que apresenta de forma séria. Além disso, o diagnóstico oficial da crise nos Estados Unidos permanece ingênuo e inadequado.

Uma razão pela qual a crise da droga recebe atenção muito menos séria (nos Estados Unidos e em outros lugares) do que deveria receber, é aquela estimativa de que drogas ilegais custam pessoas em todos os lugares - não apenas em termos monetários, mas também em relação ao seu impacto nas estruturas políticas e sociais, e nas vidas

das famílias e dos indivíduos - estão lamentavelmente incompletos e grosseiramente subestimados. Isso parece ser porque as autoridades dos EUA e alguns outros governos ocidentais também não saboreiam ter que enfrentar a severidade da ofensiva contra sociedades ocidentais e não querem anunciar a gravidade da crise.

Na América, o consumo de drogas e as estimativas de custos baseiam-se principalmente nas chamadas estatísticas de uso doméstico. Essas estatísticas são tão inadequadas e enganosas que elas podem ser pior do que nenhuma. Existem dois problemas monumentais com as estatísticas de uso doméstico. Em primeiro lugar, eles assumem que as pessoas vão voluntariamente dizer a verdade sobre o uso de drogas. Em segundo lugar, eles não abordam o grupo mais pesado de usuários de drogas - pessoas que não são “encontradas em famílias”, mas sim são sem-teto ou em várias instituições, como prisões, abrigos, hospitais e instalações de tratamento

Introspecções importantes sobre o valor de “auto-relatos” foram levadas à luz em 1991, quando a *Emory School of Medicine* realizou um teste secreto de “veracidade” dos usuários de drogas em uma clínica ambulante em Atlanta[2]. Seus pesquisadores perguntaram aos pacientes se eles haviam usado drogas nos últimos três dias. O que os pesquisadores não disseram aos pacientes era que eles pretendiam testar sua urina para resíduos de drogas de cocaína. O que eles determinaram foi que setenta e dois por cento dos homens que alegaram que não usaram drogas durante os três dias anteriores testaram positivo para uso de cocaína sozinho. Se eles tivessem sido testados para o uso de outras drogas também - por exemplo, maconha, heroína, PCP, LSD, ecstacy, metanfetaminas e assim por diante - a porcentagem provavelmente teria excedido noventa por cento. Sua conclusão foi clara: os auto-relatos de uso de drogas não são confiáveis. As estatísticas de uso de drogas que eles calcularam para os segmentos da população com que trataram foram três vezes maiores do que as que se estimariam com base nas estatísticas do uso doméstico.

Além disso, não houve boas estimativas dos usuários de drogas pesadas dos EUA, e os custos associados ao uso de drogas por este grupo provavelmente excedem todos os usuários do núcleo drogas mais leves que formam a espinha dorsal das estatísticas de uso doméstico. Por mais de dez anos, o número de usuários crônicos foi assumido em torno de três a cinco milhões. Para o seu crédito, o Escritório dos EUA de Política Nacional de Controle de Drogas iniciou um estudo para tentar determinar quantos toxicodependentes são nos Estados Unidos[3]. Sua primeira tentativa focada em Cook County, Illinois. Lá, eles estudaram as prisões, abrigos para desabrigados e instituições e usaram testes de uso de drogas - tanto testes de urina quanto de cabelo - para verificar os relatórios. Embora a pesquisa ainda tenha produzido uma subestimação, os resultados foram alarmantes. O Escritório de Política Nacional de Controle de Drogas estimou que havia 330 mil usuários crônicos no Condado de Cook sozinhos. Suas descobertas ainda foram rotuladas como “preliminares” e levaram o aviso, “não extrapolar”. Mas, se ainda assim extrapolar essas descobertas, o total nacional de usuários de drogas pesadas correspondente ficaria na faixa de 15 a 20 milhões, o que é três a cinco vezes maior do que o sabedoria convencional - e, conforme previsto, consideravelmente superior às taxas de uso um pode ser tentado a empregar, com base nas estatísticas de uso doméstico.

Uma estimativa realista do que a praga das drogas custa aos Estados Unidos a cada ano, usando figuras conservadoras e estatísticas governamentais onde elas existem, também está abrindo os olhos. É três a cinco vezes maior do que os números de US $ 50 a US $ 60 bilhões citados pelo presidente Clinton e pelo vice-presidente Gore alguns anos atrás. Para colocar essas estimativas “competitivas” em perspectiva, elas mostram a praga da droga cada ano custando aos Estados Unidos mais do que toda a

Guerra do Vietnã de dez anos, com o número de vítimas de drogas ilegais a cada ano também excedendo o total de dados da Guerra do Vietnã[4]. Além disso, as mortes anuais atribuíveis a drogas ilegais são, na verdade, quatro vezes superiores às fatalidades totais nos piores anos da guerra do Vietnã.

Essas estimativas de custo não representam e não podem colocar um dólar no prejuízo causado pela corrupção de drogas e dinheiro da droga na vida das pessoas. Cérebros, corpos, espiritualidade e cursos de vida são destruídos. As famílias, os blocos de construção básicos da sociedade, estão sobrecarregados, às vezes, de uma interrupção total. Quase todo mundo se encontra nos Estados Unidos nos dias de hoje tem experiência pessoal direta sobre o dano infligido pelas drogas ofensivas em um familiar ou um parente próximo.

A estimativa da Administração de Drogas da produção de maconha doméstica nos Estados Unidos em 1992 - e esse departamento (a DEA) raramente, se alguma vez, superestimar o tamanho da oferta - multiplicado pelo valor médio da rua da “boa” maconha, produz um valor anual da safra de US $ 30 bilhões, o dobro do tamanho de qualquer cultura agrícola legal. Todas essas transações e lucros são ilegais e devem ser lavados. Quanto é lavado em ações, títulos e imóveis? A inundação interminável e crescente de dinheiro da droga sustentou e reforçou os mercados de ações e commodities, e também a força do dólar nos mercados de câmbio? Quanto dinheiro da droga entra em campanhas políticas ou aparece em contribuições eleitorais? Quanta influência e corrupção apenas a proporção de maconha caseira do comércio de drogas na América, compram? Adicione maconha, heroína, cocaína, LSD e metanfetaminas importadas - e o total aumenta bruscamente. Influenciar o financiamento das eleições e os financiamentos eleitorais são os associados naturais dos fundos da droga: então a democracia está sendo minada diretamente por meio da interferência no processo democrático e assegurando que os candidatos políticos sejam obrigados a receber dinheiro malicioso desde o início. Isso faz com que o governo corrupto, como confirmados em 1998.

As implicações são inescapáveis: corrupção crescente e generalizada, abrangente, incluindo a corrupção das comunidades política, judicial, policial, jurídica, contábil, financeira e até mesmo das comunidades comerciais em todo os Estados Unidos. E, é claro, o mesmo destino aguarda os outros países ocidentais líderes que são alvos principais para a ofensiva da droga. Na Europa, as estruturas da União Européia, já conhecidas pela corrupção e ineficiência nomen-klaturistas, são alvos principais para a ofensiva da droga.

A corrupção policial apareceu nas páginas de fontes dos jornais na maioria das principais cidades americanas: por exemplo, Nova York, Filadélfia, Miami, Los Angeles, Cleveland, Detroit, Chicago, Nova Orleans e em Washington, DC. A corrupção extensiva nas agências federais responsáveis pela luta contra o fluxo de drogas também foi relatada afetando, em particular, a *Drug Enforcement Administration*, o Serviço de Alfândega dos EUA e as comunidades de Imigração, Justiça e Patrulha da Fronteira. As comunidades bancárias nacionais e internacionais estão fortemente comprometidas, é claro, pelo flagelo da droga.

Todo mundo entende que geralmente é o chamado “pequeno frito” que é pego. Essas pessoas são as mais consumíveis e menos sofisticadas. Nem é preciso que um cientista de foguetes reconheça que a mesma corrupção que foi exposta nas agências de aplicação da lei também permeia os níveis mais altos nas comunidades de influências judiciais, financeiras, políticas e políticas em todo os Estados Unidos. Também está claramente presente, como observado, no financiamento das eleições; Mas nem o partido

político dos EUA quer discutir esse fenômeno, se puder ser evitado. Deve ser assumido, com base na evidência, que a reputação de ambos os principais partidos políticos dos EUA está igualmente em risco.

Além de uma falta geral de atenção séria, assistida por uma abordagem de mídia muitas vezes complacente à questão, a “guerra contra as drogas” na América permanece ineficaz porque a questão da droga ilegal ainda não é entendida historicamente, financeiramente, politicamente ou estrategicamente. As crenças e os pressupostos convencionais sobre as origens da praga das drogas e as razões pelas quais ela proliferou de forma tão alarmante, contêm lacunas graves e desajustes ou desinformação. De acordo com a “sabedoria convencional”, são as próprias pessoas culpadas; Isto é, são as próprias pessoas que assumem a principal responsabilidade pela praga das drogas. Se as pessoas não usassem drogas, não haveria flagelo. Isso, aliás, sempre foi o argumento padrão usado pelos colombianos quando a questão é levantada pelos americanos ou europeus visitantes: em Bogotá, é a análise preferida - por razões óbvias demais. Além disso, os funcionários dos EUA e os meios de comunicação promovem a imagem de que os traficantes de drogas são pouco mais do que criminosos comuns, pessoas que vivem com medo da lei e que são, de fato, renegados cuja única ideologia é a busca do lucro. Esses mesmos fornecedores de notícias também nos fazem acreditar que o governo federal dos EUA está fazendo o melhor para reduzir a produção e o tráfico de drogas. Como se demonstra no material anterior, nada pode estar mais longe da verdade. O exército de apologistas para a crise da droga e suas consequências, juntamente com os “liberalizadores”, tem organizações poderosas e influentes por trás deles e, claro, recursos financeiros ilimitados.

Mas a crise da droga, como já vimos, não é cultivada em casa - o resultado de alguma deficiência nos EUA e outras sociedades ocidentais. Surgiu porque foi forçado ao Ocidente como um ato de guerra de longo nível a longo prazo por operações de inteligência muito sofisticadas orquestradas pelos chineses e pelos soviéticos e seus diversos substitutos e países satélites. Quando Nikita Khrushchev relatou ter informado o Ocidente de que “vamos enterrá-lo”, ele foi mal citado. O que Khrushchev realmente disse foi: “estaremos presentes no seu funeral”. E, como alguém que perdeu um membro da família, parente ou amado sabe de primeira mão, tem havido muitos funerais desde que começaram as drogas ofensivas.

A este respeito, anote novamente os dados na Figura 4 na página 149, que mostram o crescimento no primeiro uso por heroína registrados na seção Haight-Ashbury de São Francisco e o número de mortes dependentes de drogas em Nova York (Figura 3, página 148). Esses dados revelam um salto significativo no abuso de drogas em 1949-50, precisamente quando a operação de tráfico de narcóticos chineses começou e um aumento exponencial iniciado em 1960-61 - que foi quando a operação de tráfico de narcóticos soviético foi lançada e a operação comunista chinesa foi expandida .

A mensagem é clara para qualquer pessoa interessada em aprender o que realmente está acontecendo, ou seja, para qualquer pessoa preparada para descartar os espetáculos de tons de rosa e os “erros politicamente corretos”, favorecidos em círculos oficiais desconhecidos nos EUA e outros oficiais. Primeiro, a mudança dramática nas estatísticas de uso é o resultado do aumento da oferta; E, em segundo lugar, as fontes do fornecimento são operações de inteligência estrangeira projetadas especificamente para atacar os jovens de países alvo com drogas ilegais.

No decorrer de 1998, surgiram mais dados que, mais uma vez, mostraram o mesmo fenômeno em relação à cocaína. Em 1992, durante o “inquérito aos domicílios” nos Estados Unidos, as pessoas foram perguntadas quando começaram a usar cocaína

pela primeira vez. Os dados das respostas recebidas foram colocados na Internet. Eles são plotados na Figura 6 na página 172. O que se destaca claramente é uma mudança significativa nas estatísticas de uso, a partir de 1967, momento em que a taxa de primeiro uso de cocaína começa a aumentar. Por quê? O que aconteceu em 1967? O potencial da cocaína como a droga mais importante do futuro foi comunicado pela primeira vez aos checos em 1962. As operações de construção de redes de cocaína já começaram e foram ampliadas a partir desse ano. Entre 1962 e 1965, as técnicas de produção relevantes foram modernizadas pelos alemães orientais. Eles desenvolveram novos processos que acabaram por ser muito superiores às técnicas antigas. Uma planta que utilizou o novo processo alemão poderia produzir três vezes mais cocaína do que toda a produção existente da Colômbia, Peru e Bolívia. Essas técnicas foram introduzidas, e as redes de produção e distribuição foram implantadas, durante 1965-66.

Como o General Sejna explicou a posição em detalhes, 1967 foi o ano em que as operações de produção e distribuição de cocaína dos soviéticos, centradas na Colômbia, Peru e Bolívia, entraram em operação - o que foi precisamente quando o primeiro uso de dados de cocaína começou a aumentar de forma constante: Veja a Figura 6. O aumento no uso de drogas foi o resultado de um aumento substancial na oferta e estratégias de marketing associadas, e a fonte desses suprimentos e estratégias foi a operação de inteligência estrangeira soviética - cujo nome de código era “Epidemia Rosa” (ver Página 48) aludindo à mistura do branco (cocaína) com o vermelho (comunismo).

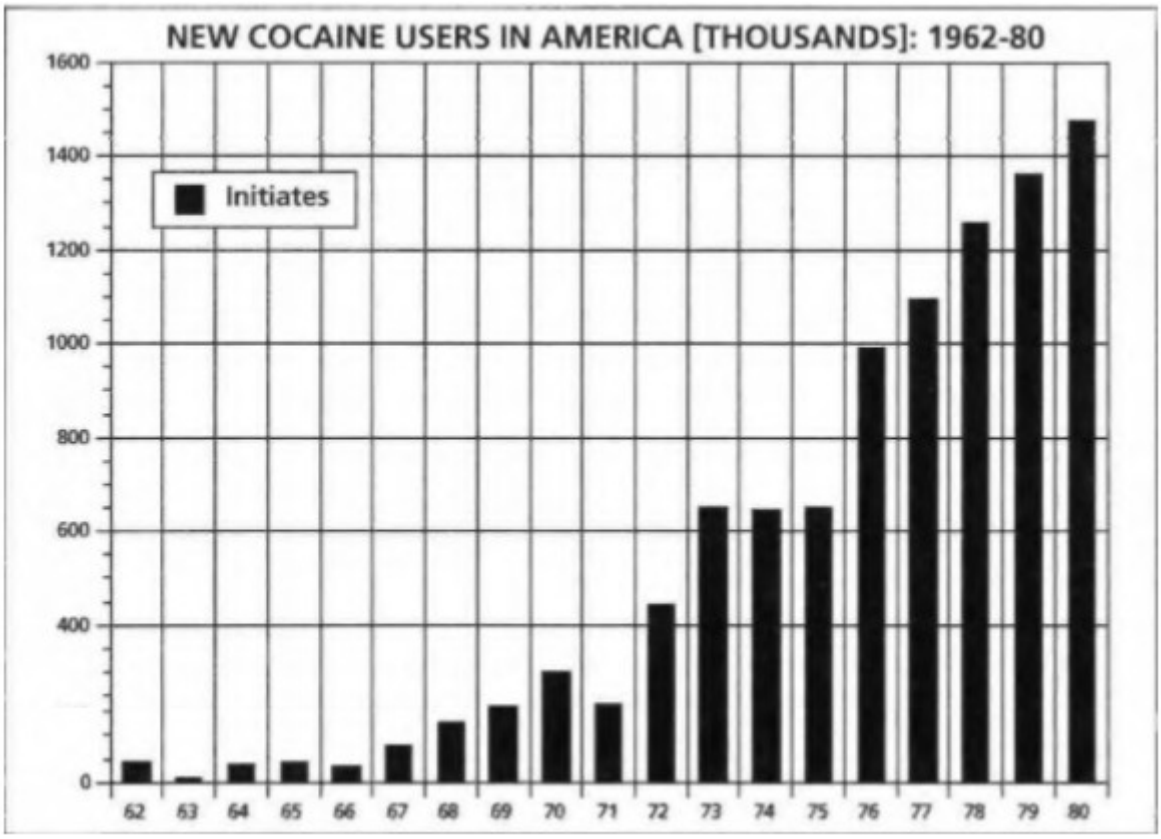

Figura 6: Novos usuários de cocaína nos Estados Unidos [em milhares], mostrando conclusivamente a correlação com o início do envolvimento soviético em 1967 e, portanto, com o fornecimento. Fonte de dados: Rouse, B.A., Ed, 1995, Abuso de Substâncias e Estatísticas de Saúde Mental. Publicação DHHS No. (SMA) 95-3064, Government Printing Office. Washington DC. Gráfico elaborado a partir de dados oficiais publicados selecionados pelo autor.

O gráfico acima também fornece informações importantes sobre os meios que precisam ser adotados para alcançar uma solução efetiva para o flagelo da droga ilegal.

Primeiro, é claro, há dois lados da crise - oferta e “demanda”. Ambos os lados devem ser atacados, sobretudo porque, exclusivamente no caso de drogas, a demanda é criada pelo fornecimento. Qualquer proposta de “solução” que não ataca a disponibilidade dos medicamentos em questão não é uma solução porque não aborda a fonte fundamental da crise - o suprimento. É o fornecimento (e isso inclui suas redes de marketing e suporte) que cria viciados em primeiro lugar. Se o fornecimento não for atacado, haverá um aumento constante no número de viciados, uma vez que cada nova geração de jovens por várias razões decide “experimentar” e ficar viciado.

Com toda a honestidade, o lado da demanda, que é predominantemente a demanda gerada por viciados, acabará se resolvendo à medida que os toxicodependentes desaparecerem. Muitos usuários talvez nunca sejam curados. As propostas que tornam seguro que os usuários façam drogas ou que lhes fornecem drogas baratas sob o pressuposto de que isso reduza o crime são, obviamente, destinados a permitir que os viciados façam suas coisas até morrerem. Essas noções sofisticadas e falsas não resolverão a crise, nem contribuirão para sua remediação, porque não atacam a oferta; e como os dados na Figura 6 confirmam, é de fato o suprimento que cria a crise das drogas em primeiro lugar. O objetivo deste fornecimento é gerar viciados para que o suprimento possa ser consumido, isto é, para promover a demanda. Não há equivalência entre essa demanda de dependência e a demanda comercial normal, como sempre está implicitamente enganada.

Em segundo lugar, o material anterior mostra que a questão das drogas ilegais não será resolvida atacando-a como uma “lei e ordem” ou uma “aplicação da lei” ou mesmo um desafio diplomático. A precisão desta conclusão pode ser observada no fato de que a “guerra contra as drogas” prevalecente mostrou-se totalmente ineficaz, precisamente porque foi abordada como lei e ordem, aplicação da lei e desafio diplomático desde que surgiu em 1950. Os “resultados” alcançados durante a administração Reagan fornecem uma demonstração adicional dessa falácia. O flagelo das drogas foi então abordado como um assunto de aplicação da lei. Como consequência, as prisões dos EUA passaram de três quartos até a capacidade excedente; Ainda durante esse período, as drogas tornaram-se mais abundantes, mais potentes e mais facilmente acessíveis do que nunca. A política era um desperdício total de dinheiro.

Tratar a praga da droga como uma aplicação da lei ou um problema diplomático não terá êxito porque os responsáveis não são criminosos comuns e porque operam com a proteção das comunidades locais de lei e ordem, bancos nacionais e internacionais e sob imunidade diplomática. A única maneira de abordar a praga das drogas ilegais é reconhecê-lo pelo que é - um ataque intencional aos Estados Unidos e ao Ocidente em geral. Este assalto concertado e implacável equivale a uma guerra não declarada em que todos os meios disponíveis são empregados - abertos, encobertos, ilegais e locais - na busca do inimigo, que continua a ser o Ocidente.

Quanto à suposta determinação do governo dos EUA para decapitar os produtores e traficantes, outra comparação fornece a perspectiva necessária. Uma vez que a praga da droga surgiu, os Estados Unidos realizaram inúmeras aventuras militares, com grande risco, custo e sem o convite daqueles que foram atacados. Considere, por exemplo, o Vietnã, Camboja, Grenada, Panamá, Iraque e Líbia. Nós até atacamos, unilateralmente e sem a concordância de ninguém, plantas farmacêuticas suspeitas de produzir agentes nervosos e os depósitos de treinamento e fornecimento de indivíduos que evidentemente patrocinaram atividades terroristas. Em nenhuma dessas aventuras, os Estados Unidos foram atacados, ou mesmo ameaçaram diretamente. No entanto, em contraste notável, não houve um exemplo de um ataque militar similar dos EUA a um

regime de produção ou tráfico de drogas estrangeiro, não obstante o fato de que são os Estados Unidos (e, obviamente, o Ocidente geralmente) que está em direto Ataque, está diretamente ameaçado e sofreu e continua a sofrer grandes baixas, perturbações econômicas e sociais e fatalidades individuais como consequência dessa ofensiva. De fato, uma vez que a ofensiva da droga é um ato de guerra, os países que encorajam ou sancionam ou fecham os olhos devem ser avisados de uma vez por todas, se eles não cessarem suas atividades malévolas imediatamente, os Estados Unidos (e, Se necessário, outros países alvo) não serão mais responsáveis pelas consequências destrutivas. Em suma, esses regimes devem ser considerados regimes inimigos. A este respeito, vale a pena lembrar que a "antiga" União Soviética respeitou o Ocidente apenas quando se depara com o *bullying* bolchevique.

Se, então, a "sabedoria convencional" é deixada de lado, e, juntamente com todas as várias explicações do flagelo da droga que fluem de forma tão brilhante das cabeças falantes oficiais e não oficiais nas capitais ocidentais, uma imagem nitidamente divergente emerge. Especificamente, a praga da droga ilegal será considerada um "negócio" criminal internacional que, devido à corrupção que engendra, goza do apoio e proteção de muitos países e de muitas pessoas poderosas, algumas das quais são personalidades bem conhecidas. E o flagelo pode crescer por cinco razões principais.

Primeiro, a praga da droga não é criada por criminosos ou "criminosos" comuns ou de jardim. É o resultado de operações de inteligência estratégica de longo prazo realizadas por países com os serviços de inteligência maiores e mais capazes do mundo: China e União Soviética e seus países satélites e seus sucessores. Isso significa que, ao contrário de uma operação criminal independente, os narcotraficantes que construíram o negócio têm e continuam a ter seus recursos e recursos de vários estados e governos, juntamente com o benefício de santuários abertos e ilimitados para se esconder, planejar, Financiar, organizar, recrutar e treinar para as próximas fases de sua ofensiva coletiva.

Em segundo lugar, a praga tem sido capaz de prosperar porque foi politicamente protegida. A proteção que o governo dos EUA, por exemplo, forneceu - de forma gratuita - foi bem documentada nos casos de China, Rússia, Bulgária, Cuba, México, Colômbia e a antiga Tchecoslováquia, para citar alguns dos países envolvidos. Além disso, a corrupção do dinheiro da droga é tão penetrante que realmente se tornou uma questão séria para perguntar quem se pode confiar mais - e não apenas em países estrangeiros, mas, para os americanos, nos departamentos e agências federais e no Congresso como tal. Por que nenhum registro do governo sobre as atividades de tráfico de drogas e lavagem de dinheiro acabou com Oriente Médio, Norte da África, Arkansas, foi divulgado ou mesmo investigado pelo Congresso ou pelo Escritório do chamado "Conselho Independente", e por que os links de financiamento eleitoral dos EUA para Droga lavadores de dinheiro, à Autoridade Palestiniana e aos interesses chineses, não surgiram adequadamente?

Em terceiro lugar, a praga da droga tem sido livre para se desenvolver sem restrições porque a dimensão do tráfico de drogas foi organizada - não apenas tolerada ou habilitada, mas organizada - pela comunidade financeira internacional e também por bancos nacionais (EUA)*. Não há como um fluxo financeiro de vários trilhões de dólares poderia existir sem a assistência ativa e conhecedora de bancos e instituições financeiras, cujos lucros de lavagem e "investimento" representam uma estimativa de 15 a 20 por cento de seus lucros anuais agregados. E por "comunidade financeira internacional", eu não quero apenas bancos e banqueiros. De igual importância e funcionando como elementos integrantes da comunidade financeira internacional, são consultores e empresas de investimento, empresas de contabilidade e especialistas e, o mais

importante de tudo, os advogados e jurídicos associados sobre os quais os bancos são criticamente dependentes.

* Nota do Editor: Um caso em questão foi destacado em um relatório publicado pelo Escritório de Contabilidade Geral dos EUA [GAO], o braço contábil e de investigação do Congresso, em 4 de dezembro de 1998. Num exemplo vívido de como os bancos alegam a lei na lei, mantendo A negação e a aparência de sustentá-lo, Citibank foi informado pelo GAO de ter transferido secretamente entre US $ 90 milhões e US $ 100 milhões de drogas alegadas para um cliente mexicano sem examinar a fonte dos fundos ou os antecedentes financeiros do cliente. O GAO concluiu, entre outras coisas, que o Citibank, agora parte do Citigroup, não seguiu seus próprios procedimentos contra a lavagem de dinheiro e "facilitou um sistema de gerenciamento de dinheiro que disfarçou a origem, o destino e o beneficiário efetivo dos fundos". O GAO respondeu a um pedido do senador John Glenn, o astronauta, para examinar relatórios de que até US $ 100 milhões foram lavados do México para contas do Citibank em Londres e na Suíça. Uma investigação separada estava sendo realizada pelo Departamento de Justiça dos EUA. O relatório do GAO revelou que a unidade bancária privada do Citibank estabeleceu uma empresa privada offshore para manter os ativos de seus clientes, renunciou às referências bancárias, permitiu que o cliente usasse um nome diferente para transferir fundos do México e não conseguiu preparar um perfil financeiro em o cliente proeminente em questão. O banco ganhou cerca de US $ 1,1 milhão em taxas associadas à execução das contas relevantes. Um porta-voz do Citigroup, citado pelo *The Daily Telegraph* de Londres [5 de dezembro de 1998], insistiu que o relatório "continha erros de fato e interpretação", acrescentando que "examinamos o assunto e descobrimos que nem a empresa nem qualquer um O funcionário violou a lei. Estamos cooperando plenamente com as autoridades responsáveis pela aplicação da lei".

Tais advogados se escondem atrás de sua proteção da respeitabilidade e do "Estado de direito": mas são sepulturas brancas, hipócritas e participantes ativos neste negócio maligno. Por esta razão, foi encorajador poder ler na imprensa britânica[5] no final de novembro de 1998 que o detetive-inspetor-chefe Simon Goddard, chefe da unidade de crime organizado e econômico do Serviço Nacional de Investigação Criminal (NCIS), em Londres, revelou que Advogados de pelo menos seis grandes escritórios de advocacia estavam em processo de investigação por alegado lavagem de dinheiro em nome de traficantes de drogas e outros criminosos organizados. Relatando a essência de uma entrevista dada por este policial britânico na revista *The Lawyer*, o deputado Goddard explicou que várias agências de aplicação da lei, incluindo várias forças de polícia do Reino Unido, estavam investigando o tratamento de lucros com drogas, armas e violentos atividades de estilo *gangster*. Essas empresas estão trabalhando ativamente em prol do crime organizado. Nós sabemos quem são [os advogados interessados]. Estamos cientes de algumas de suas atividades, e estamos em diferentes estágios de nossas investigações. Certamente temos advogados que desempenham o papel de velho conselheiro nos filmes da máfia. Eles sabem quem são seus clientes e sabem como seus clientes ganham seu dinheiro e sabem que não é de uma atividade legítima.

Fontes no NCIS confirmaram ainda que os advogados e as empresas envolvidas estavam localizados na cidade de Londres, e em outros lugares da capital britânica. Em um caso, toda uma pequena empresa tinha sido identificada como uma frente para a lavagem de dinheiro. Em outros casos, era suspeito que os advogados em algumas grandes empresas aceitassem fundos ilícitos e usassem seus cargos em preocupações respeitáveis para esconder suas atividades. Normalmente, os fundos são co-misturados com outros fundos nas contas dos clientes das empresas e, em seguida, transferidos conforme instruído por seus "clientes" vinculados a drogas. Mas é claro que quaisquer transações de dinheiro suspeitas devem, por lei, no Reino Unido, ser reportadas ao NCIS. Dos 14.500 relatórios arquivados sob a legislação relevante do Reino Unido em 1997, precisamente 240 eram de procuradores (advogados); e NCIS disse ao jornal The Guardian que muitos advogados britânicos estavam "falhando em suas obrigações legais e morais"[6]. O jornal também confirmou que um porta-voz do NCIS disse que "temos inteligência em pelo menos seis escritórios de advocacia que acreditamos estar envolvidos na lavagem de capitais". A polícia acreditava que "o dinheiro é enviado aos advogados, que o colocaram nas contas dos clientes em Londres. É então

transferido para contas offshore ou fundos fiduciários". Como o general Sejna descreveu a posição enquanto estava vivo, os contatos de lavagem de dinheiro nos vários bancos selecionados para fornecer "serviços bancários" foram criados pelos próprios banqueiros. Os controles de segurança de fundo sobre os indivíduos que lidavam com transações de dinheiro da droga nos bancos eram executados não só pela contra-inteligência soviética, mas também por um dos serviços de inteligência israelenses, o Mossad. Os banqueiros estavam tão integrados nas operações que reuniões secretas ocorreram em Praga entre os soviéticos e os financiadores internacionais interessados, todas as semanas. O general Sejna sabia disso porque as casas secretas sob seu controle eram usadas como locais para a maioria das reuniões dos soviéticos com os banqueiros envolvidos. Em outras palavras, os banqueiros ocidentais participaram conscientemente dessa atividade revolucionária destrutiva e leninista desde o início da ofensiva da droga lançada pela inteligência soviética e chinesa para destruir o Ocidente.

Em quarto lugar, a explosão do flagelo da droga foi facilitada pelo encorajamento e a cumplicidade dos intelectuais confusos da esquerda, cuja base de poder também controla, ou alcançou a hegemonia mental dentro, o mercado de idéias[7]. Isso não é um acidente, é claro, uma vez que tem sido uma consequência do impulso revolucionário paralelo para destruir valores, religião e moralidade em todo o ocidente direcionado, ao qual foram feitas referências breves. A praga da droga expandiu-se entre 1965 e 1980, quando o uso de drogas no Ocidente tornou-se desenfreado, em grande medida porque o uso de drogas foi popularizado por intelectuais em ambientes acadêmicos e porque essas pessoas publicavam livros promovendo o uso de drogas através de mensagens permissivas e um perverso e intencional Insistindo em que não havia drogas ruins, apenas usuários de drogas mal informados - e porque tais trabalhos permissivos superavam em número aqueles que enfatizavam os perigos biológicos e sociais por uma proporção de 50 a 18. Em quinto lugar, as pessoas ficaram hipnotizadas - lavagem de cérebro por políticos, governos, meios de comunicação e universidades - para pensar, como observamos anteriormente, que são eles próprios a causa da crise [ver página 171]; Que, se as pessoas não usassem drogas, não haveria um flagelo de drogas, que seus governos continuaram trabalhando no combate à praga e que o público não deveria se envolver, pois é tão horrivelmente perigoso. Depende de nós, temos a tarefa coberta, e tudo o que precisamos é mais tempo e dinheiro, funcionários dos EUA rotineiramente dizem ao Congresso. Certamente, os usuários de drogas e os abusadores não são sem culpa e estão em perigo de perdição; Mas eles teriam sido muito menos vulneráveis se tivessem desfrutado o benefício de respostas de princípios e retaliação por seus governos - e o inimigo não tivesse trabalhado horas extras para destruir a cultura ocidental, crenças e valores e subverter a educação.

Hoje, com a intenção de continuar a charada e evitar a realidade (e a responsabilidade), as pessoas perguntam: "Mas eles - os russos, chineses, cubanos e seus muitos subscritores ainda estão envolvidos?"

Certamente, houve mudanças significativas. No entanto, não há uma mudança identificável que sugira qualquer comprometimento soviético, chinês ou cubano diminuído. O que aconteceu foi que a produção e o tráfico entraram em uma fase ainda mais agressiva, visando expandir o uso de drogas e a corrupção em escala mundial, sem restrições. O tráfico de drogas é mais aberto, no sentido real, paralelizando o súbito "surgimento" do crime organizado russo como um fenômeno "novo" nos países industrializados[9].

Na verdade, é difícil imaginar uma hipótese razoável quanto ao motivo pelo qual os russos, os chineses ou os cubanos não seriam tão ativos hoje como sempre - e

mais ainda. Considerar:

Primeiro: O KGB / GRU está tão vivo e tão “bem” como sempre, e goza de maior poder do que antes da implementação do “comunismo desmontável”. Por que eles se afastariam do negócio mais lucrativo e o compromisso político mais efetivo, a chantagem e a operação de influência que o mundo já viu? O que a burocracia já saiu do mercado sem ser forçado a sair do mercado, quando a organização pai está viva e saudável e tão poderosa que se tornou um “estado dentro do estado” [ver página 178] (embora isso em si não seja nada novo em todos)?

Afinal, a operação de tráfico de drogas, *Druzhba Narodov*, produziu bilhões de dólares em receitas secretas a cada ano. Essas receitas foram controladas pela KGB e nunca se aproximaram do orçamento oficial do governo. Isso converteu o KGB / GRU em uma potência fiscal independente do estado. Não há como essas receitas teriam sido descartadas, e não havia ninguém do lado de fora com o conhecimento e o poder que jamais poderiam questionar ou desafiar sua proveniência.

Em segundo lugar, os dossiês políticos de chantagem e compromissos sobre pessoas que ocupam cargos de poder em todo o mundo, que se tornaram componentes cruciais dos produtos do narcotráfico, eram - e ainda são - ativos extremamente valiosos para uso em apoio à política externa e financeira russa. Tais arquivos e operações eram tão valiosos que, antes das “mudanças” geopolíticas controladas que o próprio KGB / GRU orquestou, o controle das operações globais de drogas foi transferido para Moscou e os arquivos-chave foram transferidos para a Rússia. A preservação de ativos foi uma característica das atividades do KGB / GRU na véspera da desintegração controlada do modelo stalinista (“Comunismo dobrável”).

Em terceiro lugar, nem a maneira como o segredo foi preservado em áreas críticas, mudou significativamente desde 1989-1991. Muitas informações surgiram, mas quase nada foi revelado de importância estratégica. Onde importantes informações estratégicas foram identificadas, os meios utilizados para salvaguardar qualquer vazamento permaneceram tão fortes e tão implacáveis quanto sempre foi o caso do “comunismo aberto” antes de 1989-1991.

Em quarto lugar, não há razão coerente para que os gerentes da ofensiva global da droga cessem e desistam - já que os governos ocidentais, protegendo o tráfico de drogas há trinta anos e mais, não estão prestes a mudar suas atitudes. Ainda é contrário às políticas da maioria dos governos ocidentais dizer qualquer coisa negativa ou envergonhar os soviéticos ou os chineses. A Grã-Bretanha se inclinou para trás para aplacar os chineses, apesar de ter entregado o entreposto de drogas primário do mundo, Hong Kong, com seu estupendo poder e infra-estrutura, em um prato. E, em uma repetição inacreditável de operações conjuntas entre os EUA e as búlgaras para ajudar os búlgaros a controlar o tráfico de drogas em suas fronteiras na década de 1970, uma iniciativa que teria sido ridícula se não tivesse sido tão trágica [ver Capítulo 9], a inteligência dos EUA As comunidades (FBI e CIA) abriram escritórios em Moscou para que eles possam trabalhar em conjunto com a KGB na “luta contra o crime organizado, o tráfico de drogas e o terrorismo internacional” - sem uma compreensão aparente da extensão do envolvimento do KGB e do GRU em cada um Estas três atividades.

O resultado líquido desta loucura é o seguinte: primeiro, os soviéticos / russos foram bem informados sobre a metodologia, atitudes e respostas de combate ao crime no ocidente. Em segundo lugar, eles foram mantidos bem informados sobre as iniciativas consideradas e montadas pela inteligência dos EUA para “combater o crime”, permitindo que os russos assegurem que seus agentes criminosos tenham sido capazes de manter vários passos à frente da inteligência ocidental em todos os momentos. Para manter as

agências de inteligência dos Estados Unidos e do Ocidente “de lado”, sempre que surgirem dúvidas sobre a integridade e / ou a sinceridade das atividades e intenções russas, fragmentos de informações inalcançáveis, mas geralmente dispensáveis, inteligentes, foram obtidos de tempos em tempos para o benefício da inteligência ocidental, de modo a garantir que esta atividade de combate à criminalidade “cooperativa” mal-aconselhada possa continuar sendo justificada nas capitais ocidentais. Novamente, esse comportamento não é nada de novo: é prática de fraude leninista padrão.

Desde 1990-91, o “estado criminal” de Lenin foi exportado como modelo para o mundo inteiro. O tráfico de drogas é mais agressivo, generalizado e aberto do que em qualquer momento da história humana. A própria Rússia tornou-se um viveiro de crimes e corrupção. O crime organizado controla mais de quarenta por cento das empresas privadas, sessenta por cento das empresas estatais, mais de metade dos bancos comerciais da Rússia (um grande número de quais teriam sido fechados no final de 1998, tendo ultrapassado sua “utilidade”) e oitenta por cento das lojas, hotéis e indústrias de serviços em Moscou. O KGB é amplamente creditado em estar no centro dessas operações criminosas e seu principal benfeitor - um desenvolvimento que levou um escritor russo, Yevgenia Albats, a ser o primeiro a rotular o KGB como “estado dentro de um estado”[10]. O crime organizado russo também experimentou um crescimento fenomenal nos Estados Unidos e na América Latina.

Os russos também forjaram com a velocidade da luz, os laços e as alianças com a máfia, o japonês yukaza, as tríades chinesas, os “Yardies” jamaicanos (alguns líderes de que grupo foram presos em um dramático combate policial à droga no centro de Londres em 30 de novembro de 1998: Veja também a página 180) e outras organizações de tráfico de drogas em todo o mundo. As operações de influência política do KGB / GRU também devem permanecer de alcance global - como uma consequência inevitável e natural de dezenas de milhares de dossiês que detêm em pessoas de poder e influência no Ocidente e em outros lugares, que foram corrompidos pelo tráfico de drogas. Em 1991, o sistema bancário central russo começou a imprimir rublos o mais rápido possível. Naturalmente, o valor do rublo caiu. De repente, a lei foi alterada. No início de 1992, deixou de ser ilegal por mais tempo para deter dólares na Rússia. Durante a noite, os dólares dos EUA tornaram-se a moeda preferida em toda a antiga União Soviética. Um jornal informou, no início de meados de 1993, que havia mais dólares em circulação na Rússia do que nos Estados Unidos - até US $ 100 bilhões em notas de dólar.

Onde vieram todos os dólares que circulam na “antiga” União Soviética? Certamente, eles não se originaram entre turistas ou empresários. Como os dólares dos EUA se tornaram a moeda preferencial na Rússia, entre US $ 1,0 e US $ 3,0 bilhões em contas de dólar também deixaram a Rússia todos os meses (pelo menos US $ 50 milhões por dia), destinados a bancos estrangeiros. Os criminosos russos agora possuem Chipre[11] e estão se mudando para Malta. Os locais preferidos de lavagem de dinheiro e sequestrado atualmente são, de fato, Chipre, Líbano, Ilhas Cayman (especialmente através de certos bancos canadenses) e, em menor grau, a Suíça e o Liechtenstein. No entanto, apesar deste imenso fluxo externo, ainda se pensa que há mais dólares de papel em circulação na Rússia do que nos Estados Unidos.

Embora toda essa atividade criminosa sem restrições tenha vindo a desenvolver e amadurecer na última década, o Ocidente (e o Leste, mas principalmente o Ocidente - e no Ocidente, principalmente a Europa) vem derramando uma enorme assistência financeira e técnica na Rússia. A União Europeia socialista tem sido particularmente conscienciosa a este respeito. Tudo o que traz à mente a maneira pela qual o marinheiro bêbado gasta seu salário. Por que alguém, sabendo a situação na

Rússia e a natureza da liderança e da cultura russas, oferece assistência “econômica”, ou mesmo pensa que poderia fazer negócios limpos e lucrativos, de acordo com os padrões e normas ocidentais, com os russos reconhecendo especialmente que empresários e financiadores ocidentais geralmente não são ingênuos na busca de suas atividades normais? Claramente, deve haver uma dimensão que não seja amplamente compreendida. Talvez o contexto e a natureza a longo prazo da cooperação financeira soviético-ocidental possam ter alguma conexão com os processos de compromisso mencionados acima. Vimos que os banqueiros ocidentais foram “integrados” na infra-estrutura de drogas soviética desde o início. Dada a participação predominante da inteligência soviética/russa e chinesa nessas atividades nefastas, seria incrível se os dossiês não estivessem atualmente em uso, e se eles usassem a chantagem e outros métodos para comprometer os políticos da União ocidental e da União Européia, banqueiros, burocratas, os formuladores de políticas e os agentes de influência não eram tão comuns e rotineiros como no passado.

O pior está por vir. Observamos o crescimento de um imenso setor internacional de narcóticos desde o início dos anos 1960. Este negócio representou uma manifestação externa de duas operações de inteligência estatais, as desenvolvidas pelos chineses e os soviéticos, em colaboração com seus serviços de substituição de satélite da Europa Oriental. As operações em questão foram totalmente integradas desde o início, com as finanças internacionais, o direito ea política. Paralelamente, o mundo experimentou o crescimento precipitante do que agora se denomina capitalismo criminal global (“criminalização”)[12]. Isso abrange o narcotráfico, o crime organizado, as vendas ilegais de armas, o roubo de recursos nacionais, a evasão fiscal e a pornografia. E, como explicado acima, quase o instante em que a União Soviética se “desintegrou”, os bancos russos, geridos e administrados em grande medida pelo ex-pessoal da KGB e do GRU, começaram a proliferar, enquanto grandes sindicatos do crime russo surgiram em todo o mundo - forjando, como observado, laços quase instantâneos com as redes da máfia (que o KGB/GRU conhecia bem, antiquados), com traficantes de drogas e com outros grupos criminosos organizados em todos os lugares. De fato, as ligações entre os soviéticos e os grupos de mafias italianas tinham longas raízes históricas: por exemplo, a Geórgia soviética tinha fornecido tradicionalmente conexões da máfia de Moscou na Itália com privilégios de caça - de modo que quando chegou a hora de Eduard Shevardnadze procurar ajuda de fontes ocidentais para cimentar seu regime brutal, era para os aliados italianos ligados à máfia que seu governo buscava entregas rápidas especiais de manípulos de borracha (os italianos fazem excelentes manípulos de borracha usados para fins de “controle de multidão”). Isso é apenas uma mera coincidência?

Em 1996, as receitas anuais provenientes de atividades criminais globais foram estimadas pelos especialistas do Banco Mundial em US $ 1,2 trilhão, dos quais US $ 500 bilhões foram considerados para representar lucros. Estas foram e permanecem estimativas altamente conservativas. Somente o comércio de narcóticos é de US $ 500 bilhões ou mais. Uma estimativa mais realista hoje provavelmente seria da ordem de US $ 2 trilhões por ano, como já foi observado - com US $ 1 trilhão, mais ou menos, por meio de lucros diretos; E alguns especialistas aumentariam essas estimativas, em direção a US $ 3,0 trilhões por ano no volume de negócios. Ou seja, os governos, os bancos e os criminosos globais estão organizando a transferência de pelo menos US $ 1,0 trilhão a cada ano de riqueza nacional e privada nas contas bancárias da fraternidade criminal global - uma transferência maciça de riqueza para a qual não houve histórico paralelo. Este estado de coisas escandaloso continua há várias décadas em uma escala em constante expansão, e o poder conferido como consequência ameaça destruir governos,

democracia e o próprio sistema bancário internacional. O dinheiro da droga também enfraquece e corroe a concorrência, favorecendo alguns agentes econômicos à custa de outros.

Dois trilhões + dólares por ano (uma figura conservadora, como observado) nas últimas duas décadas, excluindo interesse, implicaria que mais de US $ 40 trilhões terão sido adicionados à riqueza das classes criminosas globais, incluindo os gerentes e representantes da continuação Revolução socialista mundial de Lenin. A maior parte deste dinheiro foi investido em propriedades, títulos e ações, e a cada ano adiciona-se um adicional de trilhões ou mais de dólares ao grupo. Dado que mesmo esses dados são acreditados por alguns especialistas para subestimar a posição, o valor provável do dinheiro acumulado na droga hospedado no sistema financeiro internacional mundial provavelmente agora excede essa estimativa de US $ 40 trilhões por uma margem considerável*. A corrupção associada entre instituições financeiras, serviços de consultoria de investimento (incluindo corretoras de ações e fundos mútuos), escritórios de advocacia de prestígio e entre as classes políticas já alcançaram proporções epidêmicas há muito tempo. E esta transformação foi acompanhada de uma publicidade mínima, com exceção de divulgados extensivamente, mas intermitentes, “brigas de drogas”, como a operação considerável montada pelos agentes britânicos de aplicação da lei em 30 de novembro de 1998 contra funcionários jamaicanos “Yardie” [ver página 178], Que resultou na apreensão de drogas e armas pesadas[13].

Em dezembro de 1996, a Business Week deu uma certa exposição ao que chamou de “ponta do iceberg”, em uma característica sobre a corrupção do dinheiro da droga em Wall Street, intitulada “A márfia na rua”. O artigo explicou:

“Nos cânions do bairro mais baixo de Manhattan, podem-se encontrar membros do crime organizado, seus amigos e associados”. Quão grande é a presença? Ninguém - o mínimo de todos os reguladores e policiais - parece saber. O famoso chefe do submundo do ranking da rua, Abramo, é descrito por fontes familiares com suas atividades como controlando pelo menos quatro corretoras através dos homens da frente e exercendo influência sobre ainda mais empresas[14].

Este vislumbre do óbvio, se parar de pensar o que deve estar acontecendo, também será aplicável, por exemplo, no setor bancário, entre os principais escritórios de advocacia dos EUA (como em Londres) e também dentro da comunidade de formulação de políticas. Além disso, poucas áreas da vida dos EUA hoje podem ser descritas como confiáveis mais honestas. A decadência é generalizada, o dinheiro envolvido é colossal, aqueles que o controlam são excessivamente corruptos e carentes de consciência, e uma atenção mínima é dada à realidade de que a influência corruptora de atividades e dinheiro relacionados a drogas deve, até agora, progrediu assim longe que poucas áreas da atividade econômica podem ser assumidas como imunes. Em alguns países - o Japão, por exemplo - a corrupção é um modo de vida abertamente reconhecido: aliás, o sistema inteiro e os sistemas corporativo e financeiro parecem ter sido mantidos quase sem retorno.

Na Suíça, a procuradora federal, Carla del Ponte, afirmou que o valor do dinheiro dos lucros dos criminosos russos entre os bancos suíços ultrapassa os 40 bilhões de dólares[15]. Os US $ 40 bilhões são, naturalmente, apenas a dica proverbial do iceberg. Quão grande é o montante total do saque ilegal em bancos suíços?

* Nota do autor: uma das principais motivações escondidas por trás da campanha de legalização de drogas contemporânea é procurar a legalização instantânea dos lucros das drogas e eliminar os riscos potenciais de divulgação e exposição - ou seja, legitimar as fortunas acumuladas de drogas ilegais.

Provavelmente bem mais de dez vezes mais, talvez até 100 vezes mais. E isso é apenas a Suíça. As mesmas condições, maiores por uma ordem de grandeza, prevalecem nos sistemas bancários do Liechtenstein, do Luxemburgo, da Grã-Bretanha, da Alemanha, da Espanha, de todo o tipo de paraísos isentos de impostos e ilhas offshore e dos Estados Unidos. Ou seja, os US $ 40 bilhões oficialmente identificados como alojados na Suíça são meramente uma pequena proporção do valor total de dezenas de trilhões de dólares acumulados pelos criminosos mundiais e seqüestrados com bancos comerciais e privados em todo o mundo.

No final de novembro de 1998, Sr del Ponte disse que estava convencido de que o crime organizado russo é uma ameaça para a Suíça. Basta ver as principais investigações criminais realizadas pelos nossos cantões ... e essas investigações são apenas a ponta do iceberg. Ele estava falando no contexto do início de processos judiciais contra Sergei Mikhailov em Genebra. Mikhailov foi suspeito de dirigir a rede criminosa Solntsvo de Moscou, ligada a outra rede administrada pelo mafioso russo Vyacheslav Ivankov, que foi condenado a 115 meses de prisão em Nova York em meados de 1997. Esses fatos, porém, não são nada a se surpreender: a inteligência soviética/russa foi integrada com as classes “mafiosas” na “antiga” União Soviética há décadas: a noção simplista ocidental de que a “máfia” russa é “sozinho”, é desinformação. O crime organizado russo é o KGB / GRU, e seus recursos financeiros são tratados e movidos pela KGB (ou seus sucessores: mas o KGB foi repetido muitas vezes desde 1917 e todos os especialistas conhecedores referem-se, hoje em dia, à “inteligência pós-soviética Comunidade como KGB ou KGB / GRU)”.

A Suíça sempre foi usada pelos russos principalmente para corromper o banco suíço e obter informações sobre outros que utilizam bancos suíços. Os próprios russos (soviéticos) historicamente preferiram usar instalações bancárias fornecidas em países que são menos óbvios que a Suíça - como a Suécia, onde Lenin teria parado de retirar US $ 50 milhões de um banco suíço para financiar sua aquisição da Governo Kerensky incipiente e alinhar seus próprios bolsos ao mesmo tempo. Aliás, todos os revolucionários soviéticos originais alinharam seus próprios bolsos: quando Stalin ordenou ao chefe da polícia, Genrikh Yagoda, que lhe fornecesse uma lista de suas contas bancárias numeradas secretas na Suíça, a Yagoda cometeu o erro elementar de assumir que ele era a única fonte de Stalin de informações e excluíram os detalhes de seu próprio banco secreto conta na Suíça. Então, depois de insistir que ele, Yagoda, também deve cumprir, Stalin o recompensou também com uma bala na cabeça. A única figura sênior que ele poupou foi a viúva de Lênin, Krupskaya, que, no entanto, foi obrigada, com pena de um destino semelhante, a repatriar os “recursos da revolução”, que Lenin, seu principal autor, se havia salgado “corruptamente” no banco suíço Contas.

Não foi, por acaso, que a considerável atividade de fraude soviética era direcionada para “manter a luz do local de publicidade longe de nossos amigos, os bancos”, como Jan Sejna me explicou em várias ocasiões. E ele deveria ter sabido. Não só Sejna estava firmemente associada às transações soviéticas de tráfico de drogas e crime organizado, mas também foi membro de um comitê especial de engano que se especializou em revisar as operações de fraude passadas e na formulação de diretrizes para os próximos planos de fraude de cinco anos que tinham que esteja preparado para cada sucessivo Congresso do Partido, com base na estratégia e política do Estado prevalecentes. Aqueles que construíram este império criminalista global com sua influência integrada e potencial de corrupção não são pessoas agradáveis para conhecer. Eles são, evidentemente, bastante implacáveis, e tipicamente tornam os colaboradores potenciais ou reais um tipo de oferta que poucos podem recusar: “Qual você prefere, ouro

ou chumbo?" Eles estão extremamente bem informados, graças a uma rede de inteligência global confiável e integrada; e aqueles com quem eles fazem negócios - instituições financeiras, casas de investimentos, contadores e advogados - são cuidadosos para mantê-los bem informados. Privacidade, ética e não transmitir informações privilegiadas, são práticas que não se aplicam a elas - apenas para investidores normais; e essas pessoas estão longe de ser normais: elas não gostam de perder, e não tem dúvidas quanto a tomar as medidas que julgarem necessárias para assegurar e garantir seu "sucesso". Os registros bancários, as decisões secretas, as decisões do Estado, os assuntos jurídicos privados, e assim por diante, são um livro aberto para as elites criminais internacionais - dos quais uma fração significativa consiste, na realidade, como já vimos, em representantes de sofisticados, serviços de inteligência estrangeiros. É fundamental para a sobrevivência da civilização ocidental, e para diminuir a sua rápida descida para a criminalidade e a corrupção globalizadas e corruptas, que são as perspectivas sombrias para o século XXI, que os países ocidentais começam, mesmo nesta hora tardia, a compreender a verdadeira natureza da crise da droga ilegal - o que significa analisar corretamente suas fontes, especialmente suas origens políticas, seus mecanismos habilitadores e suas dimensões criminais relacionadas. A menos que a natureza e a proveniência do desafio sejam finalmente entendidas, as estratégias e táticas adequadas para abordá-lo nunca serão formuladas. O flagelo das drogas continua a aumentar, porque as medidas até agora desenvolvidas para o contrariar não levam em conta a dimensão geopolítica - isto é, a intenção malévola e revolucionária que a impulsiona.

Como consequência, as medidas tomadas, nos Estados Unidos, Grã-Bretanha e em outros lugares, para enfrentar o flagelo, permaneceram essencialmente irrelevantes e ineficazes, embora o desenvolvimento da aplicação da lei na Grã-Bretanha no final de 1998 tenha sido decididamente encorajador. A praga continua a se espalhar porque o Ocidente é vítima de uma ofensiva deliberada, sustentada e implacável planejada e dirigida pela inteligência do inimigo, que os políticos ocidentais parecem não começar, nem se importar, a entender. Alguns líderes ocidentais compartilham os objetivos ideológicos dos perpetradores da ofensiva da droga. Para tornar as coisas muito pior, os valores de muitos formuladores de políticas foram fatalmente erodidos; e se alguém não tem valores reais, não se encoraja a defender nada, muito menos com convicção e vigor. Os formuladores de políticas muitas vezes não representam nada e se apaixonam por tudo - por cada avaliação falsa, por cada desinformação na moda e por cada tática diversionista que se destina a agregar à confusão e que nubla a verdade: a saber, que o Ocidente foi alvo de um ato de guerra e é vítima de uma ofensiva sustentada.

Obviamente, quanto mais essa perversidade e cegueira continuam, mais poderosas e insuperáveis serão as forças que ajudam a perpetuar essa ofensiva geral. Em breve, eles exercerão quase total poder em alguns países ocidentais. As estruturas coletivistas da União Européia, com suas tradições e inclinações de porco-barril, são visivelmente vulneráveis à corrupção relacionada a drogas. Políticos e decisores políticos continuarão a ser chantageados. Os banqueiros continuarão a aproveitar o produto do dinheiro lavado e fechar os olhos para o que está acontecendo. Muitos reguladores e investigadores perseverarão infrutiferamente com suas perspectivas estreitas e legalistas. Grande parte da mídia continuará a sua inexcusável conspiração de fato de silêncio, enquanto alguns jornais, como *The Independent* em Londres, continuarão perversamente a promover a liberalização da droga. Uma pesquisa detalhada dos documentos desagradáveis decorrentes do "trabalho" do Escritório do Conselho Independente, Kenneth W. Starr, em conexão com o comportamento degradado do presidente Clinton e

outros na Casa Branca, revelou que duas menções de uma única palavra de droga, onde a referência inicial foi feita em uma transmissão da CNN, foram apagados dele[16]. Isso sugere uma coclusão perversa - como se a dimensão da droga, como os problemas de segurança paralelos e brilhantes decorrentes desse horrível escândalo, fosse de alguma forma tabu. Esse tipo de negação oficial é simplesmente de se esperar de uma sociedade que reconhece abertamente ou subconscientemente que foi subvertida, esfolada e enganada - não menos importante por aqueles em quem nossa confiança teve que ser colocada?

A corrupção associada às drogas é tão corrosiva que, à falta das sociedades visadas, adquirem e exercem poderes a partir dos quais as democracias, por mais ineptas e degradadas que sejam, devem naturalmente se estremecer, mais logo, e não mais tarde, destruirão a própria democracia. De fato, os próprios meios que agora podem ser necessários para purgar o Ocidente das consequências acumuladas da ofensiva da droga que foi travada contra ela por várias décadas, poderiam ser considerados uma ameaça para a democracia e a liberdade. Sem dúvida, os arquitetos malignos da ofensiva da droga entenderam que o potencial de sua estratégia era muito bom desde o início. Eles reconheceram que as democracias nunca poderiam convocar a espinha dorsal para purgar-se desse mal, e muito menos que se originou como um ato de guerra.

A guerra contra as drogas não falhou: nunca existiu. Não houve guerra contra drogas nos Estados Unidos. E veja o que aconteceu em países como a Holanda, onde uma abordagem permissiva provou ser um fracasso total, imundo e embaraçoso e na Suíça, onde uma súbita deterioração nas condições sociais ocorreu em resposta à introdução de atitudes e provisões mais “liberais” a partir do final de 1994. Como Chipre, que os criminosos russos colonizaram após a chegada repentina lá no final dos anos 1980 do filho do ex-ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, Andrei Gromyko[17], a Suíça continua a ser um centro de lavagem de dinheiro para os criminosos ligados à comunidade de inteligência soviética/russa. Recordando o que aconteceu com os colegas de Lenin depois que Stalin exigiu a repatriação dos “recursos da revolução” que eles haviam salgado nas contas bancárias suíças [ver páginas 181-182], um destino semelhante (talvez, mas não necessariamente, menos drástico?) Pode ter esperado (no final de 1998) os chamados “oligarcas” (oficiais do KGB / GRU e altos funcionários do Partido Comunista e nomenklaturists), que receberam a custódia temporária dos “bens do Estado”, como parte da fachada de “pós-comunismo” apresentado ao Ocidente em 1990-91. Isso representou uma forma verdadeiramente nova do modelo de “capitalismo controlado pelo Estado” de Lenin; e no momento de pressionar, esse modelo estava em processo de enrolamento ou substancialmente “modificado”, assim como seus predecessores - a notória “Nova Política Econômica” de Lenin, ou a “coexistência pacífica” de Khrushchev, ou Brezhnev Fraudes de detente.

Na Suíça, no entanto, pelo menos a população teve mais sentido do que suas elites desconcertadas políticas e políticas. Em 29 de novembro de 1998, os eleitores suíços rejeitaram decisivamente uma proposta perigosa e equivocada para a legalização da maconha, da heroína e da cocaína - desviando os argumentos de que uma rede de narcóticos oficialmente administrada ajudaria a conter o crime relacionado a drogas. Os eleitores suíços viram através desses falsos argumentos, o que promoveria o uso de drogas, corrupção por atacado, escândalo e decadência - como aconteceu tão visivelmente em Amsterdã, uma vez que uma jóia de arquitetura medieval que desceu em um abismo de imundície e decadência. Quase 74% dos eleitores suíços rejeitaram as propostas em um referendo - diante das alegações federais de que a cannabis foi consumida regularmente por cerca de 500 mil pessoas no país. Provocativamente,

François Reusser, porta-voz de um comitê que patrocinou a iniciativa “para uma política de drogas sensata”, argumentou não só que os eleitores suíços “reagiram emocionalmente ao aspecto da heroína”, mas também que o resultado poderia ter sido diferente se a fumantes de maconha fossem às urnas[18]

Essa afirmação mostrou que esses impulsionadores de drogas não são apenas equivocados: eles também são estúpidos: qualquer um que sabe alguma coisa sobre o efeito da cannabis no corpo, no cérebro e nas atitudes, estaria ciente de que os fumantes que estão meio apedrejados suas mentes, não cooperem se puderem evitar fazê-lo. No entanto, não há fim para a perversidade e a insensatez do lobby da liberalização da droga: o comitê, apoiado por socialistas, médicos permissivos, advogados [ver acima] e “especialistas” de drogas, insistiu em que se embarcaria imediatamente em uma nova campanha para suavizar os eleitores suíços e coletar o número necessário de assinaturas no âmbito do sistema referendo suíço para poder forçar ainda outra votação na legalização da cannabis. Para o modus operandi padrão da revolução é tentar, tentar e tentar novamente até o sistema referendo entregar a resposta “correta”.

Por que, um tem o direito de se perguntar, essas pessoas estão tão ansiosas para alcançar esse objetivo diabólico? Não, podemos ter certeza, porque eles se importam com as vítimas de abuso de drogas, ou sobre seu bem-estar físico, mental e espiritual. Mas sim porque a revolução nunca mais entrega sua perversa agenda. E porque aqueles que promovem esse flagelo são corrompidos além da perdição, eles desejam levar o mundo inteiro à perdição junto com eles. É o dever solene daqueles que sabem e entendem isso, resistir a suas atividades nefastas com toda determinação e força - e para as lideranças políticas e de políticas para deixar de lado todas as hesitações e lançar os recursos do estado nesta batalha prospectivamente definitiva para a sobrevivência da civilização[19].

Referências ao Capítulo 12:

1. “Uso de estudantes da maioria das drogas atinge o nível mais alto em nove anos”, *Pride Press Release*, 25 de setembro de 1996.
2. “Alta prevalência de uso recente de cocaína e falta de confiabilidade do auto-relato do paciente em um ambiente interno, Clinica Walk-in da cidade”, Sally E. McNagny, MD, e Ruth M. Parker, MD, JAMA, 26 de fevereiro de 1992.
3. Escritório de Política Nacional de Controle de Drogas, um plano para estimar o número de usuários de drogas “Hardcore” nos Estados Unidos, achados preliminares, outono de 1997.
4. Joseph D. Douglass Jr., “Avaliando o Progresso na Guerra contra Drogas”, Journal of Social, Political, and Economic Studies, Spring, 1992.
5. Veja “Liquidação de medicamentos para lavagem de advogados”, *The Daily Telegraph*, Londres, 24 de novembro de 1998; E 'Gangland inquérito para lavagem de dinheiro em escritórios de advocacia da cidade', The Guardian, London, 24 de novembro de 1998.
6. 'Inquérito de lavagem de dinheiro Gangland aos escritórios de advocacia da cidade, The Guardian, London, 24 de novembro de 1998, op. Cit.
7. Veja o Congresso dos EUA, Câmara dos Deputados, Relatório do Comitê Especial para Investigar Fundações isentas de impostos e organizações comparáveis (Washington, D.C .: *US Printing Office*, 16 de dezembro de 1954); Rene Wormser, Fundações: Seu Poder e Influência (New York: Devin-Adair Company, 1958, reimpresso por Covenant House Books, Sevierville, TN, 1993); E William H. Mcll-hany II, *The Tax Exempt Foundations* (Westport, CN, Arlington House, 1980).
8. Gabriel G. Nahas, MD, Cocaína: *The Great White Plague, Ericksson, 1989*.
9. Que não houve uma descontinuidade revolucionária estratégica (ao contrário de uma descontinuidade leninista) foi cuidadosamente explicada pelo verdadeiro desertor soviético, Anatoliy Golitsyn, em seus dois livros famosos New Lies for Old [Dodd, Mead, New York, 1984] e The Perestroika Deception [Edward Harle Limited, Londres e Nova York, 1995 e 1998]: veja o folheto que se encontra na parte de trás deste volume: E a página VI. Entre em contato com os editores deste livro para obter detalhes.
10. Veja, por exemplo, Yevgenia Albats, *The State Within a State, Farrar, Straus e Giroux, Nova York, 1994*. Nota do Editor: Deve-se, no entanto, exercer o cuidado ao considerar o trabalho deste autor, ao qual foi concedido acesso privilegiado aos Sovietes / Arquivos e fontes de inteligência russo. O seu trabalho fazia parte de um extenso corpus de materiais que servia para “explicar” a existência contínua dos poderosos KGB / GRU (“sucessores”) no contexto da fraude posteriormente exposta que o Partido Comunista da União Soviética [CPSU] já não existia. Veja o analista

soviético, passim e os assuntos políticos do periódico CPUSA, para refutações dessa mentira, que é um componente central do engano estratégico em torno do “comunismo desmontável”.
11. Consulte a Nota 77 abaixo.
12. “Criminalismo”, uma palavra inventada pelo editor para uso no Analista soviético, significa “o uso da criminalidade organizada no interesse da estratégia”.
13. Diversos relatórios da imprensa do Reino Unido, 1 de Dezembro de 1998.
14. Gary Weill, '*The Mob on the Street', Business Week*, 16 de Dezembro de 1996, página 93.
15. “O início da iniciativa suiça de suspeita da máfia russa”, The Washington Times , 1 de dezembro de 1998.
16. Nota do Editor. “As transcrições dos depoimentos do Grand Jury e documentos relacionados, contidos em sete volumes separados publicados para o Escritório do Conselho Independente, Kenneth W. Starr, em conexão com o escândalo Clinton-Lewinsky, foram examinou intensamente duas referências conhecidas à tomada de drogas na Casa Branca. Estes foram explicitamente referidos em uma transmissão da CNN monitorada por Rachel Ehrenfeld, o especialista respeitado em drogas e lavagem de dinheiro. O editor descobriu que essas referências foram retiradas do registro impresso formal.
17. Nota do Editor: Gromyko Jr, que abriu Chipre como um dos principais centros russo de lavagem de dinheiro para fundos criminais russos no final da década de 1980, permaneceu em Chipre. Seu nome é encontrado na lista telefônica de Limassol. Antes de surgir em Chipre, ele atuou como chefe da Academia Soviética das Ciências sob Gorbachev, um cargo do qual ele resignou misteriosamente “por razões de saúde”. Esta inteligência oferece duas idéias de importância excepcional que apoiam a análise contida no presente trabalho. Em primeiro lugar, fornece ainda uma confirmação adicional da falta de qualquer descontinuidade verdadeira entre o regime soviético e seu “sucessor” - para ser acrescentado ao imenso volume de evidências de que a descontinuidade era de caráter leninista (ou seja, enganosa, dialética), como explicado por Anatoliy Golitsyn em *The Perestroika Deception* '[op. Cit.]; E, em segundo lugar, reforça uma impressão que surge da Cocaína Vermelha - dado que o KGB / GRU manteve o seu próprio orçamento financiado em parte pelo produto da droga, tornando-se assim um “estado dentro de um estado”, que a grande escala das operações de drogas se tornou tão imensa que eles forneceram sua própria justificativa para descartar o rígido modelo estalinista como um pré-requisito para permitir que o criminoso alcance seu pleno potencial como mecanismo para a revolução global. Isso não quer dizer que esta foi a justificativa primária, mas apenas para argumentar que uma compreensão adequada da ofensiva soviético-chinesa da droga é uma condição prévia necessária para formar uma avaliação coerente da estratégia revolucionária mundial leninista contínua hoje.
18. “Os eleitores suíços rejeitam a legalização dos narcóticos”, International Herald Tribune, 30 de novembro de 1998.
19. Veja também Joseph D. Douglass Jr., “Alunos da KGB, Terrorismo e tráfico de drogas”, Conservative Review, agosto de 1992, e 'Crime organizado na Rússia: quem está a quem os limpadores?', Conservative Review, maio / junho de 1995.

SUGESTÕES DE LEITURA ADICIONAIS

À medida que os anos se passaram, mais e mais evidências acumularam que o flagelo global das drogas é um instrumento primário da Revolução Mundial Leninista contínua. Não houve uma descontinuidade genuína em 1989-1991 - apenas uma descontinuidade leninista, controlada pela inteligência soviética sob um coletivo estratégico liderado por Gorbachev, cujo longo pedigree político se remonta ao 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética [CPSU] Em 1956 e o 22º Congresso de outubro de 1961, no qual a estratégia revitalizada de longo alcance foi aprovada pronta para apresentação ao Congresso de 81 partidos comunistas (6 de dezembro de 1961). Nem a inteligência ocidental monitorou as mudanças nas instruções gerais para o KGB/GRU do Partido Comunista da União Soviética [CPSU] t. Apenas sobre a única questão de substância que ainda deve ser resolvido é se os cubanos estavam corretos em sua avaliação, relatados neste livro, que os países ocidentais direcionados poderiam ser “suavizados” com drogas para aquisição de dentro, durante um período de 35 anos - ou se a opinião soviética vê que 50 ou 60 anos (duas gerações) seriam necessários, estava mais perto da marca.

A cocaína vermelha fornece uma informação de fundo essencial sobre a qual o aluno sério da revolução leninista contínua e implacável - que busca o cumprimento da idéia do governo (comunista) mundial, uma receita segura para a ditadura global - pode construir uma compreensão coerente do que é mais importante para o trabalho. Um meio de continuar um estudo talvez disponível com este livro e anunciado na página final, onde oferecemos aos proprietários da Cocaína Vermelha, uma oferta de inscrever, a uma taxa especialmente reduzida, para o Analista Soviético - o único periódico especializado exclusivamente em revelar e explicando uma essência do engano estratégico soviético-chinês e ofensivo de inteligência de longo prazo contra o Ocidente. Nas páginas do Analista Soviético, você não é “idéias politicamente corretas”, pelo menos como origens da “correção política” foram definitivamente traçadas - nas páginas do próprio Analista Soviético - às entranhas do aparato do Partido Comunista Soviético.

Para uma perspectiva essencial sobre o engano estratégico ofensivo - cuja essência é a convergência do Ocidente com o Oriente, mas nos termos do Oriente, e não os nossos - a atenção do leitor é direcionada para The Perestroika Deception: The World's Slide to the Second October Revolution '[' Weltoktober '], pelo verdadeiro desertor soviético, Anatoliy Golitsyn - famoso autor do trabalho profético, New Lies for Old. O segundo livro do Sr. Golitsyn, originalmente publicado por Edward Harle Limited em 1995, e republicado em 1998, é tão profético quanto seu primeiro volume notável. Para obter detalhes, veja o reverso do folheto do analista soviético na parte traseira. * Entre as fontes às quais qualquer cético é dirigido para a confirmação da existência contínua do Partido Comunista da União Soviética muito depois do suposto “colapso do comunismo” e da URSS em 1991, são os problemas de outubro-novembro de 1994 e de abril de 1995 da revista teórica do CPUSA, Assuntos Políticos, que contém referências explícitas à existência contínua e à importância central do PCUS. Ele “coordena” as operações dos falsos partidos políticos “pós-soviéticos”. Os governos ocidentais, liderados pelo Ministério dos negócios estrangeiros britânico e pelo Departamento de Estado dos EUA, escolheram prematuramente aceitar o desaparecimento do comunismo e sua pirâmide associada de mentiras, incluindo as novas estruturas “democráticas”, ao seu valor nominal.

EDWARD HARLE LIMITED

DECLARAÇÃO DE OBJETIVOS POLÍTICOS

O famoso autor irlandês-americano, o Dr. Malachi Martin, amigo do editor do presente trabalho, descreveu-o como “uma neblina luciferiana”. Nós estávamos discutindo a incapacidade notável de pessoas inteligentes e bem informadas, especialmente entre as comunidades políticas e de mídia, para entender o significado leninista das “mudanças” que dominaram o mundo em 1989-1991 e que permearam tudo o que aconteceu em os estágios político, cultural, institucional e religioso desde então. O termo Malachi é apropriado. Ele estava se referindo, é claro, à dimensão cada vez mais aparentemente sobrenatural dos males que o mundo enfrenta hoje, dos quais o flagelo mundial da droga e o implacável ataque à moral e às instituições da sociedade são os sintomas mais perniciosos.

O nevoeiro luciferino que envolveu a mente de muitos observadores ocidentais, políticos, burocratas e jornalistas tem, desde 1989-1991, a totalidade da realidade objetiva, que foi substituída - pela intenção da inteligência soviética - com uma estrutura de falsas imagens e mentiras. O comunismo entrou em colapso de repente. O poder militar soviético não é uma ameaça. (A “antiga” União Soviética e seus aliados do Pacto de Varsóvia assinaram um documento em 19 de novembro de 1990 intitulado a Declaração Conjunta de Vinte e Dois Estados que declarou que os signatários - os países da OTAN e os do “antigo bloco soviético” “Não eram mais adversários”?). O PCUS deixou de existir. A máfia na “ex-URSS” é “autônoma”. A empresa livre “tomou o telhado”. As “antigas” repúblicas soviéticas são verdadeiramente independentes. Todas essas afirmações são totalmente falsas ou, na melhor das hipóteses, deliberadamente enganosas. O que de fato aconteceu deveria ter sido tão claramente evidente para os estudiosos da língua russa quanto aos poucos estudantes ocidentais de Lênin, que permaneceram devidamente céticos de que as “mudanças” oriundas e súbitas poderiam ter sido tudo menos manifestações de operações de inteligência destinadas a enganar o Ocidente . Para o verdadeiro leninista, o significado dialético da “perestroika” é, naturalmente, “reforma”, como na “formação militar”. O mundo inteiro agora está pagando o preço pelo fracasso milenar dos líderes em discernir o sentido revolucionário enganoso da “perestroika” de Gorbachev; e as consequências desestabilizadoras desse fracasso estratégico serão uma pedra de moinho nos pescoços das gerações futuras.

Edward Harle Limited foi criado para publicar livros que abordam esse fracasso e seu legado maligno para a civilização ocidental. Seu mandato é desconsiderar a “correção política” em todas as suas manifestações insidiosas e cortar as mentiras, a miséria e a desinformação e as fantasias que incomodam nossa compreensão do que está acontecendo com nossa civilização e para explicar por que está acontecendo. Pois a única arma efetiva de defesa é a exposição. CHRISTOPHER EDWARD HARLE STORY, Londres, janeiro de 1999.

Anúncio: Veja também sovietanalyst.com

S O V I E T
A N A L Y S T A

REVISÃO DA ESTRATÉGIA REVOLUCIONÁRIA GLOBAL CONTINUA

O analista soviético, um boletim de inteligência estratégica, fornece um antídoto necessário para os pensamentos “politicamente corretos e, portanto, confusos, sobre os desenvolvimentos revolucionários nos chamados” antigos países do bloco soviético e suas consequências para o mundo inteiro. Aplicando a metodologia analítica explicada por Anatoliy Golitsyn em *New Lies for Old* e *The Perestroika Deception,* esta publicação, criada em 1972, analisa as atividades dos formuladores de políticas leninistas continuados na perspectiva da implementação de sua estratégia de longo alcance. Concentra-se no rápido progresso que estão fazendo, no contexto da falsa descontinuidade de 1989-1991 e a mentira de que o comunismo era “abandonado”, para a realização dos objetivos de controle revolucionário global inalterados de Lênin. Para os herdeiros de Lenin procurar nada menos do que o progressivo enfraquecimento, decapitação e integração de estados-nação e sua substituição fragmentada por intrincadas estruturas “cooperativas” transfronteiriças e regionais que se destinam a ser parte do quadro para o Governo Mundial. Esta “Nova Ordem Social Mundial” será, por definição, uma ditadura socialista global. Aqueles no Ocidente - especialmente os decisores políticos, os banqueiros, os clérigos e os formadores de opinião - que estão colaborando de fato com os revolucionários em curso na continuação de sua estratégia contínua de “cooperação-chantagem” - seja conscientemente como agentes de influência, ou involuntariamente como o que Lênin chamou “idiotas úteis” - impiedosamente impelir o futuro da civilização. Eles estão fornecendo um tapete vermelho para os revolucionários que se disfarçam como seus companheiros de armas, mas que secretamente procuram sua queda. Tais colaboradores ignoram a realidade maligna da “guerra” contemporânea chamada paz.

Foi o presidente George Bush que reciclou a frase leninista “Nova ordem mundial” de Gorbachev. Outros fornecedores deste slogan revolucionário incluem Karl Marx e Henry Kissinger, que observou: “O NAFTA é um importante passo para a Nova Ordem Mundial”. E falou em um jantar dos embaixadores das Nações Unidas em 14 de setembro de 1994, observou David Rockefeller: Esta “janela de oportunidade” atual, durante a qual um projeto mundial verdadeiramente pacífico e interdependente pode ser construído, não estará aberto por muito tempo. Já existem forças poderosas no trabalho que ameaçam destruir todas as nossas esperanças e esforços para criar uma estrutura duradoura de cooperação global”. Quer o senhor deputado Rockefeller e os colaboradores de fato similares compreendam a sua política de “tapete vermelho”, está aberto a um debate legítimo; o que é claro é que a “cooperação global” na prática significa, e pretende significar, “coletivização global” - a própria essência do comunismo.

Em 1932, William Z. Foster, então líder do Partido Comunista dos EUA, escreveu em seu livro Hacia a América Soviética que o objetivo do comunismo era o estabelecimento de uma “Nova Ordem Social Mundial”. Em 1985, dois aparatchiks soviéticos, F. Petrenko e V. Popov, explicaram [na Política Externa Soviética, Objetivos e Princípios, Progress Publishers, Moscou] que o passo de transição para a “Nova Ordem

Mundial" envolve a fusão das nações recém-cativas em Governos regionais. Em 1942, Stalin escreveu: "À medida que um número cada vez maior de nações caem para a revolução, torna-se possível reuni-los sob um regime mundial comunista" [Publishers International, New York]. Lênin escreveu que o objetivo dos comunistas era "uma futura união de todas as nações em um único mundo ... sistema". Este objetivo permanece inalterado. O ponto é, diz Yelena Bonner, a viúva de Andrei Sakharov, que o objetivo comunista é fixo e imutável - nunca varia um pouco do seu objetivo de dominação mundial, mas se os julgamos apenas pela direção em que parecem Para irmos, seremos enganados.

Analista soviético, dirigido por Christopher Story, editor deste livro, circula em todo o mundo entre agências oficiais, embaixadas e analistas profissionais, a profissão diplomática, comunidades de inteligência e observadores informados. É publicado em uma base de assinatura anual pré-paga [por dez números por Volume / série] pela *World Reports Limited*, Londres e Nova York. Para se inscrever na tarifa especialmente reduzida para os proprietários de Cocaína vermelha, preencha o formulário de pedido e envie-o no envelope de resposta. Para enviar o seu pedido, disque: + 44171-233 0185 [Londres] ou 212-679 1094 [Nova York].